

2014

REFLEXÕES

Livro VIII

Índice

- 4- De como filosofar é aprender a morrer- Michel de Montaigne**
- 20- A filosofia entre a religião e a ciência- Bertrand Russel**
- 34- Sobre a liberdade- Alberto Einstein**
- 40- Sobre educação- Arthur Schopenhauer**
- 48- Do pensar por si- Arthur Schopenhauer**
- 59- A refinada arte de detectar mentiras- Carl Sagan**
- 79- A maior farsa de todos os tempos- Ceticismo.net**
- 150- A improbabilidade de Deus- Richard Dawkins**
- 160- Os 1.001 anos da esplendorosa ciência islâmica- Ceticismo.net**
- 183- Teoria do caos- Ceticismo.net**
- 188- O paradoxo de Fermi- Ceticismo.net**
- 197- Freud explica (quase) nada- Reinaldo José Lopes**
- 202- A origem dos idiomas- Ceticismo.net**
- 209- O complexo fenômeno linguístico- Bárbara Rocha**
- 212- A outra Esparta- Ceticismo.net**
- 225- Os autoritários estão vencendo?- Michael Ignatieff**
- 234- Naquilo que temos razão não podem crescer flores- Tatiana Salem Levy**
- 239- A perda de liderança saudita- David Gardner**
- 243- O fim da ordem global americana- Amitav Archarya**
- 247- A desigualdade que Picketty não viu- Jorge Arbache**
- 251- Dinâmica na OMC vai mudar- Roberto Azevêdo**
- 256- Os perigos no consenso econômico- Dani Rodrick**

REFLEXÕES VIII

- 260- Xisto dos EUA reduz ameaça de nova crise no petróleo- Ed Crooks e Anjli Raval
- 266- O Brasil tem de cair na real- Normam Gall
- 271- Por trás dos sistemas eleitorais- Carlos Eduardo Soares Gonçalves
- 276- Novidade faisandé- Roberto Romano
- 283- O quarto candidato competitivo- Alberto Carlos Almeida
- 288- No tanque de caranguejos- Eduardo Campos
- 297- Um conciliador na trincheira- Aécio Neves
- 306- Entre gregos e troianos- Dilma Rousseff
- 315- Sistêmico e explosivo- José Gomes Temporão
- 322- Multa aula pela frente- Eduardo Belo
- 333- Tempos vorazes- Jorge Felix
- 343- Uma cientista boa de briga- Mayana Zatz
- 352- O futuro está na água- Paulo Mendes Rocha
- 360- O que o coração e a mente dos executivos têm a dizer sobre eles- Financial Times
- 364- O humor é minha arma- Jô Soares
- 374- Espero ter sido perdoado- Henry Sobel
- 383- Deu a louca na América- Paulo Nogueira

LUIZ BIANCI

De como filosofar é aprender a morrer

Michel de Montaigne



Diz Cícero que filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela. Ou então é porque, de toda sabedoria e inteligência, resulta finalmente que aprendemos a não ter receio de morrer. Em verdade, ou nossa razão falha ou seu objetivo único deve ser a nossa própria satisfação, e seu trabalho tender para que

vivamos bem, e com alegria, como recomenda a Sagrada Escritura [Eclesiastes 3.12: “Então compreendi que não existe para o homem nada melhor do que se alegrar e agir bem durante a vida”]. Todas as opiniões propõem que o prazer é a meta da vida, mas diferem no que concerne aos meios de atingir o alvo. E, se assim não fosse, as repeliríamos de imediato, pois quem daria ouvido a alguém que apontasse a pena e o sofrimento como os objetivos da existência? A esse respeito, as dissensões entre seitas filosóficas são puro palavrório: “deixemos de lado essas sutilezas” (Sêneca); em tais discussões entra mais obstinação e picuinha do que convém à ciência tão respeitável. Mas em qualquer papel que se proponha desempenhar põe o homem um pouco de si mesmo.

Digam o que disserem, na própria prática da virtude o fim visado é a volúpia¹. E agrada-me repetir essa palavra que pronunciam constrangidos. E, se significa prazer supremo e extremada satisfação, melhor se deva ela à virtude do que a qualquer outra causa, pois volúpia, robusta e viril, é a mais seriamente voluptuosa. E deveríamos chamá-la prazer, denominação mais feliz e mais natural, do que a de vigor que lhe damos. Quanto à volúpia de

¹ **Volúpia**: grande prazer dos sentidos e sensações.

REFLEXÕES VIII

ordem menos elevada, se acreditam que mereça igual nome, que o mantenham, mas não com exclusividade. Mais do que a virtude, tem ela seus inconvenientes e seus momentos difíceis; além de ser mais efêmeras as sensações que nos procuram, e mais fluidas e fugídias, tem suas vigílias, seus jejuns, suas penas, seu suor e sangue. Paixões de toda sorte influem nela, e redonda-a2 em tão pesada saciedade, que equivale a uma penitência. É erro nosso imaginar que tais inconvenientes a estimulam, e a condimentam, em razão dessa lei da natureza que afirma tudo se fortalecer ante o obstáculo encontrado; e erro é também pensar que, quando se trata de volúpia proveniente da virtude, semelhantes dificuldades a acabrunham e a tornam austera e inacessível.

Ao contrário do que se verifica com a volúpia, na prática da virtude tais dificuldades enobrecem, requintam e realçam o prazer divino e perfeito que ela nos procura. Bem indigno de senti-lo é, por certo, quem pesa o custo e o rendimento dela; não lhe conhece as belezas nem o uso. Os que nos afirmam que, embora sua posse seja agradável, penosa e laboriosa é a sua conquista, não nos dirão ser a virtude coisa sempre desagradável? Mesmo porque, quem a terá jamais atingido? Os mais perfeitos tiveram de se contentar com aspirar a ela, dela se aproximar sem nunca chegar a possuí-la.

Enganam-se, porém, os que assim falam, pois não há prazer conhecido cuja procura em si já não constitua uma satisfação. Ela se liga ao objetivo visado e contribui muito para o resultado de que participa essencialmente. A felicidade e a bem-aventurança da virtude enchem-lhes as dependências e os caminhos, desde o portão de entrada até os muros que lhe cercam os domínios.

Um dos principais benefícios da virtude está no desprezo que nos inspira pela morte, o que nos permite viver em doce quietude e faz que se desenrole agradavelmente e sem preocupações nossa existência. E, sem esses sentimentos, toda volúpia é sem encanto. Eis porque todos os sistemas filosóficos concordam nesse ponto e para ele convergem. Embora todos se entendam igualmente em nos

² **Redundar**: ser excessivo; superabundar, sobejar.

REFLEXÕES VIII

recomendar o desprezo à dor, à pobreza e outros acidentes a que está sujeita a vida humana, nem todos o fazem com igual cuidado, ou porque tais acidentes não nos atingem forçosamente (em sua maioria, os homens vivem sua vida sem sofrer com a pobreza, e alguns, como o músico Xenófilo³ que morreu com cento e seis anos, vivem em perfeita saúde, sem conhecer nem a dor nem a doença), ou porque, na pior das hipóteses, pode a morte, quando menos esperamos, pôr fim aos nossos males. E ela própria é inevitável: “Marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca fatal nos levará a todos ao eterno exílio” (Horácio). Portanto, se a receamos, temos nela um motivo permanente de tormentos e andaremos como em país inimigo, a deitar os olhos para todos os lados: “ela é sempre uma ameaça, como o rochedo de Tântalo” (Cícero).

Nossos tribunais ordenam, muitas vezes, que se execute o criminoso no próprio local do crime. “Conduzam-no durante o trajeto, entre belas residências, e deem-lhe as melhores refeições; as mais deliciosas iguarias não poderão acariciar-lhe o paladar, nem o canto dos pássaros, nem os acordes da lira lhe devolverão o sono” (Horácio). Pensais que será sensível a nossos cuidados e que o fim último de sua viagem, sempre em mente, não lhe alterará e tornará insosso qualquer possível prazer? “Inquieta-se com o caminho, conta os dias, mede a vida pela extensão da estrada, sem cessar atormentado pela ideia do suplício que o espera” (Cláudio).

A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. Mas quanta estupidez será precisa para tal cegueira? “Por que não coloca o freio no rabo do asno, já que meteu na cabeça andar de costas?” (Lucrécio). Não há como estranhar que caia tantas vezes na armadilha. As pessoas se apavoram simplesmente com lhe ouvir o nome: a morte!

³ **Xenófilo**: filósofo que Montaigne qualifica como músico.

REFLEXÕES VIII

E persignam-se⁴ como se ouvissem falar no diabo. E, como ela é mencionada nos testamentos, só resolvem fazer o seu quando o médico os condenou. E Deus sabe em que estado de espírito se encontram então, sob o impacto da dor e do pavor.

Como esta palavra ressoava demasiado forte a seus ouvidos, e lhes parecia de mau augúrio⁵, tinham os romanos se habituado a adoçá-la ou a empregar perífrases. Em vez de dizer: “morreu”, diziam: “parou de viver, viveu”; bastava-lhes que se falasse em vida. Nós lhes tomamos de empréstimo esses eufemismos e dizemos: “Mestre João se foi.”⁶ Se, porventura, se aplica o ditado “a palavra é de prata”, como nasci no último dia de fevereiro de 1533, faz exatamente quinze dias que completei meus trinta e nove anos. Posso, pois, esperar viver ainda tal período; e atormentar-me meditando sobre tão longínqua eventualidade, seria loucura.

Mas jovens e velhos se vão da vida em condições idênticas. Partem todos como se acabassem de chegar, sem contar que não há homem tão decrépito ou velho ou alquebrado que não alimente a esperança da longevidade de Matusalém, e não tenha ainda vinte anos de vida diante de si. Direi mais: quem, pobre louco, fixou a duração de tua existência? Acreditas no que dizem os médicos, sem atentar para o que se verifica em torno de ti, e sem julgar pela experiência. Pelo andar das coisas, há muito já não vives, senão por excepcional favor. Já ultrapassaste a duração habitual da vida. Podes comprová-lo contando quantos entre os teus conhecidos morreram antes dessa idade, em bem maior número do que os que a alcançaram. Anota os nomes dos que, pelo brilho de sua existência, adquiriram certa fama; aposto encontrar, entre eles, mortos antes dos trinta e cinco, muito mais do que depois.

O razoável e o piedoso estão em tomar como exemplo a humanidade

⁴ **Persignar-se:** benzer-se, fazendo, com o dedo polegar, três sinais em cruz (o primeiro na testa, o segundo na boca, o terceiro no peito).

⁵ **Augúrio:** aquilo que é pressagiado; agouro, profecia, vaticínio.

⁶ “Maître Jean” é o apelido que se dava outrora aos pedantes, sábios ou doutores.

REFLEXÕES VIII

de Jesus: ora, sua existência terrena findou-se aos trinta e três anos. O maior imperador do mundo, Alexandre, morreu também com essa idade.

Quantas maneiras diversas tem a morte de nos surpreender? “O homem nunca pode chegar a prever todos os perigos que o ameaçam a cada instante” (Horácio). Deixo de lado as doenças, as febres, as pleurisias⁷. Quem poderia imaginar que um duque da Bretanha fosse morrer sufocado pela multidão, como aconteceu a um deles, quando da entrada em Lyon do Papa Clemente, meu compatriota? Não vimos um dos nossos reis morrer num folgado? E não faleceu outro, seu antepassado, da queda de um porco que montava? Ésquilo, advertido de que morreria da queda de uma casa, embora dormisse num campo de trigo, foi esmagado por uma tartaruga caída das garras de uma águia. Houve quem sucumbisse em consequência de uma semente de uva engolida; outro, imperador, morreu de um arranhão feito com o pente; Emílio Lépidio em virtude de uma topada na porta de sua casa; Aufídio por ter batido com a cabeça no batente da entrada da sala do Conselho. E entre as coxas das mulheres: o pretor Cornélio Galo, Tigelino, comandante da guarda de Roma, Ludovico, filho de Guy de Gonzaga, Marquês de Mântua, e, o que é péssimo exemplo, Espêusipo, filósofo platônico. E até um papa de nosso tempo.

O pobre Bebius, que era juiz, ao adiar o julgamento de certa causa, morreu subitamente; chegara a sua hora. O médico Caio Júlio, ao tratar dos olhos de um enfermo, teve os seus próprios fechados para sempre. E, para misturar-me à enumeração: um dos meus irmãos, Capitão Saint Martin, de vinte e quatro anos e que já dera provas sobejas de seu valor, foi atingido por uma bola logo abaixo da orelha direita quando jogava queimada. Nem vestígio nem contusão, não se sentou sequer, não interrompeu o jogo, e, no entanto, cinco ou seis horas depois, ei-lo atacado de apoplexia⁸ causada pelo golpe

⁷ **Pleurisia:** inflamação aguda ou crônica da pleura, ger. de origem bacteriana; pleuris, pleurite.

⁸ **Apoplexia:** derramamento de sangue ou de serosidade no interior de um órgão.

REFLEXÕES VIII

recebido.

Tais exemplos são tão frequentes, repetem-se tão comumente diante de nossos olhos, que não parece possível evitar que nosso pensamento se oriente para a morte, nem negar que a cada instante ela nos ameace. Que importa o que possa acontecer, direis, se não nos preocupamos com isso? É também meu parecer, e se houvesse meio de escapar ao golpe, ainda que fosse sob uma pele de vitela, não seria homem se não o empregasse, pois a mim me basta viver sossegado e pondo em prática tudo o que para isto venha contribuir, embora pouco glorioso ou exemplar: “prefiro passar por louco ou impertinente, se meu erro me agrada ou não o percebo, a ser sábio e sofrer” (Horácio). É loucura, porém, querer se furtar assim a essa ideia. Vai-se, volta-se, corre-se, dança-se: nenhuma notícia da morte, que beleza! Mas, quando ela nos cai em cima, ou em cima de nossas mulheres, nossos filhos, nossos amigos, que os surpreenda ou não, quantos tormentos, gritos, imprecações, desespero! Vistes alguém mais humilhado, transtornado, confundido? É preciso preocupar-se com ela de antemão. Pois esse descuido animal, ainda que pudesse se alojar na mente de um homem inteligente, o que acho inteiramente impossível, nos faz pagar caro demais sua mercadoria. Se a morte fosse um inimigo suscetível de se evitar, aconselharia agir diante dela como um covarde diante do perigo; mas, em não sendo isso verdade, e atingindo ela infalivelmente os fugitivos, covardes ou valentes, “persegue o homem em sua fuga e não poupa nem mesmo a tímida juventude que tenta escapar-lhe” (Horácio); como nenhuma couraça nos protege contra ela, “cobri-vos de ferro e bronze, a morte vos atingirá sob a armadura” (idem), aprendamos a esperá-la de pé firme e a lutar. Para começar a despojá-la da vantagem maior de que dispõe contra nós, tomemos o caminho inverso ao habitual. Tiremos dela o que tem de estranho; habituemo-nos a ela, não pensemos em outra coisa; tenhamos-la a todo instante presente em nosso pensamento e sob todas as formas. Ao tropeço de um cavalo, à queda de uma telha, à menor picada de alfinete, digamos: “se fosse a morte!”, e esforcemo-nos em reagir contra a apreensão que tal reflexão pode provocar. Em meio às festas e aos divertimentos, lembremo-nos sem cessar de que somos mortais, e não nos entreguemos tão inteiramente ao prazer que não

REFLEXÕES VIII

nos sobre tempo para recordar que de mil maneiras nossa alegria pode acabar na morte, nem em quantas circunstâncias ela sobrevém inopinadamente. É o que faziam os egípcios quando, em seus festivais e voltados aos prazeres da mesa, mandavam trazer um esqueleto humano para rememorar aos convivas a fragilidade de sua vida: “Pensa que cada dia é teu último dia, e aceitarás com gratidão aquele que não mais esperavas” (idem).

Não sabemos onde a morte nos aguarda, esperemo-la em toda parte. Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer desaprendeu a servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento.

Paulo Emílio, ao ir receber as honras do triunfo, respondia ao mensageiro enviado por esse infeliz rei da Macedônia, seu prisioneiro, a fim de suplicar-lhe que não o incluísse em seu séquito: “Que o solicite a si próprio.”

Em verdade, sem certo assentimento da natureza é difícil que a arte e a indústria progridam nas obras que produzem. Eu não sou melancólico, sou sonhador. Não há nada que minha imaginação vasculhe mais do que a ideia da morte, e isso desde sempre, mesmo no período de minha vida em que mais me dediquei aos prazeres: “estava então na flor da idade” (Catulo). Entre senhoras e festas, imaginavam que eu andasse preocupado a remoer algum ciúme ou à espera inquieta de qualquer acontecimento, enquanto, na realidade, meu pensamento se orientava para não sei quem que, dias antes, ao sair de festa semelhante, entregue ao ócio, ao amor e às doces recordações, fora tomado de febre e morrera. E considerava que coisa análoga me aguardava de tocaia: “Em breve, o tempo presente já não será e não poderemos lembrá-lo” (Lucrécio). E não me franzia a fronte, mais do que qualquer outro, esse pensamento.

É impossível que, a princípio, essa ideia não nos cause penosa impressão. Mas, voltando a ela, encarando-a de todos os ângulos, aos poucos acabamos por nos acostumar a ela. De outro modo, teria eu andado continuamente agitado e amedrontado, pois ninguém mais do que eu jamais desconfiou tanto da vida e contou menos com

REFLEXÕES VIII

a sua duração. Minha saúde, até agora excelente, apenas perturbada por pequenas indisposições, não me dá maiores esperanças de grande longevidade, como tampouco doenças me fazem temer um fim prematuro. A cada instante tenho a impressão de haver chegado minha última hora, e repito sem cessar: o que deverá ocorrer fatalmente um dia, pode acontecer hoje. Efetivamente, os acasos e perigos a que estamos expostos pouco ou nada nos aproximam do fim. E, se pensarmos em quantos acidentes podem ameaçar-nos, além dos que imaginamos iminentes, deveremos reconhecer que, no mar como no lar, na guerra como no retiro, a morte sempre se encontra perto de nós: “Nenhum homem é mais frágil do que outro, nenhum tem assegurado o dia seguinte” (Sêneca). Para fazer o que me cumpre fazer antes de morrer, todo tempo me parece curto, ainda que se trate de trabalho de uma hora.

Alguém, folheando meu caderno de notas, revelou algo que eu desejava que se fizesse depois de minha morte; disse a essa pessoa a verdade, isto é, que, ao registrar essa nota, encontrava-me a uma légua apenas de casa, mas me apressara em escrevê-la porque não estava certo de não morrer antes de entrar. A chegada da morte não me surpreenderá; acho-me sempre, e o quanto posso, preparado para essa ocorrência. Ela se mistura sem cessar a meu pensamento, nele se grava. Na medida do possível, andemos sempre de botas e prontos para partir e, em particular, não tenhamos negócios a tratar senão com nós mesmos: “por que, em tão curta vida, fazer tantos projetos?” (Horácio). Suficiente trabalho teremos com esses negócios próprios, para que nos embaracemos com outros.

Mais do que da morte, queixam-se uns de que venha interromper uma bela vitória; lamentam-se outros de não terem podido casar a filha antes ou educarem as crianças; um lastima deixar a mulher, outro, o filho, entes a que mais se apegavam. Quanto a mim, graças a Deus, estou em estado de desaparecer quando Lhe aprover, sem nenhuma saudade senão da própria vida. Estou em regra com tudo e como que já disse adeus a todos, salvo a mim mesmo. Nunca homem se apresentou mais bem preparado para deixar a vida no momento necessário e sem a menor dissimulação. Ninguém se desprende melhor e mais completamente da vida do que eu.

REFLEXÕES VIII

As mortes mais mortais são as mais desejáveis. “Oh desgraça — dizem uns —, um só dia nefasto basta para envenenar todas as alegrias da vida” (Lucrécio). “Não terminarei nunca a minha obra — lamenta o arquiteto —, deixarei, pois, imperfeitos esses soberbos baluartes” (Virgílio). Nada se empreenda, pois, em vista de tão remota conclusão, pelo menos não o faça com a apaixonada intenção de chegar ao fim. Nascemos para agir: “quero que a morte me surpreenda em pleno trabalho” (Ovídio).

Vamos agir, portanto, e prolonguemos os trabalhos da existência o quanto pudermos, e que a morte nos encontre a plantar as nossas couves, mas indiferentes à sua chegada e mais ainda ante as nossas hortas inacabadas. Conheço alguém que, na hora extrema, lastimava incessantemente lhe fosse cortar, a morte, no décimo quinto ou no décimo sexto de nossos reis, o foi de uma história em andamento. “Não pensem que a morte nos rouba a saudade das coisas mais queridas.” Devemos nos desfazer dessas preocupações vulgares e nocivas.

Se se construíram cemitérios perto das igrejas e nos lugares mais frequentados da cidade, foi, diz Licurgo, para acostumar a plebe, as mulheres e as crianças a não se assustarem à vista de um morto e a fim que o contínuo espetáculo de ossadas, túmulos, pompas funerárias, advirta todos do que os espera: “Era, outrora, costume alegrar os festins com execuções e com combates de gladiadores; estes caíam muitas vezes entre as taças e inundavam de sangue as mesas do banquete” (Sílio Itálico).

Os egípcios, em seus festins, faziam apresentar aos convivas uma imagem da morte, que lhes gritava: “bebe, goza, pois serás assim depois de morto.”

Também se tornou em mim um hábito não somente ter sempre presente a ideia da morte como também falar dela constantemente. E nada me interessa mais do que indagar da morte das pessoas: que disseram, que atitude assumiram? Nas histórias que leio, os trechos referentes à morte são os que mais me prendem a atenção. Vê-se isso pela escolha dos meus exemplos e pela afeição particular que revelo pelo assunto. Se fosse escritor, anotaria as mortes que mais

REFLEXÕES VIII

me impressionaram e as comentaria, pois quem ensinasse os homens a morrer os ensinaria a viver. Dicearco escreveu um livro com esse título, porém, diferente e menos útil em seu objetivo.

Dirão que, em sua realidade, a morte ultrapassa nossa concepção; por mais que nos preparemos para enfrentá-la, quando ela chegar estaremos no mesmo ponto. Deixai-os falar. Sem dúvida, tal preparação comporta grandes vantagens, pois será pouco caminhar ao seu encontro sem apreensões? Tem mais: a própria natureza nos ajuda na ocorrência e nos dá a coragem que poderia nos faltar. Se nossa morte é súbita e violenta, não temos tempo de receá-la; se não, na medida em que a enfermidade nos domina, diminui naturalmente nosso apego à vida. Custa-me muito mais aceitar a ideia de morrer quando gozo saúde do que quando estou com febre. Quando não me sinto bem, as alegrias da vida me parecem menos valiosas, tanto mais quanto não estou em condições de usufruí-las, a morte se me afigura menos temível. Disso concluo que, quanto mais me desprender da vida e me aproximar da morte, mais facilmente me conformarei com a passagem de uma para outra. Como diz César, e como verifiquei em mais de uma circunstância, as coisas produzem maiores efeitos de longe que de perto. Assim é que me atormentam mais as doenças se estou bem de saúde do que se as enfrento. A alegria, o prazer e a força me induzem a uma ampliação desproporcional do estado contrário, e os incômodos da enfermidade eu os concebo mais pesados do que os sinto realmente quando adoço. E espero que o mesmo se dê quanto à morte.

As flutuações a que se sujeita a nossa saúde, o enfraquecimento gradual que sofremos, são meios que a natureza emprega para nos dissimular a aproximação de nosso fim e de nossa decrepitude. Que resta a um ancião do vigor de sua juventude e do seu passado? “Ah, como sobra pouco aos velhos” (Pseudo-Galo). César, a quem um soldado alquebrado e decrépito viera pedir em plena sua autorização para se matar, respondeu rindo: “Pensas então que ainda estás vivo?”

Creio que não seríamos capazes de suportar tal mudança se a ela chegássemos repentinamente. Mas, em nos conduzindo pela mão, devagar, quase insensivelmente, a natureza nos familiariza com essa

REFLEXÕES VIII

miserável condição. De tal modo que a mocidade se extingue em nós sem que lhe percebamos o fim, em verdade mais penoso do que o de nosso ser inteiro ao ter de deixar uma vida de achaques quando morremos de velhice.

O salto que nos cabe dar para passar de uma existência miserável ao fim dela não é tão sensível quanto o que separa uma vida tranquila e florescente de uma vida difícil e dolorosa. O corpo curvado tem menos força para carregar um fardo; o mesmo ocorre com a alma, que é preciso fortalecer e pôr em condição de resistir à opressão causada pelo medo da morte.

Como é impossível que encontre a calma sob o peso desse temor, se o pudesse dominar inteiramente — o que está acima das forças humanas — estaria a alma assegurada contra a inquietação, a ansiedade, o medo e tudo o que nos aflige: “nem o rosto cruel de um tirano, nem a tempestade furiosa que revolve o Adriático, nada lhe pode abalar o ânimo; nada, nem Zeus lançando seus raios” (Horácio). A alma se tornaria então senhora de suas paixões e de seus mais ardentes desejos; nada a atingiria, nem a indignância, nem a vergonha, nenhuma adversidade. Esforcemo-nos, pois, por conseguir essa vantagem. Nisso consiste a verdadeira e soberana liberdade, a que nos permite desafiar a violência e a injustiça, desprezar a prisão e os ferros escravizadores: “Vou te sobrecarregar os pés e as mãos de cadeias e te entregarei ao mais cruel dos carcereiros. — Um Deus me libertará. Esse deus, penso eu, é a morte, a morte, termo de todas as coisas” (idem).

Nossa religião não teve alicerce humano mais sólido que o do desprezo à vida. E não é somente a voz da razão que a isso nos conduz, pois por que temeríamos perder uma coisa que, uma vez perdida, já não podemos lamentar? E, como a morte nos ameaça sem cessar sob vários aspectos, não será mais desagradável ficarmos todos a receá-los de antemão, do que nos resignarmos de uma vez por todas diante dela? Por que se preocupar com sua vinda, se é inevitável? Alguém disse a Sócrates: “os Trinta Tiranos te condenaram à morte.” Ao que o filósofo respondeu: “Eles já foram condenados pela natureza.” Que tolice nos afligirmos no momento em que nos vamos ver livres de nossos males! Nossa vinda ao

REFLEXÕES VIII

mundo foi para nós a vinda de todas as coisas; nossa morte será a morte de tudo.

Lastimar não mais viver daqui a cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nascido um século antes. A morte é origem de outra vida. Nascemos entre lágrimas e muito nos custou entrar na vida atual; passando para uma nova vida, despojamo-nos do que fomos na precedente. Não pode ser grave uma coisa que acontece uma só vez; será razoável rezear com tanta antecedência acidente de tão curta duração? Em relação à morte, viver pouco ou muito é a mesma coisa, pois nada é longo ou curto quando deixa de existir.

Diz Aristóteles que há no rio Hipanis insetos que vivem somente um dia: os que morrem às oito da manhã morrem jovens e os que morrem às cinco da tarde morrem na decrepitude. Quem não acharia divertido que tão insignificante diferença em existências tão efêmeras bastasse para tachá-las de felizes? Semelhante apreciação acerca da duração da vida humana não é menos ridícula se a comparamos com a eternidade, ou simplesmente com a duração das montanhas, dos rios, das estrelas, das árvores e até de certos animais.

A natureza nos ensina: vós saís deste mundo como nele entrastes. Passastes da morte à vida sem que fosse por efeito de vossa vontade e sem temores; tratai de vos conduzirdes de igual maneira ao passardes da vida à morte; vossa morte entra na própria organização do universo: é um fato que tem seu lugar assinalado no decurso dos séculos: “Os mortais se emprestam mutuamente a vida... é a tocha que se transmite de mão em mão nas corridas sagradas” (Lucrécio). Mudarei para vós esse belo entrosamento das coisas? Morrer é a própria condição de vossa criação; a morte é parte integrante de vós mesmos. A existência de que gozais participa da vida e da morte ao mesmo tempo; desde o dia de vosso nascimento caminhais concomitantemente na vida e para a morte: “a primeira hora de vossa vida é uma hora a menos que tereis para viver” (Sêneca) — “nascer é começar a morrer; o último instante de vida é consequência do primeiro” (Manílio). O tempo que viveis, vós o roubais à vida e a restringis proporcionalmente. Vossa vida tem como efeito conduzir-vos à morte. E enquanto viveis estais

REFLEXÕES VIII

constantemente sob a ameaça de morte, e, mortos, já não viveis mais; ou, se assim preferis, a morte sucede à vida, logo, durante a vida estais moribundos; e a morte atinge muito mais duramente e essencialmente o moribundo do que o morto. Se soubestes usar a vida e gozá-la quanto pudestes, ide-vos e vos declareis satisfeitos: “por que não sair do banquete da vida como um conviva saciado?” (Lucrécio). Se não a soubestes usar, se ela vos foi inútil, que vos importa perdê-la? E, se ela continuasse, em que a empregariéis? “Para que prolongar dias de que não se saberá tirar melhor proveito do que no passado?” (idem). A vida em si não é um bem nem um mal. Torna-se bem ou mal segundo o que dela fazeis. E, se vivestes um dia, já vistes tudo, pois um dia é igual a todos os outros. Uma é a luz, uma é a noite. Esse sol, essa lua, essas estrelas, em sua disposição, são os mesmos que apreciaram vossos antepassados e que conhecerão vossos descendentes. “Vossos sobrinhos não verão nada mais do que viram seus pais” (Manílio). E, em última análise, pode-se dizer que a totalidade dos atos diversos que comporta a comédia a que vos convidei se cumpre no decurso de um ano, cujas quatro estações, se o observastes, abarcam a infância, a adolescência, a idade viril e a velhice do mundo.

Essa marcha é constante; não a modifico nunca e sem cessar ela se repete, e assim será eternamente: “Giramos sempre em torno do mesmo círculo” (Lucrécio); “o ano retoma sem descontinuar a estrada percorrida” (Virgílio). Não está em meus projetos inovar para vós a ordem das coisas: “não posso nada imaginar, nada inventar de novo para vos agradar; é, e será sempre, a repetição das mesmas cenas” (Lucrécio). Dai vosso lugar a outros como outros vos deram o seu. A igualdade é a primeira condição da equidade. Quem se há de queixar de uma medida que atinge a todos? Podeis prolongar vossa vida, o que quer que façais não diminuirá em nada o tempo que tendes para serdes mortos. Por mais comprida que seja, vossa vida não será nada, e esse estado que lhe sucederá — e que pareceis tanto temer — terá a mesma duração que se houvésseis morrido no berço: “Vivei quantos séculos quiserdes, nem por isso será menos eterna a morte” (idem). Nesse estado em que vos porei, não tereis motivo para descontentamento: “Ignorais que não vos sobrevirá um outro vós mesmo, o qual, vivo, vos possa chorar como

REFLEXÕES VIII

morto e gemer sobre o vosso cadáver!” (Lucrecio). E essa vida, que tanto lamentais perder, não mais a desejareis: “Não teremos mais com que nos inquietarmos nem com nós mesmos, nem com a vida... nenhuma saudade teremos da existência” (idem). “A morte é menos temível do que nada, se é que alguma coisa menos que nada é possível” (idem). Morto ou vivo, vós não lhe escapais: vivo, porque sois; morto, porque não sois mais. Por outro lado, ninguém morre antes da hora. O tempo que perdeis não vos pertence mais do que o que precedeu vosso nascimento, e não vos interessa: “Considerai em verdade que os séculos inumeráveis, já passados, são para vós como se não tivessem sido” (idem).

Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração, e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagináveis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim? E se o fato de ter companheiros vos pode consolar, pensai que o mundo inteiro segue caminho idêntico: “As raças futuras vos seguirão por sua vez” (idem).

Tudo obedece ao mesmo impulso a que obedecéis. Haverá algo que não envelheça como vós envelheceis? Milhares de homens, milhares de animais, milhares de outras criaturas morrem no mesmo instante em que morreis: “não há uma só noite, nem um só dia, em que não se ouçam, misturados aos gemidos dos recém-nascidos, os gritos de dor em torno dos esquifes” (idem).

Por que tentar recuar se não vos é permitido voltar? Vistes mais de um indivíduo morrer que se satisfez com morrer, fugindo assim a grandes misérias; já deparastes com alguém que se achou prejudicado? E não será tolice condenar uma coisa que não conheceis nem pessoalmente nem por meio de outro? Por que vos queixardes de mim e do destino? Nós vos prejudicaremos? Cabe a vós nos governar ou, ao contrário, dependeis de nós? Por mais moço que sejais, vossa vida chegou ao fim; um homem de pequena estatura é tão completo quanto outro muito grande. Nem a estatura do homem nem a sua existência têm medidas determinadas.

REFLEXÕES VIII

Quíron recusou a imortalidade quando Cronos, seu pai, deus do tempo e da mortalidade, lhe revelou as condições dela. Imaginai a que ponto uma vida sem fim seria menos tolerável e mais penosa para o homem do que a que lhe foi dada. Se não tivésseis a morte, vós me amaldiçoaríeis sem cessar por vos haver privado dela. Foi propositalmente que a ela juntei alguma amargura, a fim de impedir que, ante a comodidade dela, não a buscásseis com avidez. Para vos trazer a essa moderação que solicito de vós, de não abreviar a vida e não tentar esquivar a morte, temperei-as pelas sensações mais ou menos suaves, mais ou menos duras que vos podem conceder.

Ensinei a Tales, o primeiro entre vossos sábios, que viver e morrer são igualmente indiferentes; o que o impeliu a responder, muito sabiamente, a alguém que lhe perguntava por que então não se matava: porque é indiferente. A água, a terra, o fogo, tudo o que constitui meu domínio e contribui para vossa vida, não contribuem mais do que à morte. Por que temeis vosso último dia? Ele não vos entrega mais à morte do que o faz cada um dos dias anteriores. Não é o último passo a causa de nossa fadiga; ele apenas a determina. Todos os dias levam à morte, só o último a alcança. Eis os sábios conselhos que vos dá a natureza, nossa mãe.

Frequentemente indaguei de mim mesmo por que, na guerra, a perspectiva ou a presença da morte, nossa ou de outrem, nos impressiona muito menos do que em nossos lares. Se assim não fosse, um exército se comporia unicamente de médicos e de chorões. Estranho igualmente que a morte, em sendo a mesma para todos, a acolham com mais calma os camponeses e o povo miúdo que os outros. Creio, em verdade, que são esses semblantes de circunstância e esse aparato lúgubre⁹ com que a cercam, que nos impressionam mais do que ela própria.

Quando ela se aproxima, há uma modificação total em nossa vida cotidiana: mães, mulheres e crianças gritam e se lamentam. Inúmeras pessoas nos visitam, consternadas; a gente da casa fica aí, pálida e desesperada; a obscuridade reina no quarto; acendem-se

⁹ **Lúgubre**: que é sinal de ou que inspira uma grande tristeza.

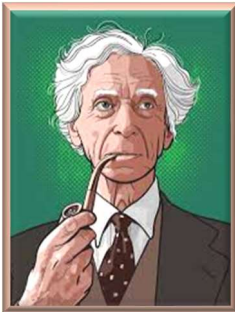
REFLEXÕES VIII

velas; à nossa cabeceira juntam-se padres e médicos; tudo, em suma, em volta de nós se dispõe como para inspirar horror; ainda não rendemos o último suspiro, e já estamos amortalhados e enterrados. As crianças se amedrontam quando as pessoas, mesmo suas conhecidas, se apresentam mascaradas; pois é o que ocorre nesse momento. Arranquemos as máscaras das coisas como das pessoas e, por baixo, veremos muito simplesmente a morte. A mesma com a qual partiu ontem, sem maior pavor, tal ou qual criado ou camareira. Feliz é a morte que nos surpreende sem que haja tempo para semelhantes preparativos! ●

Michel Eyquem de Montaigne: foi um político, filósofo, pedagogo, escritor e cético francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal.

A filosofia entre a religião e a ciência

Bertrand Russel



Os conceitos da vida e do mundo que chamamos “filosóficos” são produto de dois fatores: um, constituído de fatores religiosos e éticos herdados; o outro, pela espécie de investigação que podemos denominar “científica”, empregando a palavra em seu sentido mais amplo. Os filósofos, individualmente, têm diferido amplamente quanto às proporções em que esses dois fatores entraram em seu sistema, mas é a presença de ambos que, em certo grau, caracteriza a

filosofia.

Filosofia é uma palavra que tem sido empregada de várias maneiras, umas mais amplas, outras mais restritas. Pretendo empregá-la em seu sentido mais amplo, como procurarei explicar adiante. A filosofia, conforme entendo a palavra, é algo intermediário entre a teologia e a ciência. Como a teologia, consiste de especulações sobre assuntos a que o conhecimento exato não conseguiu até agora chegar, mas, como ciência, apela mais à razão humana do que à autoridade, seja esta a da tradição ou a da revelação. Todo conhecimento definido – eu o afirmaria – pertence à ciência; e todo dogma quanto ao que ultrapassa o conhecimento definido, pertence à teologia.

Mas entre a teologia e a ciência existe uma terra de ninguém, exposta aos ataques de ambos os campos: essa terra de ninguém é a filosofia. Quase todas as questões do máximo interesse para os espíritos especulativos são de tal índole que a ciência não as pode responder, e as respostas confiantes dos teólogos já não nos parecem tão convincentes como o eram nos séculos passados. Acha-se o mundo dividido em espírito e matéria? E, supondo-se que assim seja, o que é espírito e o que é matéria? Acha-se o espírito sujeito à matéria, ou é ele dotado de forças independentes? Possui o

REFLEXÕES VIII

universo alguma unidade ou propósito? Está ele evoluindo rumo a alguma finalidade? Existem realmente leis da natureza, ou acreditamos nelas devido unicamente ao nosso amor inato pela ordem? É o homem o que ele parece ser ao astrônomo, isto é, um minúsculo conjunto de carbono e água a rastejar, impotentemente, sobre um pequeno planeta sem importância? Ou é ele o que parece ser a Hamlet? Acaso é ele, ao mesmo tempo, ambas as coisas? Existe uma maneira de viver que seja nobre e outra que seja baixa, ou todas as maneiras de viver são simplesmente inúteis? Se há um modo de vida nobre, em que consiste ele, e de que maneira realizá-lo? Deve o bem ser eterno, para merecer o valor que lhe atribuímos, ou vale a pena procurá-lo, mesmo que o universo se mova, inexoravelmente, para a morte? Existe a sabedoria, ou aquilo que nos parece tal não passa do último refinamento da loucura.

Tais questões não encontram resposta no laboratório. As teologias têm pretendido dar respostas, todas elas demasiado concludentes, mas a sua própria segurança faz com que o espírito moderno as encare com suspeita. O estudo de tais questões, mesmo que não se resolva esses problemas, constitui o empenho da filosofia.

Mas por que, então, – poderíeis perguntar – perder tempo com problemas tão insolúveis? A isto, poder-se-ia responder como historiador ou como indivíduo que enfrenta o terror da solidão cósmica. A resposta do historiador, tanto quanto me é possível dá-la, aparecerá no decurso desta obra. Desde que o homem se tornou capaz de livre especulação, suas ações, em muitos aspectos importantes, têm dependido de teorias relativas ao mundo e à vida humana, relativas ao bem e ao mal. Isto é tão verdadeiro em nossos dias como em qualquer época anterior. Para compreender uma época ou uma nação, devemos compreender sua filosofia e, para que compreendamos sua filosofia, temos de ser, até certo ponto, filósofos. Há uma relação causal recíproca. As circunstâncias das vidas humanas contribuem muito para determinar a sua filosofia, mas, inversamente, sua filosofia muito contribui para determinar tais circunstâncias. Essa ação mútua, através dos séculos, será o tema das páginas seguintes.

Há, todavia, uma resposta mais pessoal. A ciência diz-nos o que

REFLEXÕES VIII

podemos saber, mas o que podemos saber é muito pouco e, se esquecemos de quanto nos é impossível saber, tornamo-nos insensíveis a muitas coisas sumamente importantes. A teologia, por outro lado, nos induz à crença dogmática de que temos conhecimento de coisas que, na realidade, ignoramos e, por isso, gera uma espécie de insolência impertinente com respeito ao universo. A incerteza, na presença de grandes esperanças e receios, é dolorosa, mas temos de suportá-la, se quisermos viver sem o apoio de confortadores contos de fadas.

Não devemos também esquecer as questões suscitadas pela filosofia, ou persuadir-nos de que encontramos, para as mesmas, respostas indubitáveis. Ensinar a viver sem essa segurança e sem que se fique, não obstante, paralisado pela hesitação, é talvez a coisa principal que a filosofia, em nossa época, pode proporcionar àqueles que a estudam.

A filosofia, ao contrário do que ocorreu com a teologia, surgiu, na Grécia, no século VI antes de Cristo. Depois de seguir o seu curso na antiguidade, foi de novo submersa pela teologia quando surgiu o cristianismo e Roma se desmoronou. Seu segundo período importante, do século XI ao século XIV, foi dominado pela Igreja Católica, com exceção de alguns poucos e grandes rebeldes, como, por exemplo, o imperador Frederico II (1195-1250). Esse período terminou com as perturbações que culminaram na Reforma. O terceiro período, desde o século XVII até hoje, é dominado, mais do que os períodos que o precederam, pela ciência. As crenças religiosas tradicionais mantêm sua importância, mas se sente a necessidade de que sejam justificadas, sendo modificadas sempre que a ciência torna imperativo tal passo. Poucos filósofos desse período são ortodoxos do ponto de vista católico, e o Estado secular adquire mais importância em suas especulações do que a Igreja.

A coesão social e a liberdade individual, como a religião e a ciência, acham-se num estado de conflito ou difícil compromisso durante todo esse período. Na Grécia, a coesão social era assegurada pela lealdade ao Estado-cidade; o próprio Aristóteles, embora, em sua época, Alexandre estivesse tornando obsoleto o Estado-cidade, não conseguia ver mérito algum em qualquer outro tipo de comunidade.

REFLEXÕES VIII

Variava grandemente o grau em que a liberdade individual cedia ante seus deveres para com a cidade. Em Esparta, o indivíduo tinha tão pouca liberdade como na Alemanha ou na Rússia modernas; em Atenas, apesar de perseguições ocasionais, os cidadãos desfrutaram, em seu melhor período, de extraordinária liberdade quanto a restrições impostas pelo Estado. O pensamento grego, até Aristóteles, é dominado por uma devoção religiosa e patriótica à cidade; seus sistemas éticos são adaptados às vidas dos cidadãos e contêm grande elemento político. Quando os gregos se submeteram, primeiro aos macedônios e, depois, aos romanos, as concepções válidas em seus dias de independência não eram mais aplicáveis. Isso produziu, por um lado, uma perda de vigor, devido ao rompimento com as tradições e, por outro lado, uma ética mais individual e menos social.

Os estoicos consideravam a vida virtuosa mais como uma relação da alma com Deus do que como uma relação do cidadão com o Estado. Prepararam, dessa forma, o caminho para o cristianismo, que, como o estoicismo, era, originalmente, apolítico, já que, durante os seus três primeiros séculos, seus adeptos não tinham influência no governo. A coesão social, durante os seis séculos e meio que vão de Alexandre a Constantino, foi assegurada, não pela filosofia nem pelas antigas fidelidades, mas pela força – primeiro a força dos exércitos e, depois, a da administração civil. Os exércitos romanos, as estradas romanas, a lei romana e os funcionários romanos, primeiro criaram e depois preservaram um poderoso Estado centralizado. Nada se pode atribuir à filosofia romana, já que esta não existia.

Durante esse longo período, as ideias gregas herdadas da época da liberdade sofreram um processo gradual de transformação. Algumas das velhas ideias, principalmente aquelas que deveríamos encarar como especificamente religiosas, adquiriram uma importância relativa; outras, mais racionalistas, foram abandonadas, pois não mais se ajustavam ao espírito da época. Desse modo, os pagãos posteriores foram se adaptando á tradição grega, até esta poder incorporar-se na doutrina cristã.

O cristianismo popularizou uma ideia importante, já implícita nos

REFLEXÕES VIII

ensinamentos dos estoicos, mas estranha ao espírito geral da antiguidade, isto é, a ideia de que o dever do homem para com Deus é mais imperativo do que o seu dever para com o Estado.

A opinião de que “devemos obedecer mais a Deus que ao homem”, como Sócrates e os apóstolos afirmavam, sobreviveu à conversão de Constantino, porque os primeiros cristãos eram arianos ou se sentiam inclinados para o arianismo. Quando os imperadores se tornaram ortodoxos, foi ela suspensa temporariamente. Durante o Império Bizantino, permaneceu latente, bem como no Império Russo subsequente, o qual derivou do cristianismo de Constantinopla.

Mas no Ocidente, onde os imperadores católicos foram quase imediatamente substituídos (exceto em certas partes da Gália) por conquistadores bárbaros heréticos, a superioridade da lealdade religiosa sobre a lealdade política sobreviveu e, até certo ponto, persiste ainda hoje.

A invasão dos bárbaros pôs fim, por espaço de seis séculos, à civilização da Europa Ocidental. Subsistiu na Irlanda, até que os dinamarqueses a destruíram no século IX. Antes de sua extinção produziu, lá, uma figura notável, Scotus Erigena. No Império Oriental, a civilização grega sobreviveu, em forma dissecada, como num museu, até a queda de Constantinopla, em 1453, mas nada que fosse de importância para o mundo saiu de Constantinopla, exceto uma tradição artística e os Códigos de Direito Romano de Justiniano.

Durante o período de obscuridade, desde o fim do século V até a metade do século XI, o mundo romano ocidental sofreu algumas transformações interessantes. O conflito entre o dever para com Deus e o dever para com o Estado, introduzido pelo cristianismo, adquiriu o caráter de um conflito entre a Igreja e o rei. A jurisdição eclesiástica do papa estendia-se sobre a Itália, França, Espanha, Grã-Bretanha e Irlanda, Alemanha, Escandinávia e Polônia. A princípio, fora da Itália e do sul da França foi muito leve o seu controle sobre bispos e abades, mas, desde o tempo de Gregório VII (fins do século XI), tornou-se real e efetivo. Desde então, o clero, em

REFLEXÕES VIII

toda a Europa Ocidental, formou uma única organização, dirigida por Roma, que procurava o poder inteligente e incansavelmente e, em geral, vitoriosamente, até depois do ano 1300, em seus conflitos com os governantes seculares.

O conflito entre a Igreja e o Estado não foi apenas um conflito entre o clero e os leigos; foi, também, uma renovação da luta entre o mundo mediterrâneo e os bárbaros do norte. A unidade da Igreja era um reflexo da unidade do Império Romano; sua liturgia era latina, e os seus homens mais proeminentes eram, em sua maior parte, italianos, espanhóis ou franceses do sul. Sua educação, quando esta renasceu, foi clássica; suas concepções da lei e do governo teriam sido mais compreensíveis para Marco Aurélio do que para os monarcas contemporâneos. A Igreja representava, ao mesmo tempo, continuidade com o passado e com o que havia de mais civilizado no presente.

O poder secular, ao contrário, estava nas mãos de reis e barões de origem teutônica, que procuravam preservar, o máximo possível, as instituições que haviam trazido das florestas da Alemanha. O poder absoluto era alheio a essas instituições, como também era estranho a esses vigorosos conquistadores tudo aquilo que tivesse aparência de uma legalidade monótona e sem espírito. O rei tinha de compartilhar seu poder com a aristocracia feudal, mas todos esperavam, do mesmo modo, que lhes fosse permitido, de vez em quando, uma explosão ocasional de suas paixões em forma de guerra, assassinio, pilhagem ou rapto. É possível que os monarcas se arrependessem, pois eram sinceramente piedosos e, afinal de contas, o arrependimento era em si mesmo uma forma de paixão. A Igreja, porém, jamais conseguiu produzir neles a tranquila regularidade de uma boa conduta, como a que o empregador moderno exige e, às vezes, consegue obter de seus empregados.

De que lhes valia conquistar o mundo, se não podiam beber, assassinar e amar como o espírito lhes exigia? E por que deveriam eles, com seus exércitos de altivos, submeter-se às ordens de homens letrados, dedicados ao celibato e destituídos de forças armadas? Apesar da desaprovação eclesiástica, conservaram o duelo e a decisão das disputas por meio das armas, e os torneios e o amor

REFLEXÕES VIII

cortesão floresceram. Às vezes, num acesso de raiva, chegavam a matar mesmo eclesiásticos eminentes.

Toda a força armada estava do lado dos reis, mas, não obstante, a Igreja saiu vitoriosa. A Igreja ganhou a batalha, em parte, porque tinha quase todo o monopólio do ensino e, em parte, porque os reis viviam constantemente em guerra uns com os outros; mas ganhou-a, principalmente, porque, com muito poucas exceções, tanto os governantes como o povo acreditavam sinceramente que a Igreja possuía as chaves do céu. A Igreja podia decidir se um rei devia passar a eternidade no céu ou no inferno; a Igreja podia absolver os súditos do dever de fidelidade e, assim, estimular a rebelião. Além disso, a Igreja representava a ordem em lugar da anarquia e, por conseguinte, conquistou o apoio da classe mercantil que surgia. Na Itália, principalmente, esta última consideração foi decisiva.

A tentativa teutônica de preservar pelo menos uma independência parcial da Igreja manifestou-se não apenas na política, mas, também, na arte, no romance, no cavalheirismo e na guerra. Manifestou-se muito pouco no mundo intelectual, pois o ensino se achava quase inteiramente nas mãos do clero.

A filosofia explícita da Idade Média não é um espelho exato da época, mas apenas do pensamento de um grupo. Entre os eclesiásticos, porém – principalmente entre os frades franciscanos – havia alguns que, por várias razões, estavam em desacordo com o papa. Na Itália, ademais, a cultura estendeu-se aos leigos alguns séculos antes de se estender até ao norte dos Alpes. Frederico II, que procurou fundar uma nova religião, representa o extremo da cultura antipapista; Tomás de Aquino, que nasceu no reino de Nápoles, onde o poder de Frederico era supremo, continua sendo até hoje o expoente clássico da filosofia papal. Dante, cerca de cinquenta anos mais tarde, conseguiu chegar a uma síntese, oferecendo a única exposição equilibrada de todo o mundo ideológico medieval.

Depois de Dante, tanto por motivos políticos como intelectuais, a síntese filosófica medieval se desmoronou. Teve ela, enquanto durou, uma qualidade de ordem e perfeição de miniatura: qualquer coisa de que esse sistema se ocupasse, era colocada com precisão em

REFLEXÕES VIII

relação com o que constituía o seu cosmo bastante limitado. Mas o Grande Cisma, o movimento dos concílios e o papado da renascença produziram a Reforma, que destruiu a unidade do cristianismo e a teoria escolástica¹⁰ de governo que girava em torno do papa. No período da Renascença, o novo conhecimento, tanto da antiguidade como da superfície da terra, fez que os homens se cansassem de sistemas, que passaram a ser considerados como prisões mentais.

A astronomia de Copérnico atribuiu à terra e ao homem uma posição mais humilde do que aquela que havia desfrutado na teoria de Ptolomeu. O prazer pelos fatos recentes tomou o lugar, entre os homens inteligentes, do prazer de raciocinar, analisar e construir sistemas. Embora a Renascença, na arte, conserve ainda uma determinada ordem, prefere, quanto ao que diz respeito ao pensamento, uma ampla e fecunda desordem. Neste sentido, Montaigne é o mais típico expoente da época.

Tanto na teoria política como em tudo o mais, exceto a arte, a ordem sofre um colapso. A Idade Média, embora praticamente turbulenta, era dominada, em sua ideologia, pelo amor da legalidade e por uma teoria muito precisa do poder político.

Todo poder procede, em última análise, de Deus; Ele delegou poder ao papa nos assuntos sagrados, e ao imperador nos assuntos seculares. Mas tanto o papa como o imperador perderam sua importância durante o século XV. O papa tornou-se simplesmente um dos príncipes italianos, empenhado no jogo incrivelmente complicado e inescrupuloso do poder político italiano. As novas monarquias nacionais na França, Espanha e Inglaterra tinham, em seus próprios territórios, um poder no qual nem o papa nem o imperador podiam interferir. O Estado nacional, devido, em grande parte, à pólvora, adquiriu uma influência sobre o pensamento e o modo de sentir dos homens, como jamais exercera antes –

¹⁰ **Escolástica:** pensamento cristão da Idade Média, baseado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade, corporificado esp. na tradição grega do platonismo e aristotelismo e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como a concebe a fé cristã; escolasticismo.

REFLEXÕES VIII

influência essa que, progressivamente, destruiu o que restava da crença romana quanto à unidade da civilização.

Essa desordem política encontrou sua expressão no Príncipe, de Maquiavel. Na ausência de qualquer princípio diretivo, a política se transformou em áspera luta pelo poder. O Príncipe dá conselhos astutos quanto à maneira de se participar com êxito desse jogo. O que já havia acontecido na idade de ouro da Grécia, ocorreu de novo na Itália renascentista: os freios morais tradicionais desapareceram, pois eram considerados como coisa ligada à superstição; a libertação dos grilhões tornou os indivíduos enérgicos e criadores, produzindo um raro florescimento do gênio, mas a anarquia e a traição resultantes, inevitavelmente, da decadência da moral, tornou os italianos coletivamente impotentes, e caíram, como os gregos, sob o domínio de nações menos civilizadas do que eles, mas não tão destituídas – de coesão social.



Todavia, o resultado foi menos desastroso do que no caso da Grécia, pois as nações que tinham acabado de chegar ao poder, com exceção da Espanha, se mostravam incapazes de tão grandes realizações como o havia sido a Itália.

Do século XVI em diante, a história do pensamento europeu é dominada pela Reforma. A Reforma foi um movimento complexo, multiforme, e seu êxito se deve a numerosas causas. De um modo geral, foi uma revolta das nações do norte contra o renovado domínio de Roma. A religião fora a força que subjugará o Norte, mas a religião, na Itália, decaíra: o papado permanecia como uma instituição, extraindo grandes tributos da Alemanha e da Inglaterra, mas estas nações, que eram ainda piedosas, não podiam sentir reverência alguma para com os Bórgias e os Médicis, que pretendiam salvar as almas do purgatório em troca de dinheiro, que esbanjavam no luxo e na imoralidade. Motivos nacionais, motivos econômicos e motivos religiosos conjugaram-se para fortalecer a revolta contra Roma. Além disso, os príncipes logo perceberam que, se a Igreja se tornasse, em seus territórios, simplesmente nacional,

REFLEXÕES VIII

eles seriam capazes de dominá-la, tornando-se, assim, muito mais poderosos, em seus países, do que jamais o haviam sido compartilhando o seu domínio com o papa. Por todas essas razões, as inovações teológicas de Lutero foram bem recebidas, tanto pelos governantes como pelo povo, na maior parte da Europa Setentrional.

A Igreja Católica procedia de três fontes. Sua história sagrada era judaica; sua teologia, grega, e seu governo e leis canônicas, ao menos indiretamente, romanos. A Reforma rejeitou os elementos romanos, atenuou os elementos gregos e fortaleceu grandemente os elementos judaicos. Cooperou, assim, com as forças nacionalistas que estavam desfazendo a obra de coesão nacional que tinha sido levada a cabo primeiro pelo Império Romano e, depois, pela Igreja Romana. Na doutrina católica, a revelação divina não terminava na sagrada escritura, mas continuava, de era em era, por meio da Igreja, à qual, pois, era dever do indivíduo submeter suas opiniões pessoais. Os protestantes, ao contrário, rejeitaram a Igreja como veículo da revelação divina; a verdade devia ser procurada unicamente na Bíblia, que cada qual podia interpretar à sua maneira. Se os homens diferissem em sua interpretação, não havia nenhuma autoridade designada pela divindade que resolvesse tais divergências. Na prática, o Estado reivindicava o direito que pertencera antes à Igreja – mas isso era uma usurpação.

Na teoria protestante, não devia haver nenhum intermediário terreno entre a alma e Deus. Os efeitos dessa mudança foram importantes. A verdade não mais era estabelecida mediante consulta à autoridade, mas por meio da meditação íntima. Desenvolveu-se, rapidamente, uma tendência para o anarquismo na política e misticismo na religião, o que sempre fora difícil de se ajustar à estrutura da ortodoxia católica. Aconteceu que, em lugar de um único protestantismo, surgiram numerosas seitas; nenhuma filosofia se opunha à escolástica, mas havia tantas filosofias quantos eram os filósofos. Não havia, no século XIII, nenhum imperador que se opusesse ao papa, mas sim um grande número de reis heréticos. O resultado disso, tanto no pensamento como na literatura, foi um subjetivismo cada vez mais profundo, agindo primeiro como uma

REFLEXÕES VIII

libertação saudável da escravidão espiritual, mas caminhando, depois, constantemente, para um isolamento pessoal, contrário à solidez social.

A filosofia moderna começa com Descartes, cuja certeza fundamental é a existência de si mesmo e de seus pensamentos, dos quais o mundo exterior deve ser inferido. Isso constitui apenas a primeira fase de um desenvolvimento que, passando por Berkeley e Kant, chega a Fichte, para quem tudo era apenas uma emanção do eu. Isso era uma loucura, e, partindo desse extremo, a filosofia tem procurado, desde então, evadir-se para o mundo do senso comum cotidiano.

Com o subjetivismo na filosofia, o anarquismo anda de mãos dadas com a política. Já no tempo de Lutero, discípulos inoportunos e não reconhecidos haviam desenvolvido a doutrina do anabatismo¹¹, a qual, durante algum tempo, dominou a cidade de Wünster. Os anabatistas repudiavam toda lei, pois afirmavam que o homem bom seria guiado, em todos os momentos, pelo Espírito Santo, que não pode ser preso a fórmulas. Partindo dessas premissas, chegam ao comunismo e à promiscuidade sexual. Foram, pois, exterminados, após uma resistência heroica. Mas sua doutrina, em formas mais atenuadas, se estendem pela Holanda, Inglaterra e Estados Unidos; historicamente, é a origem do “quakerismo”.

Uma forma mais feroz de anarquismo, não mais relacionada com a religião, surgiu no século XIX. Na Rússia, Espanha e, em menor grau, na Itália, obteve considerável êxito, constituindo, até hoje, um pesadelo para as autoridades americanas de imigração. Esta versão moderna, embora antirreligiosa, encerra ainda muito do espírito do protestantismo primitivo; difere principalmente dele devido ao fato de dirigir contra os governos seculares a hostilidade que Lutero dirigia contra os papas.

A subjetividade, uma vez desencadeada, já não podia circunscrever-

¹¹ **Anabatista:** adepto de uma seita protestante do sXVI, que desaprovava o batismo da criança antes do uso da razão, e preconizava a reiteração do batismo na idade adulta, no caso dos que se houvessem batizado antes.

REFLEXÕES VIII

se aos seus limites, até que tivesse seguido seu curso. Na moral, a atitude enfática dos protestantes, quanto à consciência individual, era essencialmente anárquica. O hábito e o costume eram tão fortes que, exceto em algumas manifestações ocasionais, como, por exemplo, a de Münster, os discípulos do individualismo na ética continuaram a agir de maneira convencionalmente virtuosa. Mas era um equilíbrio precário.

O culto do século XVIII à “sensibilidade” começou a romper esse equilíbrio: um ato era admirado não pelas suas boas consequências, ou porque estivesse de acordo com um código moral, mas devido à emoção que o inspirava. Dessa atitude nasceu o culto do herói, tal como foi manifestado por Carlyle e Nietzsche, bem como o culto byroniano da paixão violenta, qualquer que esta seja.

O movimento romântico, na arte, na literatura e na política, está ligado a essa maneira subjetiva de julgar-se os homens, não como membros de uma comunidade, mas como objetos de contemplação esteticamente encantadores. Os tigres são mais belos do que as ovelhas, mas preferimos que estejam atrás de grades. O romântico típico remove as grades e delicia-se com os saltos magníficos com que o tigre aniquila as ovelhas. Incita os homens a imaginar que são tigres e, quando o consegue, os resultados não são inteiramente agradáveis.

Contra as formas mais loucas do subjetivismo nos tempos modernos tem havido várias reações. Primeiro, uma filosofia de semicompromisso, a doutrina do liberalismo, que procurou delimitar as esferas relativas ao governo e ao indivíduo. Isso começa, em sua forma moderna, com Locke, que é tão contrário ao “entusiasmo” – o individualismo dos anabatistas como à autoridade absoluta e à cega subserviência à tradição.

Uma rebelião mais extensa conduz à doutrina do culto do Estado, que atribui ao Estado a posição que o catolicismo atribuía à Igreja, ou mesmo, às vezes, a Deus. Hobbes, Rousseau e Hegel representam fases distintas desta teoria, e suas doutrinas se acham encarnadas, praticamente, em Cromwell, Napoleão e na Alemanha moderna. O comunismo, na teoria, está muito longe dessas filosofias, mas é

REFLEXÕES VIII

conduzido, na prática, a um tipo de comunidade bastante semelhante àquela e que resulta a adoração do Estado.

Durante todo o transcurso deste longo desenvolvimento, desde 600 anos antes de Cristo até aos nossos dias, os filósofos têm-se dividido entre aqueles que querem estreitar os laços sociais e aqueles que desejam afrouxá-los. A esta diferença, acham-se associadas outras. Os partidários da disciplina advogaram este ou aquele sistema dogmático, velho ou novo, chegando, portanto, a ser, em menor ou maior grau, hostis à ciência, já que seus dogmas não podiam ser provados empiricamente. Ensinavam, quase invariavelmente, que a felicidade não constitui o bem, mas que a “nobreza” ou o “heroísmo” devem ser a ela preferidos. Demonstravam simpatia pelo que havia de irracional na natureza humana, pois acreditavam que a razão é inimiga da coesão social. Os partidários da liberdade, por outro lado, com exceção dos anarquistas extremados, procuravam ser científicos, utilitaristas, racionalistas, contrários à paixão violenta, e inimigos de todas as formas mais profundas de religião. Este conflito existiu, na Grécia, antes do aparecimento do que chamamos filosofia, revelando-se já, bastante claramente, no mais antigo pensamento grego. Sob formas diversas, persistiu até os nossos dias, e continuará, sem dúvida, a existir durante em muitas das eras vindouras.

É claro que cada um dos participantes desta disputa como em tudo que persiste durante longo tempo – tem a sua parte de razão e a sua parte de equívoco. A coesão social é uma necessidade, e a humanidade jamais conseguiu, até agora, impor a coesão mediante argumentos meramente racionais. Toda comunidade está exposta a dois perigos opostos: por um lado, a fossilização, devido a uma disciplina exagerada e um respeito excessivo pela tradição; por outro lado, a dissolução, a submissão ante a conquista estrangeira, devido ao desenvolvimento da independência pessoal e do individualismo, que tornam impossível a cooperação. Em geral, as civilizações importantes começam por um sistema rígido e supersticioso que, aos poucos, vai sendo afrouxado, e que conduz, em determinada fase, a um período de gênio brilhante, enquanto perdura o que há de bom na tradição antiga, e não se desenvolveu

REFLEXÕES VIII

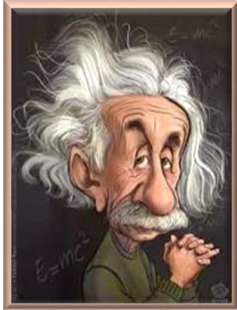
ainda o mal inerente à sua dissolução. Mas, quando o mal começa a manifestar-se, conduz à anarquia e, daí, inevitavelmente, a uma nova tirania, produzindo uma nova síntese, baseada num novo sistema dogmático. A doutrina do liberalismo é uma tentativa para evitar essa interminável oscilação. A essência do liberalismo é uma tentativa no sentido de assegurar uma ordem social que não se baseie no dogma irracional, e assegurar uma estabilidade sem acarretar mais restrições do que as necessárias à preservação da comunidade. Se esta tentativa pode ser bem-sucedida, somente o futuro poderá demonstrá-lo. ●

Bertrand Russel: (1872-1970) Bertrand Arthur William Russell, 3º Conde Russell foi um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX.

Artigo escrito em 1965

Sobre a liberdade

Albert Einstein



Sei que é inútil tentar discutir os juízos de valores fundamentais. Se alguém aprova como meta, por exemplo, a eliminação da espécie humana da face da Terra, não se pode refutar esse ponto de vista em bases racionais. Se houver, porém, concordância quanto a certas metas e valores, é possível discutir racionalmente os meios pelos quais esses objetivos podem ser atingidos. Indiquemos, portanto, duas metas com que certamente estarão de acordo quase todos os que leem

estas linhas.

- ◇ Os bens instrumentais que servem para preservar a vida e a saúde de todos os seres humanos devem ser produzidos mediante o menor esforço possível de todos.
- ◇ A satisfação de necessidades físicas é por certo a precondição indispensável de uma existência satisfatória, mas em si mesma não é suficiente. Para se realizar, os homens precisam ter também a possibilidade de desenvolver suas capacidades intelectuais artísticas sem limites restritivos, segundo suas características e aptidões pessoais.

A primeira dessas duas metas exige a promoção de todo conhecimento referente às leis da natureza e dos processos sociais, isto é, a promoção de todo esforço científico. Pois o empreendimento científico é um todo natural, cujas partes se sustentam mutuamente de uma maneira que certamente ninguém pode prever. Entretanto, o progresso da ciência pressupõe a possibilidade de comunicação irrestrita de todos os resultados e julgamentos – liberdade de expressão e ensino em todos os campos do esforço intelectual.

Por liberdade, entendo condições sociais, tais que, a expressão de

REFLEXÕES VIII

opiniões e afirmações sobre questões gerais e particulares do conhecimento não envolvam perigos ou graves desvantagens para seu autor. Essa liberdade de comunicação é indispensável para o desenvolvimento e a ampliação do conhecimento científico, aspecto de grande importância prática. Em primeiro lugar, ela deve ser assegurada por lei.

Mas as leis por si mesmas não podem assegurar a liberdade de expressão. Para que todo homem possa expor suas ideias sem ser punido, deve haver um espírito de tolerância em toda a população. Tal ideal de liberdade externa jamais poderá ser plenamente atingido, mas deve ser incansavelmente perseguido para que o pensamento científico e o pensamento filosófico, e criativo em geral, possam avançar tanto quanto possível.

Para que a segunda meta, isto é, a possibilidade de desenvolvimento espiritual de todos os indivíduos possa ser assegurada, é necessário um segundo tipo de liberdade externa. O homem não deve ser obrigado a trabalhar para suprir as necessidades da vida numa intensidade tal que não lhe restem tempo nem forças para as atividades pessoais. Sem este segundo tipo de liberdade externa, a liberdade de expressão é inútil para ele. Avanços na tecnologia tornariam possível esse tipo de liberdade, se o problema de uma divisão justa do trabalho fosse resolvido.

O desenvolvimento da ciência e das atividades criativas do espírito em geral exige ainda outro tipo de liberdade, que pode ser caracterizado como liberdade interna. Trata-se daquela liberdade de espírito que consiste na independência do pensamento em face das restrições de preconceitos autoritários e sociais, bem como, da rotinização e do hábito irrefletidos em geral. Essa liberdade interna é um raro dom da natureza e uma valiosa meta para o indivíduo. No entanto, a comunidade pode fazer muito para favorecer essa conquista, pelo menos, deixando de interferir no desenvolvimento.

As escolas, por exemplo, podem interferir no desenvolvimento da liberdade interna mediante influências autoritárias e a imposição de cargas espirituais excessivas aos jovens; por outro lado, as escolas podem favorecer essa liberdade, incentivando o pensamento

REFLEXÕES VIII

independente. Só quando a liberdade externa e interna são constantes e conscienciosamente perseguidas há possibilidade de desenvolvimento e aperfeiçoamento espiritual e, portanto, de aprimorar a vida externa e interna do homem.

Durante o século XIX e em parte do que o precedeu, a existência de um conflito insolúvel entre conhecimento e crença foi amplamente sustentada. Prevalencia entre mentes avançadas a opinião de que chegara a hora de substituir, cada vez mais, a crença pelo conhecimento; toda crença que não se fundasse ela própria em conhecimento era superstição e, como tal, devia ser combatida. Segundo essa concepção, a função exclusiva da educação seria abrir caminho para o pensamento e o conhecimento, devendo a escola, como o órgão por excelência para a educação do povo, servir exclusivamente a esse fim.

É provável que raramente, ou mesmo nunca, possamos encontrar o ponto de vista racionalista expresso com tanta crueza; pois todo homem sensível veria de imediato o quanto essa formulação é tendenciosa. Mas é conveniente formular uma tese de maneira nua e crua quando se quer aclarar a própria mente com relação à sua natureza. É verdade que a experiência e o pensamento claro são a melhor maneira de fundamentar as convicções. Quanto a isto, podemos concordar irrestritamente com o racionalista extremado. O ponto fraco dessa concepção, contudo, é que as convicções necessárias e determinantes para nossa conduta e nossos juízos não podem ser encontradas unicamente nessa sólida via científica. Pois o método científico não nos pode ensinar outra coisa além do modo como os fatos se relacionam e são condicionados uns pelos outros. A aspiração a esse conhecimento objetivo está entre as mais elevadas de que o homem é capaz, e, certamente, ninguém pode suspeitar que eu deseje subestimar as realizações e os heroicos esforços do homem nessa esfera.

É igualmente claro, no entanto, que o conhecimento do que é não abre diretamente a porta para o que deve ser. Podemos ter o mais claro e completo conhecimento do que é, sem, contudo, sermos capazes de deduzir disso qual deveria ser a meta de nossas aspirações humanas. O conhecimento objetivo nos fornece

REFLEXÕES VIII

poderosos instrumentos para atingir certos fins, mas a meta final em si é a mesma, e o desejo de atingi-la devem emanar de outra fonte. E é praticamente desnecessário defender a ideia de que nossa existência e nossa atividade só adquirem sentido mediante o estabelecimento de uma meta como essa e dos valores correspondentes. O conhecimento da verdade como tal é maravilhoso, mas é tão pouco capaz de servir de guia que não consegue provar sequer a justificação e o valor da aspiração a esse mesmo conhecimento da verdade.

Aqui defrontamos, portanto, com os limites da concepção puramente racional de nossa existência. Mas não se deve presumir que o pensamento inteligente não possa desempenhar nenhum papel na formação da meta e de juízos éticos. Quando alguém se dá conta de que certo meio seria útil para a consecução de um fim, isto faz que o próprio meio se torne um fim.

A inteligência elucida para nós a inter-relação entre meios e fins. O mero pensamento não pode, contudo, nos dar uma consciência dos fins últimos e fundamentais. Elucidar esses fins e valores fundamentais é engastá-los¹² firmemente na vida emocional do indivíduo; parece-me, precisamente, a mais importante função que a religião tem a desempenhar na vida social do homem. E se alguém pergunta de onde provém a autoridade desses fins fundamentais, já que eles não podem ser formulados e justificados puramente pela razão, só há uma resposta: eles existem numa sociedade saudável na forma de tradições vigorosas, que agem sobre a conduta, as aspirações e os juízos dos indivíduos; eles existem, isto é, vivem dentro dela, sem que seja preciso encontrar justificação para sua existência. Nascem, não por meio da demonstração, mas da revelação, por meio de personalidades excepcionais. Não se deve tentar justificá-los, mas antes, sentir, simples e claramente, sua natureza. Os mais elevados princípios para nossas aspirações e juízos nos são dados pela tradição religiosa judaico-cristã. Trata-se de uma meta muito elevada, que, com nossos poucos poderes, só

¹² **Engastar:** fazer ficar ou estar preso; encravar.

REFLEXÕES VIII

podemos atingir de maneira muito insatisfatória, mas que dá um sólido fundamento a nossas aspirações e avaliações. Se quiséssemos tirar essa meta de sua forma religiosa e considerar apenas seu aspecto puramente humano, talvez pudéssemos formulá-la assim: desenvolvimento livre e responsável do indivíduo, de modo que ele possa por suas capacidades, com liberdade e alegria a serviço de toda a humanidade.

Não há lugar nisso para a divinização de uma nação, de uma classe, nem muito menos de um indivíduo. Não somos todos filhos de um só pai, como se diz na linguagem religiosa? Na verdade, mesmo a divinização da humanidade, como totalidade abstrata, não estaria no espírito desse ideal. E somente ao indivíduo que é dada uma alma. E o sublime destino do indivíduo é antes servir que comandar, ou impor-se de qualquer outra maneira. Se considerarmos mais a substância que a forma, poderemos ver também nestas palavras a expressão da postura democrática fundamental. Ao verdadeiro democrata é tão inviável idolatrar sua nação quanto ao homem religioso, no sentido que damos ao termo.

Qual será então, em tudo isto, a função da educação e da escola? Elas devem ajudar o jovem a crescer num espírito tal que esses princípios fundamentais sejam para ele como o ar que respira. O mero ensino não pode fazer isso. Se mantivermos esses princípios elevados claramente diante de nossos olhos, e os comparamos com a vida e o espírito de nosso tempo, revela-se flagrantemente que a própria humanidade civilizada encontra-se, neste momento, em grave perigo. Nos Estados totalitários, são os próprios governantes que se empenham hoje em destruir esse espírito de humanidade. Em lugares menos ameaçados, são o nacionalismo e a intolerância, bem com a opressão dos indivíduos por meios econômicos, que ameaçam sufocar essas tão preciosas tradições.

A clareza da enormidade do perigo está se difundindo, no entanto, entre as pessoas que pensam, e há uma grande procura de meios que permitam enfrentar o perigo – meios no campo da política nacional e internacional, da legislação, da organização em geral. Esses esforços são, sem dúvida, extremamente necessários. Contudo, os antigos sabiam algo que parecemos ter nos esquecidos.

REFLEXÕES VIII

“Todos os meios mostram-se um instrumento grosseiro quando não tem atrás de si um espírito vivo.”

Se o desejo de alcançar a meta estiver vigorosamente vivo dentro de nós, porém, não nos faltarão forças para encontrar os meios de alcançar a meta e traduzi-la em atos. ●

Albert Einstein (1879-1955). *Ciência e Religião* (1939-1941) - Págs. 25 a 34.
Einstein, Albert. Título original: *Out of my later years*

LUIZ BIANCHI

Sobre educação

Arthur Schopenhauer



§ 372

Devido à natureza de nosso intelecto, ideias gerais devem surgir por meio da abstração a partir de observações particulares; estas devem, portanto, existir antes das primeiras. Se isso de fato ocorre, como no caso do homem cujo aprendizado baseia-se exclusivamente em sua própria experiência — que não possui professor nem livros —, o indivíduo sabe muito bem quais de suas observações particulares pertencem a, e são representadas por, cada uma de suas ideias gerais. Possui uma perfeita familiaridade com ambos os lados de sua experiência e, assim, lida corretamente com tudo o que se apresenta diante dele. Esse pode ser denominado o método natural de educação.

Por outro lado, o método artificial consiste em ouvir o que os demais dizem, em aprender e em ler, de modo a abarrotar a mente com ideias gerais antes de possuir qualquer familiaridade aprofundada com o mundo em si. Então se espera que posteriormente a experiência forneça as observações particulares relativas a essas ideias gerais; mas, até que isso ocorra, as ideias gerais são aplicadas erroneamente, os homens e as coisas são julgados sob uma óptica falsa, vistos sob uma óptica equivocada, e são abordados de maneira incorreta.

Essa educação perverte a mente. Isso explica por que, em nossa juventude, após muito aprendizado e leitura, ingressamos no mundo em parte ignorantes sobre as coisas e em parte equivocados a seu respeito; assim, num instante nosso comportamento é guiado por uma ansiedade nervosa, num outro por uma confiança infundada. A razão disso é o fato de nossas mentes estarem repletas de ideias gerais que tentamos aplicar, mas quase nunca

REFLEXÕES VIII

conseguimos. Esse é o resultado de agirmos em direta oposição ao desenvolvimento natural da mente, obtendo as ideias gerais primeiro e as observações particulares depois: colocamos a carruagem antes dos cavalos. Em vez de desenvolver a capacidade de discernimento da própria criança, ensinando-a a julgar e a pensar por si própria, o professor devota todas as suas forças a entulhar sua mente com ideias prontas de outros indivíduos. Nessa situação, essas visões equivocadas sobre a vida, que resultam da aplicação incorreta das ideias gerais, terão de ser posteriormente corrigidas por longos anos de experiência, e é muito raro que o sejam por completo. Essa é a razão pela qual tão poucos eruditos são dotados de bom senso, algo que é muito comum encontrarmos em indivíduos que não receberam qualquer instrução.

§ 373

Familiarizar-se com o mundo pode ser definido como o objetivo de toda educação; segue-se que devemos ter um cuidado especial com o início desse processo, para assim adquirir o conhecimento em sua ordem correta. Como demonstrei, isso significa principalmente que as observações particulares de cada coisa devem vir antes das ideias gerais a seu respeito; além disso, que ideias estreitas e limitadas virão antes das mais abrangentes; e também que todo o sistema de educação seguirá os passos que as próprias ideias precisam dar no curso de sua formação. Contudo, assim que se remove algum elemento dessa sequência, o resultado são ideias gerais deficientes e, a partir dessas, ideias gerais falsas; por fim, surge uma visão de mundo distorcida que é peculiar ao indivíduo — uma visão que quase todos abraçam por algum tempo, e a maioria dos homens por toda a vida.

Todos os que voltarem seus olhares às suas próprias mentes perceberão que foi apenas após atingir uma idade bastante madura, e às vezes quando menos esperavam, que conseguiram alcançar uma compreensão clara de muitos assuntos que, afinal, não eram tão difíceis ou complicados. Até então, havia pontos de seu conhecimento que ainda eram obscuros devido às aulas que foram omitidas na fase inicial de sua educação, seja qual fosse seu tipo — artificial, por meio de professores, ou do tipo natural, baseado na

REFLEXÕES VIII

experiência pessoal.

Assim, deveríamos tentar entender a sequência estritamente natural do conhecimento, para que então façamos a educação acompanhá-la metodicamente, e assim as crianças tornem-se familiarizadas com a marcha do mundo, sem ter suas mentes abarrotadas de ideias equivocadas, que muitas vezes jamais conseguirão abandonar. Se esse procedimento fosse adotado, deveríamos ter um cuidado especial em evitar que crianças utilizassem palavras que não compreendem claramente.

Mesmo crianças têm frequentemente a tendência fatal de se satisfazer com palavras em vez de tentar entender as coisas — um desejo de decorar frases capazes de tirá-las de dificuldades quando necessário. Tal tendência ainda permanece depois que crescem, e essa é a razão pela qual o conhecimento de muitos eruditos é mera verborragia. Entretanto, o empenho essencial deve ser para que as observações particulares venham antes das ideias gerais, e nunca vice-versa, como é o caso normal e infelizmente; como se uma criança viesse ao mundo a partir dos pés, ou um verso fosse escrito a partir da rima! O método corrente consiste em enxertar ideias e opiniões — que são, no estrito senso da palavra, preconceitos — na mente da criança, enquanto esta ainda possui um repertório muito limitado de observações particulares, e ela então aplica esse aparato de ideias-prontas às observações particulares e à experiência. Em vez disso, as ideias gerais e os julgamentos deveriam ter se cristalizado a partir das observações particulares e da experiência.

Ao ver o mundo por si próprio, o indivíduo tem uma percepção rica e variada que não pode, naturalmente, competir com a brevidade e rapidez do método que emprega ideias abstratas para finalizar o assunto rapidamente por meio de generalizações. Será necessário um longo tempo para corrigir essas ideias preconcebidas, uma tarefa que talvez nunca seja concluída; pois sempre que algum aspecto da experiência contradiz essas noções preconcebidas, as evidências são rejeitadas de antemão como unilaterais, ou são simplesmente negadas; os homens fecham seus olhos às evidências apenas para que seus preconceitos permaneçam intactos. Desse modo, muitos homens carregam um fardo de equívocos ao longo de

REFLEXÕES VIII

suas vidas inteiras — muletas, caprichos, fantasias, preconceitos, que, por fim, se tornam ideias fixas.

O fato é que o indivíduo nunca tentou elaborar suas ideias fundamentais por si mesmo a partir de sua própria experiência de vida, de seu próprio modo de ver o mundo, pois recebeu todas as suas ideias já prontas de terceiros; e é isso o que torna esse indivíduo — e tantos outros! — tão raso e insípido¹³. Em vez disso, deveríamos cuidar para que as crianças fossem educadas dentro de parâmetros naturais. Só devemos introduzir conceitos nas mentes das crianças por meio da observação, ou ao menos verificá-los dessa maneira. Como resultado, a criança assimilaria poucos conceitos, mas estes seriam bem fundamentados e precisos. Aprenderia então a medir as coisas não por critérios alheios, mas pelos próprios; e assim se esquivaria de um milhar de preconceitos e caprichos, que não precisarão ser posteriormente erradicados pelas valiosas lições da escola da vida. Desse modo, sua mente estaria desde sempre habituada a uma visão clara e a um conhecimento profundo; empregaria seu próprio julgamento e teria uma visão imparcial dos fatos.

Crianças em geral não devem entrar em contato com todos os detalhes da vida a partir da cópia antes de conhecê-los a partir do original. Assim, em vez de nos apressarmos em colocar livros em suas mãos, façamos com que se familiarizem, passo a passo, com as coisas — com as verdadeiras circunstâncias da vida humana. Acima de tudo, deveríamos nos esforçar para apresentá-las a uma visão clara da vida real, e educá-las para que sempre derivem seus conceitos diretamente do mundo real. Devem formar tais conceitos de acordo com a realidade, e não coletá-los de algum outro local — livros, contos de fada ou opiniões alheias — para então empregá-los diretamente e já prontos à vida real. Pois, nessa situação, suas mentes estarão repletas de quimeras¹⁴, e assim verão as coisas sob

¹³ **Insípido**: desprovido de interesse, de atrativos; sem graça, monótono.

¹⁴ **Quimera**: produto da imaginação, sem possibilidade de realizar-se; absurdo, fantasia, utopia.

REFLEXÕES VIII

uma luz falsa, ou tentarão inutilmente remodelar o mundo para que possa se adequar às suas visões, trilhando caminhos equivocados não apenas na teoria, mas também na prática.

É incrível a quantidade de prejuízo que se causa por semear quimeras em mentes ainda jovens, e pelos preconceitos decorrentes, pois a educação que recebemos do mundo e da vida real precisará então ser empregada, sobretudo para erradicar tais preconceitos. A resposta, dada por Antístenes segundo Diógenes Laércio, também consiste nisto (VI. 7): *Interrogatus quanam esset disciplina maxime necessaria, Mala, inquit, dediscere.* [quando interrogado sobre qual era a disciplina mais necessária, respondeu: desaprender o mau.]

§ 374

Como erros instilados precocemente em geral ficam gravados profundamente, e como a capacidade de julgamento é a última faculdade intelectual a amadurecer, nenhuma criança com menos de quinze anos deve ser instruída em teorias e doutrinas passíveis de grandes erros. Devem, portanto, ser mantidas à distância de toda filosofia, religião e visões gerais de toda espécie, sendo-lhes permitido dedicar-se apenas aos assuntos nos quais nenhum erro é possível, como a matemática, ou nos quais não são perigosos, como as línguas, as ciências naturais, a história e assim por diante. E, em geral, as disciplinas a serem estudadas em cada período da vida devem se limitar àquilo que a mente seja capaz de entender perfeitamente naquele período. Infância e juventude constituem a época para a coleta de materiais, para a aquisição de uma familiaridade especial e profunda com as coisas individuais e particulares. Nesses anos é ainda muito cedo para formar visões de grande amplitude; as explicações últimas devem ser deixadas para um momento posterior.

Como a capacidade de julgamento pressupõe maturidade e experiência, esta deve ser deixada a si própria; e deve-se cuidar para não antecipar sua atividade inculcando preconceitos, pois isso a paralisará para sempre. Por outro lado, durante a juventude a memória deve ser especialmente exercitada, pois nessa época é mais

REFLEXÕES VIII

vigorosa e mais tenaz. Porém, isso deve ser feito com grande cautela e prudência, visto que as lições bem aprendidas na juventude jamais são esquecidas, e esse solo precioso deve ser cultivado de modo a produzir o máximo possível de frutos.

Se observarmos quão profundamente ficam gravados em nossa memória aqueles que conhecemos nos primeiros doze anos de nossas vidas, e como os eventos desses anos, e em geral tudo o que vivenciamos, ouvimos e aprendemos nessa fase, ficam para sempre gravados na memória, torna-se perfeitamente natural a ideia de basear a educação nessa receptividade e tenacidade da mente jovem, guiando-a estrita, metódica e sistematicamente de acordo com tais preceitos e regras.

Pois bem, como ao homem só são concedidos alguns anos de juventude, e como a capacidade da memória em geral, e especialmente no indivíduo, é sempre limitada, torna-se imprescindível alimentá-la com o que há de mais essencial e vital em todas as áreas do saber, a despeito de todo o mais. A seleção desse conteúdo deve ser feita, e seus resultados fixados, após a mais madura deliberação das mentes mais capazes e dos mestres de cada área do conhecimento. Tal seleção teria de basear-se num exame cuidadoso a respeito do que é necessário e importante que um homem saiba em geral, e do que é importante e necessário que saiba numa profissão particular ou numa área específica do saber. O conhecimento do primeiro tipo teria de ser classificado, num estilo enciclopédico, em cursos graduados, adaptado ao grau geral de cultura que se espera de um homem na dada circunstância em que se encontra. Começaria com um curso limitado aos pré-requisitos da educação primária, e terminaria com os assuntos abordados pelo pensamento filosófico.

A seleção do segundo tipo de conhecimento, entretanto, teria de ser deixada aos verdadeiros mestres de cada área. O sistema como um todo proporcionaria um cânon¹⁵ para a educação intelectual, o qual, naturalmente, teria de ser revisado a cada dez anos. Com tal

¹⁵ **Cânon:** maneira de agir; modelo, padrão, cânone.

REFLEXÕES VIII

organização, seria aproveitado ao máximo o poder de memorização da juventude, proporcionando um excelente material à capacidade de julgamento que virá num momento futuro.

§ 375

A maturidade do conhecimento, isto é, a perfeição que este pode atingir em cada indivíduo, consiste no fato de que foi estabelecida uma conexão precisa entre as ideias abstratas e a capacidade de observação. Isso significa que cada uma de suas ideias abstratas baseia-se, direta ou indiretamente, na observação, e apenas por meio dela um conceito chega a possuir qualquer valor. Também envolve a capacidade de relacionar corretamente cada observação à ideia abstrata correspondente; tal maturidade exige tempo, pois nasce da experiência. O conhecimento que derivamos de nossa própria observação é normalmente distinto do que adquirimos por meio de ideias abstratas; um chega a nós pelo processo natural, o outro por meio da instrução e do que os demais nos dizem, seja isso bom ou ruim. O resultado é que, em nossa juventude, há em geral pouca relação ou correspondência entre nossas ideias abstratas, que são fixadas por meras palavras, e o verdadeiro conhecimento que obtivemos por meio da observação. Apenas gradualmente ambos se aproximam e se corrigem mutuamente; e só existe maturidade no conhecimento depois que ocorre essa união. Tal maturidade ou perfeição do conhecimento é algo bastante independente da outra maior ou menor perfeição das faculdades individuais, algo que se mede não pela conexão entre os dois tipos de conhecimento, mas pelo grau de intensidade que atingem.

§ 376

O tipo de estudo mais necessário ao homem prático consiste na aquisição de um conhecimento exato e profundo da verdadeira marcha do mundo. Mas, apesar de necessário, esse também é o mais exaustivo de todos os estudos, pois um homem pode atingir uma idade avançada sem ainda haver concluído essa tarefa — ao passo que, no domínio das ciências, já domina os fatos mais importantes ainda em sua juventude.

Na aquisição desse conhecimento, as lições mais primárias e mais

REFLEXÕES VIII

duras são aprendidas quando ainda se é principiante, isto é, na meninice e na mocidade; mas é frequente que mesmo o homem maduro tenha muito a aprender. Essa dificuldade é em si mesma grande, mas é duplicada pelos romances, que descrevem um estado de coisas e um curso de ações humanas que na verdade não existem.

A juventude é crédula, e aceita tais visões da vida, que são assimiladas e se tornam parte de suas mentes. Desse modo, em vez de uma condição negativa de mera ignorância, temos um erro positivo — todo um tecido de noções equivocadas como ponto de partida; algo que posteriormente desvirtuará a escola da experiência, fazendo que seus ensinamentos se mostrem a nós sob uma luz falsa. Se, antes disso, a juventude não tinha luz alguma para orientá-la, agora é ativamente desorientada pelo diz que diz; e isso acontece com ainda maior frequência quando se trata de raparigas.

Por meio de romances, uma visão completamente falsa da vida é inculcada, despertando expectativas que jamais serão satisfeitas. Isso geralmente exerce uma influência funesta pelo resto de suas vidas. Nesse particular, aqueles que, durante sua juventude, não tiveram tempo nem oportunidade para ler romances, como artesãos, mecânicos e congêneres, têm uma clara vantagem. Há alguns poucos romances que são exceções, que a censura acima não se aplica; na verdade, seu efeito é exatamente o oposto. Por exemplo, temos principalmente Gil Blas e as outras obras de Le Sage (ou seus originais espanhóis); temos também O Vigário de Wakefield, e até certo ponto os romances de Walter Scott. Don Quixote pode ser encarado como uma exibição satírica desse erro ao qual me refiro. ●

Arthur Schopenhauer: (1788-1860) filósofo alemão. Seu pensamento sobre o amor é caracterizado por não se encaixar em nenhum dos grandes sistemas de sua época

Do pensar por si

Arthur Schopenhauer



Uma biblioteca pode ser muito grande, mas desordenada não é tão útil quanto uma pequena e bem organizada. Do mesmo modo, um homem pode possuir uma grande quantidade de conhecimento, mas se não o tiver trabalhado em sua mente por si, tem muito menos valor que uma quantidade muito menor que foi cuidadosamente considerada. Pois é somente quando um homem analisa aquilo que sabe em todos os aspectos, comparando uma verdade com outra, que se dá conta por completo de seu próprio conhecimento e adquire seu poder. Um homem só pode ponderar a respeito daquilo que sabe — portanto, deveria aprender algo; todavia, um homem só sabe aquilo sobre o que ponderou.

Ler e aprender são coisas que qualquer indivíduo pode fazer por seu próprio livre-arbítrio — mas pensar não. O pensar deve ser incitado como o fogo pelo vento; deve ser sustentado por algum interesse no assunto em questão. Esse interesse pode ser puramente objetivo ou meramente subjetivo. O último existe em questões que nos dizem respeito pessoalmente. O interesse objetivo encontra-se somente nas cabeças que pensam por natureza, para as quais pensar é tão natural quanto respirar — mas são muito raras; por isso há tão pouco deles na maioria dos homens do conhecimento.

A diferença entre o efeito do pensar por si e da leitura sobre a mente é incrível. Por isso está continuamente desenvolvendo a diferença original na natureza de duas mentes, que leva uma a pensar e a outra a ler. Ler força pensamentos alheios sobre a mente — pensamentos que são alheios ao estado e temperamento em que esta possa estar no momento, como o selo está para a cera, na qual estampa sua marca. A mente, deste modo, está inteiramente sob compulsão externa; é levada a pensar isto ou aquilo, apesar de que,

REFLEXÕES VIII

no momento, talvez não tenha o menor impulso ou inclinação de fazê-lo.

Mas quando um homem pensa por si, segue o impulso de sua própria mente — seja pelo seu ambiente ou alguma lembrança particular determinada pelo momento. O mundo visível do ambiente de um homem não imprime — como a leitura faz — um único pensamento definido sobre sua mente, mas apenas proporciona o material e a ocasião que o levam a pensar naquilo que é apropriado à sua natureza e temperamento presentes. Por esse motivo, muita leitura retira toda a elasticidade da mente; é como manter uma fonte continuamente sob pressão. Se um homem não quer pensar por si, o plano mais seguro é pegar um livro toda vez que não tiver nada para fazer. É esta prática que explica por que erudição torna a maior parte dos homens mais estúpidos e tolos do que são por natureza, e previnem que seus escritos obtenham qualquer nível de sucesso. Estes permanecem, como o papa disse, “Para sempre lendo, nunca para serem lidos” [Dunciad iii. 194].

Homens do conhecimento são aqueles que leram páginas de livros. Pensadores e homens de gênio são aqueles que foram diretamente ao livro da natureza; foram estes que esclareceram o mundo e levaram a humanidade um passo adiante. De fato, apenas os pensamentos fundamentais de um homem têm veracidade e vida em si, pois estes são os únicos que compreendem realmente e completamente. Ler os pensamentos de outrem é como recolher os restos de uma refeição para a qual não fomos convidados ou colocar as roupas que um estranho abandonou. O pensamento que lemos está para o pensamento que surge em nós assim como a impressão fossilizada de alguma planta pré-histórica está para uma planta florescendo na primavera.

Ler não é mais que um substituto para o pensar por si; significa permitir que sejam colocadas guias nos pensamentos. Ademais, muitos livros servem apenas para demonstrar quantos caminhos errôneos existem, e quão amplamente um homem pode ser descaminhado se se permitir guiar por estes. Mas aquele que é guiado pelo seu gênio, aquele que pensa por si, que pensa espontaneamente e precisamente, possui a única bússola pela qual

REFLEXÕES VIII

pode se orientar corretamente. Portanto, um homem somente deveria ler quando a fonte de seus pensamentos estagnam — algo que ocorre frequentemente mesmo com as melhores mentes. Por outro lado, pegar um livro com o propósito de afugentar os próprios pensamentos é um pecado contra o Espírito Santo. É como fugir da natureza para observar um museu de plantas secas ou estudar uma bela paisagem em uma gravura.

Um homem pode ter alcançado alguma verdade ou sabedoria após ter devotado um grande tempo pensando por si sobre o assunto, interligando seus vários pensamentos, quando poderia ter encontrado o mesmo em um livro, poupando-o desse esforço. Mesmo assim, é cem vezes mais valioso que tenha o alcançado pensando por si. Pois é apenas quando alcançamos nosso conhecimento desse modo que este se introduz como uma parte integral, como um membro vivo no todo de nosso sistema de pensamento; que permanece em uma relação forte e completa com aquilo que sabemos; que é compreendido cabalmente com todas as suas implicações; que carrega a cor, a precisa sombra, a marca distintiva de nosso próprio modo de pensar; que chega precisamente na hora certa — quando dele sentimos necessidade; que se estabelece rapidamente e não pode ser esquecido. Esta é a perfeita aplicação — ou melhor, interpretação — do conselho de Goethe, de ganharmos nossa herança para que possamos realmente possuí-la: “O que o homem herda só o pode chamar de seu quando o utiliza.”

O homem que pensa por si forma suas opiniões e apenas posteriormente aprende as autoridades sobre estas, quando servem somente para fortalecer sua crença nelas e em si. Mas o filósofo livresco parte das autoridades; lê os livros de outrem, coleta suas opiniões, e assim constitui um todo para si — de tal forma que se assemelha a um autômato, cuja composição não compreendemos. Contrariamente, aquele que pensa por si se empenha como um homem vivente feito pela natureza. A mente pensante é alimentada pelo ambiente, a qual então forma e dá origem à sua criação.

A verdade que foi aprendida meramente como um membro artificial, um dente falso, um nariz de cera — ou, no melhor caso,

REFLEXÕES VIII

um nariz feito de carne de outrem — adere em nós apenas porque foi encaixada; mas a verdade obtida por meio do próprio pensamento é como um membro natural — pertence-nos por si só. Esta é a diferença fundamental entre o pensador e o mero homem do conhecimento. Deste modo, as aquisições intelectuais do homem que pensa por si são como uma pintura refinada cheia de vida — na qual a luz e a sombra estão corretas, o tom é contínuo e a cor perfeitamente harmonizada. Por outro lado, as aquisições intelectuais do mero homem do conhecimento são como uma grande paleta¹⁶ cheia de todos os tipos de cores que, no máximo, estão organizadas sistematicamente, mas sem harmonia, relação e significado.

Ler é pensar com a cabeça de outrem em vez da própria. Pensar por si é esforçar-se para desenvolver um todo coerente — um sistema, mesmo que não seja estritamente completo; nada atrapalha mais esse objetivo que fortalecer a corrente de pensamento de outrem, como acontece por meio da leitura contínua. Esses pensamentos, surgindo cada qual de mentes distintas, pertencentes a diferentes sistemas, trazendo diferentes cores, nunca confluem para um todo intelectual; nunca constituem uma unidade de conhecimento, *insight* ou convicção; pelo contrário, abarrotam a mente com uma confusão babilônica de línguas. Consequentemente, a mente sobrecarrega-se de pensamentos alheios, perdendo toda a clareza conceitual e tornando-se predominantemente desorganizada. Esse estado de coisas é observável em muitos homens do conhecimento, o que os torna inferiores em compreensão sólida, julgamento correto e diplomacia prática a muitos indivíduos iliteratos que, por meio da experiência, conversação e alguma leitura, adquiriram um modesto conhecimento independentemente — e sempre o fizeram subordinado e incorporado aos seus próprios pensamentos.

O verdadeiro pensador científico faz o mesmo que esses indivíduos iliteratos, mas em uma escala muito maior. Mesmo necessitando de

¹⁶ **Paleta:** chapa, ger. ovalada e de madeira, com um orifício para o polegar, sobre a qual os pintores colocam e misturam as tintas; palheta.

REFLEXÕES VIII

muito conhecimento e tendo de ler bastante, sua mente é poderosa o suficiente para dominar isso tudo — assimilá-lo e incorporá-lo ao seu sistema de pensamento, e assim subordiná-lo à unicidade orgânica de sua compreensão que, apesar de vasta, está sempre crescendo. Por meio desse processo, seu pensamento, como o grave em um órgão, sempre domina tudo e nunca se perde entre os outros tons, como acontece com mentes que estão repletas de conhecimentos antiquados — onde todos os tipos de passagens musicais se misturam e o tom fundamental perde-se completamente.

Aqueles que passaram suas vidas lendo e obtiveram seu conhecimento de livros são como pessoas que conseguiram informações precisas sobre um país a partir da descrição de muitos viajantes. Tais pessoas podem falar muito sobre muitas coisas; mas, em seu íntimo, não têm um conhecimento conectado, claro e profundo da verdadeira condição do país. Aqueles que passaram suas vidas pensando são como os próprios viajantes; apenas estes sabem de fato do que estão falando — compreendem o assunto inteiramente e nisso sentem-se em casa.

O pensador está para o filósofo livresco assim como a testemunha ocular está para o historiador; o primeiro fala a partir de sua própria compreensão direta do assunto. É esse o motivo pelo qual todos aqueles que pensam por si, no fundo, chegam a grande parte às mesmas conclusões; quando divergem, isso ocorre porque adotam diferentes pontos de vista — e quando esses não afetam a questão, todos falam o mesmo. Estes simplesmente exprimem o resultado de sua compreensão objetiva das coisas.

Há muitas passagens em minhas obras que apenas concedi ao público após alguma hesitação devido à sua natureza paradoxal; posteriormente tive a agradável surpresa de encontrar as mesmas opiniões registradas nos trabalhos de grandes homens de épocas anteriores.

O filósofo livresco meramente relata o que um indivíduo disse e o que outro quis dizer, ou as objeções levantadas por um terceiro, e assim por diante. Compara opiniões distintas, pondera, critica e

REFLEXÕES VIII

tenta chegar à verdade da questão; nesse aspecto, assemelhando-se ao historiador crítico. Tentará, por exemplo, descobrir se Leibnitz foi por algum tempo um seguidor de Spinoza, e questões dessa natureza. O estudante curioso de tais assuntos encontrará exemplos notáveis do que quero dizer no *Elucidação Analítica da Moralidade e do Direito Natural* de Herbart e no *Cartas sobre a Liberdade* do mesmo autor. É surpreendente que tal homem dê-se a esse tipo de trabalho; pois é evidente que se houvesse fixado sua atenção no assunto teria logo apreendido seu objeto pensando por si. Mas há uma pequena dificuldade a ser superada — isso não depende de nossa vontade. Um homem sempre pode sentar-se e ler —, mas não pensar. Pensamentos são como homens: não podemos invocá-los segundo nossa vontade — temos de esperar que venham. O pensamento sobre um assunto deve manifestar-se espontaneamente como uma feliz e harmoniosa combinação de estímulos externos com o temperamento mental e a atenção; e é justamente isso que nunca parece acontecer com tais pessoas.

Essa verdade pode ser ilustrada pelo que acontece em questões que concernem nosso interesse próprio. Quando é necessário chegar a uma resolução numa questão desse gênero, não podemos simplesmente sentar a qualquer momento, considerar as razões do caso e chegar a uma conclusão; pois, se tentamos fazê-lo, frequentemente nos vemos incapazes, naquele momento particular, de manter nossa mente focada naquele assunto; esta vagueia a outras coisas; um repúdio pelo assunto às vezes é responsável por isso. Em tal caso, não devemos usar a força, mas aguardar que o estado mental adequado manifeste-se por si só; com frequência este chega inesperadamente e mesmo repete-se; e a variedade de temperamentos nos quais o analisamos em diferentes momentos sempre coloca o assunto sob uma nova luz.

Esse é um longo processo que é compreendido pelo termo resolução madura. Pois a tarefa de chegar a uma conclusão precisa ser distribuída; no processo, muito daquilo que foi ignorado em um momento nos ocorre em outro; o repúdio desaparece quando percebemos — como ocorre comumente numa inspeção mais minuciosa — que as coisas não são tão ruins quando pareciam à

REFLEXÕES VIII

primeira vista.

Esta regra aplica-se à vida do intelecto assim como às questões práticas — o homem deve aguardar pelo momento certo; nem a maior das mentes é capaz de pensar por si todas as vezes. Portanto, uma grande mente faz bem em gastar seu tempo livre com leitura que, como disse, é um substituto para o pensamento próprio; novos materiais são importados à mente ao permitirmos que outrem pense por nós, apesar de que isso sempre seja feito de um modo distinto do nosso. Assim, um homem não deve ler em demasia a fim de que sua mente não se torne acostumada ao substituto e, conseqüentemente, esqueça a realidade; a fim de que não se acostume a seguir caminhos que já foram trilhados, seguindo um curso de pensamento alheio e esquecendo o próprio. De maneira alguma um homem deveria desviar sua atenção do mundo real em prol da leitura, pois o impulso e o estado que levam alguém a pensar por si procedem muito mais frequentemente do mundo da realidade que do mundo dos livros. A vida real que um homem vê diante de si é o objeto natural do pensamento; e, em sua força como elemento primário da existência, pode com a maior facilidade incitar e influenciar a mente pensante.

Após essas considerações, não será surpreendente que um homem que pensa por si pode ser facilmente diferenciado do filósofo livresco pelo próprio modo como fala, pela sua acentuada honestidade e a originalidade, retidão e convicção pessoal que marcam todos seus pensamentos e expressões. O filósofo livresco, por outro lado, deixa evidente que tudo nele é de segunda mão; suas ideias são como uma coleção de farrapos coletados de todos os cantos; mentalmente, é vagaroso e sem sentido — uma cópia de uma cópia. Seu estilo literário é repleto de frases convencionais, ou melhor, vulgares, e termos correntes; neste particular, assemelha-se muito a um pequeno Estado onde todo o dinheiro em circulação é estrangeiro, pois não há cunhagem própria.

A mera experiência toma o lugar do pensamento com a mesma precariedade da leitura. O simples empirismo está para o pensamento assim como comer está para a digestão e assimilação. Quando a experiência alardeia que sozinha, por meio de suas

REFLEXÕES VIII

descobertas, promoveu o avanço do conhecimento humano, está a proceder como uma boca que alega possuir todo o crédito por manter a saúde do corpo.

Os trabalhos das mentes realmente capazes se diferenciam pelo carácter de decisão e definição pelos quais se livram da obscuridade. Uma mente realmente capaz sempre sabe precisamente e claramente aquilo que deseja expressar — seja na forma de prosa, verso ou música. Outras mentes deixam a desejar em termos de decisão e clareza, e assim podem ser prontamente identificadas pelo que são.

O sinal característico de uma mente de primeira ordem é a retidão de seu julgamento — sempre julga em primeira mão. Tudo que profere é resultado do pensamento próprio; e isso se mostra patente pelo modo como exprime seus pensamentos. Tal mente é como um príncipe — no reino do intelecto sua autoridade é imperial, enquanto a autoridade das outras mentes é meramente delegada, como pode ser visto pelo seu estilo, que não tem um traço próprio.

Deste modo, todo aquele que realmente pensa por si é como um monarca — sua posição é absoluta, não reconhece ninguém acima de si. Seus julgamentos, como decretos reais, advêm de seu próprio poder soberano e procedem diretamente dele. Aceita a autoridade tão pouco quanto um monarca admite um comando; nada é válido a não ser que tenha autorizado pessoalmente. Por outro lado, a multidão de mentes vulgares, influenciadas por todos os tipos de opiniões populares, autoridades e preconceitos são como as pessoas que, em silêncio, obedecem à lei e aceitam ordem de superiores.

Aqueles que são ávidos e impacientes por resolver questões polêmicas citando autoridades realmente se satisfazem quando conseguem colocar a compreensão e o *insight* de outrem no campo — no lugar de seus próprios, que são precários. Seu número é legionário. Pois, como Sêneca diz, todos os homens preferem acreditar a exercitar o julgamento — *unusquisque mavult credere quam judicare* (qualquer um prefere crer do que julgar por si mesmo). Em suas controvérsias, tais pessoas comumente fazem um uso promíscuo do artifício da autoridade — atacam-se mutuamente com

REFLEXÕES VIII

esta. Se alguém se envolver em tal disputa, não obterá sucesso utilizando a razão e argumentação como defesa; pois contra uma arma desse gênero essas pessoas são como Siegfrieds¹⁷ com pele espinhosa, submersos numa enchente de incapacidade de pensar e julgar. Estes atacam levantando suas autoridades na tentativa de rebaixar o adversário — apelo à autoridade, e então gritam vitória.

No mundo real, seja este justo, favorável e agradável como for, sempre vivemos sujeitos à lei da gravidade, a qual temos de superar constantemente. Mas no mundo intelectual somos espíritos livres, sem o controle da lei da gravidade e livres da penúria e aflição. Por essa razão não há felicidade na terra como aquela que, no momento propício, uma mente refinada e frutuosa encontra em si.

A presença de um pensamento é como a presença da mulher amada. Imaginamos que nunca esqueceremos esses pensamentos nem nos tornaremos indiferentes à amada, mas fora da vista, fora da mente! O pensamento mais refinado corre o risco de ser irre recuperavelmente esquecido se não for anotado, e a amada de ser abandonada se com esta não nos casarmos.

Há muitos pensamentos que são valiosos ao homem que os pensa; mas poucos deles têm força para produzir uma ação repercussiva ou reflexiva — isto é, ganhar a simpatia do leitor após ter sido colocado no papel. Mas não se deve esquecer de que o verdadeiro valor está apenas no que um homem pensou diretamente para seu próprio caso. Pensadores podem ser classificados da seguinte forma: aqueles que predominantemente pensam para seu próprio caso e aqueles que pensam para o caso de outrem. Os primeiros são os genuínos pensadores independentes — estes de fato pensam e são de fato independentes; são os verdadeiros filósofos — somente estes a sério; o prazer e a felicidade de sua existência consiste em pensar.

¹⁷ **Siegfrieds**: na Saga dos Volsungos, Sigurd (ou Siegfried) é o filho póstumo de Sigmund com sua segunda esposa, Hiordis. Sigmund morre em batalha quando ataca Odin (sob disfarce), e Odin destrói sua espada. Ao morrer, Sigmund anuncia à Hiordis sua gravidez e a deixa os fragmentos de sua espada para o filho ainda não nascido.

REFLEXÕES VIII

Os outros são sofistas; desejam parecer aquilo que não são, e buscam sua felicidade naquilo que esperam receber do mundo — é nisso que consiste sua seriedade. Pode-se ver a qual das duas classes um homem pertence por intermédio de todo o seu estilo e conduta. Lichtenberg é um exemplo da primeira classe, enquanto Herder obviamente pertence à segunda.

Quando alguém considera quão vasto e quão próximo de nós está o problema da existência — esta nossa equívoca, atormentada, fugaz e onírica existência —, tão vasto e próximo que tão rapidamente quanto alguém o percebe, este ofusca e obscurece todos os outros problemas e objetivos; e quando alguém vê como todos os homens — com poucas e raras exceções — não têm uma consciência clara do problema — ou melhor, mal percebem sua presença —, mas ocupam-se com tudo, menos isso, e vivem a pensar somente para o dia presente e dificilmente para além da duração de seu futuro pessoal, enquanto explicitamente desistem do problema ou estão prontos para aceita-lo com o auxílio de algum sistema metafísico popular, satisfazendo-se com isso; quando alguém reflete sobre isso, pode adotar a opinião de que o homem só pode ser considerado um ser pensante num sentido muito remoto, e assim não sentir qualquer surpresa especial ante quaisquer traços de irreflexão ou tolice humanas; mas sabendo que, até certo ponto, a amplitude da visão intelectual de um homem normal de fato supera a do animal — cuja existência inteira assemelha-se a um presente contínuo sem qualquer consciência do futuro ou do passado —, mas não numa distância imensurável como normalmente se supõe.

Isso é, de fato, corroborado pelo modo como a maior parte dos homens conversa; vemos que seus pensamentos são podados, tornando impossível que desenvolvam a linha de seu discurso em qualquer sentido. Se esse mundo fosse povoado por seres realmente pensantes, o barulho de todo tipo não seria permitido até limites tão generosos, como é o caso com a maioria de suas formas horríveis e ao mesmo tempo inúteis. Se a natureza tivesse feito o homem para pensar, não lhe teria dado ouvidos; ou lhe teria equipado com abas de isolamento acústico — que são as invejáveis posses do morcego. Mas, na verdade, o homem é um pobre animal como o resto, e suas

REFLEXÕES VIII

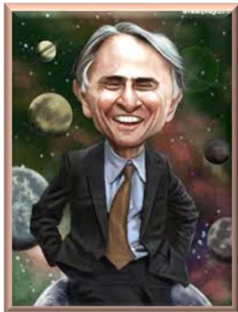
capacidades têm o único propósito de mantê-lo na luta pela existência; deste modo, precisa manter seus ouvidos sempre abertos para anunciar, dia e noite, a aproximação do perseguidor. ●

Arthur Schopenhauer: (1788-1860) filósofo alemão. Seu pensamento sobre o amor é caracterizado por não se encaixar em nenhum dos grandes sistemas de sua época.

LUIZ BIANCI

A refinada arte de detectar mentiras

Carl Sagan



A compreensão humana não é um exame desinteressado, mas recebe infusões da vontade e dos afetos; disso se originam ciências que podem ser chamadas “ciências conforme a nossa vontade”. Pois um homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade. Assim, ele rejeita coisas difíceis pela impaciência de pesquisar; coisas sensatas, porque diminuem a esperança; as coisas mais profundas da natureza, por superstição; a luz da experiência, por arrogância e orgulho; coisas que não são comumente aceitas, por deferência à opinião do vulgo. Em suma, inúmeras são as maneiras, e às vezes imperceptíveis, pelas quais os afetos coloreem e contaminam o entendimento. Francis Bacon, Novum organon (1620).

Meus pais morreram há anos. Eu era muito ligado a eles. Ainda sinto uma saudade terrível. Sei que sempre sentirei. Desejo acreditar que sua essência, suas personalidades, o que eu tanto amava neles, ainda existe – real e verdadeiramente – em algum lugar. Não pediria muito, apenas cinco ou dez minutos por ano, para lhes contar sobre os netos, pô-los ao corrente das últimas novidades, lembrar-lhes que eu os amo.

Uma parte minha – por mais infantil que pareça – se pergunta como é que estarão. “Está tudo bem?”, desejo perguntar. As últimas palavras que me vi dizendo a meu pai, na hora de sua morte, foram: “Tome cuidado”. Às vezes sonho que estou falando com meus pais, e de repente – ainda imerso na elaboração do sonho – sou tomado pela consciência esmagadora de que eles não morreram de verdade, de que tudo não passou de um erro horrível. Ora, ali estão eles, vivos e bem de saúde, meu pai fazendo piadas inteligentes, minha mãe muito séria me aconselhando a usar uma manta porque está

REFLEXÕES VIII

frio. Quando acordo, passo de novo por um processo abreviado de luto. Evidentemente, existe algo dentro de mim que está pronto a acreditar na vida após a morte. E que não está nem um pouco interessado em saber se há alguma evidência séria que confirme tal coisa. Por isso, não rio da mulher que visita o túmulo do marido e conversa com ele de vez em quando, talvez no aniversário de sua morte. Não é difícil de compreender. E se tenho dificuldades com o *status* ontológico¹⁸ daquele com que ela está falando, não faz mal. Não é isso que importa. O que importa é que os seres humanos são humanos.

Mais de um terço dos adultos norte-americanos acreditam que em algum nível estabeleceram contato com os mortos. O número parece ter dado um pulo de 15% entre 1977 e 1988. Um quarto dos norte-americanos acreditam em reencarnação. Mas isso não significa que estou disposto a aceitar as pretensões de um “médium”, que afirma canalizar os espíritos dos seres amados que partiram, quando tenho consciência de que a prática está cheia de fraudes. Sei o quanto desejo acreditar que meus pais só abandonaram os cascos de seus corpos, como insetos ou cobras na muda, e partiram para outro lugar. Compreendo que esses sentimentos poderiam me tornar uma presa fácil até de um trapaceiro pouco inteligente, de pessoas normais que desconhecem suas mentes inconscientes, ou dos que sofrem de uma desordem psiquiátrica dissociativa. Relutantemente, ponho em ação algumas reservas de ceticismo.

Como é, pergunto a mim mesmo, que os canalizadores nunca nos dão informações verificáveis que nos são inacessíveis por outros meios? Por que Alexandre, o Grande, nunca nos informa sobre a localização exata de sua tumba, Fermat sobre o seu último teorema, James Wilkes Booth sobre a conspiração do assassinato de Lincoln, Hermann Goering sobre o incêndio do Reichstag? Por que Sófocles,

¹⁸ **Ontologia:** segundo o aristotelismo, parte da filosofia que tem por objeto o estudo das propriedades mais gerais do ser, apartada da infinidade de determinações que, ao qualificá-lo particularmente, ocultam sua natureza plena e integral.

REFLEXÕES VIII

Demócrito e Aristarco não ditam as suas obras perdidas? Não querem que as gerações futuras conheçam as suas obras-primas?

Se fosse anunciada alguma evidência real de vida após a morte, desejaria muito examiná-la; mas teria de ser uma evidência real científica, e não simples anedota. Em casos como *A Face em Marte* e os raptos por alienígenas, eu diria que é melhor a verdade dura do que a fantasia consoladora. E, no cômputo final, revela-se frequentemente que os fatos são mais consoladores que a fantasia.

A premissa fundamental da “canalização”, do espiritismo e de outras formas de necromancia¹⁹, é que não morremos quando experimentamos a morte. Não exatamente. Continua a existir alguma parte de nós que pensa, sente e tem memória. Seja o que for – alma ou espírito, nem matéria nem energia, mas alguma outra coisa –, essa parte pode entrar novamente em corpos humanos ou de outros seres, e assim a morte perde grande parte da sua ferroada. E ainda mais: se as afirmações do espírito ou canalizador são verdadeiras, temos uma oportunidade de entrar em contato com os seres amados que morreram.

J.Z. Knight, do estado de Washington, afirma estar em contato com um ser de 35 mil anos chamado Ramtha. Ele fala inglês muito bem, usando a língua, os lábios e as cordas vocais de Knight, com um sotaque que me parece ser hindu. Como a maioria das pessoas sabe como falar, e muitas – de crianças a atores profissionais – têm um repertório de vozes a seu dispor, a hipótese mais simples sugere que é a própria sra. Knight que faz Ramtha falar, e que ela não tem contato com entidades desencarnadas da época pliocena glacial. Se há provas em contrário, gostaria muito de conhecer. Seria consideravelmente mais impressionante se Ramtha pudesse falar por si mesmo, sem a ajuda da boca da sra. Knight. Isso não sendo possível, como podemos testar a afirmação? (A atriz Shirley MacLaine afirma que Ramtha foi seu irmão em Atlântida, mas isso já é outra história). Vamos supor que Ramtha pudesse ser

¹⁹ **Necromancia:** suposta arte de adivinhar o futuro por meio de contato com os mortos.

REFLEXÕES VIII

interrogado. Poderíamos verificar se ele é quem afirma ser? Como é que ele sabe que viveu há 35 mil anos, mesmo aproximadamente? Que calendário emprega? Quem está tomando nota dos milênios intermediários? Trinta e cinco mil mais ou menos o quê? Como é que eram as coisas há 35 mil anos? Ou Ramtha tem realmente essa idade, e nesse caso vamos descobrir alguma coisa sobre esse período, ou é uma fraude e ele (ou melhor, ela) vai se trair.

Onde é que Ramtha vivia? (Sei que fala inglês com sotaque hindu, mas onde é que falavam assim há 35 mil anos?) Como era o clima? O que Ramtha comia? (Os arqueólogos têm alguma noção do que as pessoas comiam nessa época). Quais eram as línguas autóctones, e qual era a estrutura social? Com quem mais Ramtha vivia – com a mulher, mulheres, filhos, netos? Qual era o ciclo da vida, a taxa de mortalidade infantil, a expectativa de vida? Eles tinham controle populacional? Que roupas vestiam? Como elas eram fabricadas? Quais os predadores mais perigosos? Os instrumentos e as estratégias da caça e da pesca? Armas? Sexismo endêmico? Xenofobia e etnocentrismo? E, se Ramtha descendia da “elevada civilização” de Atlântida, onde estão os detalhes linguísticos, tecnológicos, históricos e de outra natureza? Como era a sua escrita? Respondam. Em lugar disso, a única coisa que recebemos são homilias banais.

Para dar outro exemplo, eis um conjunto de informações que não foram canalizadas de um morto antigo, mas de entidades não humanas desconhecidas que fazem círculos nas plantações, assim como foi registrado pelo jornalista Jim Schnabel:

“Estamos muito ansiosos por essa nação pecadora estar espalhando mentiras sobre nós. Não viemos em máquinas, não pousamos na Terra em máquinas [...]. Viemos como o vento. Somos a Força Vital. A Força Vital do solo [...]. Viemos até aqui [...]. Estamos apenas a um sopro de distância [...] a um sopro de distância [...] não estamos a milhões de milhas de distância [...] uma Força Vital que é mais potente que as energias no corpo humano. Mas nós nos reunimos num nível mais elevado de vida [...]. Não precisamos de nome. Vivemos num mundo paralelo ao seu, ao lado do seu [...]. Os muros se romperam. Dois homens surgirão do passado [...] o grande urso

REFLEXÕES VIII

[...] o mundo encontrará a paz.”

As pessoas dão atenção a essas maravilhas pueris, principalmente porque elas prometem algo parecido com a religião dos velhos tempos, mas sobretudo a vida depois da morte, até a vida eterna.

O versátil cientista britânico J.B.S. Haldane, que foi, entre muitas outras coisas, um dos fundadores da genética populacional, propôs certa vez uma perspectiva muito diferente para algo semelhante à vida eterna. Haldane imaginava um futuro distante em que as estrelas se obscureceram e o espaço foi preenchido em sua maior parte por um gás frio e fino. Ainda assim, se esperarmos bastante tempo, ocorrerão flutuações estatísticas na densidade desse gás. Ao longo de imensos períodos, as flutuações serão o suficiente para reconstituir um Universo parecido com o nosso. Se o Universo é infinitamente antigo, haverá um número infinito dessas reconstituições, apontava Haldane.

Assim, num Universo infinitamente antigo com um número infinito de nascimentos de galáxias, estrelas, planetas e vida, deve reaparecer uma terra idêntica em que você e todos os seus seres queridos voltarão a se reunir. Serei capaz de rever meus pais e apresentar-lhes os netos que eles não conheceram. E tudo isso não acontecerá apenas uma vez, mas um número infinito de vezes. Entretanto, de certo modo isso não oferece os consolos da religião. Se nenhum de nós vai lembrar o que aconteceu desta vez, a época que o leitor e eu estamos partilhando, as satisfações da ressurreição do corpo, pelo menos aos meus ouvidos, soam ocas.

Mas nessa reflexão subestimei o que significa infinidade. Na imagem de Haldane, haverá universos, na verdade um número infinito de universos, em que nossas mentes recordarão perfeitamente todas as vidas anteriores. A satisfação está à mão – moderada, no entanto, pela ideia de todos esses outros universos que também passarão a existir (novamente, não uma vez, mas um número infinito de vezes) com tragédias e horrores que superam em muito qualquer coisa que já experimentei desta vez.

Entretanto, o Consolo de Haldane depende do tipo de universo em que vivemos, e talvez de arcarmos, como, por exemplo, saber se há

REFLEXÕES VIII

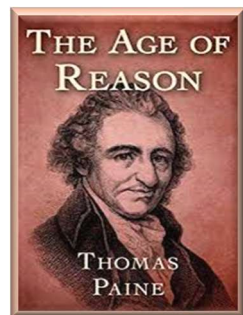
bastante matéria para finalmente reverter à expansão do universo, e o caráter das flutuações no vácuo. Ao que parece, aqueles que sentem um profundo desejo de vida após a morte poderiam se dedicar à cosmologia, à gravidade quântica, à física das partículas elementares e à aritmética transfinita.

Clemente de Alexandria, um dos padres da igreja primitiva, em suas *Exortações aos Gregos* (escritas em torno do ano 190), rejeitava as crenças pagãs em termos que pareceriam hoje em dia um pouco irônicos: “Estamos realmente longe de permitir que os homens adultos deem ouvidos a essas histórias. Mesmo aos nossos filhos, quando eles berram de cortar o coração, como se diz, não temos o hábito de contar histórias fabulosas para acalmá-los.”

Em nossa época, temos padrões menos severos. Contamos às crianças histórias sobre Papai Noel, o coelhinho da Páscoa e a fada do dente por razões que achamos emocionalmente sadias, mas depois, antes de crescerem, nós os desiludimos sobre esses mitos. Por que nos desdizemos? Porque o seu bem-estar como adulto depende de eles conhecerem o mundo tal como é. Nós nos preocupamos, e com razão, com os adultos que ainda acreditam em Papai Noel.

Sobre as religiões doutrinárias, escreveu o filósofo David Hume que: “os homens não ousam confessar, nem mesmo a seus corações, as dúvidas que têm a respeito desses assuntos. Eles valorizam a fé implícita; e disfarçam para si mesmos a sua real descrença, por meio das afirmações mais convictas e do fanatismo mais positivo.”

Essa descrença tem consequências morais profundas, como escreveu o revolucionário americano Tom Paine em *The Age of Reason*: “A descrença não consiste em acreditar, nem em desacreditar; consiste em professar que se crê naquilo que não se crê. É impossível calcular o dano moral, se é que posso chamá-lo assim, que a mentira mental tem causado na sociedade. Quando o homem corrompeu e prostituiu de tal modo a castidade de sua



REFLEXÕES VIII

mente, a ponto de empenhar a sua crença profissional em coisas que não acredita, ele está preparado para a execução de qualquer outro crime.”

A formulação de T.H. Huxley foi: “O fundamento da moralidade é [...] renunciar a fingir que se acredita naquilo que não comporta evidências, e a repetir proposições ininteligíveis sobre coisas que estão além das possibilidades do conhecimento.”

Clement, Hume, Paine e Huxley estavam todos falando de religião. Mas grande parte do que escreveram tem aplicações mais gerais. Por exemplo, para as importunidades disseminadas no pano de fundo de nossa civilização comercial: há um tipo de comercial de aspirina em que atores fingindo ser médicos revelam que o produto do concorrente tem apenas determinada fração do ingrediente analgésico que os médicos mais recomendam. Eles não dizem qual é o misterioso ingrediente. Enquanto o seu produto tem uma quantidade drasticamente maior (1,2 a duas vezes mais por comprimido). Por isso, comprem esse produto. Mas por que não tomar dois comprimidos do concorrente? Ou considere-se o caso do analgésico que funciona melhor do que o produto de “potência regular” do concorrente. Por que não tomar o produto de “potência extra” do outro fabricante? E eles certamente não falam nada sobre as mais de mil mortes por ano causadas pelo uso da aspirina nos Estados Unidos ou os aparentes 5 mil casos anuais de disfunção renal provocados pelo uso de acetaminofeno, de que a marca mais vendida é o Tylenol. (Isso, contudo, talvez represente um caso de correlação sem causalidade). Ou quem se importa em saber quais os cereais que têm mais vitamina, quando podemos tomar uma pílula de vitamina no café da manhã? Da mesma forma, que importa saber que um antiácido contém cálcio, se o cálcio serve para a nutrição e é irrelevante para a gastrite? A cultura comercial está cheia de informações errôneas e subterfúgios semelhantes à custa do consumidor. Não se devem fazer perguntas. Não pensem! Comprem!

As explicações pagas de produtos, especialmente se feitas por verdadeiros ou pretensos especialistas, constituem uma saraivada constante de logros. Revelam menosprezo pela inteligência dos

REFLEXÕES VIII

clientes. Criam uma corrupção insidiosa²⁰ das atitudes populares a respeito da objetividade científica. Hoje, existem até comerciais em que cientistas reais, alguns de considerável distinção, atuam como garotos-propaganda para as empresas. Eles nos ensinam que também os cientistas mentem por dinheiro. Como alertou Tom Paine, o fato de nos acostumarmos com mentiras cria o fundamento para muitos outros males.

Enquanto escrevo, tenho diante de mim o programa da Whole Life Expo, a exposição anual da Nova Era realizada em San Francisco. É comumente visitada por dezenas de milhares de pessoas. Ali, especialistas muito questionáveis fazem propaganda de produtos muito questionáveis. Eis algumas das apresentações: “Como proteínas presas no sangue produzem dor e sofrimento.” “Cristais, talismãs ou pedras?” (Tenho a minha opinião). Prossegue: “Assim como um cristal focaliza as ondas sonoras e luminosas para o rádio e a televisão” – o que é um erro insípido de quem não compreende como o rádio e a televisão funcionam –, “ele pode amplificar as vibrações espirituais para o ser humano afinado.” Ou mais esta: “O retorno da deusa, um ritual de apresentação.” Outra: “Sincronismo, a experiência do reconhecimento.” Essa é fornecida pelo “irmão Charles.” Ou, na página seguinte: “Você, Saint-Germain e a cura pela chama violeta.” E assim continua, com milhares de anúncios sobre as “oportunidades” – percorrendo a gama estreita que vai do dúbio ao espúrio – que se acham à disposição na Whole Life Expo.

Algumas vítimas de câncer, perturbadas, fazem peregrinações às Filipinas, onde “cirurgias mediúnicas”, depois de esconder na palma da mão pedaços de fígado de galinha ou coração de bode, fingem tocar nas entranhas do paciente e retirar o tecido doente, que é então triunfantemente exibido. Certos líderes de democracias ocidentais consultam regularmente astrólogos e místicos antes de tomar decisões de Estado. Sob a pressão pública por resultados, a polícia, às voltas com um assassinato não solucionado ou um corpo

²⁰ **Insidiosa**: que arma insídias; que prepara ciladas; enganador, traiçoeiro, pérfido.

REFLEXÕES VIII

desaparecido, consulta “especialistas” de ESP (percepção extrassensorial), que nunca adivinham nada além do esperado pelo senso comum, mas a polícia, dizem os ESPs, continua a chamá-los. Anuncia-se a previsão de uma divergência com nações adversárias, e a CIA, estimulada pelo Congresso, gasta dinheiro dos impostos para descobrir se podemos localizar submarinos nas profundezas do oceano concentrando o pensamento neles. Um “médium” – usando pêndulos sobre mapas e varinhas rbdomânticas em aviões – finge descobrir novos depósitos minerais; uma companhia mineira australiana lhe adianta elevada soma de dólares, irrecuperável em caso de fracasso, garantindo-lhe uma participação na exploração do minério em caso de sucesso. Nada é descoberto. Algumas estátuas de Jesus ou murais de Maria ficam manchados de umidade, e milhares de pessoas bondosas se convencem de que testemunharam um milagre. Todos esses são casos de mentiras provadas ou presumíveis.

Acontece um logro, ora de forma inocente, mas com a colaboração dos envolvidos, ora com premeditação cínica. Em geral, a vítima se vê presa de forte emoção – admiração, medo, ganância, dor. A aceitação crédula da mentira talvez nos custe dinheiro; é o que P.T. Barnum apontou, ao afirmar: “Nasce um otário a cada minuto.” Mas pode ser muito mais perigoso que isso, e quando os governos e as sociedades perdem a capacidade de pensar criticamente os resultados podem ser catastróficos – por mais que deploremos aqueles que engoliram a mentira.

Na ciência, podemos começar com resultados experimentais, dados, observações, medições, “fatos”. Inventamos, se possível, um rico conjunto de explicações plausíveis e sistematicamente confrontamos cada explicação com os fatos.

Ao longo de seu treinamento, os cientistas são equipados com um *kit* de detecção de mentiras. Este é ativado sempre que novas ideias são apresentadas para consideração. Se a nova ideia sobrevive ao exame das ferramentas do *kit*, nós lhe concedemos aceitação calorosa, ainda que experimental. Se possuímos essa tendência, se não desejamos engolir mentiras mesmo quando são confortadoras, há precauções que podem ser tomadas; existe um método testado

REFLEXÕES VIII

pelo consumidor, experimentado e verdadeiro.

O que existe no *kit*? Ferramentas para o pensamento cético. O pensamento cético se resume no meio de construir e compreender um argumento racional e – o que é especialmente importante – de reconhecer um argumento falacioso ou fraudulento. A questão não é se gostamos da conclusão que emerge de uma cadeia de raciocínio, mas se a conclusão deriva da premissa ou do ponto de partida e se essa premissa é verdadeira.

Eis algumas das ferramentas:

- ◇ Sempre que possível, deve haver confirmação independente dos “fatos”.
- ◇ Devemos estimular um debate substantivo sobre as evidências, do qual participarão notórios partidários de todos os pontos de vista.
- ◇ Os argumentos de autoridade têm pouca importância – as “autoridades” cometeram erros no passado. Voltarão a cometê-los no futuro. Uma forma melhor de expressar essa ideia é, talvez, dizer que na ciência não existem autoridades; quando muito, há especialistas.
- ◇ Devemos considerar mais de uma hipótese. Se alguma coisa deve ser explicada, é preciso pensar em todas as maneiras diferentes pelas quais poderia ser explicada. Depois devemos pensar nos testes que poderiam servir para invalidar sistematicamente cada uma das alternativas. O que sobreviver, a hipótese que resistir a todas as refutações nessa seleção darwiniana entre as “múltiplas hipóteses eficazes”, tem uma chance muito melhor de ser a resposta correta do que se tivéssemos simplesmente adotado a primeira ideia que prendeu nossa imaginação.
- ◇ Devemos tentar não ficar demasiado ligados a uma hipótese, só por ser a nossa. É apenas uma estação intermediária na busca do conhecimento. Devemos nos perguntar por que a ideia nos agrada. Devemos compará-la imparcialmente com as alternativas. Devemos verificar se é possível encontrar razões para rejeitá-la. Se não, outros o farão.

REFLEXÕES VIII

◇ Devemos quantificar. Se o que estiver sendo explicado é passível de medição, de ser relacionado a alguma quantidade numérica, seremos muito mais capazes de discriminar entre as hipóteses concorrentes. O que é vago e qualitativo é suscetível de muitas explicações. Há certamente verdades a serem buscadas nas muitas questões qualitativas que somos obrigados a enfrentar, mas encontrá-las é mais desafiador.

◇ Se há uma cadeia de argumentos, todos os elos na cadeia devem funcionar (inclusive a premissa) – e não apenas a maioria deles.

A Navalha de Occam. Essa maneira prática e conveniente de proceder nos incita a escolher a mais simples dentre duas hipóteses que explicam os dados com igual eficiência. Devemos sempre perguntar se a hipótese pode ser, pelo menos em princípio, falseada. As proposições que não podem ser testadas ou falseadas não valem grande coisa.

Considere-se a ideia grandiosa de que o nosso Universo e tudo o que nele existe é apenas uma partícula elementar – um elétron, por exemplo – num cosmos muito maior. Mas, se nunca obtemos informações de fora de nosso Universo, essa ideia não se torna impossível de ser refutada? Devemos poder verificar as afirmativas. Os cétricos inveterados devem ter a oportunidade de seguir o nosso raciocínio, copiar os nossos experimentos e ver se chegam ao mesmo resultado.

A confiança em experimentos cuidadosamente planejados e controlados é de suma importância, como tentei enfatizar antes. Não aprenderemos com a simples contemplação. É tentador ficarmos satisfeitos com a primeira explicação possível que passa pelas nossas cabeças. Uma é muito melhor que nenhuma. Mas o que acontece se podemos inventar várias? Como decidir entre elas? Não decidimos. Deixamos que a experimentação faça as escolhas para nós.

Francis Bacon indicou a razão clássica: “A argumentação não é suficiente para a descoberta de novos trabalhos, pois a sutileza da natureza é muitas vezes maior do que a sutileza dos argumentos.”

REFLEXÕES VIII

Os experimentos de controle são essenciais. Por exemplo, se alegam que um novo remédio cura uma doença em 20% dos casos, temos de nos assegurar se uma população de controle, ao tomar um placebo pensando que ingere a nova droga, também não experimenta cura espontânea da doença em 20% das vezes.

As variáveis devem ser separadas. Vamos supor que nos sentimos mareados²¹, e nos dão uma pulseira que pressiona os pontos indicados pela acupuntura e cinquenta miligramas de meclizina. Descobrimos que o mal-estar desaparece. O que causou o alívio – a pulseira ou a pílula? Só ficaremos sabendo se tomarmos uma sem usar a outra, na próxima vez em que ficarmos mareados. Agora vamos imaginar que não somos tão dedicados à ciência a ponto de querer ficar mareados. Nesse caso, não separamos as variáveis. Tomamos os dois remédios de novo. Conseguimos o resultado prático desejado; aprofundar o conhecimento, poderíamos dizer, não vale o desconforto de atingi-lo.

Frequentemente o experimento deve ser realizado pelo método “duplo cego”, para que aqueles que aguardam certa descoberta não fiquem na posição potencialmente comprometedor de avaliar os resultados. Ao testar um novo remédio, por exemplo, queremos que os médicos que determinam os sintomas a serem mitigados não fiquem sabendo a que pacientes foi ministrada a nova droga. O conhecimento poderia influenciar a sua decisão, ainda que inconscientemente. Em vez disso, a lista dos que sentiram alívio dos sintomas pode ser comparada com a dos que tomaram a nova droga, cada uma determinada independentemente. Só então podemos estabelecer a correlação existente. Ou, ao comandar uma identificação policial pelo reconhecimento de fotos ou dos suspeitos enfileirados, o oficial encarregado não deveria saber quem é o principal suspeito, para não influenciar a testemunha consciente ou inconscientemente.

Além de nos ensinar o que fazer na hora de avaliar uma afirmação, qualquer bom *kit* de detecção de mentiras deve também nos ensinar

²¹ **Mareado:** atordoado.

REFLEXÕES VIII

o que não fazer. Ele nos ajuda a reconhecer as falácias mais comuns e mais perigosas da lógica e da retórica.

Muitos bons exemplos podem ser encontrados na religião e na política, porque seus profissionais são frequentemente obrigados a justificar duas proposições contraditórias. Entre essas falácias estão:

◇ *Ad hominem* – expressão latina que significa “ao homem”, quando atacamos o argumentador e não o argumento (por exemplo: A reverenda dra. Smith é uma conhecida fundamentalista bíblica, por isso não precisamos levar a sério suas objeções à evolução);

◇ Argumento de autoridade (por exemplo: O presidente Richard Nixon deve ser reeleito porque ele tem um plano secreto para pôr fim à guerra no Sudeste da Ásia – mas, como era secreto, o eleitorado não tinha meios de avaliar os méritos do plano; o argumento se reduzia a confiar em Nixon porque ele era o presidente: um erro, como se veio a saber);

◇ Argumento das consequências adversas (por exemplo: Deve existir um Deus que confere castigo e recompensa, porque, se não existisse, a sociedade seria muito mais desordenada e perigosa talvez até ingovernável. Ou: O réu de um caso de homicídio amplamente divulgado pelos meios de comunicação deve ser julgado culpado; do contrário, será um estímulo para os outros homens matarem as suas mulheres);

◇ Apelo à ignorância – a afirmação de que qualquer coisa que não provou ser falsa deve ser verdade, e vice-versa (por exemplo: Não há evidência convincente de que os UFOs não estejam visitando a Terra; portanto, os UFOs existem – e há vida inteligente em outros lugares no Universo. Ou: Talvez haja setenta quasilhões de outros mundos, mas não se conhece nenhum que tenha o progresso moral da Terra, por isso ainda somos o centro do Universo). Essa impaciência com a ambiguidade pode ser criticada pela expressão: a ausência de evidência não é evidência da ausência;

◇ Alegação especial, frequentemente para salvar uma proposição em profunda dificuldade teórica (por exemplo: Como um Deus misericordioso pode condenar as gerações futuras a um tormento

REFLEXÕES VIII

interminável, só porque, contra as suas ordens, uma mulher induziu um homem a comer uma maçã? Alegação especial: Você não compreende a doutrina sutil do livre-arbítrio. Ou: Como pode haver um Pai, um Filho e um Espírito Santo igualmente divinos na mesma Pessoa? Alegação especial: Você não compreende o mistério da Santíssima Trindade. Ou: Como Deus permitiu que os seguidores do judaísmo, cristianismo e islamismo – cada um comprometido a seu modo com medidas heroicas de bondade e compaixão – tenham perpetrado tanta crueldade durante tanto tempo? Alegação especial: Mais uma vez você não compreende o livre-arbítrio. E, de qualquer modo, os movimentos de Deus são misteriosos);

◇ Petição de princípio, também chamada de supor a resposta (por exemplo: Devemos instituir a pena de morte para desencorajar o crime violento. Mas a taxa de crimes violentos realmente cai quando é imposta a pena de morte? Ou: A bolsa de valores caiu ontem por causa de um ajuste técnico e da realização de lucros por parte dos investidores. Mas há alguma evidência independente do papel causal do “ajuste” e da realização de lucros? Aprendemos realmente alguma coisa com essa pretensa explicação?);

◇ Seleção das observações, também chamada de enumeração das circunstâncias favoráveis, ou, segundo a descrição do filósofo Francis Bacon, contar os acertos e esquecer os fracassos (por exemplo: Um Estado se vangloria do presidente que gerou, mas se cala sobre os seus assassinos que matam em série);

◇ Estatística dos números pequenos – falácia aparentada com a seleção das observações (por exemplo: “Dizem que uma dentre cada cinco pessoas é chinesa. Como é possível? Conheço centenas de pessoas, e nenhuma delas é chinesa. Atenciosamente”. Ou: Tirei três setes seguidos. Hoje à noite não tenho como perder);

◇ Compreensão errônea da natureza da estatística (por exemplo: O presidente Dwight Eisenhower expressando espanto e apreensão ao descobrir que metade de todos os norte-americanos tem inteligência abaixo da média);

◇ Incoerência (por exemplo: Prepare-se prudentemente para enfrentar o pior na luta com um potencial adversário militar, mas

REFLEXÕES VIII

ignore parcimoniosamente projeções científicas sobre perigos ambientais, porque elas não são “comprovadas”. Ou: Atribua a diminuição da expectativa de vida na antiga União Soviética aos fracassos do comunismo há muitos anos, mas nunca atribua a alta taxa de mortalidade infantil nos Estados Unidos (no momento, a taxa mais alta das principais nações industriais) aos fracassos do capitalismo. Ou: Considere razoável que o Universo continue a existir para sempre no futuro, mas julgue absurda a possibilidade de que ele tenha duração infinita no passado);

◇ *Non sequitur* – expressão latina que significa “não se segue” (por exemplo: A nossa nação prevalecerá, porque Deus é grande. Mas quase todas as nações querem que isso seja verdade; a formulação alemã era Gott mit uns). Com frequência, os que caem na falácia *non sequitur* deixaram simplesmente de reconhecer as possibilidades alternativas;

◇ *Post hoc, ergo propter hoc* – expressão latina que significa “aconteceu após um fato, logo foi por ele causado” (por exemplo, Jaime Cardinal Sin, arcebispo de Manila: “Conheço [...] uma moça de 26 anos que aparenta sessenta porque ela toma a pílula [anticoncepcional] ”. Ou: Antes de as mulheres terem o direito de votar, não havia armas nucleares);

◇ Pergunta sem sentido (por exemplo: O que acontece quando uma força irresistível encontra um objeto imóvel? Mas se existe uma força irresistível, não pode haver objetos imóveis, e vice-versa);

◇ Exclusão do meio-termo, ou dicotomia falsa – considerando apenas os dois extremos num *continuum* de possibilidades intermediárias (por exemplo: Claro, tome o partido dele; meu marido é perfeito; eu estou sempre errada. Ou: Ame o seu país ou odeie-o. Ou: Se você não é parte da solução, é parte do problema);

◇ Curto prazo *versus* longo prazo – um subconjunto da exclusão do meio-termo, mas tão importante que o separei para lhe dar atenção especial (por exemplo: Não temos dinheiro para financiar programas que alimentem crianças mal nutridas e eduquem garotos em idade pré-escolar. Precisamos urgentemente tratar do crime nas ruas. Ou: Por que explorar o espaço ou fazer pesquisa de ciência

REFLEXÕES VIII

básica, quando temos tantas pessoas sem teto?);

◇ Declive escorregadio, relacionado à exclusão do meio-termo (por exemplo: Se permitirmos o aborto nas primeiras semanas da gravidez, será impossível evitar o assassinato de um bebê no final da gravidez. Ou, inversamente: Se o Estado proíbe o aborto até no nono mês, logo estará nos dizendo o que fazer com os nossos corpos no momento da concepção);

◇ Confusão de correlação e causa (por exemplo: Um levantamento mostra que é maior o número de homossexuais entre os que têm curso superior do que entre os que não o possuem; portanto, a educação torna as pessoas homossexuais. Ou: Os terremotos andinos estão correlacionados com as maiores aproximações do planeta Urano; portanto – apesar da ausência de uma correlação desse tipo com respeito ao planeta Júpiter, mais próximo e mais volumoso – o planeta Urano é a causa dos terremotos);

◇ Espantalho – caricaturar uma posição para tornar mais fácil o ataque (por exemplo: Os cientistas supõem que os seres vivos simplesmente se reuniram por acaso – uma formulação que ignora propositadamente a ideia darwiniana central, de que a natureza se constrói guardando o que funciona e jogando fora o que não funciona. Ou isso é também uma falácia em curto prazo/longo prazo – os ambientalistas se importam mais com aningas²² e corujas pintadas do que com gente);

◇ Evidência suprimida, ou meia verdade (por exemplo: Uma “profecia” espantosamente exata e muito citada do atentado contra o presidente Reagan é apresentada na televisão; mas – detalhe importante – foi gravada antes ou depois do evento? Ou: Esses abusos do governo pedem uma revolução, mesmo que não se possa fazer uma omelete sem quebrar alguns ovos. Sim, mas será uma

²² **Anhinga:** ave pelecaniforme, aquática, da fam. dos anhingídeos (Anhinga anhinga), que ocorre nas regiões tropicais das Américas, África, Ásia e Austrália; de até 88 cm de comprimento, pescoço fino, longo e anguloso, bico pontiagudo e serrilhado, macho de coloração negra com desenho branco sobre a asa, e fêmea com pescoço e peito pardacento-claros.

REFLEXÕES VIII

revolução que causará muito mais mortes do que o regime anterior? O que sugere a experiência de outras revoluções? Todas as revoluções contra regimes opressivos são desejáveis e vantajosas para o povo?);

◇ Palavras equívocas (por exemplo, a separação dos poderes na Constituição norte-americana especifica que os Estados Unidos não podem travar guerra sem uma declaração do Congresso. Por outro lado, os presidentes detêm o controle da política externa e o comando das guerras, que são potencialmente ferramentas poderosas para que sejam reeleitos. Portanto, os presidentes de qualquer partido político podem ficar tentados a arrumar disputas, enquanto desfraldam a bandeira e dão outros nomes às guerras – “ações policiais”, “incursões armadas”, “ataques de reação protetores”, “pacificação”, “salvaguarda dos interesses norte-americanos” e uma enorme variedade de “operações”, como a “Operação da Causa Justa”. Os eufemismos para a guerra são um dos itens de uma ampla categoria de reinvenções da linguagem para fins políticos. Talleyrand disse: “Uma arte importante dos políticos é encontrar novos nomes para instituições que com seus nomes antigos se tornaram odiosas para o público”).

Conhecer a existência dessas falácias lógicas e retóricas²³ completa o nosso conjunto de ferramentas. Como todos os instrumentos, o *kit* de detecção de mentiras pode ser mal empregado, aplicado fora do contexto, ou até usado como uma alternativa mecânica para o pensamento. Mas, aplicado judiciosamente, pode fazer toda a diferença do mundo – ao menos para avaliar os nossos próprios argumentos antes de os apresentarmos aos outros.

A indústria do tabaco norte-americana fatura cerca de 50 bilhões de dólares por ano. Há uma correlação estatística entre o fumo e o câncer, admite a indústria do fumo, mas não existe, dizem, uma relação causal. Uma falácia lógica está sendo cometida, é o que afirmam. O que significa tudo isso? Talvez as pessoas com

²³ **Retórica:** emprego de procedimentos enfáticos e pomposos para persuadir ou por exibição; discurso bombástico, enfático, ornamentado e vazio.

REFLEXÕES VIII

predisposições hereditárias para contrair câncer tenham predisposições hereditárias para drogas que viciam – assim, poderia haver uma correlação entre o câncer e o fumo, mas aquele não seria causado por este. Podem-se inventar conexões desse tipo, cada vez mais forçadas. Essa é exatamente uma das razões por que a ciência insiste em fazer experimentos de controle.

Vamos supor que se pintassem as costas de um grande número de camundongos com alcatrão de cigarro, e que também se observasse à saúde de um número quase idêntico de camundongos que não foram pintados. Se os primeiros contraem câncer e os segundos não, pode-se ter bastante certeza de que a correlação é causal. Trague a fumaça de tabaco, e a chance de contrair câncer aumenta; não trague, e a taxa permanece no nível básico. O mesmo vale para o enfisema, a bronquite e as doenças cardiovasculares.

Quando em 1953 se publicou a primeira obra na literatura científica mostrando que as substâncias presentes na fumaça do cigarro, quando espargidas nas costas de roedores, produzem tumores malignos, a reação das seis maiores companhias de tabaco foi começar uma campanha de relações públicas para impugnar a pesquisa, patrocinada pela Fundação Sloan Kettering. Uma reação semelhante à da Du Pont Corporation, quando em 1974 foi publicada a primeira pesquisa mostrando que seu produto freon ataca a camada protetora de ozônio. Há muitos outros exemplos.

É de se pensar que, antes de denunciar descobertas científicas indesejadas, as principais companhias deveriam empregar os seus consideráveis recursos para verificar a segurança dos produtos que se propõem fabricar. E, se perdessem algo, se cientistas independentes sugerissem um perigo, por que as companhias se oporiam? Prefeririam matar pessoas a perder lucros? Se, nesse mundo incerto, um erro precisa ser cometido, ele não deveria ter o objetivo de proteger os clientes e o público? E, por outro lado, o que esses casos revelam sobre a capacidade de o sistema de livre empresa policiar a si mesmo? Não são exemplos em que a interferência do governo é claramente a favor do interesse público?

Um relatório interno da Brown and Williamson Tobacco

REFLEXÕES VIII

Corporation, de 1971, lista como objetivo da companhia “afastar das mentes de milhões a falsa convicção de que fumar cigarros causa câncer de pulmão e outras doenças; uma convicção baseada em pressupostos fanáticos, rumores falaciosos, afirmações sem fundamento e declarações não científicas de oportunistas que buscam notoriedade.” Eles se queixam do ataque incrível, sem precedentes e abominável contra o cigarro, constituindo o maior libelo e a maior difamação já perpetrados contra um produto na história da livre empresa; um libelo criminoso de tão grandes proporções e implicações que é de se perguntar como essa cruzada de calúnias pode se acomodar sob a Constituição e esta pode ser tão desrespeitada e violada [sic].

Essa retórica é apenas um pouco mais inflamada do que a das declarações que a indústria de tabaco emite de tempos em tempos para consumo público. Há muitas marcas de cigarros que anunciam baixo nível de alcatrão (dez miligramas ou menos por cigarro). Por que isso é uma virtude? Porque é no alcatrão refratário que os hidrocarbonetos aromáticos policíclicos e algumas outras substâncias cancerígenas se concentram. As propagandas que enfatizam baixos teores de alcatrão não são uma admissão tácita das companhias de tabaco de que os cigarros realmente causam câncer?

A Healthy Building International é uma organização lucrativa, que recebe há anos milhões de dólares da indústria do fumo. Ela realiza pesquisas sobre fumo passivo, e presta declarações para as companhias de tabaco. Em 1994, três de seus técnicos reclamaram que altos executivos teriam falsificado dados sobre partículas de cigarro inaláveis no ar. Em todos os casos, os dados inventados ou “corrigidos” faziam a fumaça de cigarro parecer mais segura do que as medições dos técnicos haviam indicado.

Os departamentos de pesquisa da companhia ou as firmas do ramo contratadas já descobriram alguma vez que um produto é mais perigoso do que a empresa de tabaco declarou publicamente? Em caso positivo, mantiveram o emprego? O tabaco vicia; segundo muitos critérios, ainda mais do que a heroína e a cocaína. Havia uma razão para as pessoas “caminharem uma milha por um Camel”, como diziam os anúncios da década de 1940. Já morreram mais

REFLEXÕES VIII

pessoas por causa do fumo do que em toda a Segunda Guerra Mundial.

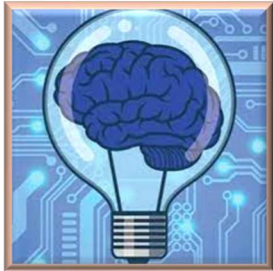
Segundo a Organização Mundial de Saúde, o fumo mata 3 milhões de pessoas por ano em todo o mundo. Esse número vai chegar a 10 milhões de mortes por ano em 2020 em parte devido a uma grande campanha publicitária que pinta o tabagismo como um hábito avançado e elegante para as jovens mulheres do mundo em desenvolvimento. É em parte por causa da falta disseminada de conhecimento sobre a detecção de mentiras, o pensamento crítico e o método científico que a indústria de tabaco consegue ser o fornecedor bem-sucedido dessa mistura de venenos que viciam.

A credulidade mata. ●

Carl Edward Sagan: (1934-1996) cientista, astrobiólogo, astrônomo, astrofísico, cosmólogo, escritor e divulgador científico norte-americano.

A maior farsa de todos os tempos

Ceticismo.net



Palavras do papa Leão X: “*Quantum nobis prodest haec fabula Christi*!” (“Quanto nos é útil esta fábula de Cristo!”). “A fábula de Cristo é de tal modo lucrativa que seria loucura advertir os ignorantes de seu erro.”
– Papa Leão X

“Não creia nos Evangelhos se a isso não me visse obrigado pela autoridade da Igreja.”
São palavras de Santo Agostinho. Com sua

cultura e inteligência, poderia hoje estar no rol dos que não creem.

A maior invenção da indústria da fé

Quando confrontados com um defensor do cristianismo, imediatamente aponte que a existência de Jesus não foi provada. Quando os defensores cristãos argumentam, usualmente apelam mais para as emoções do que para a razão, e tentarão te deixar embaraçado ao você negar a historicidade de Jesus. A resposta habitual é qualquer coisa do gênero de



“Negar a existência de Jesus não é tão tolo como negar a existência de Júlio César ou da Rainha Isabel?” Uma variação popular desta resposta, usada especialmente contra os judeus é “Negar a existência de Jesus não é como negar o Holocausto”? Então aponte que há amplas fontes históricas que confirmam a existência de Júlio César, da Rainha Isabel ou de qualquer outro que for nominado, enquanto que não existe evidência correspondente para Jesus.

Para se ser perfeitamente direto, arranje um tempo para fazer alguma investigação sobre as personagens históricas mencionadas pelos defensores do cristianismo e apresente fortes evidências da sua existência. Ao mesmo tempo desafie os defensores cristãos a

REFLEXÕES VIII

mostrar evidência similar da existência de Jesus. Aponte que embora a existência de Júlio César ou da Rainha Isabel, etc. seja universalmente aceita, o mesmo já não acontece com Jesus.

No Extremo Oriente, onde as maiores religiões são o budismo, o xintoísmo, o taoísmo e o confucionismo, Jesus é considerado como mais uma personagem da mitologia religiosa ocidental, a par com Thor, Zeus e Osíris. A maioria dos hindus não acredita em Jesus, mas os que acreditam consideram que ele é uma das muitas encarnações do deus hindu Vishnu. Os muçulmanos certamente acreditam em Jesus, mas rejeitam a história do Novo Testamento e consideram que ele foi um profeta que anunciou a vinda de Maomé. Eles negam explicitamente que ele tenha sido crucificado.

Em resumo, não há uma história de Jesus que seja uniformemente aceita pelo mundo inteiro. É este fato que põe Jesus num nível diferente para personalidades históricas estabelecidas. Se os defensores do cristianismo usarem o “argumento do Holocausto”, aponte que o Holocausto está bem documentado e que existem numerosos relatos de testemunhas oculares. Aponte que a maior parte das pessoas que negam o Holocausto eram semeadores de ódio antissemitico com credenciais fraudulentas.

Por outro lado, milhões de pessoas honestas na Ásia, que fazem a maioria da população mundial, não conseguiram ser convencidos pela história cristã de Jesus, na medida em que não há nenhuma evidência constrangedora da sua autenticidade. Os defensores do cristianismo insistirão que a história de Jesus é um fato bem estabelecido e irão argumentar que existem “muitas evidências que comprovam isso.” Insista em ver essas evidências e se recuse a ouvir enquanto eles não as apresentarem.

Se Jesus não foi uma personagem histórica, de onde veio toda a história do Novo Testamento em primeiro lugar? O nome hebreu para os cristãos sempre foi Notzrim. Esse nome é derivado da palavra hebraica neitzer, que significa broto ou rebento – um claro símbolo messiânico. Já havia pessoas chamadas Notzrim no tempo do Rabbi Yehoshua bem Perachyah (100 a.C.).

REFLEXÕES VIII

Apesar de os modernos cristãos afirmarem que o cristianismo só começou no primeiro século depois de Cristo, é claro que os cristãos do primeiro século em Israel se consideravam como sendo a continuação do movimento Notzri, que existia há cerca de 150 anos. Um dos mais notáveis Notzrim foi Yeishu ben Pandeira, também conhecido como Yeishu ha-Notzri. Os estudiosos do Talmude sempre mantiveram que a história de Jesus começou com Yeishu. O nome hebreu para Jesus sempre foi Yeishu, e o hebreu para “Jesus de Nazaré” sempre foi “Yeishu ha-Notzri” (o nome Yeishu é um diminutivo do nome Yeishua, e não de Yehoshua). É importante notar que Yeishu ha-Notzri não é um Jesus histórico, uma vez que o cristianismo moderno nega alguma conexão entre Jesus e Yeishu e, além do mais, partes do mito de Jesus são baseadas em outras personagens históricas além de Yeishu.

Sabemos pouco sobre Yeishu ha-Notzri. Todos os trabalhos modernos que o mencionam são baseados em informação retirada do Tosefta e do Baraitas – escritos feitos ao mesmo tempo do Mishna, mas não contidos neste, porque a informação histórica respeitante a Yeishu é tão danosa para o cristianismo, muitos autores cristãos (e também muitos judeus) tentaram desacreditar essa informação e inventaram muitos argumentos engenhosos para a explicarem. Muitos dos seus argumentos são baseados em mal-entendidos e citações errôneas do Baraitas, e para se ter uma imagem exata de Yeishu devem-se ignorar os autores cristãos e examinar o Baraitas diretamente.

A insuficiente informação contida no Baraitas é a seguinte: o Rabi Yehoshua ben Perachyah, num dado momento, repeliu Yeishu. As pessoas pensavam que Yeishu era um feiticeiro, considerando que ele tinha levado os judeus a desencaminharem-se. Como resultado de acusações feitas contra ele (os detalhes não são conhecidos, mas provavelmente envolveriam alta traição), Yeishu foi apedrejado e o seu corpo foi pendurado na véspera da Passagem. Antes disso, ele foi exibido durante 40 dias com um arauto que ia à sua frente anunciando que ele iria ser apedrejado e chamando por gente para avançar e o defenderem. Todavia, nada foi trazido em seu favor. Yeishu tinha cinco discípulos: Mattai, Naqai, Neitzer, Buni e Todah.

REFLEXÕES VIII

No Tosefta e no Baraitas, o nome do pai de Yeishu é Pandeira ou Panteiri. Estas são formas hebreu-aramaicas de um nome grego. Em hebreu, a terceira consoante do nome é escrita com um dalet ou com um tet. Comparando com outras palavras gregas transliteradas para o hebreu mostra que o original grego devia ter tido um delta como sua terceira consoante, e assim a única possibilidade para o nome grego do pai é Panderos. Como os nomes gregos eram comuns entre os judeus durante a época dos Macabeus, não é necessário assumir que ele era grego, como alguns autores o fizeram.

A falta de evidência histórica para Jesus

A resposta cristã habitual para os que questionam a historicidade de Jesus é manusear vários documentos como “evidência histórica” para a existência de Jesus. Eles normalmente começam com os evangelhos canônicos, ou seja, O Evangelho segundo S. Mateus, O Evangelho segundo S. Marcos, O Evangelho segundo S. Lucas e O Evangelho segundo S. João. A afirmação habitual é a de que estes são “registros de



testemunhas oculares sobre a vida de Jesus feitas pelos seus discípulos.” A resposta a este argumento pode ser resumida numa palavra – pseudepigráfico. Este termo refere-se a trabalhos de escrita cujos autores ocultam as suas verdadeiras identidades atrás de nomes de personagens lendárias do passado. A escrita pseudepigráfica era particularmente popular entre os judeus durante os períodos Asmoneu e Romano, e este estilo de escrita foi adotado pelos primeiros cristãos.

Os evangelhos canônicos não são os únicos evangelhos. Por exemplo, há também evangelhos de Maria, Pedro, Tomé e Filipe. Estes quatro evangelhos são reconhecidos como sendo pseudepigráficos tanto por escolares cristãos como não cristãos. Eles providenciam uma informação histórica ilegítima, dado que foram baseados em rumores e crenças. A existência desses óbvios evangelhos pseudepigráficos faz com que seja bastante racional suspeitar que os evangelhos canônicos poderão também ser

REFLEXÕES VIII

pseudepigráficos. O fato de que os primeiros cristãos escreviam evangelhos pseudepigráficos sugere que isto era de fato a norma. Deste modo, quando os missionários afirmam que os evangelhos canônicos não são pseudepigráficos é que se requerem provas.

O Evangelho segundo S. Marcos é escrito no nome de S. Marcos, o discípulo do mítico S. Pedro (S. Pedro é majoritariamente baseado no deus pagão Petra, que era o porteiro do céu e da vida depois da morte na religião egípcia). Até na mitologia cristã, S. Marcos não era discípulo de Jesus, mas um amigo de S. Paulo e S. Lucas. O Evangelho segundo S. Marcos foi escrito antes do Evangelho segundo S. Mateus e do Evangelho segundo S. Lucas (c. de 100 d.C.), mas depois da destruição do Templo em 70 d.C., que ele menciona. Muitos cristãos acreditam que foi escrito em c. 75 d.C. Essa data não é baseada em história, mas na crença de que um histórico S. Marcos escreveu o evangelho na sua velhice. Isso não é possível, dado que o estilo de linguagem usada em S. Marcos mostra que foi escrita (provavelmente em Roma) por um romano convertido ao cristianismo, cuja primeira língua era latim e não grego, hebreu ou aramaico.

De fato, como todos os outros evangelhos são escritos em nome de personagens lendárias do passado, o Evangelho segundo S. Marcos foi provavelmente escrito muito depois de algum 'marcos' histórico (se houve um!) ter morrido. O conteúdo do Evangelho segundo S. Marcos é uma coleção de mitos e lendas que foram, juntos, a formar uma narrativa contínua. Não há provas de que tenha sido baseado em qualquer fonte histórica de confiança. O Evangelho segundo S. Marcos foi alterado e editado muitas vezes, e a versão moderna provavelmente data de cerca de 150 d.C.

Clemente de Alexandria (150 d.C. – 215 d.C.) queixou-se acerca das versões alternativas deste evangelho, que ainda circulavam no seu tempo (os Carpocratianos, uma primeira facção cristã, consideravam a pederastia como sendo uma virtude, e Clemente queixou-se da sua versão do Evangelho, segundo S. Marcos, que contava as explorações homossexuais de Jesus com rapazes novos!).

O Evangelho segundo S. Mateus certamente não foi escrito pelo

REFLEXÕES VIII

apóstolo S. Mateus. A personagem de S. Mateus é baseada na personagem histórica chamada Mattai, que era um discípulo de Yeishu ben Pandeira (Yeishu, que viveu nos tempos Asmoneus, foi uma das várias pessoas históricas em quem a personagem de Jesus foi baseada).

O Evangelho segundo S. Mateus foi originalmente anônimo e só lhe foi imputado o nome de S. Mateus depois, durante a primeira metade do segundo século depois de Cristo. A forma primitiva foi provavelmente escrita mais ou menos ao mesmo tempo do Evangelho de S. Lucas (c. de 100 d.C.), pois nenhum dos dois parece saber do outro. Foi alterado e editado até cerca de 150 d.C. Os primeiros dois capítulos, que tratam da virgem dando à luz, não estavam na versão original, e os cristãos de Israel com descendência judaica preferiram esta primeira versão. Para suas fontes, usou o Evangelho segundo S. Marcos e uma coleção de ensinamentos referidos como a Segunda Fonte (ou o Documento Q).

A Segunda Fonte não sobreviveu como um documento isolado, mas todos os seus conteúdos são encontrados no Evangelho segundo S. Marcos e no Evangelho segundo S. Lucas. Todos os ensinamentos aí contidos podem ser encontrados no judaísmo. Os ensinamentos mais razoáveis podem ser encontrados no judaísmo ortodoxo, enquanto que os menos razoáveis podem ser encontrados no judaísmo sectário. Não há nada nele que requeira a nossa suposição da existência de um Jesus histórico real. Apesar de o Evangelho segundo S. Mateus e do Evangelho segundo S. Lucas atribuírem os ensinamentos neles contidos a Jesus, a Epístola de S. Tiago atribuiu a S. Tiago. Como foi visto, o Evangelho segundo S. Mateus não providencia nenhuma evidência histórica para Jesus.

O Evangelho de S. Lucas e o livro dos Atos dos Apóstolos (que eram duas partes de um mesmo trabalho) foram escritos em nome da personagem mitológica cristã de S. Lucas, o médico (que provavelmente não foi uma personagem histórica, mas uma adaptação cristã do deus grego da cura Lycos). Até na mitologia cristã, S. Lucas não foi um discípulo de Jesus, mas um amigo de S. Paulo. O Evangelho segundo S. Lucas e os Atos dos Apóstolos usam o livro de Flávio Josefo, Antiquidades Judaicas, como referência, e

REFLEXÕES VIII

assim não podiam ter sido escritos antes de 93 d.C. Nessa altura, qualquer amigo de S. Paulo estaria ou morto ou bem senil.

De fato, tanto estudiosos cristãos como não cristãos estão de acordo em que as primeiras versões dos dois livros foram escritas por um cristão anônimo em c. 100 d.C., e foram alterados e editados até c. 150 – 175 d.C. Além do livro de Flávio Josefo, o Evangelho segundo S. Lucas e os Atos dos Apóstolos também usam o Evangelho de S. Marcos e a Segunda Fonte como referências. Apesar de Flávio Josefo ser considerado mais ou menos de confiança, o autor anônimo muitas vezes lê ou entende mal Flávio Josefo, e, além disso, nenhuma das informações acerca de Jesus no Evangelho segundo S. Lucas e nos Atos dos Apóstolos vem de Flávio Josefo. Como se vê, o Evangelho segundo S. Lucas e os Atos dos Apóstolos não têm valor histórico.

O Evangelho segundo S. João foi escrito em nome do apóstolo João, o irmão de Tiago, filho de Zebedeu. O autor do Evangelho segundo S. Lucas usou tantas fontes quantas pôde obter, mas ele não tinha conhecimento do Evangelho segundo S. João. Assim, o Evangelho segundo S. João não podia ter sido escrito antes do Evangelho segundo S. Lucas (c. 100 d.C.). Conseqüentemente, o Evangelho segundo S. João não podia ter sido escrito pela semimítica personagem de S. João, o apóstolo, que era suposto ter sido morto por Herodes Agripa pouco antes da sua própria morte em 44 d.C. (S. João, o apóstolo, é aparentemente baseado num histórico discípulo do falso Messias, Theudas, que foi crucificado pelos romanos em 44 d.C., e cujos discípulos foram assassinados).

Jesus Cristo nunca existiu

Os pesquisadores que se dedicaram ao estudo das origens do cristianismo sabem que desde o segundo século de nossa era tem sido posta em dúvida a existência de Cristo. Muitos até mesmo entre os cristãos procuram provas históricas e materiais para fundamentar sua crença. Infelizmente, para eles e sua



REFLEXÕES VIII

fé, tal fundamento jamais foi conseguido, e a história cientificamente elaborada denota que a existência de Jesus é real apenas nos escritos e testemunhas daqueles que tiveram interesse religioso e material em prová-la. Desse modo, a existência, a vida e a obra de Jesus carecem de provas indiscutíveis.

Nem mesmo os Evangelhos constituem documento confiável. As bibliotecas e museus guardam escritos e documentos de autores que teriam sido contemporâneos de Jesus e que não fazem qualquer referência a ele. Por outro lado, a ciência histórica tem se recusado a dar crédito aos documentos oferecidos pela Igreja, com intenção de provar a existência física desta figura. Ocorre que tais documentos, originariamente, não mencionavam sequer o nome de Jesus; todavia, foram falsificados, rasurados e adulterados visando a suprir a ausência de documentação verdadeira. Por outro lado, muito do que foi escrito como prova da inexistência de Jesus Cristo foi destruído pela Igreja, defensivamente. Assim é que, por falta de documentos verdadeiros e indiscutíveis, a existência de Jesus tem sido posta em dúvida desde os primeiros séculos desta era, apesar de a Igreja ter tentado destruir a tudo e a todos os que ousaram contestar os seus pontos de vista, os seus dogmas.

Por tudo isso é que o Papa Pio XII, em 1955, falando para um Congresso Internacional de História em Roma, disse: “Para os cristãos, o problema da existência de Jesus Cristo concerne à fé, e não à história.” Emílio Bossi, em seu livro intitulado *Jesus Cristo Nunca Existiu*, compara Jesus Cristo a Sócrates, que igualmente nada deixou escrito. No entanto, faz ver que Sócrates só ensinou o que é natural e racional, ao passo que Jesus teria se preocupado apenas com o sobrenatural. Sócrates teve como discípulos pessoas naturais, de existência comprovada, cujos escritos, produção cultural e filosófica passaram à história como Platão, Xenófanes, Euclides, Esquino, Fédon. Enquanto isso, Jesus teria por discípulos alguns homens analfabetos como ele próprio teria sido, que apenas repetiriam os velhos conceitos e preconceitos



REFLEXÕES VIII

talmúdicos.

Sócrates, que viveu 5 séculos antes de Cristo e nada escreveu, jamais teve sua existência posta em dúvida. Jesus Cristo, que teria vivido tanto tempo depois, mesmo nada tendo escrito, poderia, apesar disso, ter deixado provas de sua existência. Todavia, nada tem sido encontrado que mereça fé. Seus discípulos nada escreveram. Os historiadores não lhe fizeram qualquer alusão. Além disso, sabemos que, desde o século II, os judeus ortodoxos e muitos homens cultos começaram a contestar a veracidade da existência de tal ser, sob qualquer aspecto, humano ou divino. Estavam, assim, os homens divididos em duas posições: a dos que, afirmando a realidade de sua existência, divindade e propósitos de salvação, perseguiram e matavam impiedosamente aos partidários da posição contrária, ou seja, àqueles cultos e audaciosos que tiveram a coragem de contestá-los.

O imenso poder do Vaticano tornou a libertação do homem da tutela religiosa difícil e lenta. O liberalismo que surgiu nos últimos séculos contribuiu para que homens cultos e desejosos de esclarecer a verdade tentassem, com bastante êxito, mostrar a mistificação que tem sido a base de todas as religiões, inclusive do cristianismo. Surgiram também alguns escritos elucidativos, que por sorte haviam escapado à caça e à queima em praça pública. Fatos e descobertas desta natureza contribuíram decisivamente para que o mundo de hoje tenha uma concepção científica e prática de tudo que o rodeia, bem como de si próprio, de sua vida, direitos e obrigações.

A sociedade atualmente pode estabelecer os seus padrões de vida e moral, e os seus membros podem observá-los e respeitá-los por si mesmos, pelo respeito ao próximo e não pelo temor que lhes incute a religião. Contudo, é lamentavelmente certo que muitos ainda se conservam subjugados pelo espírito de religiosidade, presos a tabus caducos e inaceitáveis. Jesus Cristo foi apenas uma entidade ideal, criada para fazer cumprir as escrituras, visando a dar sequência ao judaísmo em face da diáspora, destruição do templo e de Jerusalém. Teria sido um arranjo feito em defesa do judaísmo que então morria, surgindo uma nova crença.

REFLEXÕES VIII

Ultimamente, têm-se evidenciado as adulterações e falsificações documentárias praticadas pela Igreja, com o intuito de provar a existência real de Cristo.

Modernos métodos como, por exemplo, o método comparativo de Hegel, a grafotécnica e muitos outros, denunciaram a má-fé dos que implantaram o cristianismo sobre falsas bases com uma doutrina tomada por empréstimos de outros mais vivos e inteligentes do que eles, assim como denunciaram os meios fraudulentos de que se valeram para provar a existência do inexistente.

É de se supor que, após a fuga da Ásia Central, com o tempo os judeus foram abandonando o velho espírito semita, para irem-se adaptando às crenças religiosas dos diversos povos que já viviam na Ásia Menor. Após haverem passado por longo período de cativo no Egito, e, posteriormente, por duas vezes na Babilônia, não estranhamos que tenham introduzido no seu judaísmo primitivo as bases das crenças dos povos com os quais conviveram. Sendo um dos povos mais atrasados de então, e na qualidade de cativos, por onde passaram, salvo exceções, sua convivência e ligações seria sempre com a gente inculta, primária e humilde. Assim é que, em vez de aprenderem ciências como astronomia, matemática, sua impressionante legislação, aprenderam as superstições do homem inculto e vulgar.

Quando cativos na Babilônia, os sacerdotes judeus que constituíram a nata do seu meio social, nas horas vagas, iam copiando o folclore e tudo o que achassem de mais interessante em matéria de costumes e crenças religiosas, do que resultaria mais tarde compendiar tudo em um só livro, o qual recebeu o nome de Talmud, o livro do saber, do conhecimento, da aprendizagem. Por uma série de circunstâncias, o judeu foi deixando, aos poucos, a atividade de pastor, agricultor e mesmo de artífice, passando a dedicar-se ao comércio. A atividade comercial do judeu teve início quando levados cativos para a Babilônia, por Nabucodonosor, e intensificou-se com o decorrer do tempo, e ainda mais com a perseguição que lhe moveria o próprio cristianismo, a partir do século IV.

Daí em diante, a preocupação principal do povo judeu foi extinguir

REFLEXÕES VIII

de seu meio o analfabetismo, visando com isso ao êxito de seus negócios. Deve-se a este fato ter sido o judeu o primeiro povo no meio do qual não haveria nenhum analfabeto. Assim, chegando a Roma e a Alexandria, encontrariam ali apenas a prática de uma religião de tradição oral, portanto, terreno propício para a introdução de novas superstições religiosas. Dessa conjuntura é que nasceu o cristianismo, o máximo de mistificação religiosa de que se mostrou capaz a mente humana. O judeu da diáspora conseguiu o seu objetivo. Com sua grande habilidade, em pouco tempo o cristianismo caiu no gosto popular, penetrando na casa do escravo e de seu senhor, invadindo inclusive os palácios imperiais. Crestus, o Messias dos essênios, pelo qual parece terem optado os judeus para a criação do cristianismo, daria origem ao nome de Cristo, cristão e cristianismo.

As provas e as contraprovas

A Igreja serviu-se de farta documentação, conforme já mencionamos anteriormente, com a intenção de provar a existência de Cristo. No entanto, a história ignora Cristo completamente. Quanto aos autores profanos que pretensamente teriam escrito a seu respeito, foram nesta parte falsificados. Por outro lado, documentos históricos demonstram sua inexistência. As provas históricas merecem nosso crédito, porque pertencem à categoria dos fatos certos e positivos, e constituem testemunhos concretos e válidos de escritores de determinadas escolas.



A interpretação da Bíblia e da mitologia comparada não resiste a uma confrontação com a história. Flávio Josefo, Justo de Tiberíades, Filon de Alexandria, Tácito, Suetônio e Plínio, o Jovem, teriam feito em seus escritos, referências a Jesus Cristo. Todavia, tais escritos após serem submetidos a exames grafotécnicos, revelaram-se adulterados no todo ou em parte, para não se falar dos que foram totalmente destruídos. Além disso, as referências feitas a Crestus, Cristo ou Jesus, não são feitas exatamente a respeito do Cristo dos cristãos.

REFLEXÕES VIII

Seria mesmo difícil estabelecer qual o cristo seguido pelos cristãos, visto que esse era um nome comum na Galileia e Judeia. Segundo Tácito, judeus e egípcios foram expulsos de Roma por formarem uma só e mística superstição cristã. As expulsões ocorreram duas vezes no tempo de Augusto e a terceira vez no governo de Tibério, no ano 19 desta era. Tais expulsões desmentem a existência de Jesus, porquanto, ocorreram quando ainda o nome de cristão aplicava-se a superstição judaico-egípcia, a qual se confundiu com o cristianismo.

Filon de Alexandria, apesar de ter contribuído poderosamente para a formação do cristianismo, seu testemunho é totalmente contrário à existência de Cristo. Filon havia escrito um tratado sobre o Bom Deus “Serapis”, tratado este que foi destruído. Os evangelhos cristãos se assemelham muito a ele, e os falsificadores não hesitaram em atribuir as referências como sendo feitas a Cristo.

Os historiadores mostram que essa religião nasceu em Alexandria, e não em Roma ou Jerusalém. Fazem ver que ela nasceu das ideias de Filon que, platonizando e helenizando o judaísmo, escreveu boa parte do Apocalipse. A mesma transformação que o cristianismo dera ao judaísmo ao introduzir-lhe o paganismo e a idolatria, Filon imprimira nessa crença, até então apenas terapeuta, dando-lhe feição grega, de cunho platônico. Embora tenha sido de certo modo o precursor do cristianismo, não deixou a menor prova de ter tomado conhecimento da existência de Jesus Cristo, o mago rabi, e isto é lógico porque o cristianismo só iria ser elaborado muito depois de sua morte. Bastaria o silêncio de Filon para provar estarmos diante de uma nova criação mitológica, de cunho metafísico. Entretanto, escrevendo como cristão, os lançadores do cristianismo louvaram-se nas suas ideias e escritos.

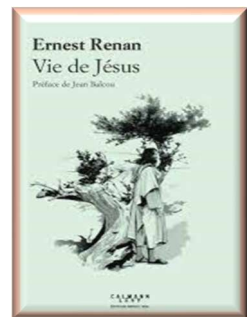
Tivesse Jesus realmente existido, jamais Filon deixaria de falar em seu nome, descreveria certamente sua vida miraculosa. Filon relata os principais acontecimentos de seu tempo, do judaísmo e de outras crenças, não mencionando, porém, nada sobre Jesus. Cita Pôncio Pilatos e sua atuação como procurador da Judeia, mas não se refere ao julgamento de Jesus a que ele teria presidido. Fala igualmente dos essênios e de sua doutrina comuna dizendo tratar-se de uma

REFLEXÕES VIII

seita judia, com mosteiro à margem do Jordão, perto de Jerusalém. Quando no reinado de Calígula, esteve em Roma defendendo os judeus, relata diversos acontecimentos da Palestina, mas não menciona nada a respeito de Jesus, seus feitos ou sua sorte e destino.

Filon, que foi um dos judeus mais ilustres de seu tempo, e sempre esteve em dia com os acontecimentos, jamais omitiria qualquer notícia acerca de Jesus, cuja existência, se fosse verdadeira, teria abalado o mundo de então. Impossível admitir-se tal hipótese, portanto. Por isso é que M. Dide fez ver que, diante do silêncio de homens extraordinários como Filon, os acontecimentos narrados pelos evangelistas não passam de pura fantasia religiosa. Seu silêncio é a sentença de morte da existência de Jesus. O mesmo silêncio se estende aos apóstolos, assinala Emílio Bossi. Evidencia que tudo quanto está contido nos Evangelhos refere-se a personalidades irreais, ideais, sobrenaturais de inexistentes taumaturgos²⁴.

O silêncio de Filon e de outros se estende não apenas a Jesus, mas também aos seus pretensos apóstolos, a José, a Maria, seus filhos e toda a sua família. Flávio Josefo, tendo nascido no ano 37, e escrevendo até 93 sobre judaísmo, cristianismo, terapeuta, messias e cristos, nada disse a respeito de Jesus Cristo. Justo de Tiberíades, igualmente não fala em Jesus Cristo, conquanto houvesse escrito uma história dos judeus, indo de Moisés ao ano 50. Ernest Renan, em sua obra *Vie de Jésus*, apesar de ter tentado biografar Jesus, reconhece o pesado silêncio que fizeram cair sobre o pretense herói do cristianismo. Os gregos, os romanos e os hindus dos séculos I e II jamais ouviram falar na existência física de Jesus Cristo. Nenhum dos historiadores ou escritores,



²⁴ **Taumaturgo:** que ou quem opera milagres (diz-se esp. de santos católicos); milagreiro.

REFLEXÕES VIII

judeus ou romanos, que viveram ao tempo em que pretensamente teria vivido Jesus, ocupou-se dele expressamente. Nenhum dedicou-lhe atenção. Todos foram omissos quanto a qualquer movimento religioso ocorrido na Judeia, chefiado por Jesus. A história não só contesta a tudo o que vem dos Evangelhos, como prova que os documentos em que a Igreja se baseou para formar o cristianismo foram todos inventados ou falsificados no todo ou parte, para esse fim.

A Igreja sempre dispôs de uma equipe de falsários, que se dedicaram afanosamente a adulterar e falsificar os documentos antigos com o fim de pô-los de acordo com os seus cânones. O piedoso e culto bispo de Cesareia, Eusébio, como muitos outros tonsurados²⁵, receberam ordens papais para realizar modificações em importantes papéis da época, adulterando-os e emendando-os segundo suas conveniências.

Graças a esses criminosos arranjos, a Igreja terminaria autenticando impunemente sua novela religiosa sobre Jesus Cristo, sua família, seus discípulos e o seu tempo. Conan Doyle imortalizou o seu personagem, Sherlock Holmes, assim como Goethe ao seu Werther. Deram-lhes vida e movimento como se fossem pessoas reais, de carne e ossos. Muitos outros escritores imortalizaram-se também por meio de suas obras, contudo, sempre ficou patente serem elas pura ficção, sem qualquer elo que as ligasse com a vida real. Produzem um trabalho honesto e honrado aqueles que assim procedem, ao contrário daqueles que deturpam os trabalhos assinados por eminentes escritores, com o objetivo premeditado de iludir a boa-fé do próximo. E procedimento que, além de criminoso, revela a incapacidade intelectual daqueles que precisam se valer de tais meios para alcançar seus escusos objetivos.

As falsificações

Os únicos autores que poderiam ter escrito a respeito de Jesus

²⁵ **Tonsurar**: coroa dos clérigos; corte redondo dos cabelos no topo da cabeça dos eclesiásticos; cercilho.

REFLEXÕES VIII

Cristo, e como tal foram apresentados pela Igreja, foram Flávio Josefo, Tácito Suetônio e Plínio. Invocando o testamento de tais escritores, a Igreja pretendeu provar que Jesus Cristo teve existência física, e incutir como verdade na mente dos povos todo o romance que gira em torno da personalidade fictícia de Jesus. Contudo, a ciência histórica, por meio de métodos modernos de pesquisa, demonstra hoje que os autores em questão foram falsificados em seus escritos. Estão evidenciadas súbitas mudanças de assunto para intercalações feitas posteriormente por terceiros. Após a prática da fraude, há o regresso ao assunto originalmente abordado pelo autor.

Tomemos, primeiramente, Flávio Josefo como exemplo. Ele escreveu a história dos acontecimentos judeus na época em que pretensamente Jesus teria existido. Os falsificadores aproveitaram-se então de seus escritos e acrescentaram: “Naquele tempo nasceu Jesus, homem sábio, se é que se pode chamar homem, realizando coisas admiráveis e ensinando a todos os que quisessem inspirar-se na verdade. Não foi só seguido por muitos hebreus, como por alguns gregos. Era o Cristo. Sendo acusado por nossos chefes do nosso país ante Pilatos, este o fez sacrificar. Seus seguidores não o abandonaram nem mesmo após sua morte. Vivo e ressuscitado, reapareceu ao terceiro dia após sua morte, como o haviam predito os santos profetas, quando realiza outras mil coisas milagrosas. A sociedade cristã, que ainda hoje subsiste, tomou dele o nome que usa.”

Depois deste trecho, passa a expor um assunto bem diferente no qual refere-se a castigos militares infligidos ao povoado de Jerusalém. Mais adiante, fala de alguém que conseguira seus intentos com certa dama fazendo-se passar como a humanização do deus Anubis, graças aos ardis dos sacerdotes de Ísis. As palavras a Flávio atribuídas são as de um apaixonado cristão. Flávio jamais escreveria tais palavras, porquanto, além de ser um judeu convicto, era um homem culto e dotado de uma inteligência excepcional. O próprio Padre Gillet reconheceu em seus escritos ter havido falsificações nos textos de Flávio, afirmando ser inacreditável que ele seja o autor das citações que lhe foram imputadas.

REFLEXÕES VIII

Além disso, as polêmicas de Justino, Tertuliano, Orígenes e Cipriano contra os judeus e os pagãos demonstram que Flávio não escreveu nem uma só palavra a respeito de Jesus. Estranhando o seu silêncio, classificaram-no de partidário e faccioso. No entanto, um escritor com o seu mérito escreveria livros inteiros acerca de Jesus, e não apenas um trecho. Bastaria, para isto, que o fato realmente tivesse acontecido. Seu silêncio, no caso, é mais eloquente do que as próprias palavras. Exibindo os escritos de Flávio, Fócio afirmava que nenhum judeu contemporâneo de Jesus ocupara-se dele. A luta de Fócio, que viveu entre os anos de 820 a 895, e foi patriarca de Constantinopla, teve início justamente por achar desnecessário a Igreja lançar mãos de meios escusos para provar a existência de Jesus. Disse que bastaria um exemplar autêntico não adulterado pela Igreja e fora do seu alcance para pôr em evidência as fraudes praticadas com o objetivo de dominar de qualquer forma.

Embora crendo em Jesus Cristo, combateu vivamente os meios sub-reptícios empregados pelos papas, razão por que foi destituído do patriarcado bizantino e excomungado. De suas 280 obras, apenas restou o Myriobiblion, tendo o resto sido consumido, provavelmente por ordem do papa.

Tácito escreveu: “Nero, sem armar grande ruído, submeteu a processos e a penas extraordinárias aos que o vulgo chamava de cristãos, por causa do ódio que sentiam por suas atrapalhadas. O autor fora Cristo, a quem, no reinado de Tibério, Pôncio Pilatos supliciará. Apenas reprimida essa pernicioso superstição, fez novamente das suas, não só na Judeia, de onde proviera todo o mal, senão na própria Roma, para onde se confluíram de todos os pontos os sectários, fazendo coisas as mais audazes e vergonhosas. Pela confissão dos presos e pelo juízo popular, viu-se tratar-se de incendiários professando um ódio mortal ao gênero humano.”

Conhecendo muito bem o grego e o latim, Tácito não confundiria referências feitas aos seguidores de Cristo com os de Crestus. As incoerências observadas nessa intercalação demonstram não se tratar dos cristãos de Cristo, nem a ele se referir. Lendo-se o livro em questão, percebe-se perfeitamente o momento da interpelação.

REFLEXÕES VIII

Afirmar que fora Cristo o instigador dos arruaceiros é uma calúnia contra o próprio Cristo.

E conforme já nos referimos anteriormente, os cristãos seguidores de Cristo eram muito pecados e não procuravam despertar atenção das autoridades para si. Como dizer em um dado momento que eles eram retraídos e, em seguida, envolvê-los em brigas e coisas piores? É apenas mais uma das contradições de que está repleta a história da Igreja. Ganeval afirma que foram expulsos de Roma os hebreus e os egípcios, por seguirem a mesma superstição. Deduz-se então que não se referia aos cristãos, seguidores de Jesus Cristo. Referia-se aos essênios, seguidores de Crestus, vindos de Alexandria.

A Igreja não conseguiu pôr as mãos nos livros de Ganeval, o que contribuiu consideravelmente para lançar uma luz sobre a verdade. Por intermédio de seus escritos, surgiu a possibilidade de se provar a quais cristãos, exatamente, referia-se Tácito. Suetônio teria sido mais breve em seu comentário a respeito do assunto. Escreveu que “Roma expulsou os judeus instigados por Crestus, porque promoviam tumultos.” É evidente, também, a falsificação praticada em uma carta de Plínio a Trajano, quando perguntava o que fazer sobre os cristãos, assunto já abordado anteriormente. O referido texto, após competente exame grafotécnico, revelou-se adulterado. É como se Plínio quisesse demonstrar, não apenas a existência histórica de Jesus, mas sua divindade, simbolizando a adoração dos cristãos. É o quanto basta para evidenciar a fraude.

Se Jesus Cristo realmente tivesse existido, a Igreja não teria necessidade de falsificar os escritos desses escritores e historiadores. Haveria, certamente, farta e autêntica documentação a seu respeito, detalhando sua vida, suas obras, seus ensinamentos e sua morte. Aqueles que o omitiram, se tivesse de fato existido, teriam falado dele abundantemente. Os mínimos detalhes de sua maravilhosa vida seriam objeto de vasta explanação. Entretanto, em documentos históricos não se encontram referências dignas de crédito, autênticas e aceitáveis pela história. Em tais documentos, tudo o que fala de Jesus e sua vida é produto da má-fé, da burla, de adulterações e intercalações determinadas pelos líderes cristãos. Tudo foi feito de modo a ocultar a verdade.

REFLEXÕES VIII

Quando a verdade está ausente ou oculta, a mentira prevalece. E há um provérbio popular que diz: “A mentira tem pernas curtas.” Significa que ela não vai muito longe, sem que não seja apanhada. Em relação ao cristianismo, isto já aconteceu. Um número crescente de pessoas vai, a cada dia que passa, tomando conhecimento da verdade. E, assim, restam baldados os esforços da Igreja, no que concerne aos ardis empregados na camuflagem da verdade, visando a alcançar escusos objetivos.

O doloroso silêncio histórico

A existência de Jesus Cristo é um fato que jamais foi registrado pela história. Os documentos históricos que o mencionam foram falsificados por ordem da Igreja, num esforço para provar sua pretensa existência, apesar de possuir provas de que Jesus é um mito. E assim agiu, movida pelo desejo de resguardar interesses materiais.



Ganeval apontou a semelhança entre o culto de Jesus Cristo e o de Serapis. Ambos são uma reencarnação do deus “Phalus”, que, por sua vez, era uma das formas de representação do deus Sol. Irineu chegou a afirmar que o deus dos cristãos não era homem nem mulher. Papias cita trechos dos Evangelhos, mostrando que se referiam ao cristo egípcio. Referindo-se ao Logos, que seria Jesus Cristo, disse ter sido ele apenas uma emanção de Deus, produzida à semelhança do Sol.

É bom lembrar que essas opiniões divergentes entre si são de três teólogos do cristianismo. Essas opiniões foram emitidas quando estava acesa a luta de desmentidos recíprocos da Igreja contra os seus numerosos opositores, ou seja, os que desmentiam a existência física de Jesus. Então, criaram uma filosofia abstrata, baseando-se nos escritos de Filon.

Ganeval, baseando-se em Fócio, disse que Eudosino, Agápio, Carino, Eulógio e outros teólogos do cristianismo primitivo não tiveram um conceito real nem físico de Jesus Cristo. Disse mais, que Epifânio, falando sobre as seitas heréticas dos marcionitas,

REFLEXÕES VIII

valentinianos, saturninos, simonianos e outros, falava que o redentor dos cristãos era Horus, o filho de Ísis, um dos três deuses da trindade egípcia, que mais tarde viria a ser Serapis.

Ganeval afirmou ainda que os docetistas negavam a realidade de Jesus e, para refutar a negação, o IV Evangelho põe em relevo a lança que fez sair água e sangue do corpo de Jesus, com o intuito de provar sua existência física. Segundo Jerônimo, esses docetistas teriam sido contemporâneos dos apóstolos. Lembra ainda que o imperador Adriano, viajando em 131 para Alexandria, declara que “o deus dos cristãos era Serapis, e que os devotos de Serapis eram os mesmos que se chamavam os bispos de cristãos.” Adriano, decerto, estava com a verdade.

Documentos daquela época informam que existiam os atuais Evangelhos, assim como Tácito informa que os hebreus e os egípcios formavam uma só superstição. Os escritos de Filon não se referem a Jesus Cristo, conforme pretenderam fazer crer os falsificadores, mas a Serapis. Quando havia referências aos cristãos terapeutas, afirmavam que se falava dos cristãos de Jesus. Por sua vez, Clemente de Alexandria e Orígenes escreveram negando Jesus e falando em Cristo, o qual seria Crestus. No entender de Fócio, tudo isso não passava de fabulação mítica, não tendo existido Jesus nem Cristo, de que a Igreja criou o seu Jesus Cristo.

Duquis e Volney, fazendo o estudo da mitologia comparada, mostram de onde retiraram Jesus Cristo: do próprio mito. Filon, escrevendo a respeito dos cristãos terapeutas, disse que o seu teor de vida era semelhante ao dos cristãos e essênios. Abandonavam bens e família para seguir apaixonadamente aos sacerdotes. Epifânio escreveu que os cristãos terapeutas viviam junto ao lago Mareótides, tendo os seus Evangelhos e os seus apóstolos. É sobre esses cristãos que Filon escreveu. Se os cristãos seguidores de Jesus Cristo já existissem, Filon não poderia deixar de falar deles.

Sobre o pretense nascimento de Cristo, Filon contava apenas 25 anos de idade. Os Evangelhos, tendo surgido muito tempo após a morte de Filon e de Jesus, não poderiam ser os do cristianismo por ele referido. Clemente de Alexandria e Orígenes não criam na

REFLEXÕES VIII

encarnação nem na reencarnação, motivo por que não creram na encarnação de Jesus Cristo, embora fossem padres da Igreja. Orígenes morreu em 254.

Fócio escreveu sobre disputas de Clemente e afirmou que ele negara a doutrina do Logos, dizendo que o Verbo jamais se encarnou, afirmação igualmente feita por Ganeval.

Analisando os quatro volumes de Principia, de Orígenes, percebe-se que o Logos ou o Verbo era o mesmo sopra de Jeová, referido por Moisés. Fócio, tendo-se escandalizado com isso, disse que Orígenes era um blasfemo. Apenas analisando como se referia ao Verbo, a Crestus e ao Salvador, é que se pode excluir a possibilidade da existência física de Jesus. O tratariam de modo bem diferente, se tivesse realmente existido.

Um Jesus Cristo não histórico

A História, conforme mencionado, não tem registro da existência de Jesus Cristo. Os autores considerados confiáveis e que seriam seus contemporâneos omitiram-no completamente. Os documentos históricos que o mencionam, o fazem esporadicamente, e mesmo assim revelam-se rasurados e falsificados, motivo pelo qual de nada adiantam, neste sentido, para a História. É óbvio, portanto, que a História não poderia registrar um evento que não aconteceu.



Tomando conta da História, o cristianismo a deixou na contingência de referir o nome de Jesus Cristo como sendo um deus antropomorfizado, mas nunca uma pessoa de carne e ossos que tenha realmente vivido. Ao fazê-lo, principia por um estudo filológico e etimológico dos termos Jesus e Cristo, e termina mostrando que os dois nomes foram reunidos em um só para ser dado posteriormente a um indivíduo. O termo Jesus significa salvador, enquanto que Cristo é o ungido do Senhor, o oint dos judeus, o Messias esperado dos judeus.

REFLEXÕES VIII

Nesse estudo, a História mostra que a crença messiânica havia tomado a costa do Mediterrâneo a partir do século II antes de nossa era. O norte da África, o sul da Europa, a Ásia Menor, estavam todos repletos de messias e cristos, e de milhares de pessoas que os seguiam e neles criam.

Ao referir-se aos pretensos messias, o Talmud deu esse nome até mesmo a diversos reis pagãos, como no caso de Ciro, conforme está em Isaías 44:1, ou ao rei de Tiro, como está em Ezequiel 28:14 e nos Salmos, quando se verifica que os nomes de Jesus e de Cristo já vinham sendo atribuídos a diversos líderes religiosos da Antiguidade. As fontes pesquisadas pela História mostraram que Jesus Cristo, ao ser estudado como fato histórico, só pode ser encarado como sendo o ungido do Senhor, uma personalidade de existência abstrata apenas, não tendo possuído contextura física pelo que deixou de ser histórico. É apenas uma figura simbólica, por meio da qual a humanidade tem sido enganada há muitos séculos.

Cumprindo seu dever de informar, a História põe diante dos olhos do crente e do estudioso as provas de que foi a luta dos líderes cristãos a partir do século II para que o mito Jesus Cristo adquirisse a consistência sólida que levou a crença religiosa dos europeus da Idade Média sob o manto do criminoso absolutismo dos reis e dos papas de então. Este estudo demonstra que Jesus Cristo foi concebido no século II para cumprir um programa messiânico elaborado pelos profetas e pelos compiladores do Velho Testamento e das lendas, sob o seu pretense nome. Vê-se, então, que os passos de Jesus pela terra aconteceram conforme o Talmud, para que se cumprissem as profecias que o judaísmo havia inventado.

Jesus Cristo pode ser considerado o ator no palco. Representou o drama do Gólgota e retirou-se da cena ao fim da peça. Mateus 1:2 descreve-nos um Jesus Cristo que nasce milagrosamente, apenas para que se cumprissem as escrituras. Em 2:5 diz que nasceu em Belém, porque foi ali que os profetas previram que nasceria. Em 2:14 deixa-o fugir para o Egito, para justificar estas palavras: Meu filho será chamado do Egito. Em 2:23 faz José regressar a Nazaré porque Jesus deveria ser nazareno. Em 3:3 promove o encontro de Jesus com João Batista, porque Isaías predissera-o. Em 4:4 Jesus

REFLEXÕES VIII

foi tentado pelo diabo, porque as escrituras afirmaram que tal aconteceria e que ele resistiria. Em 4:14 leva Jesus para Cafarnaum para conferir outra predição de Isaías. Em 4:12 Jesus diz que não se deve fazer aos outros senão aquilo que gostaríamos que a nós fosse feito, porque isto também estava na lei dos profetas. Em 7:17 Jesus cura os endemoniados, conforme predissera Isaías. Em 11:10-14 Jesus palestra com João Batista porque assim predissera Elias. Em 12:17 Jesus cura as multidões, quando pede que não propalem isso, igualmente dando cumprimento às palavras de Isaías.

Em 12:40 permanece sepultado durante três dias porque os deuses do paganismo, os deuses solares ou redutores, também estiveram; como Jonas, que foi engolido por uma baleia, que, depois de três dias, jogou-o para fora, intacto como se nada tivesse acontecido. E tudo isto aconteceu em um mar onde não há possibilidade de vida para esse cetáceo, portanto, só poderia acontecer graças aos milagres bíblicos.

Em 13:14 diz que Jesus falava por meio de parábolas, como Buda também o fez. Assim também falavam os antigos taumaturgos, para que apenas os sacerdotes entendessem; assim só eles seriam capazes de interpretar para os incautos e crédulos religiosos, e, afinal, porque Isaías assim o previa. Em 21:14 Jesus entra em Jerusalém montado em um burrico, conforme as profecias. Em 26:54 Jesus diz que não foi preso pelo povo quando junto dele se assentou no templo para ensinar, porque também estava previsto. Em 27:9 Judas trai a Jesus, vendendo-o por trinta dinheiros e recebendo à vista o preço da traição.

Em 27:15 os soldados repartem entre si as roupas do crucificado. Apenas o cumprimento desta profecia choca-se frontalmente com a História. E, de acordo com ela, nessa época não havia legionários romanos na Palestina. Lucas 23:27 diz que Jesus mandou comprar espadas, para que assim fosse confundido com os malfeitores comuns, porque assim estava previsto. Em seguida, diz que Jesus, ao ensinar aos seus apóstolos, afirmava que



REFLEXÕES VIII

tudo o que lhe acontecesse, era para que estivesse de acordo com o que escreveram Moisés e os profetas, e como estava descrito nos salmos. Em 24:44-46 diz que Jesus afirmou “Como era necessário que Cristo padecesse e ressuscitasse ao terceiro dia, dentre os mortos.”

Jesus e o tempo

O mítico dia do nascimento de Jesus Cristo foi oficializado por Dionísio, o Pequeno, no século VI, que o marcou no ano 1 do século I, correspondendo ao ano 753 da fundação de Roma, com um erro de previsão calculado em seis anos. Para chegar a essa artificiosa fixação, serviu-se de diversos sistemas de cálculo. Calvício e Moestrin contaram até 132 sistemas e Fabrício arredondou para 200. Para uns, teria sido entre 6 e 10 de janeiro, para outros, 19 ou 20 de abril, enquanto outros ainda situavam entre 20 e 25 de março. Os cristãos orientais determinaram a data entre 1 e 8 de janeiro, enquanto os ocidentais escolheram 6 de janeiro.

Em 375, São João Crisóstomo escreveu que a data de 25 de dezembro foi introduzida pelos orientais. Entretanto, antes do ano 354, Roma já a havia fixado para esta mesma data, segundo o calendário de Bucer.

Essas diferenças foram o resultado da preocupação da Igreja em fazer com que o nascimento de Jesus coincidissem e se confundissem com os dos deuses solares, os deuses salvadores, e especialmente com o Deus Invictus, que era Mitra. E era justamente ao mitraísmo que a religião cristã pretendia absorver. No dia 25 de dezembro todas as cidades do império romano estavam iluminadas e enfeitadas para festejar o nascimento de Mitra. A preocupação de ligar o nascimento de Jesus ao de Mitra denota o artificialismo que fundamentou o cristianismo. Foi a divinização do deus dos cristãos à custa da luz do Sol dos pagãos. Foi um dos grandes trabalhos de mistificação da Igreja a convergência dos dois nascimentos para a mesma data. Assim, o nascimento do novo deus apagava da memória do povo a lembrança de Mitra, no fim do inverno.

A tradição religiosa, desde milênios, fizera com que todos os deuses redentores nascessem em 25 de dezembro. Quanto ao lugar de

REFLEXÕES VIII

nascimento de Jesus, disseram ter sido em Belém, para combinar com as previsões messiânicas que, fazendo de Jesus um descendente de David, teria a adesão dos judeus incautos. O II e o IV Evangelhos não mencionam o assunto, enquanto o I e o III aludem ao caso, mas se contradizem. Uns dizem que os pais de Jesus moravam em Belém, enquanto outros afirmam que eles ali estavam de passagem. Essa insegurança deve-se ao fato de pretenderem ligar a vida de Jesus à de David, conforme as profecias. Todavia, isto confundia as tendências históricas ligadas ao nascimento dos deuses solares.

A preocupação apologética, contudo, invalidou a pretensão histórica. De tudo isto resultou que a História pode hoje provar que tudo aquilo que se refere a Jesus é puro convencionalismo, e sua existência é apenas ideal e não real. De modo que a morte dos inocentes nada mais é do que a repetição da matança das criancinhas egípcias, contada no Êxodo. A estrela só pode ser inventada porque naquele tempo o homem ainda não sabia o que era uma estrela; tanto assim que a Bíblia afirma que Josué fez parar o Sol com um aceno de sua mão apenas. Assim, a estrela que guiou os magos é coisa realmente absurda. Antes de tudo, ninguém soube realmente de onde vieram esses reis e onde eram os seus países. Outros fenômenos relatados como terremotos, trevas e trovões, assinalados pela Bíblia, não o são pela História dos judeus nem dos romanos. Só os interessados no mito puderam ver tais acontecimentos.

Os escritores que relataram fatos ocorridos na Palestina e no Império Romano não transmitiram estes fatos que teriam ocorrido na morte de Jesus à posteridade. Muita coisa pode ter acontecido naqueles tempos, menos as que estão nos Evangelhos. Pilatos, por exemplo, morreu ignorando a existência de Jesus. Os legionários romanos jamais receberam ordens para prendê-lo. Nenhum movimento social, político ou religioso contrário às normas da ocupação surgiu na Judeia, para justificar a condenação de seu líder por Pilatos. Entretanto, Jesus teria sido julgado e condenado pelos sacerdotes judeus, pois Pilatos deixara o caso praticamente em suas mãos e do povo, lavando as suas próprias.

REFLEXÕES VIII

Nem Pilatos, nem Caias, nem Hannã deixaram qualquer referência acerca desse processo. Nenhum deles poderia dizer qual a aparência física de Jesus. Tertuliano, baseando-se em Isaías, disse que ele era feio, ao passo que Agostinho afirmou que ele era bonito. Uns afirmaram que ele não tinha barba, outros que tinha. Sua cabeleira espessa e barba fechada resultaram de uma convenção realizada no século XII. O Santo Sudário retrata um Jesus Barbudo. Nada do que se refere a Jesus pode ser considerado ponto pacífico. Tudo é discrepante e contraditório.

Ora, se aqueles que tinham e os que ainda têm interesse em defender a veracidade da existência de Jesus não conseguiram chegar a um acordo no que lhe diz respeito, isso não é bom sinal. Moy escreveu: “Desde que se queira tocar em qualquer coisa real na vida de Jesus, esbarra-se logo na contradição e incoerência.” Por isso, até o aspecto físico de Jesus tornou-se discutível, o que ajuda a provar que ele nunca existiu. De acordo com a História, não se pode aceitar o que está escrito nos Evangelhos como prova de sua existência. Também a Igreja não dispõe de argumentos válidos, nesse sentido. A arqueologia, por outro lado, nada encontrou até aqui capaz de elucidar a questão.

De tudo isto, concluímos que a existência física de Jesus jamais poderá ser provada de modo irrefutável e, como consequência, é muito difícil de ser acatada por homens cultos e amantes da verdade. O romance, as lendas, os contos, a ficção, interessam como cultura, como expressão do pensamento de um povo, e desse modo são perfeitamente aceitos. Entretanto, a apresentação de tais modalidades de cultura como fatos reais, consumados e verdadeiros e como tal serem impostos ao povo, é condenável. A atitude do cristianismo tem sido, através dos tempos, justamente a que nós acabamos de condenar: a imposição das lendas, do romance e da novela como realidade palpável, como fato verdadeiro e incontestável.

Jesus Cristo nos Evangelhos

Assim como a história não tomou



REFLEXÕES VIII

conhecimento da existência de Jesus, os Evangelhos igualmente o desconhecem como homem, introduzindo-o apenas como um deus.

Maurice Vernés mostrou com rara maestria que o Velho Testamento não passa de um livro profético de origem apenas sacerdotal, fazendo ver que tudo que aí está contido não é histórico, sendo apenas simbólico e teológico. O mesmo acontece com o Novo Testamento e os Evangelhos. Tudo na Bíblia é duvidoso, incerto e sobrenatural. Tratando dos Evangelhos, mostra que sua origem foi mantida anônima, talvez de propósito, não se podendo saber realmente quem os escreveu. Por isso, eles começam com a palavra segundo; Evangelho segundo Mateus; segundo Marcos. Daí se deduz que não foram eles os autores desses Evangelhos, foram, no máximo, os divulgadores.

Igualmente deixaram em dúvida a época em que foram escritos. A referência mais antiga aos Evangelhos é a de Papias, bispo de Yerápoles, que foi martirizado por Marco Aurélio entre 161 e 180. Seu livro faz parte da biblioteca do Vaticano. Irineu e Eusébio foram os primeiros a atribuir a Marcos e a Mateus a autoria dos Evangelhos, mas ambos permanecem desconhecidos da história, como o próprio Jesus Cristo. Além do mais, pouco ou nenhum valor têm os Evangelhos como testemunha dos acontecimentos. Se só foram compostos no século III ou IV, ninguém pode garantir se os originais teriam realmente existido.

Os primitivos cristãos quase não escreveram, e os raros escritos desapareceram. Por outro lado, no Concílio de Niceia foram destruídos todos os Evangelhos. Esse Concílio foi convocado por Constantino, que era pagão. Daí, devem ter sido compostos outros Evangelhos para ser aprovados por ele ou pelo Concílio. Com isto, perderam sua autenticidade, deixando de ser impostos pela fé para o serem pela espada.

Celso, no século II, combateu o cristianismo argumentando somente com as incoerências dos Evangelhos. Irineu diz que foram escolhidos os quatro Evangelhos, não porque fossem os melhores ou verdadeiros, mas apenas porque esses provieram de fontes defendidas por forças políticas muito poderosas da época. Os bispos

REFLEXÕES VIII

que os apoiaram tinham muito poder político. Informam ainda que antes do Concílio de Niceia os bispos serviam-se indiferentemente de todos os Evangelhos então existentes, que alcançaram o número de 315. Até então eles se equivaliam para os arranjos da Igreja. Mesmo assim, os quatro Evangelhos adotados conservaram muitas das lendas contidas nos demais que foram recusados.

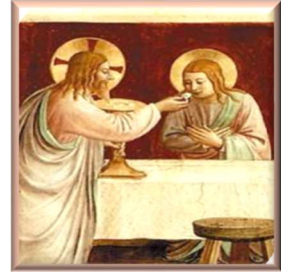
De qualquer forma, era e continuam sendo todos anônimos, inseguros e inautênticos. Os adotados foram sorteados e não escolhidos de acordo com fatores qualificativos. Mesmo estes adotados desde o Concílio de Niceia sofreram a ação dos falsificadores que neles introduziram o que mais convinha à época, ou apenas uma opinião pessoal.

Esta é a história dos Evangelhos que, através dos tempos, vêm sofrendo a ação das conveniências políticas e econômicas. Embora a Igreja houvesse se tornado a senhora da Europa, nem por isso preocupou-se em tornar os Evangelhos menos incoerentes. Sentiu-se tão firme que julgou que sua firmeza seria eterna.

Os argumentos mais poderosos contra a autenticidade dos Evangelhos residem em suas contradições, incoerências, discordâncias e erros quanto a datas e lugares, e na imoralidade de pretender dar cunho de verdade a velhos e pueris arranjos dos profetas judeus. Essa puerilidade acumula-se à medida que a crítica verifica o esforço evangélico em tornar realidade os sonhos infantis de uma população ignorante. Para justificar sua ignorância, se dizem inspirados pelo Espírito Santo, que também é uma ficção religiosa, resultante da velha lenda judia segundo a qual o mundo era dominado por dois espíritos opostos entre si: o espírito do bem e o do mal. Adquiriram essa crença no convívio com os persas, os egípcios e os hindus. Os egípcios tiveram também os seus sacerdotes, que escreveram os livros religiosos como o Livro dos Mortos, sob a inspiração do deus Anubis. Hamurabi impôs suas leis como tendo sido oriundas do deus Schamash. Moisés, descendo do Monte Sinai, trouxe as tábuas da lei como tendo sido ditadas a ele por Jeová. Maomé, igualmente, foi ouvir do anjo Gabriel, em um morro perto de Meca, boa parte do Alcorão. Alá teria mandado suas ordens por Gabriel.

REFLEXÕES VIII

O conhecimento mostra que as religiões, para se firmarem, têm-se valido muito mais da força física do que da fé. Quanto à verdade, esta não existe em suas proposições básicas. De modo que, Anubis, Schamash, Alá e Jeová nada mais são do que o Espírito Santo sob outros nomes. Stefanoni demonstrou que todos esses escritos não representam o Espírito Santo, mas o espírito dominante em cada época ou lugar. Assim surgiram os Evangelhos, que, como Jesus Cristo, foram inventados para atender a certos fins materiais, nem sempre confessáveis. “Não creria nos Evangelhos, se a isso não me visse obrigado pela autoridade da Igreja.” São palavras de Santo Agostinho. Com sua cultura e inteligência, poderia hoje estar no rol dos que não creem.



Jesus Cristo é um milagre

No que diz respeito a Jesus Cristo, a teologia toma em consideração, sobretudo, o aspecto sobrenatural e os seus milagres. João Evangelista foi trazido para a cena a fim de criar o Logos, o Jesus metafísico, destruindo, assim, o Jesus-homem. As contradições surgidas em torno de um Jesus saído da mente de pessoas primárias e ignorantes o deixaram muito vulnerável à crítica dos mais bem-dotados em conhecimento. Então vem João e substitui o humano pelo divino, por ser o mais seguro.

O mesmo iria fazer a Igreja no século XV, quando, para abafar, grita contra os que haviam queimado miseravelmente uma heroína nacional dos franceses, tiraram o uniforme do corpo carbonizado de Joana D'Arc e vestiram a túnica dos santos. O mesmo aconteceu com Jesus: teve de deixar queimar a pele humana que lhe haviam dado, para revestir-se com a pele divina.

A Igreja, na impossibilidade de provar a existência de Jesus-homem, inventou o Jesus-Deus. Assim atende melhor à ignorância pública e fecha a boca dos incrédulos. Do que relatei, conclui-se que, no caso de Joana D'Arc, a Igreja obteve os resultados esperados. Contudo, continua com as mesmas dificuldades para provar que

REFLEXÕES VIII

Jesus Cristo, como homem ou como Deus, tenha vivido fisicamente. E não é só. Ela não tem conseguido provar nada do que tem ensinado e imposto como verdade. Faltam-lhe argumentos sérios e convincentes para confrontar com o conhecimento científico e com a história sem que sejam refutados.

A Igreja tudo fez para tornar Jesus Cristo a base e a razão de ser do cristianismo. E isto satisfaz plenamente a seus interesses materiais nestes dois milênios de vida. Da mesma forma, os portugueses, os espanhóis e os ingleses, de Bíblia na mão e cruz no peito, foram à longínqua África para arrastar o negro como escravo, para garantir a infraestrutura econômica do continente americano. Jamais se preocuparam em saber se o pobre coitado queria separar-se de seus entes queridos, nem o que estes iriam sofrer com a separação.

A Igreja está realmente atravessando uma crise. Acontece que os processos tecnológicos e científicos descortinam para o homem novos horizontes, e então ele percebe que foi iludido miseravelmente. Sua fé, sua crença e seu deus morrem porque não têm mais razão de ser. Jesus Cristo foi inicialmente um deus tribal, que teria vindo ao mundo por causa das desgraças dos judeus. Eles sonhavam ser donos do mundo, mas, mesmo assim, foram expulsos até mesmo de sua própria terra. Contudo, o cristianismo ganhou a Europa, com a adesão dos reis e imperadores.

Renan, não conseguindo encontrar o Jesus-divino, tentou ressuscitar o Jesus-homem. Mas o que conseguiu foi apenas descrever uma esquisita tragédia humana, cujo epílogo ocorreu no céu. Jesus teria sido um altruísta mandado à Terra para que se tornasse uma chave capaz de abrir o céu. Teria sido o homem ideal com que o religioso sonha desde seus primórdios.

Existindo o homem ideal, cuja idealidade ficasse comprovada, o histórico seria dispensável. Mas, ao tentar evidenciar um desses dois aspectos, Renan perdeu ambos. Mostrou então que, para provar o lado divino de Jesus, compuseram os Evangelhos. Seu objetivo: relatar exclusivamente a vida de um homem milagroso e não de um homem natural.

Elaborando os Evangelhos, cometeram tantos erros e contradições,

REFLEXÕES VIII

que acabaram por destruir, de vez, a Jesus. A exegese da vida de Jesus, baseada no conhecimento e na lógica, separando-se o ideal do real, eles destroem-se mutuamente. Quem descreve o Jesus real, não poderá tocar o ideal, e vice-versa, porque um desmente o outro. Em suma, os Evangelhos não satisfazem os estudiosos da verdade livre de preconceitos, destruindo o material e o ideal postos na personalidade mítica de Jesus. A fabulação tanto recobre o humano como o divino. Verificamos, então, estarmos em presença de mais um deus redentor ou solar.

Jesus, por intermédio dos Evangelhos, pode ser Brama, Buda, Krishna, Mitra, Horus, Júpiter, Serapis, Apolo ou Zeus. Apenas deram-lhe novas roupas. O Cristo descrito por João Evangelista aproxima-se mais desses deuses redentores do que o dos outros evangelistas. É um novo deus oriental, lutando para prevalecer no ocidente como antes tinha lutado para impor-se no oriente. É um novo subproduto do dogmatismo religioso dos orientais, em sua irracional e absurda metafísica. Por isso, criaram um Jesus divino, não por causa dos seus pretensos milagres, mas por ser o Logos, o Verbo feito carne. Essa essência divina é que possibilitou os milagres. É um deus antropomorfizado, feito conforme o multimilenar figurino idealizado pelo clero oriental.

Jesus não fez milagres, ele é o próprio milagre. Nasceu de um milagre, viveu de milagres e foi para o céu milagrosamente, de corpo e alma, realizando assim mais uma das velhas pretensões dos criadores de religiões: a imortalidade da alma humana. Sendo Jesus essencialmente o milagre, não poderá ser histórico, visto não ter sido um homem normal, comum, passando pela vida sem se prender às necessidades básicas da vida humana. Jesus foi idealizado exclusivamente para dar cumprimento às profecias do judaísmo, é o que se verifica por meio dos Evangelhos. Tudo o que ele fez já estava predito, muito antes do seu nascimento. Jesus surgiu no cenário do mundo, não como autor do seu romance, mas somente como ator para representar a peça escrita, não se sabe bem onde, em Roma ou, talvez, Alexandria. O judaísmo forneceu o enredo, o Vaticano ficou com a bilheteria. E, para garantir o êxito total da peça, a Igreja estabeleceu um rigoroso policiamento da

REFLEXÕES VIII

plateia, por meio da confissão auricular. Nem o marido escapava à delação da esposa ou do próprio filho. O pensamento livre foi transformado em crime de morte. Os direitos da pessoa humana, calcados aos pés.

Nunca a mentira foi imposta de modo tão selvagem como aconteceu durante séculos com as mentiras elaboradas pelo cristianismo. À menor suspeita, a polícia religiosa invadia o recinto e arrastava o petulante para um escuro e nauseabundo calabouço onde as mais infames torturas eram infligidas ao acusado. Depois, arrastavam-no à praça pública para ser queimado vivo, o que, decerto, causava muito prazer ao populacho cristão.

Desse modo, a Igreja tornou-se um carrasco desumano, exercendo o seu poder de modo impiedoso e implacável, ao mesmo tempo em que escrevia uma das mais terríveis páginas da história da humanidade. Durante muito tempo o sentimento de humanidade esteve ausente da Europa, e a mentira triunfava sobre a verdade. Milhares de infelizes foram sacrificados porque ousaram dizer a verdade. O poder público apoiava a farsa religiosa, e era praticamente controlado pela Igreja. Aquele que ousasse apontar as inverdades, as incoerências e o irracionalismo básicos do catolicismo, seria eliminado. Tudo foi feito para evitar que o cristianismo fracassasse, devido à fragilidade de seus fundamentos.

O que a Igreja jura de mãos juntas ser a verdade, é desmentido pelo conhecimento, pela ciência e pela razão.

Jesus Cristo, um mito bíblico

Folheando as páginas da história humana, e não encontrando aí qualquer referência à passagem de Jesus pela terra, nós, estudiosos do assunto, nos convencemos de que ele nada mais é do que um mito bíblico. Pesquisando os Evangelhos na esperança de encontrar algo positivo, deparamo-nos mais uma vez com o simbolismo e a mitologia. A história que o envolve desde o nascimento até a morte é a mesma do surgimento de



REFLEXÕES VIII

inúmeros deuses solares ou redentores. É notável o cuidado que tiveram os compiladores dos Evangelhos para não permitir que Jesus praticasse senão o que estava estabelecido pelas profecias do judaísmo. Assim, a vida de Jesus nada mais é do que as profecias postas em prática.

O cristianismo e os Evangelhos são um modo de reavivamento da chama do judaísmo, ante a destruição do templo de Jerusalém. É uma transformação do judaísmo, de modo a existir dentro dos muros de Roma, de onde, posteriormente, ultrapassou os limites, alcançando boa parte do mundo.

Acreditamos que a ambição de Constantino é que deu lugar ao alastramento do cristianismo ou, melhor dizendo, do judaísmo sob novas roupagens e novo enredo. Não fosse por isso, a falta de cumprimento das pretensas promessas de Abraão, de Moisés e do próprio Jesus Cristo já teria feito que o judaísmo e o cristianismo fossem varridos da memória do homem. Há muito o homem já estaria convencido da falsidade que é a base da religião.

Idealizaram o cristianismo que, baseado no primarismo da maioria, deu novo alento ao judaísmo, criando assim, o capitalismo e a espoliação internacional. O liberalismo que surgiu graças ao monumental trabalho dos enciclopedistas é que possibilitou ao homem uma nova perspectiva de vida. A partir do enciclopedismo, os judeus e o judaísmo deixaram de ser perseguidos por algum tempo, e com isto, quase perdeu sua razão de ser.

Ao surgir Hitler e seu irracional nazismo, encontrou quase a totalidade dos judeus alemães integrada de corpo e alma na pátria alemã. O Führer deu então um novo alento ao judaísmo, ao persegui-lo de modo desumano. Graças à perseguição de que foram vítimas os judeus de toda a Europa durante a guerra de 1940, surgiu a justificativa internacional para que se criasse o Estado de Israel. Talvez o Estado de Israel, revivendo sua velha megalomania racial, invalide em sangue a tendência natural para a socialização do mundo e universalização do conhecimento. A socialização do mundo acabaria com a irracional e absurda ideia de ser o judeu um bipátria. Nasça onde nascer, não se integra no meio em que nasce e

REFLEXÕES VIII

vive. Daí a perseguição.

Os judeus ricos de todo o mundo carregam para Israel todo o seu dinheiro e, com ele, a tecnologia e o conhecimento alugados. Graças a isto, poderá embasar ali os seus mísseis teleguiados, tudo quanto houver de mais avançado na química, física e eletrônica. Assim, terão meios de garantir a manutenção da socioeconomia estruturada no capitalismo.

Essa é uma situação realmente grave, a qual poderá tornar-se dramática no futuro. O poder econômico concentrado em poucas mãos é uma ameaça contra o homem e sua liberdade. Apesar de o cristianismo liderar o movimento que faz do homem e do seu destino o centro das preocupações das altas lideranças sociais, a grande maioria dos homens está marginalizada, porque o poder econômico do mundo acumula-se em poucas mãos. E, se permanecemos crendo em tudo quanto criaram os judeus de dois milênios atrás, isso é sinal de que não evoluímos o bastante para justificar o decurso de tanto tempo. Se o progresso científico e a tecnologia avançada não conseguirem nos libertar dos mitos, estará patente mais uma vez o estado pueril em que ainda se encontra o desenvolvimento mental do homem.

O homem não será totalmente livre enquanto permanecer preso às convenções religiosas, as quais possuem como único fundamento o mito e a lenda. Se assim falamos, não é que estejamos sendo movidos por um antissemitismo ou um anticlericalismo doentio; de modo algum isto é verdadeiro. O que nos motiva a colocar em pauta o assunto é o desejo de ver um crescente número de pessoas partilhar conosco do conhecimento da verdade. Temos dito repetidas vezes que tudo aquilo em que se fundamenta o cristianismo é apenas uma compilação de velhas lendas dos deuses adorados por diversos povos. Strauss diz que saiu do Velho Testamento a pretensão de que Jesus encarnar-se-ia em Maria, por meio do Espírito Santo. Em números, 24:17 estava previsto que uma estrela guiaria os reis magos. Cantu lembra que, juntando-se os livros do Velho Testamento com os do Novo, teremos 72 livros, o mesmo número de anciãos teria Moisés escolhido para subir com ele ao Monte Sinai. O Velho Testamento previa que o povo seguiria

REFLEXÕES VIII

a Jesus, mesmo sem conhecê-lo. Seriam os peixes retirados da água pelos apóstolos, e os mesmos da pescaria de São Jerônimo. Moisés teria feito da pedra o símbolo da força de Jeová, por isto, Jesus devia dar a Pedro as chaves do céu. Oséias 11:1 e Jeremias 31:15-16-4-10-28 profetizam que o Messias seria chamado por Jeová, do Egito, ligado ao pranto de Raquel pelo assassinato dos filhos. Então arranjaram a terrível matança dos inocentes, que consta apenas em dois Evangelhos, sendo silenciado o assunto pelos outros dois e pelos relatos enviados a Roma. Strauss lembra também que a discussão de Jesus com doutores do templo, assim como a passagem de Ana e Semeão, bem como a circuncisão, estava tudo previsto no Velho Testamento.

As contradições sobre Jesus Cristo

Como tudo o mais que se refere à existência de Jesus na terra, também a sua ascendência é objeto de controvérsias. Segundo Mateus e Lucas, Jesus descende ao mesmo tempo de David e do Espírito Santo. Entretanto, como filho do Espírito Santo, não poderá descender de José, conseqüentemente deixa de ser descendente de David e o Messias esperado pelos judeus.



Assim, Jesus ficará sendo apenas Filho de Deus, ou Deus, visto ser uma das três pessoas da trindade divina. Em ambos os Evangelhos acima citados há referências quanto à data de nascimento de Jesus, mas tais referências são contraditórias — o Jesus descrito por Mateus teria onze anos quando nasceu o de Lucas. Mateus diz que José e Maria fugiram apressadamente de Belém, sem passar por Jerusalém, indo direto para o Egito, após a adoração dos Reis magos.

Herodes iria mandar matar as criancinhas. Todavia, Lucas diz que o casal estivera em Jerusalém e acrescenta a narração da cena de que participaram Ana e Semeão. De modo que um evangelista desmente o outro.

REFLEXÕES VIII

Lucas não alude à matança das criancinhas, nem à fuga para o Egito. Por outro lado, Marcos e João não se reportam à infância de Jesus, passando a narrar os acontecimentos de sua vida a partir do seu batismo por João Batista. Mateus que conta o regresso de Jesus, vindo do Egito e indo para Nazaré, o deixa no esquecimento, voltando a ocupar-se dele somente depois dos seus trinta anos, quando ele procura João Batista. Diz ainda que João já o conhecia e, por isto, não o queria batizar, por ser um espírito superior ao seu.

Lucas narra a discussão de Jesus com os doutores da lei, aos doze anos de idade. Sendo perguntado pela mãe sobre o que estava ali fazendo, teria respondido que se ocupava com os assuntos do pai.

Emilio Bossi, referindo-se a esta passagem, estranha a atividade da mãe. Se o filho nascera milagrosamente, e ela não o ignora, só poderia esperar dele uma sequência de atos milagrosos. Mesmo a sua presença no templo, entre os doutores, não deveria causar preocupação à sua mãe, visto saber ela que o filho não era uma criança qualquer, e sim um Deus. Lucas diz que os samaritanos não deram boa acolhida a Jesus, o que muito irritara a João. Contudo, João, o Evangelista, diz que os samaritanos deram-lhe ótima acolhida e, inclusive, chamaram-no de salvador do mundo.

Os evangelistas divergem também quanto ao relato da instituição da eucaristia. Três deles afirmam que Jesus a instituiu no dia da Páscoa, enquanto João afirma que foi antes. Enquanto os três descrevem como aconteceu, João silencia. Na última noite, Jesus estava muito triste, como, aliás, permaneceria até a morte. Pondo o rosto em terra, orou durante muito tempo. Segundo os evangelistas, ele estava de tal modo triste e conturbado que teria suado sangue, coisa, aliás, muito estranha, nunca verificada cientificamente. Enquanto isto, seus companheiros dormiam despreocupadamente, não se incomodando com os sofrimentos do Mestre. Entretanto João não fala sobre esse estado de alma do Mestre. Pelo contrário, diz que Jesus passara a noite conversando, quando se mostrava entusiasta de sua causa e completamente tranquilo.

Lucas, Mateus e Marcos afirmam que o beijo de Judas o denunciara aos que vieram prendê-lo. Todavia, João diz que foi o próprio Jesus

REFLEXÕES VIII

quem se dirigiu aos soldados dizendo-lhes tranquilamente: “Sou eu.” Lucas é o único que fala no episódio da ida de Jesus de Pilatos para Herodes Antipas. Os outros caem em contradição quanto à hora do julgamento pelo Conselho dos Sacerdotes em presença do povo. João não fala a respeito do depoimento de Cireneu, nem na beberagem que teriam dado a Jesus. Omite-se ainda quanto à discussão dos dois ladrões, crucificados com Jesus, e quanto à inscrição posta sobre a cruz. De forma que seu relato é bastante diferente daquilo que os outros contaram.

E as divergências continuam ainda no que concerne ao quebramento das pernas, ao embalsamamento, à natureza do sepulcro e ao tempo exato em que ele esteve enterrado. Quanto ao embalsamamento, por exemplo, há muita coisa que não foi dita. Teriam retirado seu cérebro e intestinos como se procede normalmente nesses casos? Se a resposta for positiva, como explicar o fato de Jesus, após a ressurreição, pedir comida? Como se vê, as verdades bíblicas são além de controvertidas, incompreensíveis.

Lucas diz que Jesus referiu-se aos que sofrem de fome e sede, enquanto Mateus diz que ele se referia aos que têm fome e sede de justiça, aos pobres de espírito. Uns afirmam que Jesus tratara os publicanos com desprezo e ódio, outros dizem que ele se mostrou amigável em relação a eles. Para uns, Jesus teria dito que publicassem as boas obras, para outros, que nada dissessem a respeito.

Uma hora, Jesus aconselha o uso da força física e da resistência, mandando até que comprassem espada; noutra, ameaça os que pretendem usar a força. Marcos, Mateus e Lucas dizem que Jesus recomendara o sacrifício. Entretanto, não tomou parte em nenhum deles. Mateus diz que Jesus afirmou não ter vindo para abolir a lei nem os profetas, enquanto Lucas diz que ele afirmara que isso já estava no passado, já tivera o seu tempo. Os três afirmam ainda que Jesus apenas pregara na Galileia, tendo ido raramente a Jerusalém, onde era praticamente desconhecido. Todavia, João diz que ele ia constantemente a Jerusalém, onde realizara os principais atos de sua vida. As coisas ficam de modo que não se sabe quem disse a verdade, ou, melhor dizendo, não sabemos quem mais mentiu. Ora,

REFLEXÕES VIII

se Jesus tivesse realmente praticado os principais atos de sua vida em Jerusalém, seria conhecido suficientemente e, então, não teriam que pagar a Judas 30 dinheiros para entregar o Mestre. João, que teria sido o precursor do Messias, não se fez cristão, não seguiu a Jesus, pregando apenas o judaísmo no aspecto próprio. Entretanto, depois de preso, enviou um mensageiro a Jesus, indagando-lhe: “És tu que hás de vir, ou teremos de esperar um outro?”, ao que Jesus teria respondido: “Você é o profeta Elias.” Talvez houvesse esquecido que o próprio João antes já declarara isso mesmo.

Contam os Evangelhos que, desde a hora sexta até Jesus exalar o último suspiro, a terra cobriu-se de trevas. Contudo, nenhum escritor da época comenta tal acontecimento. Marcos 25:25 diz que Jesus foi sacrificado às 9 horas. João diz que ao meio-dia ele ainda não havia sido condenado à morte, e acrescenta que, a esta hora, Pilatos o teria apresentado ao povo exclamando: “Eis aqui o vosso rei”!

Emilio Bossi assinala detalhadamente todas estas contradições, e as que se deram após a pretensa ressurreição, dizendo que nada do que vem nos Evangelhos deve ser levado a sério. O sobrenatural é o clima em que se encontra a Bíblia, e esta é apenas o resultado da combinação de crenças e superstições religiosas dos judeus com as de outros povos com os quais conviveram.

As contradições evangélicas

Mateus e Marcos afirmam enfaticamente que os discípulos de Jesus abandonaram tudo para segui-lo, sem sequer perguntar antes quem ele era.

Em Mateus, lê-se que Jesus teria afirmado que não viera para abolir as leis de Moisés. Contudo, esta seria uma afirmativa sem sentido algum, visto que hoje sabemos que os livros atribuídos a Moisés são apócrifos. Segundo João, quando Jesus falou ao povo, foi por este acatado e proclamado rei de Israel aos gritos de “Hosanna”. Mas, um pouco adiante, ele se contradiz, afirmando



REFLEXÕES VIII

que o povo não acreditou em Jesus, e praguejando contra ele, o ameaçava a ponto de ele ter procurado se esconder.

Mateus diz que Jesus entrou em Jerusalém vitoriosamente quando a multidão o teria recebido de modo festivo, e marchando com ele, cobria o chão com folhas, flores e com os próprios mantos, gritando: “Hosanna ao Filho de David! Bendito seja o que vem em nome do Senhor!” Aos que perguntavam quem era, respondiam “Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia”. No entanto, outros evangelistas afirmam que ele era um desconhecido em Jerusalém.

Disseram que Pilatos estava convencido da inocência de Jesus, razão pela qual teria tentado salvá-lo, abandonando-o logo em seguida, indefeso e moralmente arrasado. João faz supor que Pilatos teria deixado que matassem Jesus, temendo que denunciassem sua parcialidade ao imperador. Se ele não castigasse a um insurreto que se intitulava rei dos judeus, estaria traindo a César. No entanto, tal atitude por parte de Pilatos não combina com o seu retrato moral, pintado por Filon. Era um homem duro e tão desumano quanto Tibério.

A vida de mais um ou menos um judeu, para ambos, era coisa de pouca importância. Filon faz de Pilatos um carrasco e mostra que ele, em Jerusalém, agia com carta branca. Além disso, as reações de Pilatos com Tibério eram quase fraternais e ele era um delegado de absoluta confiança do imperador. Mas como os **Evangelhos** foram compostos dentro dos muros de Roma, teriam de ser de modo a não desagradar às autoridades Imperiais. Pilatos foi posto nisso apenas porque os bens e a vida dos judeus estavam sob sua custódia.

Entretanto, como a ocupação romana foi feita em defesa dos judeus ricos, contra os judeus pobres e os renegados do deserto, as autoridades romanas temiam muito mais ao povo do que a Roma.

Além disso, muitas eram as razões para não gostarem de Pilatos nem de Herodes Antipas. Eles eram antipáticos aos judeus pobres, por isso teriam temido a ira popular. Esta é a razão apresentada pelos historiadores que levam a sério os **Evangelhos**, justificando assim o perdão do criminoso Bar Abbas e a condenação do inocente Jesus. Entretanto, se as legiões romanas realmente ali estivessem

REFLEXÕES VIII

naquela época, nem Pilatos nem Herodes tomariam em consideração a opinião do povo, porque se sentiriam garantidos nos seus postos. Além disso, a opinião popular é fator ainda bem novo na técnica de formação dos governos. Tudo o que sabemos é o que está nos Evangelhos.

Jesus era um homem do povo e um dos que temiam o governo. Por isso é que em Marcos 16:7 encontraremos Jesus aconselhando os discípulos a fugirem. Em Lucas 10:4 Jesus está aconselhando aos discípulos a não falarem com ninguém em suas viagens. Em Mateus 35:23 encontraremos Jesus reprovando os judeus que haviam assassinado Zacarias, filho de Baraquias, entre o adro do templo e o altar. A história, no entanto, afirma ser esse episódio imaginário.

Flávio Josefo relata um acontecimento semelhante, registrado no ano 67, 34 anos após a pretensa morte de Jesus, referindo-se no caso a um homem chamado Baruch. Isto evidencia o descuido dos compiladores dos Evangelhos, que os compuseram sem levar em conta que, no futuro, as contradições neles encontradas seriam a prova da inautenticidade dos fatos relatados. Nicodemos, que teria sido um fariseu rico, membro de Senedrin, homem de costumes moderados e de boa-fé, não se fez cristão, apesar de ter agido em defesa de Jesus contra os próprios judeus. Por certo, ele, como João Batista, não se convenceram da pretensa divindade de Jesus Cristo, nem mesmo se entusiasmaram com suas pregações.

Outra ficção evangélica é debitada a Paulo, que inventou um Apolo, que não figura entre os apóstolos e em nenhum outro relato. Em Atos dos Apóstolos 18, lê-se: “Veio de Éfeso um judeu de nome Apolo, de Alexandria, homem eloquente e muito instruído nas Escrituras. Este era instruído no caminho do Senhor, falando com fervor de espírito, ensinando com diligência o que era de Jesus, e somente conhecia João Batista. Com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando-lhes pelas Escrituras que Jesus era o Cristo.” Seria um judeu fiel ao judaísmo que, segundo Paulo, procurava levar seus próprios patrícios para o Cristo? Na Epístola I aos Coríntios, diz que: “Apolo era igual a Jesus.”

Paulo, já no fim do seu apostolado, afirma que o imperador Agripa

REFLEXÕES VIII

era um fariseu convicto, e que a sua religião era a melhor que então existia. Era, assim, um divulgador do cristianismo afirmando a excelência do farisaísmo. Falando de Jesus, Paulo descreve apenas um personagem teológico e não histórico. Não se refere ao pai nem à mãe de Jesus, sendo um ser fantástico, uma encarnação da divindade que viera cumprir um sacrifício expiatório, mas não fala do modo como teria sido possível a encarnação. Não diz sequer a data em que Jesus teria nascido. Não relata como nem quando foi crucificado. No entanto, estes dados têm muita importância para definir Jesus como homem ou como um ser sobrenatural.

Está patente, desse modo, que Paulo é uma figura tão mitológica quanto o próprio Jesus. Em Atos dos Apóstolos 28:15 e 45 Paulo diz que quando chegou a Pozzuoli, ele e os seus companheiros foram ali bem recebidos, havendo muita gente à beira da estrada os esperando. Entretanto, chegando a Roma, teve de defender-se das acusações de haver ofendido em Jerusalém ao povo e aos ritos romanos. Na Epístola aos Romanos 1:8, Paulo diz que a fé dos cristãos de Roma alcançara todo o mundo, razão pela qual encerraria sua missão tão logo regressasse da Espanha, onde saudaria um grande número de fiéis.

Mas, se fosse assim, por que Paulo teve de se defender perante os cristãos de Roma contra o seu próprio judaísmo? Com pouco tempo Paulo já pensava encerrar sua missão porque o cristianismo já havia se universalizado. Entretanto, ele continuava considerando como melhor religião o farisaísmo.

O cristianismo a que Paulo se referia deveria ser anterior a Jesus Cristo, que era o seguido pelos cristãos de Roma, e não pelos cristãos dos lugares por onde Paulo havia passado, pregando. Eusébio disse que o cristianismo de Paulo era o terapeuta do Egito, e Tácito disse que os hebreus e os egípcios formavam uma só superstição.

Algumas fontes do cristianismo

O passado religioso do homem está repleto de deuses solares e redentores. Na Índia,



REFLEXÕES VIII

temos Vishnu, um deus que se reencarnou nove vezes para sofrer pelos pecados dos homens. No oitavo avatar foi Krishna e, no nono, Buda.

Krishna foi igualmente um deus redentor, nascido de uma virgem pura e bela, chamada Devanaguy. Sua vinda messiânica foi predita com muita antecedência, conforme se vê no Atharva, no Vedangas e no Vedanta. O deus Vishnu teria aparecido a Lacmy, mãe da virgem Devanaguy, informando que a filha iria ter um filho-Deus e qual o nome que deveria lhe dar. Mandou que não deixasse a filha se casar, para que se cumprissem os desígnios de Deus. Isso teria acontecido 3.500 anos a.C. no Palácio de Madura. O filho de Devanaguy destronaria seu tio.

Para evitar que acontecesse o que estava anunciado, Devanaguy teria sido encerrada em uma torre, com guardas na porta. Mas, apesar de tudo, a profecia de Poulastrya se cumpriu, “O espírito divino de Vishnu atravessou o muro e se uniu à sua amada”. Certa noite ouviu-se uma música celestial e uma luz iluminou a prisão, quando Vishnu apareceu em toda a sua majestade e esplendor. O espírito e a luz de Deus ofuscaram a virgem, encarnando-se. E ela concebeu. Uma forte ventania rompeu a muralha da prisão quando Krishna nasceu.

A virgem foi arrebatada para Nanda, onde Krishna foi criado, lugar este ignorado do rajá. Os pastores teriam recebido um aviso celeste do nascimento de Krishna, e então teriam ido adorá-lo, levando-lhe presentes. Então o rajá mandou matar todas as criancinhas recém-nascidas, mas Krishna conseguiu escapar.

Aos 16 anos Krishna abandonou a família e saiu pela Índia pregando sua doutrina, ressuscitando os mortos e curando os doentes. Todo o mundo corria para vê-lo e ouvi-lo. E todos diziam: “Este é o redentor prometido a nossos pais.” Cercou-se de discípulos, aos quais falava por meio de parábolas, para que assim só eles pudessem continuar pregando suas ideias.

Certo dia os soldados quiseram matar Krishna, quando seus discípulos amedrontados fugiram. O Mestre, repreendendo-os, chamou-os de homens de pouca fé, com o que reagiram e

REFLEXÕES VIII

expulsaram os soldados. Crendo que Krishna fosse uma das muitas transmigrações divinas, chamaram-no “Jazeu”, o nascido da fé. As mulheres do povo perfumavam-no e incensavam-no, adorando-o. Chegando sua hora, Krishna foi para as margens do rio Ganges, entrando na água. De uma árvore, atiraram uma flecha que o matou. O assassino teria sido condenado a vagar pelo mundo. Quando os discípulos procuraram recolher o corpo, não o encontraram mais porque já teria subido para o céu.

Depois Vishnu o teria mandado novamente à Terra pela nona vez, receberia o nome de Buda. O nascimento de Buda teria sido igualmente revelado em sonhos à sua mãe. Nasceu em um palácio, sendo filho de um príncipe hindu. Ao nascer, uma luz maravilhosa teria iluminado o mundo. Os cegos enxergaram, os surdos ouviram, os mudos falaram, os paralíticos andaram, os presos foram soltos e uma brisa agradável correu pelo mundo. A terra deu mais frutos, as flores ganharam mais cores e fragrância, levando ao céu um inebriante perfume. Espíritos protetores vigiaram o palácio, para que nada de mal acontecesse à mãe.

Buda, logo ao nascer, pôs-se de pé maravilhando os presentes. Uma estrela brilhante teria surgido no céu no dia do seu nascimento. Nasceu também, nesse mesmo dia, a árvore de Bó, em cuja sombra o menino-Deus descansaria. Entre os que foram ver Buda estava um velho que, como Semeão, recebeu o dom da profecia. Sua tristeza seria não poder assistir à glória de Buda por ser muito velho. Buda teria maravilhado os doutores da lei com a sua sabedoria. Com poucos anos de idade, teria começado sua pregação. Teria ficado durante 49 dias sob a árvore de Bó, e sido tentado várias vezes pelo demônio. Pregando em Benares, convertera muita gente.

O mais célebre de seus discursos recebeu o nome de Sermão da Montanha. Após sua morte apareceria também aos seus discípulos, trazendo a cabeça aureolada. Davadatta o trairia do mesmo modo que Judas a Jesus. Nada tendo escrito, os seus discípulos recolheriam os seus ensinamentos orais. Buda também tivera os seus discípulos prediletos, e seria um revoltado contra o poder abusivo dos sacerdotes bramânicos.

REFLEXÕES VIII

Mais tarde, o budismo ficaria dividido em muitas seitas, como o cristianismo. Quando missionários cristãos estiveram na Índia, ficaram impressionados e começaram a perceber como nasceu o romance da vida de Jesus. O Papa do budismo, o Dalai-Lama, também se diz ser infalível. Mitra, um deus redentor dos persas, foi o traço de união entre o cristianismo e o budismo. Cristo foi um novo avatar, destinado aos ocidentais.

Mitra era o intermediário entre Ormuzd e o homem. Era chamado de senhor e nasceu em uma gruta, no dia 25 de dezembro. Sua mãe também era virgem antes e depois do parto. Uma estrela teria surgido no Oriente, anunciando seu nascimento. Vieram os magos com presentes de incenso, ouro e mirra, e adoraram-no. Teria vivido e morrido como Jesus. Após a morte, a ressurreição em seguida.

Fírmico descreveu como era a cerimônia dos sacerdotes persas, carregando a imagem de Mitra em um andor pelas ruas, externando profunda dor por sua morte. Por outro lado, festejavam alegremente a ressurreição, acendendo os círios pascais e unguindo a imagem com perfumes. O Sumo Sacerdote gritava para os crentes que Mitra ressuscitara, indo para o céu para proteger a humanidade.

Os rituais do budismo, do mitraísmo e do cristianismo são muito semelhantes. Horus foi o deus solar e redentor dos egípcios. Horus, como os deuses já citados, também nasceria de uma virgem. O nascimento de Horus era festejado a 25 de dezembro. Amenófis III criou um mito religioso que depois foi adaptado ao cristianismo. Trata-se da anunciação, concepção, nascimento e adoração de Iath. Nas paredes do templo, em Luxor, encontram-se os referidos mistérios. Baco, o deus do vinho, foi também um deus salvador. Teria feito muitos milagres, inclusive a transformação da água em vinho e a multiplicação dos peixes. Em criança, também quiseram matá-lo. Adonis era festejado durante oito dias, sendo quatro de dor e quatro de alegria; as mulheres faziam as lamentações, como carpideiras.



REFLEXÕES VIII

O rito do Santo Sepulcro foi copiado do de Adonis. Apagavam todos os círios, ficando apenas um aceso, que representava a esperança da ressurreição. O círio aceso ficava semiescondido, só reaparecendo totalmente no momento da ressurreição, quando então o pranto das mulheres era substituído por uma grande alegria. Também os fenícios, muitos milênios antes, já tinham o rito da paixão, do qual os católicos copiaram o rito da paixão de Cristo. Todos os deuses redentores passaram pelo inferno durante os três dias entre a morte e a ressurreição. Isso é o que teria acontecido com Baco, Osiris, Krishna, Mitra e Adonis. Nestes três dias, os crentes visitavam os seus defuntos, segundo Dupuis, em *L'Origine des tous les cultes*.

Todos os deuses redentores eram também deuses-sol, como Átis, na Frígia; Balenho, entre os celtas; Joel, entre os germanos; Fo, entre os chineses. Assim, antes de Jesus Cristo, o mundo já tivera inúmeros redentores. Com este ligeiro apanhado da mitologia dos deuses, deixo patente a origem do romance do Gólgota. Acredito ter esclarecido quais as fontes onde os criadores do cristianismo foram buscar inspiração.

Jesus Cristo, uma cópia religiosa

Os artigos anteriores nos permitem constatar que, nas diversas épocas da história, as religiões transformam-se variando em razão da complexidade cada vez maior das sociedades em que elas existiram.



Vimos que a crença em um deus redentor é muito anterior ao judaísmo, sempre ligada à ânsia da necessidade de redenção das tremendas aflições do povo. Quanto ao Jesus Cristo, este resultou de uma série de mitos que os hebreus copiaram dos babilônicos, dos egípcios e de outros povos, visando com isto a dar consistência ao judaísmo. Estudos filológicos forneceram as bases para o estabelecimento de um traço de união entre as crenças dos deuses orientais e o judaísmo. Vejamos, por exemplo, as palavras Ahoura-Mazda e Jeová, que significam “O que é”.

REFLEXÕES VIII

Partindo de velhas lendas orientais, e baseando-se na origem comum da palavra, foi compilado o Gênese, numa tentativa de explicar a criação do mundo. Segundo o Zend-Avesta, o Ser Eterno criou o céu e a Terra, o Sol a Lua, as estrelas, tudo em seis períodos, aparecendo o homem por último.

O descanso foi posto no sétimo dia. Manu havia ensinado, muito antes, que no começo tudo era trevas, quando Bhrama dispersou-as, criou e movimentou a água, em seguida produziu os deuses secundários, os anjos dirigidos por Mossura, que posteriormente se rebelariam contra Deus. Veio então Shiva, e os prendeu no inferno. Shiva tornou-se a terceira pessoa da Santíssima Trindade Bhramânica em consequência das sucessivas invasões bárbaras sofridas pela Índia. Os bárbaros, crendo em Shiva, o deus da lascívia e da sensualidade, impuseram sua inclusão, surgindo assim a trindade divina de Bhrama.

Manu ensinara igualmente que Deus criara o homem e a mulher, fazendo-os apenas inferior a Devas, isto é, Deus. O primeiro homem recebera o nome de Adima ou Adam, e a primeira mulher, Heva, significando o complemento da vida. Foram postos no paraíso celeste e receberam ordem de procriar. Deveriam adorar a Deus, não podendo sair do paraíso. Mas, um dia, indo ver o que havia fora dali, desapareceram. Bhrama perdoou-os, mas expulsou-os, condenando-os a trabalhar para viver. E disse que, por haverem desobedecido, a Terra se tornaria má, porque o espírito do mal dela se apoderara. Entretanto, mandaria seu filho Vishnu que, se encarnando em uma virgem, redimiria a humanidade, libertando-a definitivamente do pecado da desobediência. Ormuzd teria prometido ao primeiro casal humano que, se fossem bons, seriam felizes na terra. Mas Arimã mandou que um demônio em forma de serpente aconselhasse a desobedecerem a Deus. Comeram os frutos que Arimã lhes deu, acabou a felicidade humana, e todos os que nascessem daí em diante seriam infelizes.

Sendo levados cativos para a Babilônia, os judeus ali encontraram tal lenda. Libertos, voltando à Judeia, trouxeram essa crendice, como também a crença da imortalidade da alma e da vida futura, dos espíritos bons e espíritos maus, surgindo daí os anjos Gabriel,

REFLEXÕES VIII

Miguel e Rafael, os querubins e serafins. Nasceu daí o mito do diabo, o anjo rebelado.

A palavra paraíso é o termo persa que significa jardim. Os persas, os hindus, os egípcios e os gregos acreditavam no paraíso. Da mesma forma, todos eles acreditavam no inferno. Entretanto, as crenças antigas desconheciam os castigos eternos, que foram criados pelo cristianismo, aliás, uma das poucas coisas originárias dessa crença. Também o purgatório, naturalmente, é outra novidade do cristianismo, sendo desconhecido do judaísmo. A ideia do purgatório vem de Platão, que havia dividido as almas em puras, curáveis e incuráveis.

Os filhos de Adima e Heva haviam se tornado numerosos e maus. Por isso, Deus mandou o dilúvio para matá-los. Mas deu ordem a Vadasuata para construir um barco e nele entrar com a família, devido ao fato de ser um homem virtuoso. Deveria levar consigo, além da família, um casal de cada espécie de animal existente: esta é a história do dilúvio relatada nos Vedas, e que foi incluída na Bíblia dos cristãos.

As origens do cristianismo repousam, incontestavelmente, nas lendas e crenças dos deuses mitológicos, não apenas dos judeus, mas também de outros povos. Os caldeus e os fenícios, como os judeus, haviam se especializado no comércio, e por dever de ofício, se alfabetizaram. Assim, sabendo ler e escrever, puderam copiar as lendas e o folclore dos povos com os quais comerciavam e conviviam, que puderam adquirir longevidade e se fixar melhor na memória humana. Sendo comerciantes por excelência, os judeus perceberam que a religião poderia se tornar uma boa mercadoria, por meio da qual adviria o domínio de muitos povos e vontades. Desta forma, tendo compilado o que julgaram mais interessante ou mais proveitoso em relação aos seus propósitos, passaram a difundir pelo mundo as suas ideias religiosas. Com isto, o conhecimento e a razão foram substituídos pelas crendices e superstições religiosas.

Desde há muito a religião tem servido para moderar os impulsos humanos, sobretudo daqueles que pertencem a uma classe social

REFLEXÕES VIII

menos favorecida. Saliento o prejuízo que o mundo tem sofrido com o rebaixamento mental imposto pelas crenças e superstições religiosas, com o que o conhecimento sofre uma estagnação sensível. No entanto, o homem tem se deixado levar pelas crenças e práticas religiosas sem que nenhum benefício lhe seja dado em retribuição. O homem tem feito tudo para si mesmo, apesar de sua religiosidade. A única classe beneficiada realmente com a religião é a dos sacerdotes.

Bom, vamos retomar o assunto em pauta, após essa rápida digressão. A Bíblia cita dez patriarcas que teriam morrido em idade avançada, antes do dilúvio. Contudo, essa lenda provém da tradição caldáica, segundo a qual dez reis governaram durante 432 anos. Da mesma forma, as lendas hindus, egípcias, árabes, chinesas ou germânicas fazem referência a homens que tiveram uma longa vida, como a do Matusalém da Bíblia.

Igualmente, a lenda de Abraão, que deveria sacrificar o seu filho Isaac, procede de lendas anteriores ao judaísmo. O livro das profecias hindus relata uma história igual. Ramatsariar conta que Adgitata, protegido de Bhrama por ser um homem de bem, teve um filho que nasceu tão milagrosamente como Jesus. Entretanto Bhrama, para experimentá-lo, lhe ordena que sacrificasse o filho. Ele obedece, mas Bhrama impede-o no momento exato. Seu filho seria o pai de uma virgem a qual, por sua vez, seria a mãe do Deus-homem.

José e a mulher de Putifar foram a cópia de uma velha lenda egípcia, conforme documentos recentemente traduzidos. Era uma história intitulada *Os dois irmãos*. Emílio Bossi, relatando o achado, dá a palavra a Jacolliot: “Um homem da Índia fez leis políticas e religiosas; chamava-se Manu. Esse mesmo Manu foi o legislador egípcio, Manas. Um cretense vai ao Egito estudar as instituições que pretende dar ao seu país, e a história confirma isto dizendo que esse cretense foi Minos. Enfim, o libertador dos escravos judeus chamava-se Moisés, que teria recebido as leis das mãos do próprio Jeová. Temos, então, Manu, Manes, Minos e Moisés, os quatro nomes que predominaram no mundo antigo. Aparecem na história de quatro povos diferentes para representar o mesmo papel,

REFLEXÕES VIII

rodeados da mesma auréola misteriosa, os quatro são legisladores, grandes sacerdotes e fundadores das sociedades teocráticas e sacerdotais. Esses quatro nomes têm a mesma raiz sânscrita. O hinduísmo deu origem ao judaísmo. Por isso, de Jeseu Krishna fizeram Jesus Cristo.”

Documentos recentemente estudados mostram terem sido os hindus os prováveis colonizadores do Egito. A documentação demonstra que o conhecimento nasceu do saber hindu. A assiriologia mostra que a lenda de Moisés foi copiada da de Sargão I, rei acádio, que igualmente teria sido salvo em um cesto deixado no rio, à deriva.

A lenda de Sansão é outro exemplo. Sansão representa o Sol. O poder que lhe foi atribuído é o mesmo dos deuses solares. E assim, examinando os escritos de antigas civilizações, chegamos ao conhecimento das origens de tudo o que a Bíblia narra como fatos reais. Concluímos então que Jesus Cristo nada mais representa que uma cópia das lendas e mitos dos deuses adorados por povos os mais remotos e variados.

Os deuses redentores

Percebendo a importância da luz do Sol sobre a Terra, o homem imaginou que essa luz seria uma emanção protetora de Deus. Da ideia de que existia um único Sol surgiu o monoteísmo, isto é, a crença em um só Deus.

Das palavras Devv e Divv, que em sânscrito significam Sol e luminoso, originou-se a palavra deus. Daí, em grego, a palavra zeus; em latim, deo; para os irlandeses, dias; em italiano dio, etc.

A parte do tempo em que a Terra recebe a luz do Sol recebeu o nome dia em oposição ao período de trevas, a noite. O dia teria sido um presente divino, graças à luz solar. Conseguindo produzir o fogo, aumentou a crença humana no deus Sol. Graças ao fogo, o homem pôde libertar-se de um dos seus maiores inimigos, que era o frio,



REFLEXÕES VIII

assim como passou a cozinhar os seus alimentos. Devendo cada vez mais a vida ao calor, a gratidão do homem para com o Sol cresceu ainda mais. Foi assim que nasceu o mito solar, do qual Jesus Cristo é o último rebento.

Por uma série de deduções, chegaram igualmente à concepção do significado místico da cruz. Dos raios solares foi criada uma cruz, espargindo raios por todos os lados. Da mesma forma foi a ideia do Espírito Santo, um espírito caridoso que irradia a bondade divina. Depois a sequência mística do Sol, o fogo e o vento, dando origem a Salvitri, Agni e Vayu, do mito védico.

O rito védico celebra o nascimento de Salvitri, o Deus-sol, em 25 de dezembro, no solstício, quando aparecem as refulgentes estrelas. As estrelas trazem a boa nova, a perspectiva de boas colheitas. Daí os sacrifícios e os ritos propiciatórios oferecidos ao Deus-sol. Assim os cristãos encontraram o seu Jesus Cristo.

A vida dos deuses redentores é a vida do Sol. Por isso, todos eles tiveram suas datas de nascimento fixadas em 25 de dezembro: Mitra, Horus e Jesus Cristo. Também é simbólica a ressurreição na primavera, tempo da germinação e das folhas novas. Baseando-se nisso, Aristóteles e Platão admitiram certa racionalidade dos que adoravam o Sol.

Heródoto e Estrabão diziam que Mitra era o Deus-sol, tendo por emblema um sol radiante. Plutarco conta que o culto de Mitra veio para a Sicília trazido pelos piratas do mar. Em escavações feitas no solo italiano, foram encontradas placas de barro solidificados ao sol trazendo esta inscrição: Deo Soli Invicto Mitrae, lembrando o deus dos persas.

Niceto escreveu que certos povos adoraram a Mitra como o Deus do fogo, outros como sendo o Deus-sol. Júlio Fírmio Materno disse que Mitra era a personificação do Deus-fogo, enquanto Aquelau considerava-o o Deus-sol. São Paulino descreveu os mistérios de Mitra como sendo os de um deus solar e redentor. Karneki, rei hindo-escita, no começo de nossa era, mandou cunhar moedas em que se vê a efígie de Mitra dentro de um sol radiante. Mitra ainda

REFLEXÕES VIII

era representado com um disco solar na cabeça, segurando um globo com a mão esquerda.

Do mesmo modo os cristãos representam Jesus Cristo. Era o Senhor. Ao surgir o cristianismo, os cristãos primitivos ainda chamavam o Sol de Dominus, com o que, lentamente, foi absorvendo o ritual mitráico. No Egito, o Sol era o Pai Celestial. Um obelisco trazido para o Circo Máximo de Roma trazia esta inscrição: “O grande Deus, o justo Deus, o todo esplendente”, tendo um sol espargindo seus raios para todos os lados. Da mesma forma, todos os deuses dos índios americanos pertenciam ao rito solar, assim como os deuses dos hindus, dos chineses e japoneses. Os caldeus, adorando o Sol como seu deus, dedicaram-lhe a cidade de Sípara, onde ardia o fogo sagrado, eternamente, em sua honra. Em Edessa e em Palmira foram encontrados templos dedicados ao Deus-sol.

Orfeu considerava o Sol como sendo o deus maior. Agamenon disse que o Sol era o deus que tudo via e de que tudo provinha. Os judeus e os líderes do cristianismo, para a formação deste, só tiveram que adaptar as crenças e rituais antigos a uma nova personagem: Jesus Cristo. Toda a roupagem necessária para vestir o novo deus preexistia. Apenas era necessário moldá-la um pouco.

Jesus Cristo é um mito solar

Tendo em vista o completo silêncio histórico a respeito de Jesus Cristo, bem como as evidentes ligações deste com o mito dos deuses-solares, Dupuis escreveu o seguinte: “Um deus nascido de uma virgem no solstício do inverno, que ressuscita na Páscoa, no equinócio da primavera, depois de haver descido ao inferno; um deus que leva atrás de si doze apóstolos, correspondentes às doze constelações; que põe o homem sob o império da luz, não pode ser mais que um deus solar, copiado de tantos outros deuses heliosísticos em que abundavam as religiões orientais. No céu da esfera



REFLEXÕES VIII

armilar²⁶ dos magos e dos caldeus via-se um menino colocado entre os braços de uma virgem celestial, a que Eratóstenes dá como Ísis, mãe de Horus. Seu nascimento foi a 25 de dezembro. Era a virgem das constelações zodiacais. Graças aos raios solares, a virgem pôde ser mãe sem deixar de ser virgem... Via-se uma jovem ‘Seclanidas de Darzana’, que em árabe é ‘Adrenadefa’, e significa virgem pura, casta, imaculada e bela... Está assentada e dá de mamar a um filho que alguns chamam de Jesus e, nós, de Cristo.”

Já mostrei que Jesus repete todos os mistérios dos deuses solares e redentores, pelo que Heródoto, Plutarco, Lactâncio e Firmico puderam afirmar que esse deus redentor é o Sol. De modo que Jesus é apenas mais um deus solar. Ainda hoje, grande parte do rito cristão é de origem solar. Na Bíblia, encontramos estas palavras: “Deus estabeleceu sua tenda no Sol”, e ainda: “Sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o Sol da justiça e vossa vida estará em seus raios.” João diz que “o verbo é a lei, a luz e a vida, a luz que ilumina a vista de todos os mortais, a luz do mundo.” E ainda chama a Jesus de o “cordeiro”, o Agnus Dei qui tollit peccata mundi.

Com isto, o Apocalipse fez de Jesus o “cordeiro pascal”, e a Igreja o adorou sob a forma de um cordeiro até o ano de 680. Era o Cristo o Áries zodiacal, vindo de Agnus, com a representação de fogo, o Sol condensado. Orígenes justificava a adoração do Sol tendo em vista a sua luz sensível e também pelo aspecto espiritual. Tertuliano reconheceu que o dogma da ressurreição tem sua origem na religião persa de Mitra. Para S. Crisóstomo, Jesus era o Sol da justiça, para Sinésio, o Sol intelectual. Fírmico Materno descreveu Jesus baixando ao inferno, esplendente como o Sol. O domingo, o dia do Senhor, o dia do descanso, procede de Dominus, o Deus-sol, o Senhor.

Segundo Teodoro e Cirilo, para o maniqueus Cristo era o Sol. Os Saturnilianos acreditavam que a alma tinha substância solar, deixando o corpo e voltando para o Sol, de onde proviera, após a morte. O antigo rito do batismo determinava que o

²⁶ **Armilar:** que é composto de círculos representativos da esfera celeste.

REFLEXÕES VIII

catecúmeno²⁷ voltasse o rosto em primeiro lugar para o ocidente, para retirar de si Satanás, símbolo das trevas. Igualmente, as festas do sábado santo são reminiscências do mito da luta do Sol contra as trevas, na Páscoa. As orações desse ofício são cópia dos hinos védicos. A palavra aleluia, que era o grito de alegria dos persas, adoradores do Sol, quando na Páscoa festejavam a sua volta, significa: elevado e brilhante.

Foram necessários muitos séculos para que a Igreja pudesse alienar um pouco do que lembrava que o seu culto era de um deus solar. Entretanto, a história escrita é inflexível e demonstra que todos os deuses redentores ou solares foram tão adorados quanto o mitológico Jesus Cristo. E embora tenha havido longas fases em que foram impostos a ferro e fogo, nem por isto deixaram de cair, nada mais sendo hoje do que o pó do passado religioso do homem.

O certo é que Jesus Cristo é mitológico de origem, natureza e significado. O seu surgimento ocorreu para atender à tendência religiosa e mística da maioria, que ainda hoje teme as realidades da vida e, portanto, procura, para se orientar, algo fora da esfera humana, na esperança de assim conseguir superar a si mesmo e aos obstáculos que surgem diariamente.

O cristianismo é produto de tendências naturais de uma época, aproveitadas espertamente pelos líderes do cristianismo. O judeu pobre e oprimido, não tendo para quem apelar, passou a esperar de Deus aquilo que o seu semelhante lhe negava. O sacerdote, valendo-se do deplorável estado de espírito de uma população faminta e, sobretudo, desesperançada, ressuscitou um dentre os velhos deuses para restaurar a esperança do povo judeu.

E assim, surgiu mais um mito solar, mais um deus com todos os atributos divinos, tal como os que o antecederam. O novo deus solar em questão é Jesus Cristo.

Outras fontes do cristianismo

²⁷ **Catecúmeno:** aquele que recebe instrução rudimentar nas doutrinas do cristianismo antes do batismo.

REFLEXÕES VIII

Conforme disse várias vezes, o cristianismo tomou por empréstimo tudo quanto se fez necessário à sua formação. Assim, todos os ensinamentos atribuídos a Cristo foram copiados dos povos com os quais os judeus tiveram convivência. A sua moral, a moral que Cristo teria ensinado, aprendeu-a com os filósofos que o antecederam em muitos séculos. De modo que não há inovações em nenhum setor ou aspecto do cristianismo.



Antigos povos, milênios antes, adoraram seus deuses semelhantemente.

Dentre as máximas adotadas pelo cristianismo, comento a seguinte: “Não faças aos outros o que não queres que a ti seja feito.” Este ensinamento não teria partido de Jesus, conforme pretendem os cristãos, não sendo sequer uma máxima cristã, originariamente. Encontraremos-na em Confúcio, e ainda no bramanismo, no budismo e no mazdeísmo, fundado por Zoroastro. Era uma orientação filosófica e religiosa, adotada pelos hindus.

A originalidade do cristianismo consistiu apenas em criar as penas eternas, um absurdo desumano e irracional. Enquanto isso, o mazdeísmo cria a possibilidade de regeneração do pior bandido, admitindo mesmo a sua plena reintegração no seio da sociedade. O perdão aos inimigos foi, muito antes de Jesus, aconselhado por Pitágoras. Os egípcios religiosos praticavam uma moral muito elevada. No Livro dos Mortos encontramos a confissão negativa, de acordo com a qual a alma do morto comparecia ante o tribunal de Osíris e proferia em alta voz as suas más ações. O sentimento de igualdade e fraternidade para com os homens foi ensinado por Filon.

O cristianismo adotou os seus ensinamentos, atribuindo-os a Jesus. São de Filon as seguintes palavras: “Os que exaltam as grandezas do mundo como sendo um bem, devem ser reprimidos.”; “A distinção humana está na inteligência e na justiça, embora partam do nosso escravo, comprado com o nosso dinheiro.”; “Porque hás de ser sempre orgulhoso e te achares superior aos outros?”; “Quem te

REFLEXÕES VIII

trouxe ao mundo? Nu vieste, nu morrerás, não recebendo de Deus senão o tempo entre o nascimento e a morte, para que o apliques na concórdia e na justiça, repudiando todos os vícios e todas as qualidades que tornam o homem um animal”; “A boa vontade e o amor entre os homens são a fonte de todos os bens que podem existir.”

Como vemos, não há nada de novo no cristianismo. Platão salientou a felicidade que existe na prática da virtude. Ensinou a tolerância à injúria e aos maus tratos, e condenou o suicídio. Recomendou o humanismo, a castidade e o pudor, e condenou a volúpia, a vingança e o apego demasiado aos bens. Sua moral baseou-se na exaltação da alma, no desprezo dos sentidos e na vida contemplativa. O Padre Nosso foi copiado de Platão. Quem conhece bem a obra de Platão percebe os traços comuns entre ela e o cristianismo. Filon inspirou-se em Platão e, a Igreja, na obra de Filon, que helenizou o judaísmo.

Aristóteles afirmou que a comunidade repousa no amor e na justiça. Admitia a escravatura, mas libertou os seus escravos. Poderiam existir escravos, mas não a seu serviço. A comunidade deveria instruir a todos, independentemente da classe social, com o que ensinou o evangelho aos Evangelhos.

A abolição do sacrifício sangrento não foi introduzida pelo cristianismo. Não lhe cabe tal mérito. Gélon, da Sicília, firmando a paz com os cartagineses, estipulou como condição a supressão do sacrifício de vidas animais aos seus deuses. Sêneca aconselhava o domínio das paixões, a insensibilidade à dor e ao prazer. Recomendava igualmente a indulgência para com os escravos, dizendo que todos os homens são iguais. Referia-se ao céu como fazem os cristãos, afirmando que todos são filhos de um mesmo pai. Concebia como pátria o Universo. Os homens deveriam se ajudar e se amar mutuamente. Enquanto isso, o humanismo cristão limitou-se apenas aos irmãos de fé. O bem visa somente à salvação da alma, o que é egoísmo, nunca humanismo. Sêneca manifestou-se contrário à pena de morte; o cristianismo, ao contrário, é responsável por inúmeras execuções. Admitia a tolerância mesmo em face da culpa. Em vez de perseguir e punir, por que não persuadir, ensinar e converter?

REFLEXÕES VIII

Epíteto e Marco Aurélio foram bons professores dos cristãos. Os filósofos greco-romanos foram grandes mestres da moral cristã e da consolação, sem que para isso criassem empresas, negócios ou castas. O cristianismo existente antes de Jesus Cristo já pregava a moral anterior ao martírio do Gólgota. A moral cristã não veio de Jesus Cristo nem dos Evangelhos, mas nasceu da tendência natural para o aperfeiçoamento do homem.

Não fosse a destruição sistemática de antigas bibliotecas, determinada pelo clero no intuito de preservar os seus escusos interesses, hoje seria possível patentear com documentos à mão que a moral anterior à cristã era bem melhor do que esta, tendo-lhe servido de modelo. Assim, se vê que a moral jamais foi patrimônio de castas ou de indivíduos, sendo uma lenta conquista da humanidade, com ou sem religião, e mesmo contra ela. Por isso é que o mundo racionaliza-se continuamente, e avança sempre no sentido do seu aperfeiçoamento.

A bondade humana independe da ideia religiosa. A razão nos ensina o que devemos ao nosso meio social, independentemente da fé e da religião. Para justificar o aparecimento de Jesus, se fez necessário recorrer a uma moral que, no entanto, já era um patrimônio da humanidade. Jesus nada mais foi do que a materialização de qualidades que já existiam. Por isso, mesmo em moral, Jesus foi ator, não autor.

O cristianismo apenas sistematizou e industrializou essa velha moral, estabelecendo-a como um rendoso comércio. A Igreja é responsável pela deturpação dessa moral. Havia a moral pela moral, que foi substituída pela moral bíblica, em que só se é bom para ganhar o céu. Superpondo-se um grupo empresarialmente forte, extinguiu-se a moral individual.

Judaísmo e cristianismo

Pesquisas e estudos comparados têm demonstrado que a mitologia judaico-cristã é bem anterior ao próprio judaísmo, quando se percebe que dogmas como o da



REFLEXÕES VIII

imortalidade da alma, da ressurreição e do Verbo encarnado são muito anteriores ao cristianismo.

A imortalidade da alma já tinha milênios quando os judeus foram levados cativos para a Babilônia. Zoroastro ensinara, muito antes, ser a alma imortal, e que essa imortalidade seria produto de uma opção humana. O livre-arbítrio levaria o homem a escolher uma vida que o levaria ou não à imortalidade. O erro e o mal produziram a morte definitiva, a prática do bem, a imortalidade. Do mesmo modo, na Ciropédia, bem anterior a Zoroastro, se lê que Ciro, moribundo, disse: “Não creio que a alma que vive em um corpo mortal se extinga desde que saia dele, e que a capacidade de pensar desapareça apenas porque deixou o corpo que não tem como pensar por si mesmo.” Por outro lado, Einstein, pouco antes de morrer, declarou não crer que algo sobrasse do ser vivo após a morte. Os egípcios, os hindus, os sumérios, os hititas e os fenícios criam na imortalidade da alma.

A ressurreição foi um dos fundamentos do Zend-Avesta. Zoroastro também ensinou que o fim do mundo seria precedido por um grande acontecimento, a ser predito por profetas. Os persas tiveram os seus profetas, que foram Ascedermani e Ascerdemat, que passaram à Bíblia sob os novos nomes de Enock e Elias, entidades míticas, como se vê. Desses mitos surgiram o Talmud e os Evangelhos, o que mostra que, em religião, a ideia original pertence à noite dos tempos.

A doutrina do Verbo já era antiquíssima no Egito. Deus teria gerado Kneph “a palavra, o Verbo”, que é igual ao pai. Da união de Deus com o Verbo nasceu o fogo, a vida, Fta, a vida de todos os seres. O monoteísmo e a Santíssima Trindade eram crenças muito antigas na Índia. Os deuses únicos e os deuses secundários são uma velha doutrina oriental. A religião greco-romana já possuía o seu Apolo e Zeus, rodeados por uma porção de deuses secundários. Essas velhas lendas deram origem ao Deus do cristianismo, com toda sua corte de santos e anjos. O politeísmo há muito vinha caminhando para o monoteísmo. Os gregos já haviam concebido a ideia de um intermediário entre os homens e Júpiter, que era Apolo, tendo encarnado para redimir os homens. Porfírio citou o seguinte

REFLEXÕES VIII

oráculo de Serapis: “Deus é antes e depois e ao mesmo tempo, é o Verbo e o Espírito, como um e outro.” O mundo antigo cria em um Deus único, pai de todas as coisas, afirmou Máximo de Tiro. O povo então já dizia: Deus o sabe! Deus o quer! Deus o abençoe! Os oráculos só se referiam a Deus e não aos deuses.

Os apologistas do cristianismo, tais como Eusébio, Agostinho, Lactâncio, Justino, Atanásio e muitos outros, ensinavam que unidade de Deus era conhecida desde a mais remota antiguidade. Os órficos, inclusive, a admitiam. Na Bíblia, ao ser traduzido para o grego e para o latim, o nome de Deus passou a ser muitas vezes Senhor, Dominus, para ficar conforme o nome do Deus-sol do mitraísmo.

O amor a Deus foi a base de todas as religiões copiadas pelo judaísmo. Isaías falava de Deus como Pai Celestial. Ezequiel dizia que Deus não queria a morte do pecador, preferindo antes a sua conversão. O justo viverá eternamente pela fé. São palavras de Habacuc, repetidas por Paulo em Gálatas 3:2.

Como vimos, a doutrina do Verbo vem de Platão, tendo sido este o intermediário entre os metafísicos e os cristãos. Foi ele quem concebeu a ideia da separação do corpo e da alma e pôs aquele na dependência desta. Na opinião dele, a Terra era o desterro da alma. Foi o criador do sistema filosófico da decadência moral do homem, fazendo dos sentidos uma ameaça, do mundo um mal e da eternidade o delírio, o sonho.

Cícero e Sêneca tinham ideias cristãs, mas não conheceram a Jesus Cristo nem ao cristianismo. Agostinho leu as obras de Cícero e trocou o maniqueísmo pelo cristianismo. A Igreja procurou destruir as principais obras de Cícero e de Sêneca para que a posteridade não percebesse que eles não tinham sido cristãos seguidores de Cristo, mas apenas que as suas ideias coincidiam com as que o cristianismo esposou. O cristianismo nasceu da helenização do judaísmo.

Os cristãos terapeutas abandonaram o judaísmo ortodoxo porque este tinha posto de lado o culto nacional do templo e o sacrifício Pascal, retirando-se para uma vida contemplativa nos montes, longe dos homens e dos negócios. Estabeleceram uma sociedade comunal,

REFLEXÕES VIII

considerando o casamento um apego à carne, um empecilho à salvação da alma. Baniram os principais prazeres da vida, exaltando o celibato e a pobreza, como os essênios, além de aconselhar a caridade. Eusébio chamou aos terapeutas de cristãos sem Cristo. Para ele, um terapeuta era um autêntico cristão. Isto levou Strauss a escrever: “Os terapeutas, os essênios e os cristãos dão sempre muito o que pensar.”

A doutrina dos essênios, a moral dos terapeutas, a encarnação do Verbo, vinda do judaísmo helenizado, é o cristianismo de Filon. Desse modo, Filon foi criador do cristianismo, sem saber. Ele se refere ao Verbo nos termos da mitologia egípcia sem, contudo, mencionar a crença em Jesus Cristo. Salomão fez da sabedoria divina a criação. O Livro da Sabedoria define a natureza desse princípio intermediário, transformando o pensamento vago do rei judeu sobre a sabedoria da doutrina do Verbo.

Sirac, em Eclesiástico, faz a doutrina do Verbo ser mais precisa: “A sabedoria vem de Deus, estando sempre com ele. Foi criada antes de todas as coisas. A voz da inteligência existe desde o princípio. O Verbo de Deus, no mais alto do céu, é a fonte da sabedoria”! Filon disse que o Verbo se fizera humano. Segundo ele, Deus era infalível e inacessível à inteligência humana, não nos alcançando senão pela graça divina. Para ele, ainda, o Verbo não era apenas a palavra, mas a imagem visível de Deus.

O Verbo seria o Ungido do Senhor, o ideal da natureza — o Adão Celeste é a doutrina da encarnação do Verbo — tomando a forma humana. O Verbo é o intermediário entre Deus e os homens. Diz ainda que o Verbo é o pão da vida.

Por aí vemos que não foi o Cristo o criador do cristianismo, mas este é que o criou. Clemente de Alexandria, Orígenes ou Paulo, assim como os primeiros padres do cristianismo, jamais se referiram a Jesus Cristo como tendo sido um homem que tivesse caminhado do Horto ao Gólgota, mas o tiveram apenas como o Verbo, conforme a doutrina de Platão e de Filon.

O cristianismo sem Jesus Cristo

Está patente a existência do cristianismo sem Cristo. A existência do clero, por outro lado, foi uma exigência bramânica.

Pregando por meio de parábolas, os sacerdotes se faziam necessários para esclarecer o sentido das mesmas. Assim se justificava o pagamento com as esmolas dos crentes. Ensinavam a religião e se apoderavam do dinheiro.



Suas terras e os templos já eram isentos dos impostos. O sumo sacerdote não se casava e era venerado como um deus. No budismo, tanto os bonzos como os mosteiros são mantidos pela comunidade e os monges, igualmente, não se casam. O Dalai-Lama é o Vigário de Deus, o sucessor de Fó, sendo Infalível como o papa se diz ser. Nos mosteiros todos se chamam de irmãos.

O clero persa era dividido em ordens hierárquicas, e tinha o direito a um décimo da renda da comunidade. Os magos persas, como os profetas judeus, eram puros e não trabalhavam. No Egito, a classe mais alta era a dos sacerdotes. Elegiam o rei e limitavam a sua ação. O povo arrendava as terras do templo. Só o clero ensinava a religião e presidia aos sacrifícios. O regime era teocrata e todos tinham de submeter-se às regras eclesiásticas. O sacerdote era o adivinho, fazia os oráculos, as profecias, os sortilégios e os exorcismos. Afirmava ter força sobre a natureza, para o bem da humanidade.

Os brâmanes procuravam afugentar os malefícios e as maldições. Para isto, cultivam certas plantas, como o lótus e o cânhamo, das quais faziam licores como o amrita, que possuía virtudes milagrosas. Tinham as mesmas modalidades de expiação ainda hoje adotadas pelo cristianismo.

As mortificações hindus são as mesmas praticadas pelos cristãos medievais. Certos crentes carregaram durante toda a vida enormes colares de ferro, outros, pesadas correntes de ferro. Alguns se marcavam com o ferro em brasa, avivando a ferida todos os dias.

REFLEXÕES VIII

Muitos vão rolando deitados até Benares, pagar ali suas promessas. Também usam sandálias cravadas de finos pregos, que entram pelas solas dos pés.

No Egito, os sacerdotes de Ísis açoitavam-se em sua honra, expiando, com isso, suas próprias culpas e as do povo. Entre os gregos havia a água lustral para as expiações e para as propiciações.

Os sacerdotes de Dodona feriam-se e os de Diana praticavam tais coisas em seus corpos, que às vezes punham em perigo a própria vida. Os romanos procuravam livrar-se das calamidades públicas oferecendo aos seus deuses sacrifícios humanos. Os indostânicos tornavam-se celibatários, pediam esmolas, jejuavam e se isolavam do convívio com outras pessoas. No budismo, as crianças eram ensinadas a fazer votos de castidade. O governo concedia honras especiais aos que chegavam aos 40 anos castos. No Egito, existiam mosteiros apropriados para os que faziam votos de castidade. Também os sacerdotes de Baco, na Grécia, faziam tais votos. Os sacerdotes de Cibele eram castos e castrados.

Em Roma, as vestais viviam em mosteiros, indo para eles até aos seis anos de idade, e juravam não deixar extinguir-se o fogo sagrado e manterem-se virgens. A que faltasse ao juramento seria enterrada viva e, o amante, condenado à morte.

Os budistas consagravam o pão e o vinho, representando o corpo e o sangue de Agni, quando os bonzos aspergiam os crentes. Enquanto aspergem água lustral, cantam hinos ao sol e ao Fogo, o “Kirie Eleison” que os católicos copiaram e cantam ou recitam durante a missa. Inicialmente o sacrifício constava da imolação de uma pessoa, a qual posteriormente foi substituída pela hóstia. Tal como o padre católico, o sacerdote budista também lava as mãos antes das libações. A cerimônia budista é em tudo semelhante à missa da Igreja Católica. Os persas tinham, em seus ritos religiosos, a eucaristia, ou seja, a mesma oferenda do pão e do vinho que também consta do ritual da missa, bem como o Pater Noster, o Credo e o Confiteor.

Na Grécia, rezava-se pela manhã e à noite. Os etruscos juntavam as mãos quando oravam. Também a confissão lá era praticada pelos

REFLEXÕES VIII

persas. O ritual do catolicismo tem muito do ritual mitraico, assim como a vestimenta dos sacerdotes católicos foi copiada do figurino dos sacerdotes de Mitra.

Muitas das religiões pré-cristãs já festejavam a Páscoa e a Natividade. Os persas inclusive dedicaram um dia aos mortos. E no dia em que o filho começava a receber instrução religiosa havia festa na casa dos pais. Entre os gregos, cada dia da semana era dedicado a um deus. Os hindus viviam peregrinando de um templo para outro. Criam na existência de dias bons e dias ruins, como também em sortilégios e malefícios. Cada pessoa era dedicada a um anjo que a protegia desde o nascimento. Benziam as vacas, os instrumentos agrícolas e animais domésticos.

A história do passado religioso do homem está repleta de virgens puras e belas, que são as mães dos deuses. Maria, mãe de Jesus Cristo, é apenas mais uma dentre tantas outras. Igualmente, as procissões constituem práticas multimilenares. É antiquíssima tal modalidade de culto. Juno e Diana passearam em caminhadas durante muitos séculos. As cidades sempre se enfeitaram à passagem dos santos e dos deuses.

Por aí vemos que nem Jesus nem o cristianismo têm nada de original. A veneração das imagens já era muito anterior ao cristianismo. Por outro lado, o judaísmo, que as baniou, não foi, entretanto, o primeiro a tomar tal atitude. Plutarco disse que os tebanos não as usavam, assim como Numa Pompílio proibiu os romanos de as usarem, durante o seu governo.

O batismo era uma cerimônia praticada pelos antigos muito antes de se cogitar, sequer, do nome de cristão. Os hindus lavam o recém-nascido em água lustral, dando-lhe um nome de um gênio protetor. Aos oito anos, a criança aprende a recitar os hinos ao Deus-Sol. A extrema-unção também, desde muito antes do cristianismo, era praticada pelos hindus.

Copiando detalhes dos ritos e cultos de uma grande variedade de seitas, o cristianismo constituiu o seu próprio ritual, tudo girando em torno do Deus-Sol, no qual, por fim, vestiram a roupa de Jesus Cristo.

REFLEXÕES VIII

O cristianismo deve ser examinado com isenção de ânimo, ainda quando visto como uma das melhores religiões. Ele propõe ter sido Jesus um messias. O termo é tomado do hebraico mesiá que quer dizer ungido. Da versão para o grego resultou Kristós. No caso, messias assume o contexto, como quando se diz ritualmente ungido salvador, ou como em ungido rei. Por influência grega a nova religião em vez de se chamar messianismo, passou a ser cristianismo. Não obstante algumas diferenças semânticas, os termos se equivalem.

Jesus nasceu pelo ano 4, antes de nossa era, “ao tempo do Rei Herodes” (Mateus 2;1), a quem o Evangelista ainda atribuiu a decisão de o matar. Para lograr seu objetivo “mandou massacrar em Belém e nos seus arredores todos os meninos de dois anos para baixo” (Mateus 2;16).

Sabe-se também que Herodes morreu no ano 4 a.C. Se esta narrativa, redigida 50 ou 80 anos depois, for verdadeira, deve-se admitir coerentemente que Jesus já era nascido pelo ano 4 antes da era atual. No início da Idade Média o monge Dionísio, O Pequeno (ou o Exíguo) criou a cronologia cristã, tendo errado por pelo menos 4 anos a data do nascimento de Jesus. Não há escritos contemporâneos de Jesus que mencionavam sua existência e doutrina. Este fato oferece muitas dificuldades. O que se escreveu depois, e ainda em outra língua, em grego, cujos conceitos mentais são mais evoluídos e poderão ter alterados nuances de conteúdo.

Pelos anos 60 ou após redigiram-se os 4 evangelhos, escritos respectivamente por Mateus e Marcos, Lucas e João. O Novo Testamento compõe-se destes escritos, e mais os Atos dos Apóstolos (de Lucas), Epístola (de vários Apóstolos e Apocalipse de João).

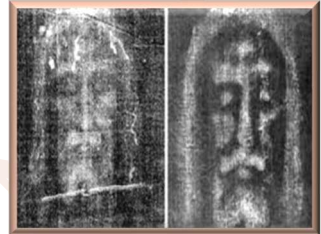
Como foi que surgiu o cristianismo?

Na interpretação histórico-crítica o processo de surgimento do cristianismo se desenvolveu num espaço relativamente curto. No início do ano 28 passou Jesus a pregar, sendo levado à morte no ano 30. Morto Jesus, processou-se uma institucionalização do grupo, com influências novas vindas do helenismo, fato este que provocou uma separação mais profunda ao qual, entretanto, ficou ligado

umbilicalmente. Dali resulta a necessidade de examinar o cristianismo inicial sob duas perspectivas. Numa primeira importa examiná-lo frente às seitas judias. Numa segunda perspectiva, quais foram suas fases de desenvolvimento, pelo qual se foi diferenciando, até tomar feição mais ou menos própria.

A falsificação do Sudário de Turim

O sudário de Turim é uma peça de tecido com aproximadamente 4,25 m por 1 m, que tem sobre ela a imagem de um homem. Na verdade, há duas imagens, uma frontal e uma de costas, com as cabeças se encontrando no meio. Já se observou que se o sudário tivesse realmente envolvido um corpo, deveria



haver um espaço onde as duas cabeças se encontram. Além disso, a cabeça tem o tamanho exagerado em 5% em relação ao corpo, o nariz é desproporcional e os braços são longos demais. Assim mesmo, a imagem é considerada por muitos como de Jesus de Nazaré, e o sudário sua mortalha funerária.

A maioria dos céticos acredita que a imagem seja uma pintura e uma fraude piedosa. O sudário é conservado na catedral de São João Batista em Turim, na Itália. Aparentemente, a primeira menção histórica do sudário como O Sudário de Turim é do fim do século XVI, quando ele foi trazido para a catedral daquela cidade, embora alegadamente tenha sido descoberto na Turquia, durante uma das assim chamadas “Santas” Cruzadas, na Idade assim chamada “Média”. Em 1988, o Vaticano permitiu que o sudário fosse datado por três organizações independentes – a Universidade de Oxford, a Universidade do Arizona, e o Instituto Federal de Tecnologia Suíço – e cada um deles datou-o de épocas medievais, em torno de 1350. O sudário esteve alegadamente num incêndio durante a primeira metade do século XVI, e, segundo os que creem na sua autenticidade, isto explica por que as datações por carbono não lhe dão mais de 650 anos. Para os descrentes, isso parece uma hipótese

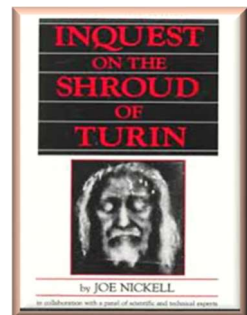
REFLEXÕES VIII

*ad hoc*²⁸. Segundo o Dr. Walter McCrone, microquímico, a sugestão de que o incêndio de 1532 em Chambéry teria alterado a data do tecido é risível. As amostras para a datação por carbono são rotineiras e completamente queimadas e transformadas em CO₂ como parte de um bem testado procedimento de purificação. As sugestões de que contaminantes biológicos modernos seriam suficientes para modernizar a data também são ridículas. Seria necessário um peso de carbono do século XX correspondente a duas vezes o do carbono do sudário para se alterar uma data do século I para o século XIV. Além disso, as amostras do tecido de linho foram limpas com muito cuidado antes da análise em cada um dos laboratórios de datação por carbono.

Talvez interesse aos céticos saber que muitas pessoas de fé acreditam haver evidências científicas que suportem sua crença na autenticidade do sudário. Naturalmente, as evidências se limitam quase que exclusivamente a apontar fatos que seriam verdadeiros se o sudário fosse autêntico. Por exemplo, afirma-se que ele seja uma imagem em negativo de uma vítima de crucificação. Afirma-se que ele seja a imagem de um homem flagelado brutalmente de um modo que corresponde a como a Bíblia descreve que Jesus foi tratado. É também alegado que a imagem não é uma pintura, mas uma imagem milagrosamente transposta. Os céticos discordam e argumentam que o sudário é uma pintura e uma falsificação.

O mercado de relíquias

Os céticos acreditam que o sudário de Turim é apenas mais uma relíquia religiosa, inventada para impulsionar o mercado da peregrinação ou para impressionar os infieis. (outra pintura igualmente famosa, que também se alega ter milagrosamente aparecido em um tecido,



²⁸ ***Ad hoc***: formulado com o único objetivo de legitimar ou defender uma teoria, e não em decorrência de uma compreensão objetiva e isenta da realidade (diz-se de argumento, proposição ou hipótese).

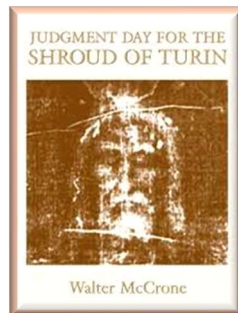
REFLEXÕES VIII

surgiu no México no século XVI, Nossa Senhora de Guadalupe).

Os argumentos para a falsidade do sudário são expostos mais vigorosamente por Joe Nickell em *Inquest On The Shroud Of Turin*, que foi escrito em colaboração com um painel de peritos científicos e técnicos. O autor afirma que as evidências históricas, iconográficas, patológicas, físicas e químicas apontam para a falsificação. O sudário é uma pintura do século XIV, não um tecido de dois mil anos de idade com a imagem de Cristo.

Uma das teorias é a de que “um modelo masculino foi impregnado com tinta e envolvido no lençol para criar a figura sombreada de Cristo.” O modelo foi coberto com ocre vermelho, “um pigmento encontrado na terra e amplamente utilizado na Itália durante a Idade Média, e pressionaram sua testa, ossos da face e outras partes da sua cabeça e corpo contra o linho para criar a imagem que existe hoje. Salpicou-se então vermelhão, feito com sulfeto de mercúrio, sobre os pulsos, pé e corpo da imagem para representar sangue.”

Walter McCrone analisou o sudário e encontrou traços dos produtos químicos que eram usados em “dois pigmentos comuns usados por artistas do século XIV, ocre vermelho e vermelhão, com um aglutinante de têmpera de colágeno (gelatina)” (McCrone 1998). Ele expõe sua argumentação completa de que o sudário é uma pintura medieval em *Judgment Day for the Shroud of Turin* (março de 1999). Por seus trabalhos, McCrone foi agraciado com o Prêmio de Química Analítica da Sociedade Americana de Química.



As evidências da autenticidade

O sudário, porém, tem muitos defensores que acreditam ter demonstrado que o pano não é uma falsificação, data da época de Cristo, tem origem milagrosa, etc. Afirma-se que há sangue do tipo AB no sudário. Os céticos negam. Não foi identificado sangue diretamente no sudário, mas sim na fita adesiva que foi usada para

REFLEXÕES VIII

coletar fibras do tecido. Quando seca, o sangue envelhecido fica negro. As manchas no sudário são vermelhas.

Exames periciais no material vermelho o identificaram como tinta de têmpera vermelhão e ocre vermelho. Outros testes feitos por Adler e Heller identificaram sangue. Se for sangue, poderia ser o de uma pessoa do século XIV. Poderia ser o de alguém que foi envolvido pelo tecido, ou o sangue do criador do sudário, ou de qualquer um que o tivesse manuseado, ou o de qualquer pessoa que tivesse manuseado a fita adesiva. Mas, ainda que houvesse sangue no sudário, isso não traria qualquer apoio à sua idade ou autenticidade.

Afirma-se que o pano tem um pouco de pólen e imagens sobre ele que são de plantas encontradas apenas na região do Mar Morto de Israel. Avinoam Danin, um botânico da Universidade Hebraica de Jerusalém, afirma ter identificado pólen do cardo *Gundelia tournefortii* e de uma alcaparra no sudário. Ele alega que esta combinação é encontrada apenas nas imediações de Jerusalém. Alguns crentes acham que a coroa de espinhos foi feita deste tipo de cardo. Entretanto, Danin não examinou o sudário pessoalmente. Suas amostras de pólen se originaram de Max Frei, que extraiu com fita adesiva amostras de pólen do sudário. Frei, que certa vez declarou os forjados Diários de Hitler como autênticos, provavelmente introduziu ele próprio o pólen, ou foi enganado e inocentemente colheu pólen que outra fraude piedosa havia introduzido (Nickell, Shafersman).

Danin e seu colega Uri Baruch, também afirmam ter descoberto impressões de flores no sudário, e que estas flores somente poderiam ter vindo de Israel. Entretanto, as imagens florais que eles veem estão ocultas em manchas mosqueadas, de forma bem semelhante à de que a imagem de Jesus está oculta em uma tortilha, ou a imagem de Maria está oculta na casca de uma árvore. O primeiro a ver flores nas manchas foi um psiquiatra, que era provavelmente um perito em ver traços de personalidade em manchas de tinta (Nickell, 1994).

Danin observa que outra relíquia que se acredita ser o pano funeral

REFLEXÕES VIII

de rosto de Jesus (o Sudário de Oviedo na Espanha) contém os mesmos dois tipos de grãos de pólen que o sudário de Turim, e também está manchado com o mesmo sangue do tipo AB. Desde que se acredita que o sudário de Oviedo existia antes do século VIII. De acordo com Danin, existem “claras evidências de que o sudário teve origem anterior ao século VIII.” Acredita-se que o tecido esteve em um baú de relíquias que data no mínimo da época da invasão Moura da Espanha. Afirma-se que ele estava no baú quando ele foi aberto em 1075. Mas, como não há nenhum sangue no sudário de Turim e não há nenhuma boa razão para se aceitar a suposição de Danin de que o pólen estava no sudário desde sua origem, esse argumento é espúrio.

Em todo caso, o fato de que pólen encontrado próximo ao Mar Morto ou Jerusalém estavam no sudário significa pouco. Mesmo se o pólen não tivesse sido introduzido numa fraude piedosa, ele poderia ter sido transportado para o sudário por qualquer pessoa que o tivesse manuseado. Em resumo, o pólen poderia ter-se originado em Jerusalém em qualquer época anterior ou posterior ao aparecimento do sudário na Itália. Essa não é uma evidência muito forte.

Além disso, o fato de haver dois panos que se acreditam terem envolvido o cadáver de Jesus não fortalece a afirmação de que o sudário seja autêntico, mas a enfraquece. Quantos panos além desses existem sobre os quais não sabemos? Teriam sido eles produzidos em massa, como os pedaços da verdadeira cruz, palha da manjedoura de Cristo, toras da arca de Noé? O fato de panos na Espanha e na Itália terem pólen e manchas de sangue idênticas é um pouco menos que “claras evidências” de que eles se originaram ao mesmo tempo, especialmente por existirem claras evidências de que a alegação de que eles possuem pólen e manchas de sangue idênticas não é verdadeira. Mas mesmo se ela fosse verdadeira, teria pouco valor em estabelecer como fato que algum destes tecidos tocou o corpo de Jesus.

Desfazendo a trama

Afirma-se que a textura do tecido é típica das que os judeus ricos

REFLEXÕES VIII

teriam na época de Jesus. O tecido do judeu rico não parece coerente com o tipo de pessoas com que Jesus supostamente convivia. Entretanto, conforme um leitor, Hal Nelson, argumentou, “O tecido de linho foi fornecido por José de Arimateia, descrito em Mateus 27 como um “homem rico” assim como discípulo.” (A trama de Turim é espinha de peixe; a trama de Oviedo é tafetá, provando, suponho eu, que Jesus tinha discípulos de todo tipo, até mesmo AB).

A imagem é de um homem de aproximadamente 1,80 m de altura. O tamanho e tipo de tecido do pano convenceram a um pesquisador/crente de que ele poderia ter sido usado como pano de mesa para a Última Ceia. Poderia ter sido usado também para muitas outras coisas, suponho.

Para o crente, entretanto, não é a prova científica da autenticidade do sudário que dá a ele seu significado especial. É a fé na origem milagrosa da imagem que define sua crença. O milagre é considerado um sinal de que a ressurreição realmente aconteceu e de que Jesus era divino.

Apenas mais uma relíquia?

Talvez o aspecto mais fascinante da controvérsia do sudário de Turim seja o modo que os crentes continuam trazendo à tona pistas falsas, e os céticos continuam mordendo a isca. Danin criou seu argumento-imagem de plantas/grãos de pólen em 1998, uma continuação de outro argumento que ele criou em 1997. Ele afirmou no artigo de 1998 que suas evidências mostraram que “o sudário somente poderia ter vindo do oriente próximo.” Um artigo da AP de Traci Angel (3 de agosto de 1999) cita Danin dizendo que as evidências “claramente apontam para um grupo floral da área ao redor de Jerusalém.”

Sem dúvida, um exaltado debate irá se seguir (mais uma vez!) a respeito da origem das plantas e pólen. Como se importasse. Mesmo se ficasse estabelecido além de qualquer dúvida razoável que o sudário se originou em Jerusalém e que envolveu o corpo de Jesus, e daí? Isto provaria que Jesus se ergueu dos mortos? Eu acho que

REFLEXÕES VIII

não. A crença de que alguém se ergueu dos mortos não pode ser baseada em evidências físicas porque a ressurreição é uma impossibilidade física.

Apenas a fé religiosa pode sustentar tal crença. Acreditar que alguém flutuou subindo às alturas e desapareceu (ou seja, foi para o céu) também não será provado de um jeito ou de outro pelos argumentos do sudário. Finalmente, nenhum volume de evidências físicas jamais poderia demonstrar que um homem era Deus, que era também pai dele mesmo e que foi concebido sem mesmo que sua mãe tivesse feito sexo. Logo, não importa quantos cientistas brilhantes divulguem seus brilhantes artigos com evidências de imagens de cordas, esponjas, espinhos, esporas, flores, cardos, sangue, etc. bíblicos, nada disso tem a menor relevância para provar estas questões de fé.

Últimas notícias

Dr. Raymond Rogers, químico aposentado do Laboratório Nacional de Los Alamos, estado do Novo México, alega que partes do tecido testado e datado como de cerca de 1350 não faziam parte do sudário original. Segundo Rogers, os testes de laboratório que dataram o tecido como do século XIV testaram um remendo feito para reparar danos causados pelo fogo.

Como será que ele sabe disso, já que o retalho foi destruído nos testes? Segundo Joe Nickell, investigador do sudário, Rogers “apoia-se em dois pequenos fiapos que supostamente sobraram das amostras” e na palavra de “pesquisadores pró-autenticidade que supõem que a amostra de carbono-14 tenha vindo de uma ‘área novamente tecida’ como reparo.” Segundo Nickell, um artigo de P.E. Damon de 1989 publicado na *Nature* alega que “peritos em tecelagem esforçaram-se especificamente para selecionar um local para se retirar a amostra do radiocarbono que estivesse fora dos remendos e costuras.”

Nickell afirma, Rogers comparou os fios com pequenas amostras de outros locais do sudário, alegando ter encontrado diferenças entre os dois conjuntos de fios que “provam” que a amostra de

REFLEXÕES VIII

radiocarbono “não fazia parte do tecido original” do sudário de Turim.

Entre as diferenças relatadas está a presença — supostamente apenas na “amostra do radiocarbono” — de fibras de algodão e uma cobertura de tintura de raiz de ruiva num meio aglutinante que seus testes “sugerem” ser goma arábica.... No entanto, ao contrário do que Rogers afirma, tanto o algodão quanto a ruiva foram encontrados em outras áreas do sudário.

Ambos foram especificamente relatados pelo renomado microanalista Walter McCrone. O Dr. Rogers estimou a data real do sudário entre cerca de 1000 a.C e 1700 d.C. Ainda assim, todas as evidências apontam para a hipótese da falsificação medieval. Como observa Nickell, “não se conhece nenhum exemplo dessa trama complexa de espinha de peixe na época de Jesus quando, de qualquer forma, tecidos mortuários costumavam ser de trama simples” (1998: 35). “Além disso, a prática de sepultamento judaica utilizava — e o Evangelho de João descreve isso especificamente para Jesus — múltiplos panos mortuários com um separado sobre o rosto.”

Outra evidência de falsificação medieval é a falta de registros históricos do sudário anteriores ao meio do século quatorze — quando um bispo relatou a confissão do artista —, assim como os sérios problemas anatômicos, a falta de distorções decorrentes da envoltura, a semelhança da figura com representações medievais de Jesus e as manchas de “sangue” de suspeita cor vermelho-vivo e com aparência de pintura, que não passaram numa bateria de testes sofisticados feitos por sorologistas médicos-legais, entre muitos outros indicadores. (Nickell 2005).

Naturalmente, o tecido poderia ter 3.000 ou 2.000 anos de idade, como especula Rogers, mas a imagem nele poderia datar de um período muito posterior. Qualquer que seja a data correta, tanto para o pano quanto para a figura, não prova em nenhum grau de probabilidade razoável que o tecido seja o sudário em que Jesus foi envolvido e que a imagem seja de alguma forma milagrosa.

REFLEXÕES VIII

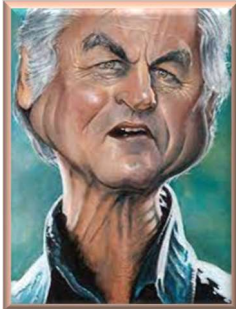
Acreditar nisso sempre será uma questão de fé, não de provas científicas. ●

Ceticismo.net

LUIZ BIANCI

A improbabilidade de Deus

Richard Dawkins



Muito do que as pessoas fazem é em nome de Deus. Os irlandeses mandam-se uns aos outros pelo ar em nome de Deus. Os árabes mandam-se a si próprios pelo ar em nome de Deus. Os imãs e os aiatolás oprimem as mulheres em nome de Deus. Os papas e os padres celibatários destroçam a vida sexual das pessoas em nome de Deus. Os shohets judeus cortam a garganta de animais vivos em nome de Deus.

As proezas da religião no passado: Cruzadas sangrentas, inquisições que praticavam a tortura, conquistadores que assassinavam em massa, missionários que destruíam culturas. Resistência reforçada legalmente e até o último momento possível a cada nova verdade científica, são ainda mais impressionantes. E tudo isto para quê? Creio que se torna cada vez mais claro que a resposta é absolutamente para nada.

Não há nenhuma razão para que acreditemos que existam quaisquer espécies de deuses e há muito boas razões para que acreditemos que não existem e nunca existiram. Foi tudo um gigantesco desperdício de tempo e de vida. Seria uma anedota de proporções cósmicas se não fosse tão trágico.

Por que é que as pessoas acreditam em Deus? Para a maior parte das pessoas a resposta é ainda qualquer versão do antigo argumento do desígnio. Olhamos em volta para a beleza e complexidade do mundo. Para o movimento aerodinâmico de uma asa de andorinha, para a delicadeza das flores e das borboletas que as fertilizam; por intermédio de um microscópio para a vida luxuriante existente em cada gota de água de um tanque; por intermédio de um telescópio para a copa de uma sequoia gigante. Refletimos na complexidade eletrônica e na perfeição óptica dos nossos olhos que veem tudo isto.

REFLEXÕES VIII

Como temos alguma imaginação, essas coisas conduzem-nos a um sentimento de temor e reverência. Além disso, não podemos deixar de nos impressionar com a semelhança óbvia dos órgãos vivos com os projetos cuidadosamente planejados dos engenheiros humanos. A expressão mais famosa deste argumento é a analogia do relojoeiro de William Paley, padre do século XVIII. Mesmo que não soubéssemos o que é um relógio, o caráter obviamente concebido dos seus dentes e molas e de como engrenam uns nos outros para um propósito, forçar-nos-ia a concluir “que o relógio teve de ter um autor: que deve ter existido, nalguma altura, num lugar ou noutro, um artífice ou artífices, que o concebeu com o propósito a que o vemos agora responder; que compreendeu a sua construção e concebeu o seu uso.” Se isto é verdade de um relógio relativamente simples, não é muito mais verdade do olho, do ouvido, do rim, da articulação do cotovelo e do cérebro? Estas belas, complexas e intrincadas estruturas, que foram evidentemente construídas com um propósito, tiveram de ter o seu próprio autor, o seu próprio relojoeiro. Deus.

Tal é o argumento de Paley, e é um argumento que praticamente todas as pessoas que refletem e têm sensibilidade descobrem por elas próprias em certa altura da sua infância. Durante a maior parte da história deve ter parecido absolutamente convincente e de uma verdade autoevidente. E, contudo, como resultado de uma das mais espantosas revoluções intelectuais da história, sabemos agora que é errado ou pelo menos supérfluo. Sabemos agora que a ordem e a aparente intencionalidade do mundo vivo aconteceu por intermédio de um processo completamente diferente, um processo que funciona sem a necessidade de qualquer autor e que é uma consequência de leis físicas basicamente muito simples. Este é o processo de evolução por seleção natural, descoberto por Charles Darwin e, independentemente, por Alfred Russel Wallace.

O que têm em comum todos os objetos que parecem ter tido um autor? A resposta é improbabilidade estatística. Se encontrarmos um seixo transparente a que o mar deu a forma de uma lente imperfeita, não concluiremos que teve de ser concebido por um oculista: as leis da física por si sós são capazes de alcançar este

REFLEXÕES VIII

resultado; não é muito improvável que tenha meramente “acontecido.” Mas se encontrarmos uma lente composta, trabalhada, cuidadosamente corrigida contra a aberração esférica e cromática, revestida contra o brilho e com “Carl Zeiss” gravado no rebordo, sabemos que não poderia ter acontecido meramente por acaso. Se pegarmos em todos os átomos de uma lente composta e os lançarmos juntos ao acaso sob a impulsionante influência das leis vulgares da física na natureza é teoricamente possível que, por puro acaso, os átomos se agrupem segundo o padrão da lente composta da Zeiss, e até que os átomos em redor da orla se agrupem de modo a que o nome Carl Zeiss seja gravado. Mas o número de outras formas segundo as quais os átomos poderiam, com idêntica probabilidade, ter-se agrupado é tão extremamente, imensamente, incomensuravelmente elevado, que podemos pôr completamente de lado a hipótese do acaso. Como explicação, o acaso está fora de questão.

A propósito, este argumento não é circular. Pode parecer circular porque, depois da ocorrência, podemos dizer que qualquer organização particular de átomos é muito improvável. Como já alguém disse, quando uma bola cai num determinado pedaço de relva no campo de golfo, seria loucura exclamar: “De todos os bilhões de pedaços de relva em que a bola poderia ter caído, caiu efetivamente neste. Quão admiravelmente e miraculosamente improvável!” Claro que a falácia aqui é que a bola tinha de cair nalgum lado. Só podemos ficar admirados com a improbabilidade do acontecimento real se o determinarmos *a priori*: por exemplo, se uma pessoa de olhos vendados girasse sobre si no *tee shot*²⁹, acertasse na bola ao acaso e conseguisse um *hole in one*. Isso seria verdadeiramente espantoso, porque o destino alvo da bola tinha sido estabelecido previamente.

De todas as trilhões de formas diferentes de juntar os átomos de um telescópio, apenas uma minoria poderia na realidade funcionar de forma útil. Apenas uma pequena minoria teria Carl Zeiss gravado

²⁹ ***Tee shot***: local de saída para o jogo em cada buraco.

REFLEXÕES VIII

ou, na verdade, quaisquer palavras reconhecíveis de qualquer linguagem humana. O mesmo é verdade para as partes de um relógio: de todos os bilhões de modos possíveis de juntá-los, apenas uma pequena minoria dirão as horas ou farão qualquer coisa útil. E, claro, o mesmo é verdade, a fortiori³⁰, para as partes dos corpos vivos. De todos os trilhões de trilhões de modos de juntar as partes de um corpo, apenas uma minoria infinitesimal viverão, procurarão comida, comerão e se reproduzirão. É verdade que há muitas formas diferentes de estar vivo. Pelo menos dez milhões de formas diferentes, se contarmos o número de espécies diferentes que estão atualmente vivas. Mas, por mais formas que possam existir de estar vivo, certeza que há muito mais de estar morto!

Podemos com segurança concluir que os corpos vivos são bilhões de vezes demasiado complicados. Demasiado estatisticamente improváveis para terem surgido por puro acaso. Como é que surgiram, então? A resposta é que o acaso entra na história, mas não um único e monolítico ato de acaso. Em vez disso, toda uma série de pequenos passos ocasionais, cada um suficientemente pequeno para ser um resultado credível do seu predecessor, ocorreram uns atrás dos outros em sequência. Estes pequenos passos do acaso são causados por mutações genéticas, mudanças fortuitas. Erros de fato no material genético originam mudanças na estrutura corporal existente. A maior parte dessas mudanças são perniciosas e levam à morte. Uma minoria revela-se pequenas melhorias, que conduzem a um aumento da sobrevivência e da reprodução. Por este processo de seleção natural, as mudanças ao acaso que se revelam no fim de contas benéficas espalham-se pela espécie e tornam-se a norma.

O cenário está agora montado para a próxima pequena mudança no processo evolutivo. Depois de, digamos, um milhar destas pequenas mudanças em série, cada mudança fornecendo a base para a próxima, o resultado final tornou-se, por um processo de acumulação, demasiado complexo para ter surgido num único ato

³⁰ **A fortiori**: com razão mais convincente; com muito mais motivo; com mais forte razão.

REFLEXÕES VIII

de acaso.

Por exemplo, é teoricamente possível que um olho se forme do nada, num único passo de acaso: digamos que a partir apenas da pele. É teoricamente possível no sentido em que poderíamos escrever uma receita com a forma de um grande número de mutações. Se todas estas mutações acontecessem simultaneamente, poderia mesmo surgir do nada um olho completo. Mas embora seja teoricamente possível, é na prática inconcebível. A quantidade de acaso que envolve é demasiada.

A receita “correta” envolve mudanças num enorme número de genes simultaneamente. A receita correta é uma combinação particular de mudanças em trilhões de combinações de acasos igualmente prováveis. Podemos certamente excluir uma miraculosa coincidência. Mas é perfeitamente plausível que o olho moderno se tenha formado a partir de algo que fosse quase igual ao olho moderno, mas não exatamente igual: um olho ligeiramente menos elaborado. Pelo mesmo argumento, este olho ligeiramente menos elaborado formou-se a partir de um ainda menos elaborado, etc. Se assumirmos um número suficientemente grande de pequenas diferenças entre cada estágio evolutivo e o seu predecessor, somos capazes de derivar um olho completo, complexo, a funcionar, a partir apenas da pele. Quantos estádios intermédios podemos postular? Isso depende do tempo de que dispusermos. Houve tempo suficiente para os olhos evoluírem por pequenos passos a partir do nada?

Os fósseis dizem-nos que a vida evolui na Terra há mais de 3.000 milhões de anos. Para a mente humana é quase impossível apreender uma imensidão de tempo. Nós, naturalmente e felizmente, tendemos a ver a nossa própria expectativa de vida como razoavelmente longa, mas não podemos esperar viver nem sequer um século. Passaram 2.000 anos desde que Jesus viveu, tempo suficiente para esbater (**esbater**: tornar mais tênue pela utilização de cores ou tons intermediários entre os mais fortes e os mais fracos) a distinção entre história e mito. Podemos imaginar um milhão de períodos desses colocados lado a lado? Suponhamos que queremos escrever toda a história num longo e único rolo. Se amontoássemos

REFLEXÕES VIII

toda a história da Era Comum num metro de rolo, que tamanho teria a parte do rolo da Era pré-Comum até ao começo da evolução? A resposta é que a parte do rolo da Era pré-Comum estender-se-ia de Milão a Moscou. Pensemos nas implicações disto para a quantidade de mudanças evolutivas que podem ser incluídas. Todas as raças de cães domésticos: pequineses, poodles, spaniels, São Bernardos e chihuahuas provieram de lobos num espaço de tempo medido em centenas ou no máximo milhares de anos. Não mais que dois metros ao longo da estrada de Milão para Moscou. Pensemos na quantidade de mudança envolvida na passagem de lobo a pequinês; agora multipliquemos essa quantidade de mudança por um milhão. Quando olhamos para isto dessa maneira, torna-se fácil acreditar que um olho pode ter evoluído por pequenos passos a partir do nada.

É preciso ainda convencer-mo-nos de que cada um dos mediadores na rota da evolução, digamos da mera pele para um olho moderno, teria sido favorecido pela seleção natural; teria sido um progresso em relação ao seu predecessor na sequência ou pelo menos teria sobrevivido. Não serviria de nada provarmos a nós próprios que existe teoricamente uma cadeia de mediadores quase perceptivelmente diferentes levando a um olho se muitos desses mediadores tivessem morrido. Afirma-se às vezes que as partes de um olho têm de estar todas reunidas ou o olho não funcionará. Metade de um olho, diz o argumento, não é melhor que nenhum olho. Não podemos voar com metade de uma asa; não podemos ouvir com metade de um ouvido. Portanto, não pode ter existido uma série de passos intermédios conduzindo ao olho, asa ou ouvido modernos.

Este tipo de argumento é tão ingênuo que podemos apenas perguntar-nos quais os motivos subconscientes para acreditar nele. É obviamente falso que meio olho seja inútil. As pessoas que sofrem de cataratas a quem removeram cirurgicamente os cristalinos não podem ver muito bem sem óculos, mas ainda assim estão muito melhor do que as pessoas que não têm quaisquer olhos. Sem o cristalino não é possível focar uma imagem detalhada, mas é possível evitar chocar com obstáculos e seria possível detectar a

REFLEXÕES VIII

sombra vaga de um predador.

Quanto ao argumento segundo o qual não podemos voar com apenas metade de uma asa, é refutado por um grande número de animais planantes bem-sucedidos, incluindo mamíferos de gêneros muito diferentes, lagartos, rãs, cobras e chocos. Muitos gêneros diferentes de animais que vivem nas árvores têm abas de pele entre as suas articulações que são de fato asas fracionadas. Se cairmos de uma árvore, qualquer aba de pele ou alisamento do corpo que aumente a nossa área de superfície pode salvar-nos a vida. E, por muito pequenas ou grandes que as nossas abas possam ser, haverá sempre uma altura crítica tal que, se cairmos de uma árvore dessa altura, a nossa vida poderia ter sido salva por precisamente um pouco mais de área de superfície. Portanto, quando os nossos descendentes desenvolverem essa área de superfície extra, as suas vidas serão salvas precisamente por um pouco mais, mesmo que caiam de árvores de uma altura ligeiramente maior. E assim sucessivamente, por passos imperceptivelmente graduados até que, centenas de gerações depois, chegamos a asas completas.

Os olhos e as asas não podem surgir num passo único. Isso seria como ter a sorte quase infinita de acertar na combinação que abre a caixa-forte de um grande banco. Mas se girarmos os discos da fechadura ao acaso e, de cada vez que nos aproximarmos um pouco mais do número da sorte, a porta da caixa-forte rangendo abrir outra ranhura, em breve teremos a porta aberta! Na essência, é esse o segredo de como a evolução por seleção natural realiza o que pareceu impossível. Coisas que não podem plausivelmente ser derivadas de predecessores muito diferentes podem plausivelmente ser derivadas de predecessores apenas ligeiramente diferentes. Contanto que haja uma série suficientemente longa de predecessores ligeiramente diferentes, podemos derivar qualquer coisa de qualquer outra coisa.

Portanto, a evolução é teoricamente capaz de fazer o trabalho que antigamente parecia ser uma prerrogativa de Deus. Mas há alguma prova de que a evolução tenha de fato acontecido?

A resposta é sim; a prova é esmagadora. Milhões de fósseis

REFLEXÕES VIII

encontram-se exatamente nos lugares e exatamente à profundidade a que devemos esperar que estejam se a evolução aconteceu. Nem um único fóssil foi alguma vez encontrado num local em que a teoria da evolução não previsse que estivesse, embora isto pudesse ter acontecido com muita facilidade: um fóssil de um mamífero tão antigo que os peixes ainda não existissem, por exemplo, seria suficiente para refutar a teoria da evolução.

Os padrões de distribuição dos animais e das plantas pelos continentes e ilhas do mundo são exatamente os que seria de esperar que fossem se eles tivessem evoluído de antepassados comuns por graus lentos e graduais. Os padrões de semelhança entre animais e plantas são exatamente o que esperaríamos se alguns fossem entre si primos chegados, e outros mais distantes. O fato de o código genético ser o mesmo em todas as criaturas vivas sugere esmagadoramente que todas descendem de um único antepassado. As provas a favor da evolução são tão conclusivas que a única forma de salvar a teoria da criação é assumir que Deus deliberadamente colocou enormes quantidades de provas para fazer com que parecesse que a evolução ocorreu. Por outras palavras, os fósseis, a distribuição geográfica dos animais e tudo isso, são todos um gigantesco conto do vigário. Alguém quer adorar um Deus capaz de tal embuste? É certamente muito mais respeitoso, assim como mais sensato do ponto de vista científico, tomar as provas pelo seu valor facial. Todas as criaturas vivas são primas umas das outras, descendem de um antepassado remoto que viveu há mais do que 3.000 milhões de anos. Por conseguinte, o argumento do desígnio foi destruído como razão para acreditar em Deus. Existem outros argumentos?

Algumas pessoas acreditam em Deus por causa do que sentem ser uma revelação interior. Tais revelações nem sempre são edificantes, mas para a pessoa em questão são sem dúvida sentidas como reais. Muitos habitantes de hospícios têm uma fé inabalável em que são Napoleão ou, na verdade, o próprio Deus. Não há dúvida do poder de tais convicções para quem acredita nelas, mas isto não é razão para que o resto de nós acredite. Na verdade, uma vez que essas crenças são mutuamente contraditórias, não podemos acreditar

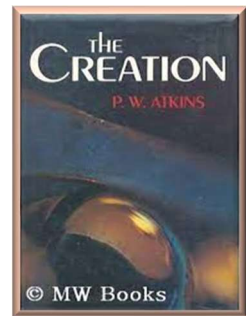
REFLEXÕES VIII

nelas.

É preciso dizer um pouco mais. A evolução por seleção natural explica muitas coisas, mas não poderia ter começado do nada. Não poderia ter começado sem que houvesse algum gênero de reprodução e de hereditariedade. A hereditariedade moderna baseia-se no código de DNA, que é ele mesmo demasiado complicado para ter surgido espontaneamente por um único ato de acaso. Isso parece significar que teve de existir algum sistema hereditário anterior, agora desaparecido, que era suficientemente simples para ter surgido por acaso e pelas leis da química e que forneceu o meio no qual uma forma primitiva de seleção natural cumulativa pôde começar. O DNA foi um produto posterior desta seleção primitiva e cumulativa.

Antes deste gênero original de seleção natural, houve um período em que foram construídos compostos químicos complexos a partir de compostos químicos mais simples e antes desse um período em que os elementos químicos foram feitos a partir de elementos mais simples, seguindo leis físicas bem compreendidas. Antes disso, em última instância foi tudo construído de hidrogênio puro no imediato seguimento do *big bang* que iniciou o universo.

Há a tentação de defender que, embora Deus possa não ser necessário para explicar a evolução da ordem complexa, uma vez que o universo, com as suas leis fundamentais da física, tenha começado, precisamos de um Deus para explicar a origem de todas as coisas. Esta ideia não deixa Deus com muito que fazer: somente iniciar o *big bang*, e em seguida sentar-se e esperar que tudo aconteça. O físico-químico Peter Atkins, no seu livro maravilhosamente escrito *The Creation*, postula um Deus preguiçoso que se esforçou por fazer tão pouco quanto possível para iniciar tudo. Atkins explica como cada passo na história do universo seguiu, por simples lei física, o seu predecessor. Reduziu assim a quantidade de trabalho que o criador preguiçoso precisaria



REFLEXÕES VIII

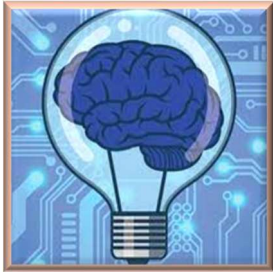
fazer e no fim de contas concluiu que de fato não precisaria fazer nada!

Os detalhes da fase inicial do universo pertencem ao reino da física e eu sou biólogo, mais interessado nas últimas fases da evolução em complexidade. Para mim, o ponto importante é que, mesmo que o físico precise postular um mínimo irreduzível que teve de estar presente no começo, para que o universo começasse, esse mínimo irreduzível é certamente extremamente simples. Por definição, as explicações construídas sobre premissas simples são mais plausíveis e mais satisfatórias do que as explicações que têm de postular começos complexos e estatisticamente improváveis. E dificilmente poderemos encontrar algo mais complexo do que um Deus Todo-Poderoso! ●

Clinton Richard Dawkins: etólogo, biólogo evolutivo e escritor britânico. É fellow emérito do New College, da Universidade de Oxford, e foi professor para a Compreensão Pública da Ciência em Oxford, entre 1995 e 2008.

Os 1.001 anos da esplendorosa ciência islâmica

Ceticismo.net



Introdução

Olhando o mundo hoje, admiramo-nos com tudo o que vemos e produzimos.



Ficamos

fascinados ao olhar para o céu e apontar para as estrelas, numa eterna brincadeira de ligue os pontos. Vemos a engenharia e a arquitetura brindando-nos com formas e construções magníficas. Vemos a moderna ciência vasculhar os meandros da matéria e combinar substâncias para produzir coisas novas. Os materiais são novos, mas as técnicas são antigas, muito antigas.

Antes de nossos pais, avós, bisavós e do seu antepassado mais antigo do qual você se lembra, a ciência islâmica já dominava o mundo, da Ásia Central à Europa ocidental. Aqui contaremos um pouco sobre como os desbravadores do pensamento científico moldaram nosso mundo e como sua influência não é apenas a pedra basilar de tudo o que sabemos hoje. É simplesmente muito mais!

Tudo começa com o declínio do Império Romano no século V. A Europa vira a sucursal do inferno. Bárbaros atacam de todos os lados, as glórias de Roma e o estandarte SPQR (Senatvs Popvlvs Qve Romanvs – O Senado e Povo de Roma) já não são mais vistos. Vikings, bretões, saxões, visigodos, magiares, eslavos e vândalos (tribos germânicas que deram origem ao moderno termo “vândalo”, que na época se tratava de uma turba bárbara que destruía tudo o que encontrava pela frente) não sentem mais medo das legiões romanas. Em 476 d.C., o imperador Flávio Rômulo Augusto (Flavivs

REFLEXÕES VIII

Romvlvs Avgvstvs) – ridicularizado pela alcunha de Rômulo Augústulo, significando que ele era “Pequeno Augusto” – teve a sua bunda romana chutada pelo rei Odoacro da tribo germânica dos Hérulos. Odoacro nasceu às margens do rio Danúbio, que não era tão azul assim na época e ficou muito pior durante as guerras. O rei germânico mandou os estandartes de volta para Zenão I, imperador romano do oriente, cujo império viria a se tornar o Império Bizantino e lá começaria a desenvolver-se o que viria a se tornar a Igreja Católica, como força política e militar, mas isso ainda demoraria alguns séculos.

No século VII, certo camaleão, condutor de caravanas, teve um vislumbre do poder de Deus. Ou, pelo menos, foi isso que ele disse depois que o arcanjo Gabriel deu-lhe um “guenta” e ordenou que ele recitasse. Assim, Abu al-Qasim Muhammad ibn ‘Abd Allah ibn ‘Abd al-Muttalib ibn Hashim, mais conhecido como Muhammad ou Mohammed ou ainda Maomé (por razões de economia de tempo e espaço, não colocaremos as transliterações dos nomes e demais palavras em árabe usando seu próprio alfabeto, nos contentando apenas com os nomes, títulos e demais palavras usando o alfabeto latino mesmo), fundou uma das maiores religiões do mundo, ainda hoje em ascensão: O islamismo.

De posse de uma das mais poderosas forças que se pode obter, a religião organizada, Maomé começou um movimento de expansão. Brandindo o Al-Quram como a verdadeira e única palavra de Deus, Maomé passou a fio de espada qualquer um que ficasse em seu caminho, com uma mensagem clara: Convertam-se ou virem carne de hambúrguer. Se bem que ainda não existia hambúrguer, mas vocês entenderam.

É irônico pensar que Maomé, um humilde condutor de camelos, analfabeto, fosse capaz de tal levante. Há muitas explicações para isso, mas não deitarei mais linhas a respeito por simples economia de espaço e para não desviar (mais do que já está) do assunto. Mas é importante saber que sob as palavras iniciais de cada sura do Alcorão ergueu-se o maior movimento intelectual e científico da época, e que será explicado no decorrer do texto. Assim, antes de cada sura vem escrito a citação que qualquer muçulmano sabe de

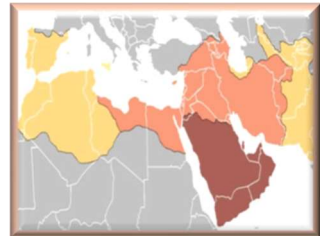
REFLEXÕES VIII

cor: Bismillahir Rahmanir Rahim (Em Nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso!).

Porquanto, toda e qualquer palavra do Al-Quram é considerada sagrada, as palavras do próprio Deus, pois Alá é único e imutável não há nenhum outro deus senão Alá e Mohammed SAS é seu profeta. Muçulmanos costumam escrever SAS (ou SAAS) após o nome de Maomé, pois é a sigla de Salla Allahu Alahi wa Sallam (Que Deus o abençoe e lhe dê paz). No caso de outros profetas (aqueles que trazem a verdade de Alá) coloca-se AS (Alaihi Salam – Que a paz esteja com ele). Entre outros profetas estão Adão, Noé, Abraão (patriarca dos islâmicos, já que foi pai de Ismael, segundo o mito) e até mesmo Jesus (que para os muçulmanos foi apenas homem comum).

Ano a ano, década a década, enquanto o Império Bizantino caía na degradação e a Europa era terra de ninguém, o Islã florescia. Enquanto a medicina na Europa praticamente inexistia, quando o analfabetismo era praticamente 100%, a expectativa de vida era de 30 anos e as mulheres morriam lá pelos 20 anos, principalmente por causa de complicações no parto, o mundo islâmico começava a expansão dos seus domínios. O mundo islâmico ia desde a Ásia Central até a Península Ibérica, dominando todo o Oriente Médio, Norte da África e parte da Europa.

Em 638, o califa Umar Ibn Al Khattab entrou em Jerusalém; judeus e cristãos foram recebidos com respeito e havia uma imensa tolerância religiosa e cultural. A sede do império ficava em Bagdad, no atual Iraque, berço da civilização, onde outrora fora parte da gloriosa Babilônia. Mas então os problemas começaram. Problemas de logística, pois administrar um vasto império em franca expansão não era fácil, e ainda não o é. Não havia um perfeito entendimento entre as pessoas, já que havia muitos lugares, muitos povos, muitas culturas e idiomas diferentes. Entre 688 e 691 da Era Comum, o décimo califa Abdul Malik Ibn Marwan, da dinastia Omíada, construiu a Cúpula da Rocha. Sendo



REFLEXÕES VIII

um homem pragmático, ele ordenou que a língua oficial de seu reinado fosse o árabe, de forma que as ordens chegassem a todos os lugares, sem que houvesse problemas de interpretação de texto. Instituiu que as pessoas soubessem ler e escrever, não tanto por causa do amor às letras, mas por fundamentação religiosa (todos precisam conhecer as palavras de Alá; para tanto, precisam ler o que está escrito ali) e política, afinal, desde as épocas mais remotas, manda quem pode, obedece quem tem juízo.

Começou assim um grande movimento de alfabetização. A alfabetização era compulsória. Você tinha que saber ler! Obviamente, judeus, cristãos ou veneradores de outra religião estavam isentos disso, mas se todo mundo começava a falar e escrever em árabe, como fazer então para se comunicar? E o comércio, que sempre foi a mola-mestra das sociedades? Foi uma tacada de mestre!

Ainda com base no Alcorão, começou um movimento cultural no Império Islâmico. Enquanto outras religiões baseavam-se unicamente no que vinha escrito em seus livros religiosos, o Alcorão estimulava e ordenava que se buscasse o conhecimento onde quer que o encontrasse. Enquanto o Livro de Reis se contentava em dizer qualquer bobagem matemática, onde o valor de π era deduzido como apenas 3, os árabes se tornaram mestres nas ciências dos números, só se comparando aos chineses e aos hindus. Enquanto os evangelhos sugeriam que sintomas de esquizofrenia deveriam ser tratados com desencapetamentos, os médicos islâmicos começaram a entender melhor como o corpo humano funcionava e até faziam cirurgias.

Só para vocês terem uma ideia, podemos citar o caso de Galeno. Clavdivs Galenvs, também conhecido como Galeno, era um médico grego nascido em Pérgamo em 131 d.C. Sua especialidade eram os gladiadores. Considerando que gladiadores custavam e forneciam dinheiro, por meio das porradarias nos circos romanos, os donos não queriam que suas “mercadorias” se perdessem. Assim, contratavam excelentes médicos para remendar os lutadores (que normalmente não tinham vida muito longa, de um jeito ou de outro).

REFLEXÕES VIII

Galeno ficou famoso porque foi o médico que menos perdeu pacientes durante toda a sua carreira, em comparação aos seus contemporâneos, evidentemente. Galeno era muito curioso e queria saber como o corpo humano funcionava e só havia um modo de saber: dissecação.

A legislação na época determinava que corpos de pessoas não podiam ser violados. Ainda hoje é assim, pois nossas leis se baseiam nas leis romanas; por isso, para poder fazer uma exumação de um cadáver, é preciso autorização judicial.

Galeno não tinha permissão para ficar fuxicando nos corpos das pessoas, então ele usou outro caminho: dissecava macacos, porcos e cães. Isso o levou a escrever muitas besteiras. Ele achava que o fígado produzia todo o sangue do corpo, que saía dele e era distribuído; além disso, acreditava que o sangue continha espíritos. A medicina de Galeno ainda estava repleta de crendices e ideias influenciadas pela sua religião pagã. As ideias (pseudo) científicas de um homem que viveu na Roma do século II tornaram-se uma doutrina médica universalmente aceita até meados do século XVI. 1.500 anos separam Galeno do médico belga Andreas Vesalivs, também chamado Vesálio, que foi o primeiro europeu a contradizer as “verdades absolutas” de Cláudio Galeno. Enquanto Galeno afirmava que o fêmur humano era curvo (porque tinha visto em cães), Vesálio deu um “dane-se” para *status quo* e realizou necropsias em pessoas, verificando que o nosso fêmur não era curvo, mas reto. Caso tivessem lido as obras árabes, saberiam disso com maior antecedência. A obra de Vesálio está disponível on-line.

Voltando à administração do reino islâmico, o processo governamental estava ficando cada vez mais complicado, e para o desenvolvimento de uma nação é preciso uma coisa: conhecimento. Saber é conhecer, conhecer é controlar. Dessa forma, no século IX, teve início o reinado do califa Abu Já'far Abdullah al-Ma'mun ibn Harun, da dinastia Abássida, mais conhecido como Al-Mamun. Ele teve o mesmo ímpeto que Alexandre da Macedônia quando fundou Alexandria, no Egito, seguido por Ptolomeu I, Soter. O califa ordenou que emissários fossem aos quatro cantos do mundo e trouxessem o maior tesouro da humanidade: livros. Não importava

REFLEXÕES VIII

quais, não importava de quem, não importava o idioma. Tragam os livros! Sabendo que a busca pelo saber nem sempre é estímulo suficiente, o califa ofereceu a cada pessoa que trouxesse um livro que ele dispunha seu peso em ouro. Como nos dias de hoje, bajular chefes de Estado era garantia de ascender na corte; possuir a proteção de um califa era algo muito legal naquele tempo, onde as pessoas não eram tão amiguinhas assim. O mundo mudou pouco.

Com o tempo, ficou claro um problema sério: o idioma. Havia textos em grego, siríaco, copta, chinês, latim, rúnico, hindu, etc. Algo precisava ser feito para dar ordem naquela algaravia de textos. Então, deu-se início um projeto ambicioso: traduzir todos os textos da biblioteca do califado e todos os demais que ainda pudessem ser encontrados. Chefiados por Abu'l-Faraj Muhammad bin Ishaq al-Warraq, conhecido como Ibn al-Nadim, começou o que historiadores denominam Movimento de Tradução. Todo o saber da época seria traduzido para o árabe, de modo que estivesse disponível a todos que quisessem lê-lo (lembrando que o analfabetismo praticamente foi erradicado).

Se hoje temos os escritos de Platão, Epicuro, Aristóteles, Cláudio Ptolomeu, Sêneca, Cícero, Sófocles, Júlio César, etc., é devido aos árabes. Com alguns escritos não teve jeito! Perderam-se nas brumas do tempo, entre traças, cupins e turbas ensandecidas queimando livros considerados heréticos.

Os árabes resgataram muito da sabedoria e cultura dos antigos; mesmo que não tenhamos as obras completas de todos eles, você jamais saberia da Ilíada e a Odisseia se não fosse pelas ordens de Al-Mamun. Mas os árabes não se contentaram com a sabedoria dos antigos. Eles tinham curiosidade, queriam experimentar, queriam testar, queriam comprovar tudo o que estava ali. Eles não aceitavam o peso da autoridade como fato. Só comprovações. Assim, deu-se o início das investigações científicas.

Debates eram amplamente estimulados. Para isso, foi criada a Bait al-Hikma, a Casa da Sabedoria. Nos moldes do Fórum Romano, lá você poderia discutir qualquer tema, desde que fosse de forma respeitosa e, para evitar problemas linguísticos, tinha que ser em

REFLEXÕES VIII

árabe, obviamente. Na época, ainda não havia trolls³¹ circulando. Se havia, eles provavelmente foram expulsos e/ou decapitados.

Na Casa da Sabedoria, o conhecimento era transmitido livremente e o saber era absorvido por todos, em que um complementava as ideias/descobertas de outro, num clima sem hostilidades, coisa que está se tornando raro nos dias de hoje. Temos que dar uma parada para dar completa atenção ao maior presente que os árabes deram ao mundo: a Matemática.

O mundo islâmico dos números

Abu Abd Allah Muhammad ibn Musa al-Khwarizmi, também conhecido como Al-Karismi, nasceu na Pérsia, atual Irã, em cerca de 780 d.C. Morreu com 70 anos, em 850 d.C. Suas contribuições para a matemática não foram apenas contribuições. No meu modo de ver, ele construiu a Matemática. A começar pelos algarismos. Notem: algarismo provém do seu nome latinizado: Algaritsmi.

Persas, egípcios e babilônios tinham uma excelente e bem fundamentada base matemática. Os gregos não eram bons com a aritmética, e sim com a geometria, pois possuíam um péssimo sistema numérico. A bem da verdade, eles sequer tinham um sistema numérico, apenas atribuíam valores para as letras do alfabeto. Número, como conhecemos, era coisa que não existia para a civilização helênica. O mesmo acontecia com os romanos. Seu sistema de numerais era horrível, um verdadeiro pesadelo para se fazer as quatro operações.

Imaginem somar DCXIX (609) com XLIII (43). O que Al-Karismi fez a esse respeito marcou toda a matemática. A princípio, ele usou uma coisa que os hindus e os chineses conheciam e fez milagres nas contas: o número zero. Com isso, Al-Karismi fez uma revolução matemática! Ele intensificou uma coisa que já existia na antiga

³¹ **Troll:** é um termo utilizado como gíria na *internet*, designando uma pessoa cujo comportamento ou comentário desestabiliza uma discussão. Na *internet*, o troll é aquele usuário que provoca e enfurece as outras pessoas envolvidas em uma discussão sobre determinado assunto, com comentários injustos e ignorantes.

REFLEXÕES VIII

Babilônia: a numeração posicional.

De início, vamos (re) ver alguns conceitos matemáticos. Para princípio de conversa, temos que deixar uma coisa bem clara: números não existem! Silêncio no auditório. Issocmesmo que vocês leram! Números, simplesmente não existem no mundo real. O que temos é a expressão de quantidades. Antes que me xinguem e matemáticos apareçam aqui com foices, tochas e machados, vamos ilustrar isso com o seguinte enunciado: Você possui 64 limões. Compra mais 15 bananas. Em seguida compra 36 laranjas e, para finalizar, 29 abacates. Quantas frutas você possui no total?

Qualquer criança de ensino fundamental consegue fazer esta conta. Para isso, é preciso armar a conta:

$$\begin{array}{r} 64 \\ 15 + \\ 36 \\ 29 \\ \hline \text{Total} = 144 \end{array}$$

Só que eu posso dizer que 144 não são 144 e sim 12 dúzias de frutas (1 dúzia = 12 unidades). Também posso falar que se trata de apenas 1 grossa de frutas (1 grossa = 12 dúzias = 144). Viram? Eu expresso a mesma quantidade por diversos números diferentes. Agora, vamos a um detalhe nos algarismos (número não é a mesma coisa que algarismo).

O que ele nos diz? Eu poderia dizer 6 dezenas e 4 unidades, ou 6d4u. A dezena é um número que possui um valor numérico dez vezes maior que seu correspondente unitário ($60 = 10 \times 6$). Assim, aquele “6” ali não é seis e sim sessenta. Parece simples, mas nem sempre as pessoas estão ligadas nisso. Por exemplo. Tive uma aluna que dividiu 42 por 4 e achou 1,5. – Hã? Como assim?

– Pô, André! Olha só. 4 dividido por 4 = 1. Certo? 2 não é divisível por 4, logo coloco uma vírgula e pronto: 2 dividido por 4 é igual a 0,5. Os dois valores juntos dão 1,5.

REFLEXÕES VIII

O raciocínio dela seria primoroso, desde que o 4 fosse 4, só que não era. Eu tentei explicar que o “4” do 42 não era simplesmente 4 e sim 40, pois ele estava uma posição à frente. Ela não entendeu. Expliquei de novo. Ela olhava pra mim e não entendia. Eu fiz a conta na calculadora e ela se recusou a aceitar o valor, pois 4 dividido por 4 é igual a 1. E agora, Fermat³²?

O zero nos auxilia nisso. Quando eu escrevo 40, eu digo que não há nenhuma unidade, por isso, coloco um círculo vazio, uma indicação que ali não tem nada e o valor numérico 4 corresponde à casa (ou posição) das dezenas. Esta foi a maravilha que Al-Karismi nos trouxe. E não só isso! Ele nos brindou com o maior e melhor tratado matemático daquela época. O Kitab Al Mukhtassar Fi Hissab Al Jabr Wal Mukabala, mais conhecido como Al-Jabr. Isso lhe soa familiar? Não? Deveria. É desse nome que deriva a palavra “álgebra”, a arte e a técnica de fazer contas sem precisar de imediato um valor numérico. Sem a álgebra, não teríamos as fórmulas matemáticas, não teríamos a Física, não teríamos as equações químicas e nem poderíamos deduzir métodos para produzir compostos. Quando antes se fazia no olhómetro ou com contas muito complicadas, com a álgebra, o mundo ficou mais fácil. Mas não ficou só nisso.

Al-Karismi sabia que os valores numéricos eram irrelevantes e que poderiam ser expressos de diferentes formas. Com as fórmulas matemáticas, ele deduziu métodos para a solução de problemas de forma genérica. Um babilônio diria: pegue a metade de 20, que é 10, multiplique por si mesmo, dando 100, e subtraia pelo valor inicial, que é 10, dando 90. Em seguida, nosso amigo babilônio diria: pegue a metade de 30, que é 15, multiplique por si mesmo, dando 225, e subtraia pelo valor inicial, que é 15, dando 210. Para Al-Karismi isso era ridículo, pois estava repetindo a mesma coisa sempre. Al-Karismi diz: pegue a metade de um número – qualquer um, não importa – multiplique por si mesmo e subtraia pelo valor inicial.

³² **Fermat:** Pierre de Fermat (Beaumont-de-Lomagne, nascido na primeira década do século XVII — Castres, 12 de Janeiro de 1665) foi um matemático e cientista francês.

REFLEXÕES VIII

Você terá o valor que procura. Isso, senhoras e senhores, é a base dessa maquininha que você tem à sua frente. Pois nenhum computador existiria sem programação e nenhuma programação existiria sem um algoritmo. Algoritmo, nome inventado por Al-Karismi, cuja origem etimológica é a mesma de algarismo. Melhorando ainda mais isso, ele descreve como simplificar ainda mais isso: $x^2 - x$.

Óbvio que a notação de Al-Karismi não era assim, posto que ele usava alfabeto árabe, mas é o mesmo raciocínio, o mesmo processo, o mesmo algoritmo! Lembro-me quando, nas aulas de ICC (Introdução à Ciência da Computação) na faculdade, o professor pediu que construíssemos um algoritmo completo de um dia de trabalho. Desde o momento que abríamos os olhos até a hora que fôssemos dormir. Quantas coisas! Quantos detalhes! Seria impossível usar o método babilônio.

Quer dizer, não era impossível, já que babilônios e egípcios possuíam uma matemática avançada, mas Al-Karismi avançou ainda mais este conhecimento, simplificando o método de fazer as contas.

Relembrando: Isso no século IX, quando a Europa estava um pandemônio. Dali a mais ou menos 200 anos, o papa Urbano II resolveria invadir a Fortaleza de Niceia com a Cruzada dos Mendigos, em 1096, devidamente escoraçada dali pelo sultão turco Kilij Arslan. Entre 1096 e 1099, ocorreu a Primeira Cruzada. Depois de 3 anos se estranhando, com os cristãos ganhando e perdendo frente, homens e algumas batalhas, os muçulmanos conseguiram esmagar os exércitos dos lombardos e dos francos em Mersivan. Ainda pelos anos a se seguir outras Cruzadas aconteceram, mas isso não é importante para nós neste momento.

O mais importante é saber que a influência islâmica transcendeu a pesquisa matemática, direcionando-se para a pesquisa e estudo dos corpos celestes, procurando entender como a Natureza funciona. Sob o céu que nos protege seres humanos sempre se extasiaram com o firmamento. Estrelas, o Sol, a Lua, fenômenos meteorológicos, estrelas cadentes, cometas, etc. Algumas estrelas pareciam mover-se

REFLEXÕES VIII

com o passar dos dias, enquanto outras estrelas apareciam sempre nos mesmos lugares. Para as estrelas que se moviam, deram o nome de “planetas”, que significa “errante”.

Aristarco de Samos nasceu em... Samos, uma ilha localizada no Mar Egeu, em 310 a.C. e morreu em 230 a.C. Ele foi um dos primeiros a defender que a Terra girava ao redor do Sol e a ideia de Eudóxio, que a Terra estava no centro do Universo, sendo orbitada pela Lua e os demais planetas e o Sol. Abaixo da Lua ficava a esfera sublunar, que é imperfeita e, por isso, nós pobres seres humanos vivemos aqui. Acima da órbita da Lua, temos a esfera superlunar, perfeita e imutável. O Sol, os planetas e os deuses estavam lá. As obras de Aristarco hoje estão perdidas, só sabemos dele por relatos de terceiros.

Muito mais tarde, certo astrônomo chamado Cláudio Ptolomeu (o nome composto será usado para diferenciar dos reis ptolomaicos) compilou todo o conhecimento cosmológico da época numa obra monumental chamada Almagesto, que significa O Grande Livro. Nele, Cláudio Ptolomeu até mesmo cita Aristarco, mas disse que ele estava errado e que, sim, existe uma esfera superlunar e uma sublunar. Fim da linha, Eudóxio estava certo. Mas havia alguns problemas: as órbitas dos planetas não se encaixavam com o modelo geocêntrico.

Algumas vezes, parecia que o planeta tinha um movimento retrógrado, isto é, ele “voltava” pelo meio do caminho para seguir adiante. Dessa forma, Cláudio Ptolomeu fez uma salada matemática tentando provar que sim, era possível, com círculos, epiciclos e deferentes, preferindo a complicação em vez da simplificação.

Esquemáticamente, podemos ver o seguinte: Os planetas não giravam, portanto, ao redor da Terra. Eles seguiam uma órbita e esta órbita girava ao redor da Terra. A órbita seguida pelo planeta era o chamado “epiciclo” e a órbita circular seguida pelo epiciclo é chamada de “deferente”. Sim, eu sei que isso é completamente doido, se compararmos com o esquema elegante de Aristarco. Só que não é só isso. O modelo adotado por Cláudio Ptolomeu explicava a mudança de tamanho aparente dos astros e do

REFLEXÕES VIII

movimento retrógrado de alguns deles, mas tinha ainda outros problemas; por exemplo, ele não explicava porque alguns desses astros pareciam aumentar ou diminuir a sua velocidade aparente. Então, Cláudio Ptolomeu surtou e mudou seu esquema, dizendo que a Terra não estava bem no centro, mas que girava em torno desse centro, assim como todos os demais planetas, estrelas, a Lua e o Sol. Este centro é chamado de “equante”. Se Cláudio Ptolomeu queria deixar seu modelo mais louco do que ele era, com certeza ele conseguiu.

Por muito tempo, suas palavras foram tidas como a verdade suprema, só que isso não existe em termos de ciência. Até que um cientista chamado Ibn Al-Haythan leu os trabalhos de Cláudio Ptolomeu, e não gostou nada do que viu.

Abu Ali al-Hasan ibn al-Haytham, conhecido como Al-Haytham (ou ainda Al-Hazen), nasceu em Basra, no atual Iraque, em cerca de 965 e faleceu em 1040 da Era Comum. Dizer que ele era um cientista parece ser extremamente simplista perto do que ele era. Pode-se dizer que ele é o primeiro físico por criar uma metodologia científica acurada, apesar de o bairrismo ocidental conferir a Galileu tal título. Não que Galileu deixe de ser o gênio que era, mas Ibn Al-Haythan investigou meandros que nem mesmo Galileu aventurou-se. Al-Haythan era engenheiro, matemático, anatomista, astrônomo e médico. Ele pesquisou o olho humano, as propriedades ópticas da luz, oftalmologia, teologia, psicologia e era comentarista das obras de Aristóteles e Euclides, além do próprio Cláudio Ptolomeu. Além disso, era esperto o suficiente para sair de enrascadas, como a que aconteceu com o governante do Egito na época, o califa Al-Hakim.

Conta-se que, como todo bom governante, Al-Hakim tinha ideias “magníficas” e a tendência a obras faraônicas, o que vem bem ao caso dado o local que era, se me permitem o trocadilho. Dessa forma, o califa teve a “brilhante” ideia de criar um desvio no rio Nilo, de modo que fossem controladas as suas cheias e vazantes. Al-Haythan analisou o problema e viu que aquilo era uma enorme loucura, dado o tamanho e volume d’água do Nilo. Al-Hakim exigiu que a obra fosse feita ou Al-Haythan teria um destino bem feio. Como todo cientista com um mínimo de discernimento, Al-Haythan

REFLEXÕES VIII

resolveu o problema de maneira bem simples: fingiu ter ficado louco. O califa ainda desconfiou daquilo e ordenou que o grande Al-Haythan ficasse em prisão domiciliar.

Durante os longos anos fingindo estar totalmente pirado, Al-Haythan devotou-se à pesquisa da óptica. Descobriu as propriedades da luz e verificou que ela sempre se propaga em linha reta, usando unicamente o expediente de olhar uma vela por um cano. Simples, eficaz, mas ninguém tinha tido essa ideia ainda. Além disso, estudou as propriedades da câmara escura e se ele tivesse impregnado um pedaço de papel com sais de prata e colocado dentro da câmara, teria inventado a fotografia já no século XI. Al-Haythan criticou severamente os postulados de Aristóteles, que dizia que enxergamos ao emitir “raios” por nossos olhos que iluminariam um determinado objeto, liberando sua essência, que é captada de volta por nós.

Ou seja, Aristóteles criou o que seria o precursor do Scott Summers. Ao dissecar olhos, Al-Haythan descobriu que nossos olhos são como as câmaras escuras e funcionam da mesma forma.

A farsa de Al-Haythan chegou ao fim com a morte do califa Al-Hakim, quando finalmente Al-Haythan ficou bom da sua loucura. Então, era hora de descer o pau em Cláudio Ptolomeu. Al-Haythan demonstrou que Cláudio Ptolomeu trapaceara ao dar duas explicações simultâneas para o movimento dos planetas, sendo que uma contradizia a outra. Em uma, a Terra estava paradinha no centro do Universo; no outro, ela não estava, e os planetas giravam em torno deste ponto, o equante. Isso era um disparate! Total absurdo! Ou a Terra está no centro, dizia Al-Haythan, ou não está. O pior é que Cláudio Ptolomeu sabia que era absurdo, condenou Al-Haythan! Isso, no meu modo de ver (e acho que Al-Haythan concordaria comigo) mostra uma grande falta de honestidade – para não dizer safadeza – de Cláudio Ptolomeu. Ele tinha a teoria de Aristarco, mas o ego dele venceu e ele queria que o modelo eudoxiano fosse verdadeiro, mesmo que alterando severamente tal modelo.

Outros cientistas árabes debruçaram-se sobre o problema dos

corpos celestes e produziram verdadeiras joias. Joias que mais tarde seriam usadas para revolucionar toda a Astronomia.

Há muitas coisas entre o céu e a terra

Os árabes, graças a Al-Karismi, já dispunham de muitas ferramentas. A álgebra estava criada, a geometria e a trigonometria não eram mais nenhum segredo. Um dos maiores contribuintes para o desenvolvimento da matemática foi Abu Abdallah Muhammad ibn Jabir ibn Sinan ar-Raqi al-Harrani as-Sabi al-Batani. Al-Batani, para encurtar. Suas tabelas astronômicas, reunidas num livro de 57 capítulos recebeu o nome de al-Zij al-Sabi. Al-Batani nasceu em 858 e faleceu em 929 da Era Comum. Foi uma referência para vários matemáticos, astrônomos e sábios em geral. Desde Regiomontanus até Johannes Kepler, vários cientistas beberam da fonte de Al Batani e até mesmo certo cônego polonês chamado Nicolau Copérnico mencionou seu trabalho em seu livro mais famoso: *De Revoltionibvs Orbivm Coelestivm* (“Da revolução das esferas celestes”), o qual Copérnico pediu para que fosse publicado depois de sua morte, ocorrida no ano de 1543. Só que a História omite em dizer que o livro máximo de Copérnico teve outras fontes. E essas fontes foram muito mais caudalosas. Alguns alegam que foi mesmo um verdadeiro plágio.

Não se pode chamar Muhammad ibn Muhammad ibn Hasan Tusi, mais conhecido como Al-Tusi, simplesmente de “matemático”. Ele foi muito, muito, muito mais que isso. Ele era matemático, filósofo (no tempo que filosofia não era ficar citando um monte de gente em vez de pensar por si próprio), cientista natural, engenheiro, diplomata, doutor em leis, teólogo, médico, astrônomo entre outras coisas que provavelmente eu esqueci.

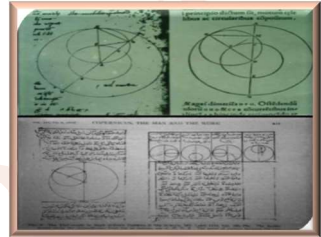
Ah, sim, ele também era biólogo, alquimista, físico e ainda teve a capacidade de passar a perna em um líder mongol chamado Hulagu Khan sem perder a cabeça (no sentido literal).

Al-Tusi leu as obras de Al-Haythan e resolveu criar um modelo para explicar o movimento dos corpos celestes. Dessa forma, Al-Tusi desenvolveu o que seria chamado na década de 1960 de “Par de

REFLEXÕES VIII

Tusi”. Trata-se de dois discos coplanares³³, em que o círculo interno gira duas vezes. Um em torno do seu próprio eixo e outra quando o disco interno “caminha” pelo círculo externo. Vocês conhecem corpos celestes que possuem este movimento, não? Mas só um corpo que não está no centro do Universo seria capaz de tal movimento.

Os diagramas e desenhos esquemáticos de Al-Tusi são muito similares aos que constam no livro de Copérnico. Seria coincidência? Não parece. Eles não são parecidos, são iguais! Al-Tusi teria copiado o trabalho de Copérnico? Impossível, já que o bom árabe nascera em 1201 e morreria em 1274. A imagem ao lado coloca lado a lado o diagrama contido no manuscrito de Al-Tusi e o diagrama constante no livro de Copérnico. Consegue perceber a enorme semelhança?



Em 1255 aconteceu uma coisa que Al-Tusi não esperava e isso iria dar impulso a suas pesquisas, graças à sua enorme presença de espírito. Liderados por Hulagu Khan, neto de Temujin, um exército mongol chegou ao sopé do monte Alamut, onde ficava um centro de estudo de Al-Tusi. Temujin, caso o nome não lhe seja familiar, era o verdadeiro nome de Chinggis Khan (que no Ocidente ficou conhecido como Gengis Khan), o príncipe dos conquistadores.

Al-Tusi explorou uma coisa comum a todos os idiotas iletrados: sua superstição. Ele ofereceu seus serviços a Hulagu Khan, que não desdenhava destruir tudo o que aparecesse em seu caminho, de forma que usasse seu conhecimento dos astros para fazer previsões astrológicas para o tosco Hulagu, que devia ser tão burro quanto feio, ou tão feio quanto burro. Mas, advertiu Al-Tusi, ele só poderia fazer isso se dispusesse de um lugar onde ele pudesse examinar os astros e interpretar a sorte que eles guardavam secretamente. Assim, em Maragha, Al-Tusi dirigiu a construção que seria o maior

³³ **Coplanar:** diz-se da configuração que está no mesmo plano que outra.

REFLEXÕES VIII

centro astronômico daquela época. Creio que só Uraniborg, construído por Tycho Brahe, foi páreo para ele, mas Uraniborg apareceu séculos mais tarde.

No observatório de Maragha, conhecido como Escola Maragha, Al-Tusi reuniu cientistas do mundo inteiro, até mesmo da China! Hoje, não temos muito mais que uma ruína praticamente destruída daquele belo centro, com um braço armilar³⁴ que tinha 10 metros de diâmetro, o chamado Quadrante, por meio do qual os astrônomos registravam, todas as noites, a posição das estrelas, mediante a graduação em graus, já que o quadrante é, praticamente, um gigantesco transferidor. Kepler nunca precisou de um telescópio para estabelecer suas 3 leis do movimento planetário. Ele usou os dados obtidos por Tycho Brahe em seu quadrante gigantesco, instalado em Uraniborg (por sinal, ele só teve acesso a esses dados depois que Brahe morreu).



Abaixo, vemos uma representação de como era o braço armilar do observatório (reconstrução feita pelo documentário *A Ciência e o Islã*, da **BBC**): Mas a pesquisa de Al-Tusi ainda tinha algumas falhas. Ciclos, epiciclos, pares de Tusi, etc. Ainda não tinham chegado a uma teoria astronômica que estabelecesse o heliocentrismo.

Copérnico citou nominalmente Al-Batani em seus trabalhos, mas é clara a ligação com o trabalho de Al-Tusi; mas não é só isso. Copérnico não só usou os dados precisos de Al-Batani, baseou-se em desenhos e diagramas de Al-Tusi, como fica bem percebido que ele bebeu na fonte de mais um astrônomo islâmico: Al-Shatir. Ala Al-Din Abu'l-Hasan Ali Ibn Ibrahim Ibn al-Shatir nasceu em 1304 d.C. Ele se destacou como matemático, engenheiro, astrônomo e o responsável por construir um relógio de sol de extrema precisão para a mesquita omíada em Damasco, na Síria. Para muçulmanos, é

³⁴ **Armilar**: que é composto de círculos representativos da esfera celeste.

REFLEXÕES VIII

muito importante saber as datas e horas com precisão, devido às intrincadas regras para estabelecer os horários das orações. No islamismo, os fiéis precisam rezar pelo menos em 5 horários distintos durante o dia. Com o sistema de Al-Shatir, saber estes horários, mesmo levando em consideração a posição relativa e aparente do sol ao longo do ano, os muezins podiam chamar seus fiéis à oração nas horas certas.

Seu mais importante tratado de astronomia foi o Kitab nihayat al-sul fi tashih al-usul (A busca final pela retificação de princípios), no qual ele drasticamente reforma os modelos ptolomaico do Sol, Lua e planetas, para introduzir o seu próprio modelo (não ptolomaico), eliminando assim o epiciclo no modelo solar, e deixando de lado todos os excêntricos e epiciclos/equantos no modelo lunar.

Enquanto os modelos anteriores da escola Maragha eram tão precisos como o modelo ptolomaico, o modelo geométrico Ibn al-Shatir foi o primeiro que realmente foi superior ao modelo ptolomaico, em termos de melhor concordância com as observações empíricas. Outra conquista de Ibn al-Shatir foi a rejeição do modelo ptolomaico no empírico, em vez de razões filosóficas. Ao contrário de astrônomos anteriores, Ibn al-Shatir não estava preocupado em aderir aos princípios teóricos da cosmologia ou filosofia natural (ou a pseudofísica aristotélica), mas sim para produzir um modelo que era mais consistente com observações empíricas. Seu modelo foi, portanto, em melhor acordo com observações empíricas do que qualquer dos modelos anteriores produzidos antes dele. Sua obra, portanto, marcou uma viragem na astronomia, que pode ser considerada uma “Revolução Científica, antes do Renascimento”.

Da prática à tática

Não foi, contudo, só na matemática que os árabes deixaram sua marca. Vocês já ouviram falar na palavra “alquimia”, muitas vezes associando-a com poderes mágicos ou coisas do tipo. Eu, particularmente, a chamo de protoquímica, a qual muitos espertinhos usaram a seu favor para criar um misticismo em torno dela, a fim de ganhar dinheiro à custa dos otários. Também havia aqueles que queriam usar poderes mágicos das substâncias para

REFLEXÕES VIII

encontrar o elixir da vida eterna ou transformar todos os metais em ouro. Árabes também possuíam esta fraqueza, mas também tinham espírito científico. O termo “alquimia” é uma palavra árabe. A origem da palavra, segundo alguns historiadores, seria Al Khen, o país negro, numa clara referência aos antigos egípcios, plenos conhecedores de misturas e combinações. Entretanto, outros acham que deriva da palavra chymia, que em grego significa “fundição”, já que durante a pesquisa sobre os metais muita coisa foi descoberta. Naquela época, aqueles que dominavam as melhores técnicas metalúrgicas possuíam melhor armamento, e isso ficou evidenciado quando as espadas de aço romanas (os gládios) eram muito superiores às espadas de bronze gregas. O resultado dessa qualidade repousa no conhecimento de quem dominou quem. Além disso, ainda temos necessidades administrativas e, para isso, construções e projetos de engenharia eram mais do que necessários.

Um dos maiores nomes árabes da pesquisa química é Abu Musa Jabir ibn Hayyan, mais conhecido pela latinização do seu nome: Geber. Ele foi responsável pela introdução de muitos nomes comuns a nós, tanto químicos, como pessoas comuns. Muito provavelmente, muitas pessoas desconhecem o termo “álcalis”, mas com certeza já ouviram falar em “alambique”. Geber foi um dos primeiros a refinar a técnica da destilação e da calcinação. Isolou muitas substâncias novas como o ácido sulfúrico, que ele chamava “Óleo de Vitriolo” e do “Ácido Muriático”, cujo nome oficial é o ácido clorídrico, presente em nosso suco gástrico.

Muhammad ibn Zakariya al-Razi (também conhecido como Al-Razi, ou simplesmente Rhazes) nasceu em 865 d.C. e morreu em 925. Com métodos de destilação, ele separou o ácido acético do vinagre e o etanol do vinho, conhecia o tetraborato de sódio, que ele chamou na época de “bórax” (nome pelo qual ainda hoje é conhecido), estudou as propriedades do ácido sulfúrico, diferenciou sarampo de simples catapora entre muitas outras coisas. Al-Razi tornou-se diretor do hospital da cidade de Rey, governada por Mansur ibn Ishaq ibn Ahmad ibn Asad, entre 902 e 908 d.C. O hospital era um verdadeiro centro de medicina e pesquisa, coletando remédios de várias partes do mundo e estudando-os detidamente. Sua vasta obra

REFLEXÕES VIII

inclui nada menos que 14 livros sobre medicina. Devo confessar que alguns deles continham várias falhas, mas muitos que estudaram em seus livros extraíram joias em termos de pesquisa médica, melhorando, ampliando e desenvolvendo cada vez mais a ciência.

O conhecimento árabe sobre os materiais proporcionou algumas maravilhas. Eles aprimoraram a fabricação da pólvora, usando-a como arma de terror e ataque. O livro *Alfurusiyah wa al-manasib al-harbiyya* (O livro da Cavalaria e Armas de Guerra) descreve como Najm al-Din Hasan Al-Rammah criou armas de mão, semelhantes a morteiros e até mesmo um torpedo de superfície (!!), em 1270 d.C. No entanto, a engenharia militar islâmica é apenas uma sentença no grande texto que escreveram ao longo da História.

A engenharia civil superou tudo que os antigos tinham criado até então. Claro, a Pont Du Gard é uma obra monumental erigida pelos romanos, mas os sistemas de bombeamento de água criados por Taqi al-Din também merecem reverência. Taqi al-Din Muhammad ibn Ma'ruf al-Shami al-Asadi, vulgarmente conhecido como Taqi al-Din, nasceu em 1526 e morreu em 1585 da Era Comum. Pela época em que ele viveu, ele não conheceu pessoalmente muitas das maravilhas islâmicas de outrora. Não obstante, isso não o impediu de contribuir decisivamente para/com várias áreas do conhecimento. Ele estudou profundamente a obra de Al-Jazari e criou máquinas fantásticas, como um sistema de bombeamento de água de seis cilindros, que merece uma análise mais detalhada.

Existe uma maquete em Dubai que reproduz este fantástico sistema de bombeamento de água. Mas o que ele tem de tão fantástico? Sabe o seu carro? A semelhança entre o sistema de Taqi al-Din e o interior do motor do seu carro é máxima! Taqi al-Din alinhou 6 cilindros que são movimentados por uma roda de cames. Uma roda de cames nada mais é que uma roda d'água ligada a um eixo que gira livremente. Este eixo tem vários "cames", que são uma espécie de "dentes", que giram mediante o giro do eixo. Estes cames, assim que passam pelos cilindros, fazem com que os pistões dentro dos cilindros se ergam, puxando a água. O eixo continua seu giro, de forma que os cames soltem os pistões, que caem de volta já que possuem um peso na extremidade superior. Ao voltar, o pistão

REFLEXÕES VIII

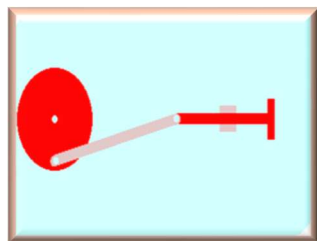
empurra a água, que sai por uma abertura lateral, controlada por uma válvula de retenção.

O mais interessante é que os comes não estão alinhados, acarretando num fluxo de água ininterrupto, bem semelhante aos nossos motores de hoje em dia. Pensem: o pistão se ergue, o cilindro enche-se de combustível, o pistão desce, vedando a entrada de combustível e comprimindo o conteúdo do cilindro, a vela solta uma faísca, a explosão faz com que o pistão suba, puxando mais combustível e assim sucessivamente.

As colunas por onde a água era impulsionada pelas seis bombas se unem num cilindro central, e a água é dirigida até um aqueduto, por onde é distribuída. Como o fluxo de 6 tubos se concentrava num único apenas, a pressão aumentava consideravelmente. Pelos esquemas, em torno de 3 vezes, já que a tubulação final tinha o dobro do diâmetro dos tubos por onde as seis bombas impulsionavam a água. Fantástico, não?

Mas a engenharia islâmica tem um mestre. Seu nome é Abu al-'Iz Ibn Isma'il ibn al-Razaz al-Jazari, mais conhecido como Al-Jazari, nascido nas terras chamadas Al-Jazira, entre o Iraque e a Síria, em 1136 d.C. Não se sabe muito sobre ele, mas seus feitos enchem volumes e mais volumes. Al-Jazari não era apenas um engenheiro, coisa que eu acho que servia como distração para ele, posto que ele era matemático, astrônomo, químico, artesão, escultor, maquetista, engenheiro mecânico e hidráulico, inventor, etc.

Sabe-se que ele projetou autômatos, bombas de sucção, rodas d'água, clepsidras (relógios de água), astrolábios, etc. Seu livro mais famoso é o Tratado da Teoria e da Prática das Artes Mecânicas, de 1206. Al-Jazari fez uso intenso de sistemas de engrenagens de modo a automatizar o trabalho. É um dos precursores do sistema biela-manivela, cujo sistema é de uma simplicidade enganosa. Basicamente, trabalha com dois sistemas conjugados: um retilíneo e outro circular. A maravilha é que ele



REFLEXÕES VIII

pode ser empregado de duas formas, que são inversas. Veja a ilustração acima:

Como podemos ver, a roda gira, movimentando o eixo que empurra um pistão. O que este pistão fará não é importante, posto que pode ser qualquer coisa: um pistão de compressão para motores de combustão interna, bombas, etc. Mas, se o sistema for invertido, com o pistão movimentando a roda, temos o processo pelo qual as rodas das locomotivas se mexem. Com o sistema biela-manivela, Al-Jazari projetou um incrível sistema para bombeamento de água.

Para finalizar, nada é tão fantástico no trabalho de Al-Jazari como o relógio-elefante que ele criou. De forma bem simplista (e completamente tola), poderíamos dizer que o relógio-elefante não passa de uma clepsidra. De fato, usa a força da água para marcar o tempo, mas a engenhosidade, precisão e magnificência do aparato é algo que assombra até mesmo o pessoal de hoje. Por meio de suas descrições minuciosas, engenheiros modernos conseguiram construir uma reprodução desse magnífico relógio e está em exposição no Ibn Battuta Mall, em Dubai.



Desafio vocês, arautos da tecnologia de informação, projetar algo tão esplêndido quanto isso (e tão funcional quanto). Oito séculos separam vocês de Al-Jazari, quero ver do que vocês são capazes de fazer, unicamente usando a força da água.

O ocaso de um sonho

No 25º dia do mês santo do Ramadã do ano 658 do calendário islâmico (3 de setembro de 1260), guerreiros muçulmanos enfrentaram o exército mongol de Hulagu Khan, na Batalha de Ain Jalut. Por muito pouco, os árabes conseguiram resistir, mas diversas ondas de fanáticos cristãos ainda insistiam nas Cruzadas, matando indiscriminadamente, destruindo casas, bibliotecas, centros de estudos e tudo que representasse conhecimento não

REFLEXÕES VIII

autorizado pela Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana (ou seja, tudo).

Hulagu, apesar de líder mongol, defendia o cristianismo, pois era filho de uma seguidora dos ensinamentos de Nestório, patriarca de Constantinopla. Vários dos generais mongóis foram recrutados entre os cristãos turcos, que haviam sido aliados ou simpatizantes dos franj, como os cruzados eram conhecidos pelos muçulmanos.

Bagdá, a capital da dinastia árabe abássida, foi conquistada em 1258 e 80 mil pessoas foram brutalmente assassinadas, incluindo mulheres e crianças. As ruas se tornaram rios de sangue. Muito mal Al-Tusi escapou, e assim mesmo porque passou a perna em Hulegu, graças à boçalidade do líder mongol.

Os reis católicos das duas cidades-Estado de Castela e Aragão resolveram pôr um fim à presença islâmica no que se tornaria a Espanha. A fanática Isabel de Castela criou o que seria a mais infame arma contra os hereges que não se submetessem ao poder e glória de Jesus, o salvador de almas impuras, que disse para não ofender ninguém e amar ao próximo. Mas fanáticos não levam isso em consideração. Só as partes que atendem às suas insanidades. Teve início a mais ignominiosa ação abençoada pela ICAR: a Inquisição, responsável por assassinar, pilhar, violentar e destruir todo aquele que fosse julgado culpado. De que, ninguém sabia nem se importava.

O que outrora foi o estopim para o Renascimento, fora reduzido a cinzas. Sábios foram mortos, bibliotecas foram destruídas. Se o pouco que se salvou foi responsável pela revolução do conhecimento no século XVI, imaginem se tudo que os árabes tinham guardado estivesse à nossa disposição; mas é tolice pensar o que poderia ou não ter acontecido. O fato é que todas aquelas joias perderam-se para sempre.

Thomas Woods diz que foi a Igreja Católica que construiu a civilização. Ou ele é burro ou um fanático religioso, pois a história contesta isso e há centenas, milhares, de documentos provando o contrário. Hipátia e a Biblioteca de Alexandria são bons exemplos de como os cristãos respeitavam as crenças e a cultura.

REFLEXÕES VIII

A ICAR, pelo contrário, foi a destruidora de várias civilizações, destruidora da cultura e inimiga do conhecimento ao longo de vários séculos. As muitas universidades fundadas pela ICAR não visavam ao desenvolvimento científico e sim para fundamentar o chamado trivium (gramática, lógica e retórica) em vez do quadrivium (aritmética, geometria, astronomia e música). E mesmo que ensinasse mais do segundo, não conseguiram reproduzir as magníficas construções que os árabes já dispunham 300 anos antes.

A alegação que nossos direitos fundamentais foram trazidos e baseados no direito canônico é uma piada, posto que Roma tinha um sistema jurídico muito mais eficiente e justo. No Brasil, nosso sistema baseia-se no Direito Romano, e não foi a Roma dos papas com seu fisiologismo e corporativismo. Enquanto no mundo islâmico qualquer um podia abraçar a fé que quisesse, no mundo católico quem o fizesse iria para a fogueira. Se você rezasse para Jesus, mas fosse protestante, iria para fogueira, e o próprio Thomas Morus mandou protestantes serem cozidos em óleo quente. Se você fosse católico e estivesse num reino protestante, também estava ferrado. Este é o sistema jurídico do mundo cristão? Ainda bem que não o copiamos.

Hoje, vemos o fanatismo religioso tomar conta do mundo árabe, relegando-o à barbárie de sua própria Idade das Trevas. Fico pensando quando se dará o seu Renascimento, mas eles teriam que se basear em sabedorias antigas. Quem sabe, sua própria sabedoria há muito esquecida. ●

Ceticismo.net

Teoria do caos

Ceticismo.net



Quando os gregos queriam se referir a um vazio abissal, usavam a palavra *cháos*. Caos nem sempre é uma coisa ruim. No sentido de pura desordem, realmente, pouco se pode dizer a seu favor, mas o que o matemático James Yorke estava querendo dizer quando tomou este termo emprestado em 1975, era desordem ordenada – um padrão de organização existindo por trás da aparente casualidade. E isso é uma coisa muito boa.

A “teoria do caos” – o estudo dessa desordem organizada – entrou em voga somente nos anos 1980, mas suas sementes foram lançadas em 1960, quando um meteorologista do M.I.T, **Edward Lorenz** desenvolveu modelos computacionais dos padrões do tempo. Como todo mundo sabe, é muito difícil fazer uma previsão do tempo em longo prazo, ainda que possamos isolar muitos dos fatores que causam as mudanças.



Lorenz, como outros, pensava que tudo o que era preciso para uma melhor previsão era um modelo mais abrangente. Então, escreveu um programa baseado em doze equações simples que em linhas gerais modelava os principais fatores que influenciam o tempo.

Lorenz descobriu algo surpreendente: pequenas mudanças ou pequenos erros em um par de variáveis produziam efeitos tremendamente desproporcionais. Para um período de uns dois dias, elas mal faziam diferença; mas extrapolando-se para um mês ou mais, as mudanças produziam padrões completamente diferentes. Lorenz chamou sua descoberta de “efeito borboleta”, tirado do título de artigo que ele publicou em 1979: Previsibilidade. Pode o bater de asas de uma borboleta no Brasil desencadear um

REFLEXÕES VIII

tornado no Texas? Em outras palavras, fatores insignificantes, distantes, podem eventualmente produzir resultados catastróficos imprevisíveis?

Lorenz se permitiu uma pequena hipérbole porque queria dramatizar seu ponto de vista. Virtualmente todos os físicos antes dos anos 1970 fixaram-se nos chamados processos “lineares” – processos em que pequenas mudanças produziam resultados proporcionalmente pequenos. Mas um grande número de fenômenos – não só na meteorologia e na física, como também na biologia, ecologia, economia, e assim por diante – não obedeciam a leis lineares nem seguiam fórmulas lineares.

Processos “não lineares” são aqueles em que as equações envolvem taxas variáveis de mudança, e não taxas fixas, em que as mudanças são multiplicadas, em vez de adicionadas, e pequenos desvios podem ter vastos efeitos.

O próximo passo em direção à teoria do caos foi dado nos anos 1970, quando Yorke e seu amigo, o biólogo Robert May, começaram a examinar as propriedades da assim chamada “equação logística” que, entre outras coisas, fornece um modelo simples para o crescimento da população. A maneira como essa equação funciona é que os resultados vão sempre alimentando a equação de modo a se obterem novos resultados. O interessante é que, dependendo de como você utiliza certo fator, os resultados podem se tornar altamente previsíveis ou altamente caóticos.

Mas até mesmo o caos da equação logística tem seu próprio tipo de padrão. Embora você não possa sempre prever qual será o resultado particular da equação, você sabe que ele vai cair em uma determinada faixa. (Se você fizesse um gráfico dos resultados, veria surgir um padrão ou uma tendência determinada). Muitas outras equações se comportam de forma semelhante, produzindo o caos com uma tendência ou um modelo de organização – entre estas, estão as equações que predizem a turbulência em líquidos ou a subida e a queda dos preços do algodão.

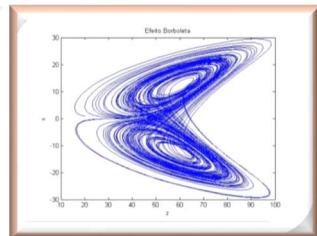
Tais equações são o reverso da fórmula do tempo de Lorenz: até onde vão chegar os preços do algodão em um dia particular é

REFLEXÕES VIII

imprevisível (ou ficaríamos todos ricos jogando no mercado de futuros); mas a história dos preços do algodão mostram certa ordem. O nome dado a essa ordem é fractal. Se você fizer um diagrama das flutuações de preço minuto a minuto, semana a semana, mês a mês e ano a ano, a tendência mostrada no diagrama mais geral (ano a ano) se refletirá nos diagramas mais detalhados (de mês a mês para baixo). Um diagrama fractal pode ser ampliado para qualquer magnificação que você quiser, e vai claramente parecer, e algumas vezes reproduzir exatamente, o padrão do quadro mais amplo.

Esse comportamento da curva do preço do algodão foi descoberto no princípio dos anos 1960 pelo eclético erudito Benoit Mandelbrot. Nascido na Lituânia e educado na França, Mandelbrot nacionalizou-se americano, e trabalhava para a IBM quando descobriu que outros fenômenos também apresentavam a característica fractal dos preços do algodão – por exemplo, a distribuição de “ruídos” (erros) nas transmissões eletrônicas.

Gradualmente, Mandelbrot achou outros exemplos do mesmo comportamento, abordando até a geografia, no inovador artigo Qual a extensão da costa britânica? A ideia básica desse artigo é que todos os tipos de objetos naturais, a exemplo do litoral britânico, têm um grau de imprecisão que parece o mesmo



não importa o quanto você se aproxime deles. Vista de um ponto distante ou examinada através de um microscópio, uma costa vai parecer igualmente irregular – de modo que, na ausência de um sinal indicador da distância em que a imagem da costa foi obtida, seria difícil, senão impossível, discernir este aspecto.

Para descrever essa irregularidade ou imprecisão recursiva, autorreflexiva, Mandelbrot ampliou a noção da dimensão matemática. Estávamos acostumados a pensar em termos de dimensões integrais – uma linha de dimensão 1, um plano de dimensão 2, um cubo de dimensão 3, mas Mandelbrot introduziu o conceito de dimensões fracionais – 1,3; 2,7; 12,2 – para descrever a

REFLEXÕES VIII

recorrência ou imprecisão que observou nos contornos do litoral e nas curvas de preço. (Pense em uma dimensão fracional como uma medida de quanto uma linha ou uma forma consome de uma dimensão total. Quanto mais irregular uma forma, mais espaço ela consome). Em 1975, ele cunhou o termo fractal para nomear essa nova geometria dimensional fracional.

A geometria fractal e o caos teriam permanecido como meras curiosidades não fosse a descoberta do físico Mitchell Feigenbaum, em meados da década de 1970, de que muitos sistemas não-lineares, aparentemente não relacionados, comportam-se de modo claramente semelhante. Isso sugere que deveria existir uma teoria unificada para explicar o comportamento caótico dos sistemas e equações em uma faixa ampla de setores. E foi aí que os cientistas realmente começaram a prestar atenção.

A teoria do caos é algo recente e ainda está sendo refinada. Novas aplicações estão sendo descobertas ou inventadas, artigos continuam a ser publicados, dúvidas e demonstrações alternam-se rapidamente. Apesar disso, a teoria do caos lançou alguma luz no comportamento dos sistemas, sistemas quintessenciais de líquidos fluído, que são propícios a sofrer mudanças rápidas de um comportamento estável para um comportamento aparentemente caótico, no modo como a água passa de líquido fixo a líquido em ebulição, à medida que a temperatura é ligeiramente aumentada. (A $99,5^{\circ}\text{C}$, a água é apenas água quente; a $100,5^{\circ}\text{C}$, ela passa a mudar de estado, tornando-se gasosa).

O jargão pode ser intimidante – coisas do tipo “estranhos atratores” são difíceis de explicar. (Eles são basicamente formas que restringem curvas não reprodutíveis, se é que isso ajuda). E ideias tais como “dimensões fracionais” tendem a parecer bizarras ou inutilmente abstratas – mas na realidade a geometria fractal tem muitas aplicações práticas.

Como salienta James Gleick em seu “popular” livro sobre o caos, medir a dimensão fractal de uma superfície metálica pode nos fornecer uma informação a respeito de sua resistência. A superfície da terra tem uma dimensão fractal, da mesma forma que os vasos

REFLEXÕES VIII

sanguíneos em nosso corpo. Até o cérebro humano e sua consciência podem ter formas fractais.

Geometria fractal tem sido adotada em setores tais como General Electric, Esso e estúdios de Hollywood, grupos que não primam pelo gosto de coisas puramente teóricas. ●

Ceticismo.net

LUIZ BIANCI

O paradoxo de Fermi

Ceticismo.net



Reza a lenda que certo dia no laboratório de Los Alamos, um grupo de jovens cientistas discutia animadamente a possibilidade de vida extraterrena. Concluíram que os extraterrestres deveriam existir, afinal, o Universo é infinito e nós não devemos ser os únicos seres inteligentes em todo esse espaço.

Seria então que o físico Enrico Fermi, que estava ouvindo a conversa, teria se levantado em resposta e professado a célebre frase “Então, onde eles estão?”. Como Fermi era brilhante e muito famoso, sendo o inventor entre outras coisas do primeiro reator nuclear, desta simples frase nascia o ‘paradoxo de Fermi’, um dos principais argumentos usados para afirmar que nós estamos sozinhos. Segundo ele, se os ETs existem, eles já deveriam ter pousado na frente da Casa Branca.

Há sérios problemas com essa lenda. O principal é que ela indica algo que simplesmente não é verdade: ao contrário do que muitos pensam, Enrico Fermi de fato acreditava na existência de vida extraterrestre. Outro problema não só com essa lenda, mas com o conhecimento popular, é o de que o paradoxo de Fermi serve para provar que ETs inteligentes não existem. Se este fosse o caso, o paradoxo não existiria: ele é justamente um paradoxo porque qualquer resposta que se dê a ele é paradoxal. Seja ela a existência ou mesmo a inexistência de vida extraterrestre inteligente.

Uma versão mais verossímil sobre a origem do paradoxo de Fermi diz que nos anos 1950, ainda em Los Alamos, Enrico Fermi estava pensando sobre a vida extraterrestre em seu escritório no andar superior, e embora sempre tenha simpatizado com a ideia, percebeu que as descobertas recentes cada vez mais aceitas da cosmologia indicavam que nosso Universo teria de 8 a 18 bilhões de anos (atualmente, estimativas mais precisas indicam 12 bilhões). Ele

REFLEXÕES VIII

notou que com tanto tempo e com tanto espaço, alguma civilização extraterrestre não só deveria ter surgido, como também já deveria ter colonizado toda a Galáxia. Frustrado com a ausência de evidências que apoiassem essa conclusão, desceu perplexo as escadas para o refeitório lotado de cabeças brilhantes e perguntado em voz alta: “Onde eles estão?”

E ele recebeu uma resposta. Leo Szilard teria retrucado “Eles já estão aqui. Mas chamam a si mesmo de húngaros”. Essa era uma referência a uma piada (ou não?) corrente no departamento de física teórica segundo a qual há milhões de anos os marcianos precisaram deixar seu planeta e pousaram no que hoje é conhecido por Hungria. Conseguiram adaptar-se e parecer-se com os macacos falantes que habitavam a Terra, mas três características eram muito fortes para ser escondidas: sua vontade de viajar (húngaros estariam por todo o mundo), sua língua (única e diferente de todas as circunvizinhas) e sua inteligência (muitas das melhores mentes de Los Alamos eram húngaras, incluindo Szilard, Von Neumann). Essa versão sobre a origem do paradoxo de Fermi é mesmo confirmada por Edward Teller, tido como pai de bomba de hidrogênio, e ele mesmo um marciano, digo, húngaro. Será que essa versão do paradoxo de Fermi é pouco conhecida porque os húngaros-marcianos conspiram para que o vazamento do segredo a Fermi não alcance o público? Sem dúvida, a verdade está lá fora...

Em todo caso, notar que o próprio Fermi era um simpatizante da existência de seres inteligentes fora da Terra ilustra perfeitamente a profundidade do paradoxo. Parece uma ironia sem sentido que um simpatizante da ideia de ETs tenha criado um argumento usado por pessoas que não acham ETs muito atraentes, por assim dizer. Mas entender a fundo o paradoxo pode mostrar que seria esperado que um defensor bem-informado e genial da ideia de ETs deveria ter sido o primeiro a enxergar a contradição. Ela é uma contradição, não uma afirmação. Isso deveria ser óbvio, mas infelizmente parece não ser a muitos.

Existem duas respostas principais e óbvias ao paradoxo: Ets inteligentes existem ou simplesmente não existem. Ambas as respostas têm sérios problemas, e isso é justamente o que leva a

REFLEXÕES VIII

uma contradição, a um paradoxo. Vamos abordar primeiro a resposta mais comum no meio ufológico.

Pois bem, suponha que ETs existam. Mais, que o Universo esteja pululando de civilizações diferentes, com diferentes índoles, objetivos e crenças. As respostas usuais para que nenhuma delas tenha resolvido colonizar a Terra apela para motivações comportamentais, ou seja, algo no comportamento destas civilizações impede que elas nos colonizem de forma óbvia. Essas respostas comportamentais podem ser divididas em três categorias.

A primeira é a de que todas as civilizações que dominam a tecnologia de viagem espacial também dominam a tecnologia de se autoaniquilar. E de que boa parte delas infelizmente acaba aplicando esta última tecnologia, por diversos motivos.

A mesma seleção natural que pode ter criado vida inteligente por todo o Universo condena esta vida a uma competição contínua, que leva à guerra, que combinada com tecnologia leva ao apocalipse. Olhando para nossa própria civilização, vemos que esta resposta, embora pouco atraente, parece ser a que possui mais embasamento por experiência.

A segunda categoria, e a que parece ser mais atraente, é a de que as civilizações que não se aniquilaram são capazes de perceber a importância da própria vida e outras baboseiras espirituais ou motivações éticas quaisquer, e assim se importam tanto com a vida que não querem interferir nela. Então, ou elas resolvem não partir para a exploração do Universo e fecham-se em si mesmas para viver em paz e felizes (algo meio zen) ou partem para explorar o Universo, mas de forma discreta, procurando sempre evitar quaisquer interferências (algo como 'Jornada na Estrelas').

A terceira categoria é a de que ao contrário da anterior, as civilizações que desenvolvem a tecnologia de viagem espacial acabam rapidamente tornando-se desenvolvidas a ponto de perder completamente o interesse por seres atrasados como nós e mesmo dos recursos que planetas como o nosso poderiam oferecer, ao passo que sua presença acabaria tornando-se invisível devido à sua integração com os processos naturais do Universo. Uma ideia sem

REFLEXÕES VIII

dúvida muito próxima de ficção científica – de fato, tema de algumas histórias deste gênero. Tais civilizações acabariam ‘transcendendo’. Seu processo de pensamento poderia ser acelerado por meio da integração de sua biologia com sua tecnologia, e a passagem de tempo subjetiva a eles seria mínima. O que para nós é um segundo, para eles pareceria milênios. E não haveria a menor razão para que eles se interessassem por nós. Eles poderiam estar resumidos à escala nano ou picoscópica, e por meio de enorme otimização seu processamento de dados e manipulação de energia seria praticamente indistinguível de flutuações quânticas aleatórias, ou simples ruído. Um dos proponentes da resposta transcendental ao paradoxo de Fermi é Ray Kurzweill, famoso inventor e tido como prodígio.

O problema com todas as respostas comportamentais é que elas deveriam se aplicar a todas as civilizações, sem absolutamente nenhuma exceção. É possível imaginar que a maioria das civilizações se aniquile, que boa parte transcenda, e que o resto resolva aderir até mesmo a uma benigna ‘Federação dos Planetas’ que siga à risca uma ‘Primeira Diretriz’. Mas com tanto espaço, com tanto tempo, é difícil imaginar que nenhuma civilização tenha ao mesmo tempo desenvolvido tecnologia e vontade de colonizar a Galáxia.

Olhando para nós mesmos, o único exemplo de civilização que conhecemos, esse parece ser nosso caminho. Por que não o de outras, de incontáveis outras civilizações? Isso inclui a ideia ingênua de que os ETs estão aqui e se escondem com a ajuda dos governos. Alguns ETs poderiam aderir à ideia mesmo que ela fosse praticável, mas todos, sem exceção, é algo estranho.

E uma presença óbvia deveria ser realmente óbvia, não apenas visível aos que simplesmente acreditam. Uma ideia é a de que uma benigna Federação dos Planetas resolva impedir aqueles que tentem a empreitada de colonizar a Galáxia. Mas isso apenas leva à ideia de guerras espaciais!

Seria possível que, como nos filmes, o bem sempre vença? Outro problema: não seria o próprio ato de impedir uma civilização de

REFLEXÕES VIII

colonizar outros planetas uma interferência com o curso normal dela? Seria isso o 'bem'? A ética de tal 'Federação dos Planetas' é posta à prova, e sinceramente, não parece ser muito consistente.

O paradigma mais vigente entre cientistas, ainda simpatizantes da ideia de que seres extraterrestres inteligentes existam, é o de que a viagem espacial é muito dispendiosa. Um notável adepto deste paradigma foi Carl Sagan. Essa ideia explica porque ele defendeu por toda a vida a possibilidade de existência de vida extraterrestre, ao mesmo tempo em que se mostrou cético com relação às alegações de que OVNI's seriam naves extraterrestres. Isso também justifica sua defesa apaixonada – e com sucesso – do SETI. Se os ETs não viajam, eles ainda podem se comunicar – o que é relativamente pouco dispendioso – e não custa muito tentar ouvir.

Mas mesmo a ideia defendida por Sagan tem problemas, e problemas sérios. O que frequentemente se fala, principalmente entre ufólogos, é que dizer que a viagem espacial é excessivamente dispendiosa é limitar o avanço de eventuais civilizações ETs ao nosso próprio estado atual. Além disso, nada indica que nosso estado atual de tecnologia seja definitivo. Incrivelmente, esses são argumentos razoáveis, mesmo a demonstrações de quanta energia seria utilizada em tais viagens. Hoje em dia nós usamos mais energia em um ano do que nossos antepassados usariam em toda uma vida. Mas há um argumento ainda mais decisivo contra a ideia de que a viagem espacial não seria prática.

Já em 1970, o astrônomo Michael Hart argumentou que mesmo a 0,1c (um décimo da velocidade luz, ou 30.000 km/s) seria possível cruzar toda a Galáxia em poucos milhões de anos. No ano passado, outro astrônomo, Ian Crawford, publicou na *Scientific American* um artigo ainda mais incisivo: com nossa tecnologia atual, poderíamos alcançar a estrela mais próxima de nós, Alfa do Centauro, em 100 anos. Supondo que quando chegássemos lá levássemos 400 anos para criar uma segunda onda de colonização com duas naves para outras duas estrelas próximas e assim sucessivamente – estimando assim um período de 500 anos para cada onda de colonização – levaríamos de 5 a 50 milhões de anos para colonizar toda a Galáxia. Ou seja, com nossa tecnologia atual e muito esforço já poderíamos

REFLEXÕES VIII

nos fazer notar por toda a Galáxia em um piscar de olhos – em termos astronômicos, com um Universo de 12 bilhões de anos de idade. A viagem espacial pode ser dispendiosa, mas é difícil imaginar que isto limite uma civilização à proximidade de seu planeta por tempo indefinido, ainda mais quando sabemos que as estrelas não têm vida eterna. Algo dispendioso não é algo impossível.

Uma classe diferente de resposta é o ‘Grande Filtro’, que se situa no limiar de afirmar que ETs não existem. Eles existem, ou teriam existido, e espalhado por todo Universo máquinas destinadas a exterminar qualquer civilização que se faça muito notada ou que resolva colonizar a Galáxia. Qual o objetivo deste ‘Grande Filtro’? Não se sabe ao certo, e em verdade, não importa. A civilização que criou este ‘Grande Filtro’ pode ter uma lógica e motivações próprias, incompreensíveis a nós, mas com efeitos claros e decisivos sobre todos que resolvam fazer-se notar por toda a Galáxia. Mas, e quanto à civilização que criou o ‘Grande Filtro’, onde ela está? Talvez ela mesma tenha se extinguido, e suas máquinas continuem funcionando. Não se sabe, porém embora pareça muito estranha, a ideia do Grande Filtro é uma das que mais fazem sentido para explicar o Grande Silêncio. O grande problema com o ‘Grande Filtro’ é que não parece funcionar muito: nós já podemos nos fazer notar razoavelmente bem, estamos prestes a colonizar outros planetas, e nada apareceu para nos aniquilar. Até o momento, pelo menos.

Enfim, não há nenhuma resposta completamente satisfatória que explique o porquê, se os extraterrestres existirem, de nós não os notarmos de forma óbvia. Podemos cogitar sobre o comportamento de tais ETs, mas é inviável imaginar que não exista nenhuma exceção. Podemos ainda imaginar um Grande Filtro, mas ele ainda não nos filtrou. Podemos constatar o quanto é difícil viajar entre as estrelas, mas isso certamente não é algo impossível. O paradoxo de Fermi revela sua profundidade: Se eles existem, onde eles estão?

Muitas vezes se levantam agora e dizem: “Eles não estão em lugar algum”. Esta é uma resposta simples, muito aceita por pessoas bem-informadas e razoavelmente satisfatórias. Seres extraterrestres

REFLEXÕES VIII

inteligentes podem simplesmente não existir. É preciso lembrar, entretanto, que ela também tem sérios problemas, porque é uma conclusão que dificilmente pode ser provada, e nada indica sequer decisivamente para ela até o momento.

O paradoxo de Fermi é um paradoxo justamente porque “eles” deveriam existir segundo nosso conhecimento científico, que o próprio Fermi conhecia bem, assim que a ciência tornou-se suficientemente sólida para permitir pensamentos sobre o tema e, incrivelmente, continua a apoiar a ideia até hoje, cinco décadas depois. Não sabemos de nada que impeça a existência de outras civilizações, e como sempre foi regra, o que não é impossível geralmente acaba ocorrendo na natureza, mesmo que seja um tanto improvável. Mas talvez ocorra apenas uma vez se for algo excessivamente improvável. E nós seríamos esta única vez.

Há algumas décadas, a maioria dos que advogavam a raridade de inteligência no Universo acreditava que sistemas solares seriam raros, formados por processos talvez até mesmo catastróficos, como, por exemplo, uma estrela passando perto ou – pasmem – chocando-se com outra. O risco de que isso ocorra são ínfimas, e se os sistemas planetários tivessem origem catastrófica, deveriam ser de fato raríssimos. Mas, recentemente, a detecção de planetas extrassolares tornou-se possível e mesmo comum, e nós conhecemos mais planetas fora de nosso sistema solar do que dentro dele. Isso é algo histórico: uma grande evidência a favor do princípio de Copérnico, segundo o qual nós não somos extraordinariamente especiais, o que deve incluir nossa inteligência.

A descoberta de diversos planetas extrassolares praticamente aniquilou a ideia de formação catastrófica dos sistemas planetários, e hoje em dia hipóteses evolutivas de formação, como uma própria consequência da formação de estrelas são dominantes. Devem existir quase tantos sistemas planetários na Galáxia quanto existem estrelas, e existem centenas de bilhões de estrelas em nossa Galáxia.

Assim, um dos principais argumentos sobre nossa singularidade passou a ser nossa Lua. Hoje se acredita que nossa Lua formou-se não só por um processo catastrófico – o choque de um meteoro com

REFLEXÕES VIII

a Terra – mas de um processo com características determinadas extremamente limitadas, e, portanto, algo raríssimo. De fato, nosso sistema Terra-Lua mal pode ser chamado de um planeta e um satélite, pois está próximo de algo que realmente deve ser muito raro: um sistema de planetas duplo, que ainda por cima situa-se na ecosfera de uma estrela.

Se a colisão que teria formado nossa Lua tivesse sido levemente diferente, a Lua poderia ter escapado ou boa parte dela teria caído de novo na Terra e ela seria bem menor. Ou poderiam existir várias luas menores. Nenhum outro planeta de nosso sistema solar tem um satélite que pode ser comparado ao que a Lua é para a Terra.

E a Lua é importantíssima para a vida como nós a conhecemos. Ela estabiliza o eixo de rotação de nosso planeta, impedindo que os polos gélidos tornem-se equadores quentes em todo momento. Ela é a grande responsável pelas marés íntensas que temos, que podem ter sido decisivas para a passagem da vida do mar para a terra. Ela levou a dose exata de massa da Terra para que nosso planeta tivesse placas tectônicas que se movem com relativa rapidez, o que contribui – e muito – para que tenhamos grandes continentes e grandes mares, que se movimentam e aceleram grandemente o processo de evolução. Existem incontáveis outros fatores pelos quais devemos à Lua nossa existência, e talvez os povos antigos estivessem certos ao venerá-la. Muitos cientistas acreditam que a Lua é a grande responsável por nossa existência. E se a formação da Lua foi fruto de um enorme acaso, algo raríssimo, então vida inteligente como nós deve ser igualmente raríssima.

Poderíamos nos estender sobre os diversos aspectos que podem nos fazer únicos, mas a maioria deles deve mudar com o tempo, à medida que novas descobertas sejam feitas. Isso não indica que são inválidos. Nós devemos ser realmente especiais, mas é de toda forma praticamente impossível provar que a vida extraterrestre inteligente não exista. Podemos observar que não há prova de que ela exista a despeito de íntensas buscas neste sentido, e podemos descobrir o quão raras foram as condições que permitiram o nosso surgimento.

REFLEXÕES VIII

Mas como Sagan immortalizou em uma célebre máxima, “Se nós estamos sozinhos, o Universo seria um grande desperdício de espaço”. O Universo é muito imenso, mesmo nossa Galáxia já é muito imensa, e existiu há tanto tempo para que mesmo uma possibilidade ínfima leve a dezenas, talvez centenas de civilizações a existir. Mesmo limitando o conceito de civilização a algo próximo de nós mesmos. Isso pode ser criticado como uma brincadeira com números grandes, mas quando falamos de nosso Universo, essa brincadeira deve ser levada a sério. Nosso Universo é muito grande, e é muito velho – em termos biológicos. A despeito de novas descobertas relativas à nossa singularidade, e a despeito das que possam surgir, a descoberta recente a respeito da quase onipresença de sistemas planetários contrabalança o que parecia um jogo ganho. Em verdade, no momento o jogo deve estar pendendo justamente para o lado oposto.

Os extraterrestres deveriam existir. Mas se eles existem, eles deveriam estar aqui de forma óbvia. Eles não estão aqui de forma óbvia. Entender a perplexidade que levou Fermi a perguntar “Onde eles estão?”, perplexidade que resiste a inúmeras descobertas e mesmo revoluções em diversos campos da ciência relacionados nestas cinco décadas, é entender o que deve ser um dos maiores enigmas que a ciência do século XX nos deixou. Um paradoxo ao qual qualquer resposta tem sérios problemas, e ao qual a resposta verdadeira deve portanto ser histórica e em si uma enorme revolução sobre nossa posição no Universo. Afinal, “onde eles estão?” ●

Ceticismo.net

Freud explica (quase) nada

Reinaldo José Lopes



É irônico que um especialista em demolir ídolos, um sujeito que esmigalhava ideias pré-concebidas lambendo os beiços, feito *gourmet*, tenha ele próprio virado um monstro sagrado. Refiro-me, claro, a Sigmund Freud, o pai da psicanálise.

O problema com a canonização de Freud é simples. Assim como não dá para negar a importância do psiquiatra vienense na história das ideias do Ocidente (e, por favor, leia “história” como se a palavra estivesse escrita com neon e letras garrafais), também é inegável que o grosso do que ele propunha como explicação da mente humana é... bem, porcaria. Pronto, falei.

Também é ruim o fato de muita gente ter esquecido o Freud em começo de carreira, que desejava achar bases biológicas, neurológicas e químicas claras para os problemas mentais e dizia aguardar com ansiedade explicações “testáveis” — passíveis de verificação por qualquer um em laboratório — e físicas para esses fenômenos. Em vez disso, as pessoas endeusaram complexos de castração e de Édipo, id, ego e superego, de forma cada vez mais dogmática, até que boa parte da psicanálise virou exibicionismo literário (não é à toa que o último reduto freudiano são os departamentos de literatura das universidades). Mas, se Freud não explica quase nada, Darwin explica.

É o objetivo de este escreva mostrar nos seguintes parágrafos qual o grande acerto de Freud (sim, ele o teve, e foi importantíssimo) e, principalmente, contar como a combinação de psicologia evolutiva e neurociência reforma um bocado, e muitas vezes pode demolir, as ideias freudianas sobre sexualidade, sonhos e inconsciente. É um daqueles casos clássicos em que nem a hipótese mais elegante resiste a um aglomerado de fatozinhos desagradáveis. Vamos lá?

REFLEXÕES VIII

Ao barbudo o que é do barbudo: Freud acertou em cheio ao insistir na ideia de que a imensa maioria dos nossos processos mentais se dá em nível inconsciente. Em certo sentido, isso vale até para ações conscientes. Sabe-se, entre outras coisas, que os impulsos neuronais ligados à tomada de uma decisão pelo cérebro podem ser detectados antes da consciência dessa decisão (o que, para alguns, coloca em xeque até a noção de livre-arbítrio, mas essa é outra história). Sim, o inconsciente é o senhor da vida mental – coisa, aliás, que outros pensadores contemporâneos de Freud também diziam; ele não inventou a ideia.

O xis da questão é o porquê disso, e é justo em seu maior triunfo que o edifício freudiano começa a esboroar. O grosso do nosso funcionamento cerebral não é inconsciente porque escondemos de nós mesmos o lado negro de nosso ser, como argumentava Freud: é inconsciente porque daria trabalho demais e seria perigoso demais se não fosse.

Deixemos a coisa um pouco mais clara. Todos sabemos como é desconfortável dirigir um carro ou andar de bicicleta pela primeira vez, porque cada ação precisa ser executada de forma deliberada e consciente: pensar para dirigir só atrapalha. Uma vez que os mecanismos de guiar são internalizados, passando para a nossa memória implícita (diferente da explícita, aquela que a gente usa para guardar um número de telefone), tudo fica mais fácil – e mais seguro para motorista e passageiros.

O mesmo vale para uma série de funções do sistema nervoso, desde as mais básicas, que mantêm funcionando nossa respiração, até as reações emocionais mais diversas ou mesmo os julgamentos morais, que parecem ter uma base emocional muito forte, passando por reconhecimento de rostos e palavras, decisões sobre quem é ou não é atraente, etc. É muito difícil, se não impossível, encontrar uma base racional consciente para todas essas coisas – em parte porque muitas delas são importantes demais para ser deixadas à mercê de um raciocínio letrado. Saber distinguir entre um predador e um parceiro em potencial é um caso de vida ou morte – eis porque o controle é alegremente transferido ao inconsciente. “De pensar morreu um burro”, dizem por aí – aliás, morreu sem deixar

REFLEXÕES VIII

descendentes, o que explica, em parte, porque a seleção natural favorece os espécimes que não pensam demais para tomar decisões de vida e morte.

E, é claro que numa perspectiva evolutiva mais ampla, o próprio processamento mental de alto nível que nós chamamos de consciência é uma invenção relativamente recente, talvez privilégio de poucos mamíferos altamente curiosos e sociais, como grandes macacos, cetáceos e elefantes. O próprio peso da história do nosso sistema nervoso tende a arrastar grande número de funções para debaixo das asas do inconsciente.

A coisa fica ainda mais feia para o lado de Freud quando se leva em conta outra de suas ideias cruciais – a de que o conteúdo dos sonhos é uma forma de realização de desejos ocultos, que ocorre num momento de guarda baixa do superego (o conjunto de controles sociais e morais que faz as pessoas se comportarem de modo “aceitável”) diante do id (nosso lado instintivo e primitivo).

Freud dizia, entre outras coisas, que sonhos no qual você voa são, na verdade, sonhos sobre sexo. (Como perguntou um personagem da série de quadrinhos “Sandman”: “E sonhos sobre sexo querem dizer o quê, então?”).

O guru austríaco talvez ficasse meio cabreiro ao saber que os animais, essas criaturas proverbialmente sem superego, também sonham adoidado. Os mesmos padrões de atividade cerebral e de REM (movimento rápido dos olhos, na sigla em inglês) que caracterizam o sonhar humano também estão presentes em todas as espécies de mamíferos já estudadas, e até em aves. Os neurobiólogos ainda estão tentando entender em detalhes o que exatamente acontece durante os sonhos, mas há boas indicações de a coisa não tenha nada a ver com desejos reprimidos e tudo a ver com... seu cérebro desfragmentando.

Para quem não conhece a palavra, desfragmentar é o que o seu computador faz quando coloca os arquivos em sua memória numa ordem mais otimizada. Da mesma maneira, os sonhos parecem ser um subproduto aleatório do processo de consolidação e armazenamento das memórias que obtivemos durante o dia. Com

REFLEXÕES VIII

isso, é inevitável que alguns aspectos da vida diária – inclusive as coisas pelas quais somos obcecados – acabem parando nos sonhos, mas procurar sentidos ocultos neles provavelmente é tanta perda de tempo quanto querer achar uma mensagem sobre o Apocalipse na página de teste da sua impressora multifuncional. Realidade 2, Freud o.

Nosso último caso de estudo, e talvez o mais complexo e interessante, tem a ver com as populares ideias de Freud sobre o desejo sexual infantil pelos pais (chamado de complexo de Édipo para os meninos e de complexo de Electra para as meninas) e os estágios de desenvolvimento na infância. Estudos em diversas culturas e regiões do mundo mostram que, se tivesse se permitido ser um pouco mais sofisticado e menos fissurado em mitologia grega, Freud teria acertado em cheio. Nenhuma pessoa normal, em nenhuma fase da vida, tem atração sexual pelos pais: nós só usamos nossos genitores como um modelo geral do que é atraente em outras pessoas.

Poucas coisas fazem mais sentido biológico do que a aversão quase universal ao incesto; até os grandes macacos evitam suas parentas mais próximas na hora de se acasalar. (Ao contrário do que dizia o psicanalista, que formulou a tese de que a “horda primordial” humana era dominada por um paizão incestuoso. Viagem pura). Tampouco há qualquer registro de desejo sexual real de crianças humanas por seus pais. Afinal de contas, acasalar-se com parentes tão próximos, que compartilham conosco 50% dos nossos genes, equivale a concentrar grande quantidade de material genético nocivo nos descendentes e ter filhos com problemas sérios de saúde, se não inviáveis.

O fenômeno é tão importante que vale até para pais e filhos (ou irmãos e irmãs) adotivos, ou mesmo para crianças criadas juntas de forma coletiva em determinadas organizações sociais. No entanto, e aí é que está o pulo do gato, é estatisticamente muito provável que as pessoas se sintam atraídas por pessoas fracamente parecidas com seus pais e consigo mesmas.

A semelhança, embora pequena, é significativa, e inclui até detalhes

REFLEXÕES VIII

que nos soariam absolutamente irrelevantes (circunferência do dedo anular, por exemplo – é sério!). É fácil de descobrir essa correlação analisando grandes grupos de casais.

O que parece estar em jogo aí não é um desejo de consumir a sua tara de Édipo impenitente, mas sim a necessidade de equilibrar diferença e semelhança – é bom ter como parceiro alguém que não seja seu clone, mas que ao mesmo tempo mantenha algum grau de compatibilidade genética com você.

O veredicto, depois desses exemplos, chega a ser óbvio, mas talvez muita gente ainda precise ouvi-lo. Esquecemos com frequência que, apesar de todo o seu brilhantismo literário, Freud realizou suas descobertas sobre a psiquê humana com técnicas questionáveis e pouca ou nenhuma confirmação experimental.

Psicanálise funciona? Sim, mas placebo também. Nenhum edifício teórico, por mais sedutor que seja, pode ficar de pé diante do que os dados da natureza mostram. ●

Reinaldo José Lopes: jornalista da Folha de São Paulo

A origem dos idiomas

Ceticismo.net



Os 3 mil idiomas falados hoje no mundo podem ter a mesma origem. Na busca dessa língua-mãe, os pesquisadores descobrem semelhanças incríveis que talvez não sejam coincidências.

Recolhido a seus aposentos numa certa noite do final do século VII a.C., Psamético, um dos últimos faraós do Egito, que reinou de 664 a 610 a.C., refletia sobre as línguas que os homens falavam. Sua riqueza e diversidade, as semelhanças e as diferenças entre as palavras, as pronúncias, as inflexões de voz, tudo o fascinava – principalmente a ideia de que essa multiplicidade tinha uma origem comum, uma língua-mãe falada por toda a humanidade num tempo muito remoto, como afirmavam as lendas da época.

O faraó imaginou então uma experiência engenhosa e cruel. Convencido de que, se ninguém ensinasse os bebês a falar, eles se expressariam naquele idioma original, determinou que dois irmãos gêmeos fossem tirados da mãe logo ao nascer e entregues a um pastor para que os criasse. O pastor recebeu ordens severas, sob pena de morte, de jamais pronunciar qualquer palavra na presença das crianças.

Quando completaram 2 anos, o faraó mandou que se deixasse de alimentá-las, na suposição de que a pressão da fome faria com que pedissem comida em sua língua natural. Não se sabe bem o que aconteceu, mas tudo indica que o pastor, movido pela compaixão, não fez exatamente o que lhe havia sido ordenado. Pois o inverossímil relato enviado ao faraó informava que um dos meninos, faminto, havia pedido pão em cínio, idioma falado antigamente na região que viria a ser a Ucrânia. Assim, satisfeito com o desfecho da impiedosa pesquisa, Psamético decretou que o

REFLEXÕES VIII

cíntio era a língua original da humanidade. Por incrível que pareça, a experiência seria repetida dezenove séculos mais tarde. O idealizador foi o rei germânico Frederico II (1194-1250), que pelo visto não se convenceu das conclusões do faraó. Certamente vigiado mais de perto, o experimento resultou no inevitável: os dois gêmeos morreram.

De Psamético I aos dias de hoje, passando por Frederico II, muitos outros homens igualmente curiosos se perguntaram qual teria sido e como seria possível reviver o idioma do qual brotaram todos os demais. Essa indagação se transformou modernamente numa área de pesquisa de ponta em linguística, a ciência que estuda a evolução das línguas, suas estruturas e possíveis inter-relações no quadro histórico e social.

Os estudos viriam confirmar a crença dos antigos. Segundo o linguista Cidmar Teodoro Pais, da Universidade de São Paulo, a comparação entre as várias línguas do planeta, tanto as ainda faladas quanto as já desaparecidas, revela efetivamente algumas características comuns que apontam para a possível existência de uma língua primeira, mãe de todas. Nesse ponto, a linguística parece se afinar com as mitologias que descrevem a dispersão das línguas pelo mundo.

A mais conhecida delas é a história bíblica da Torre de Babel. Segundo o Antigo Testamento, a multiplicação das línguas foi um castigo de Deus à pretensão dos homens de construir uma torre cujo topo penetrasse no céu. As lendas chinesas contam que a divisão da língua original fez com que o universo “se desviasse do caminho certo”. Na mitologia persa, Arimã, o espírito do mal, pulverizou a linguagem dos homens em trinta idiomas. E um dos livros sagrados dos maias, o Popol Vuh, lamenta: “Aqui as línguas da tribo mudaram – sua fala ficou diferente. (...) Nossa língua era uma quando partimos de Tulán. Aí! Esquecemos nossa fala”.

Hoje muitos linguistas estão empenhados em passar da lenda à verdade histórica, mas a tarefa é de extrema dificuldade. O exercício da linguística como ciência, por sinal, está longe de ser uma

REFLEXÕES VIII

atividade simples ou compensadora. Ao contrário, linguistas frequentemente passam anônimos pelo mundo, ao contrário de outros escavadores do passado humano, como os arqueólogos e paleontólogos. Grandes nomes da linguística deste século, os franceses Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e o americano Noam Chomsky são ilustres desconhecidos para o público leigo. Definitivamente, resigna-se o linguista Flávio di Giorgi, da Universidade Católica de São Paulo, “esta ciência que se faz debruçado sobre manuscritos antigos, inscrições ou reconstituições de línguas não tem qualquer vocação para ser popular.”

Para quem gosta, porém, é um prato cheio. “Já me diverti muito estudando linguística”, conta Teodoro Pais, um professor de óculos de lentes grossas, fala mansa e hábitos metódicos, no ramo há 30 de seus 50 anos de vida. Afinal, os atuais 5 bilhões de seres humanos se comunicam recorrendo a um estoque de cerca de 3 mil línguas espalhadas pelos quatro cantos do mundo. Essas, mais outros milhares já esquecidas que deixaram algum tipo de registro escrito, foram agrupadas em doze famílias linguísticas importantes e cinquenta menos importantes.

Essas duas grandes arrumações familiares aparentemente nada têm em comum – e eis aí a suprema dificuldade dos pesquisadores: eles farejam semelhanças em que o que salta aos olhos são diferenças. As buscas, contudo, têm o estímulo das barreiras já derrubadas. Quem diria, por exemplo, que há algum parentesco, embora remoto, entre o português e o sânscrito, uma língua falada na Índia há milhares de anos, e ainda a sua versão moderna, o hindi? E, no entanto, o parentesco existe.

Descobriram os linguistas que esses idiomas descendem de um mesmo e único tronco, o indo-europeu, pertencendo, portanto, à grande família das línguas indo-europeias que inclui também o grego, o armênio, o russo, o alemão, entre muitas outras. Hoje, aproximadamente, a metade da população mundial tem como língua nativa um idioma dessa família.

Foi justamente a descoberta do parentesco entre o sânscrito e as

REFLEXÕES VIII

línguas europeias, no século XVIII, que fez nascer a linguística histórica, dedicada a investigar essas similaridades. A tese da origem comum foi proposta em 1786 por Sir William Jones, um jurista inglês cujo passatempo era estudar as culturas orientais. A partir de então, os linguistas europeus passaram a se dedicar a duas tarefas: uma, refazer passo a passo a árvore genealógica dessa família, trilhando a história de sua evolução, outra, reconstituir a língua perdida que dera origem a todas, o indo-europeu. Esse trabalho não se faz às cegas, ou por ensaio e erro. A pesquisa percorre o caminho aberto pelas leis linguísticas, resultantes de outros estudos, que mostram como os sons e os sentidos das palavras evoluem com o tempo, promovendo a transformação das línguas. Essas leis são estabelecidas a partir de comparações entre palavras.

Por exemplo, do latim *lacte* e *nocte* vieram as formas leite e noite. Comparando-se os termos, percebe-se que o “c” das palavras em latim virou “i” nos vocábulos em português. No século passado, o trabalho dos linguistas se apoiou fortemente numa lei formulada em 1822 pelo alemão Jacob Grimm (1785-1863), mais conhecido pelos contos de fadas que escreveu com seu irmão Wilhelm, entre os quais Branca de Neve e os Sete Anões.

A lei de Grimm afirmava ser possível prever como alguns grupos de consoantes se modificariam com o tempo nas línguas indo-europeias. Entre outras coisas, ele dizia que uma consoante forte ou sonora (pronunciada fazendo-se vibrar as cordas vocais) tendia a ser substituída por sua equivalente fraca ou surda (pronunciada sem vibração das cordas vocais). O “b” e o “p” constituem um par desse tipo, assim como o “d” e o “t”. “B” e “d” são fortes, “p” e “t” são fracas, como se pode comprovar, pronunciando-os com a mão na garganta. Com base nessas leis, foi possível mostrar, por exemplo, que a forma *dhar* em sânscrito, que significa puxar, trazer, originou o inglês *draw*, o alemão *tragen*, o latim *trahere* e o português trazer, todos com significado semelhante. O “d” da palavra em sânscrito virou “t” nas outras línguas. Pode-se concluir ainda que a palavra em inglês evoluiu menos que nas demais, pois se manteve

REFLEXÕES VIII

fiel ao som original do sânscrito.

Os linguistas puderam assim “estabelecer um modelo confiável das relações familiares entre as línguas”, conta o paulista di Giorgi, “construindo um modelo bastante aceitável do que teria sido a língua ancestral – o protoindo-europeu.” O que se ambiciona, porém, é uma descoberta muito maior.

Dispondo das reconstituições dos ancestrais de grande parte das famílias mais importantes, os linguistas tentam achar relações entre as próprias protolínguas. O primeiro e maior obstáculo é justamente o material de que dispõem. Apesar de resultarem de cuidadosa montagem científica, as protolínguas não passam de modelos, pouco mais que sombras do que terão sido as línguas antigas. Algo como um dinossauro de museu em relação ao bicho verdadeiro.

“Nesse ponto, a análise avança com base na cultura, pois não se dispõem mais de documentos escritos”, explica Teodoro Pais, da USP, que conhece sânscrito e gostava de trocar cartas com os colegas em protoindo-europeu. Toda língua produz e reflete cultura e não é à toa que, fundamentados nas palavras reconstituídas da protolíngua, os pesquisadores podem inferir com razoável margem de confiança os hábitos do povo que a falava. Com esses dados é possível construir pontes até outros grupos aparentemente não relacionados. Por exemplo, tanto nas línguas indo-europeias quanto no grupo semítico, as palavras homem e terra originalmente se confundem. Em hebraico, são respectivamente adam e adamah, ambas derivadas de uma raiz comum em protossemítico.

Em protoindo-europeu, a palavra *dheghom* tem os dois significados. A parte final originou o latim homo (homem) e húmus (terra, solo). Assim, embora não haja parentesco etimológico algum entre as palavras semíticas e indo-europeias, é clara a semelhança quanto à maneira de pensar e classificar o mundo entre as populações de ambos os grupos linguísticos. As mais recentes descobertas da arqueologia e até da genética conduzem à mesma ideia: é possível agrupar as grandes famílias em famílias ainda maiores, um avanço formidável na busca da língua-mãe. Há mais de vinte anos, os

REFLEXÕES VIII

linguistas russos Vladislav M. Illich Svitch e Aron Dolgopolsky propuseram que o indo-europeu, o semítico e a família das línguas dravídicas da Índia poderiam fazer parte de uma superfamília, chamada então nostrática. Na época, o trabalho foi encarado com desconfiança. Depois, ganhou alguma aceitação nos meios científicos. Há pouco, enfim, uma descoberta da genética parece ter dado nova projeção ao trabalho dos soviéticos.

A partir de análises de grupos sanguíneos de várias populações, a equipe do geneticista Allan C. Wilson, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, concluiu que há um grande parentesco genético entre os falantes das línguas indo-europeias, semíticas e dravídicas. Isso quer dizer que, ocupando uma vastíssima porção do planeta, da Ásia às Américas, eles têm mais em comum entre si do que, digamos, com os japoneses ou os esquimós. Essa descoberta coincide de forma espantosa com a teoria da superfamília nostrática. Em outra frente, pesquisas arqueológicas e linguísticas estão finalmente determinando o local de origem do protoindo-europeu – um dos objetivos dos linguistas desde o século passado.

Até os anos 1940, os pesquisadores acreditavam que o berço do indo-europeu estava situado no norte da Alemanha e da Polônia. Essa teoria, sustentada por deduções bastante ingênuas, foi usada nada ingenuamente pelos nazistas para confirmar sua teoria de que a raça tida como pura dos arianos surgira ali mesmo. Os linguistas imaginavam que, se fosse possível estabelecer um pequeno vocabulário comum à maioria das línguas indo-europeias, estariam diante de algumas palavras localizadoras, sobreviventes do protoindo-europeu, em cuja terra natal seriam ainda faladas. Uma dessas tentativas estabeleceu três palavras localizadoras – tartaruga, faia (uma árvore) e salmão. O único lugar onde todas elas podiam ser encontradas era numa área da Europa Central entre os rios Elba, Oder e Reno, na Alemanha, de um lado, e o Vístula, na Polônia, de outro. Ali havia salmões, tartarugas e faias. Não havia tartarugas ao norte da fronteira alemã, faias a leste do Vístula nem salmões a oeste do Reno. O método acabou desacreditado, pois muitas das palavras localizadoras estão sujeitas a mudanças de sentido, não

REFLEXÕES VIII

sendo, portanto, instrumentos confiáveis.

As pesquisas mais recentes afirmam que o protoindo-europeu era falado há cerca de 6 mil anos na Ásia e não na Europa Central. Dois trabalhos, um do americano Colin Renfrew, outro dos soviéticos Thomas Gamkrelidze e V.V. Ivanov, concordam ao apontar o berço do indo-europeu como o planalto da Anatólia, uma região que vai da Turquia à República da Armênia, que fez parte da União Soviética. Dali, movidos pela busca de terras férteis e de novos campos de caça, os indo-europeus migraram, há uns cinco milênios, seja para a Europa, seja para a Ásia.

A corrida à procura da língua-mãe está apenas começando, mas desde já nessa aventura científica não faltam algumas descobertas insólitas³⁵. Uma delas é a incrível semelhança de palavras entre as línguas indígenas da América pré-colombiana e idiomas falados pelos povos do Mediterrâneo e Oriente Médio. Por exemplo, os índios araucanos do Chile usam a mesma palavra que os antigos egípcios, anta, para designar o Sol e a mesma palavra que os antigos sumérios, bal, para machado. A palavra araucana para cidade é kar, semelhante a cidade em fenício, que é kart. Há mais: a palavra maia thallac, que designa “o que não é sólido”, é semelhante a Thallath, o nome da deusa do caos na antiga Babilônia.

Curiosamente, thallac lembra ainda thalassa, mar em grego, e Tlaloc, o Deus asteca da chuva. Shapash, o Deus-sol dos fenícios, é também o Deus-sol dos índios klamath, no Oregon, Estados Unidos. Essas misteriosas semelhanças escapam a qualquer tentativa de classificação. Mas, como disse certa vez Albert Einstein, o mistério é a fonte de toda verdadeira ciência. Desde que, para resolvê-lo, não seja preciso negar comida a crianças, como fizeram um faraó egípcio e um rei germânico. ●

Ceticismo.net

³⁵ **Insólito**: que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal.

O complexo fenômeno linguístico

Bárbara Rocha



Eu já disse nos textos anteriores que a língua é um fenômeno supercomplexo. Já disse que há, pelo menos, dois jeitos diferentes de se expressar linguisticamente – pela fala e pela escrita. Também já disse que há níveis de formalidade na fala e na escrita, salientando a questão da adequação. Vou

falar mais sobre isso agora.

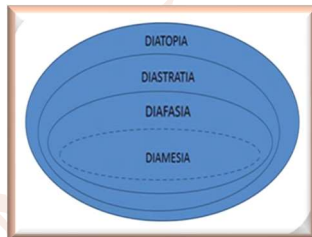
Na linguística, costumamos falar que a língua é um diassistema: um sistema de sistemas. Como assim, tia Bárbara? Eu explico. Cada nível linguístico de variação é um sistema em si, e todos juntos formam o fenômeno da linguagem.

Os níveis, na ordem em que a gente os adquire ao aprender a falar, são:

- ♦ **Nível diatópico:** está relacionado ao local em que aprendemos a falar, ou seja, o dialeto, a variante regional. Todo mundo aprende o dialeto da região geográfica onde aprende a falar.
- ♦ **Nível diastrático:** está relacionado ao estrato social em que estamos inseridos, ou seja, o tipo de contato social que temos quando aprendemos a falar. Todo mundo aprende a variante falada por seu grupo social.
- ♦ **Nível diafásico:** está relacionado à situação interacional, ou seja, qual a variante adequada àquela situação de fala. Você não fala do mesmo jeito em casa e numa entrevista de emprego...
- ♦ **Nível diamésico:** está relacionado a meios de comunicação a que temos acesso. Nem todo mundo apresenta essa variação porque nem todo mundo aprende a escrever, ou tem acesso a computadores, celulares, etc.

REFLEXÕES VIII

♦ **Nível diacrônico:** imagine que todos os níveis anteriores estão sujeitos a variações no tempo, que é o nível diacrônico. As línguas sempre mudam através do tempo, e isso implica em mudanças em todos os níveis. Quando olhamos uma língua, analisando os níveis anteriores, estamos analisando um momento sincrônico, ou seja, uma espécie de "fotografia" do estado da língua naquele momento, sendo que a língua é um processo contínuo no tempo com vários estados sucessivos.



Podemos também analisar estados anteriores e comparar os estados (respectivamente, linguística diacrônica e comparada). A nossa fala, então, ocorre em graus, um *continuum* em um plano de três dimensões, alternando entre formalidade/informalidade, escrita/fala, estrato alto/baixo.

Desse modo, temos uma variante superformal, escrita e de alto estrato social que teria como exemplo a linguagem utilizada em uma carta para a presidenta* da república, e temos uma variante superinformal, falada e de baixo estrato social que teria como exemplo alguém conversando com sua bisavó analfabeta no interior do Estado.

Faz parte do nosso conhecimento linguístico, ou seja, nossa gramática internalizada, conhecer essas nuances de variação e saber empregá-las corretamente. Nós não precisamos de treinamento formal (ou seja, escola) para saber reconhecer e usar os diferentes pontos no *continuum* linguístico. Na nossa sociedade, nós precisamos de treinamento formal para aprender a diamesia, ou seja, a dominar técnicas de escrita e gêneros escritos (carta, e-mail, bilhetinhos, sms, wpp, etc). Mas o resto a gente aprende na interação mesmo.

* "Presidenta" é uma palavra do português brasileiro, pelo menos desde Machado de Assis (leiam Memórias Póstumas de Brás Cubas, é um dos melhores livros já escritos ever!), reconhecida pelo VOLP (vocabulário ortográfico da língua portuguesa, da ABL), e

REFLEXÕES VIII

empregada oficialmente pelo governo nos documentos e no programa de rádio Café com a Presidenta.

Não me venha encher o saco e aceite, cabra! ●

Bárbara Rocha

LUIZ BIANCI

A outra Esparta

[Ceticismo.net](#)



Mesmo para os turistas do Império Romano, gente mais do que acostumada a espetáculos sangrentos, aquela era uma atração especial. O sucesso era tanto que, por volta do ano 200 da nossa era, até a construção de um anfiteatro em volta do templo foi autorizada, para que os visitantes pudessem acompanhar cada

detalhe do ritual.

Um adolescente nu tentava apanhar o queijo depositado sobre o altar da deusa Ártemis, enquanto um dos sacerdotes o chicoteava sem dó, fazendo o sangue espirrar no altar. O jovem que aguentasse mais era saudado como campeão – isso quando tinha a sorte de sobreviver à cerimônia. Os estrangeiros provavelmente deixavam o anfiteatro romano muito satisfeitos: tinham testemunhado um legítimo costume da lendária cidade-Estado de Esparta.

Para muita gente, a imagem de um adolescente torturado resume à perfeição o significado de Esparta para a história. Na escola, aprendemos que, entre as cidades gregas de 2.500 anos atrás, Atenas foi o berço da democracia e da liberdade de pensar e criar que valorizamos tanto, enquanto os espartanos viviam sob um regime totalitário, cuja única preocupação era a guerra, e submetiam os jovens ao treinamento militar mais desumano do planeta. Desse ponto de vista, passar de superpotência grega a parque temático sadomasoquista teria sido um destino mais do que merecido.

Acontece que, assim como a visão dourada de Atenas, essa imagem dos espartanos não passa de caricatura. Embora também esteja repleto de erros históricos, o filme 300 acerta em cheio ao mostrar que, sem a liderança dos espartanos, a Grécia e talvez boa parte da Europa teria virado mera província do Império Persa, com

REFLEXÕES VIII

consequências imprevisíveis para o mundo de hoje (ver 300 de Esparta – A guerra Filme x História). Em 4 grandes batalhas contra os persas, os espartanos ajudaram a proteger o que seria a origem do mundo ocidental.

Por mais estranho que isso soe agora, Esparta esteve entre as primeiras cidades gregas a criar um governo constitucional, em que todo cidadão era igual diante da lei, e seus exércitos foram vistos como libertadores perto da ambição de Atenas. Por tudo isso, vale a pena tentar enxergar por meio das distorções que cercam a cidade mais controversa da Grécia, e aprender um pouco da história helênica.

Peloponeso

O Peloponeso constitui uma larga península no sul da Grécia, separada do continente pelo Istmo de Corinto. A origem etimológica do seu nome provém de um herói grego chamado Pélops, filho de Tântalo, que teria dominado toda a região. Complementando o nome vem a palavra grega que significa “ilha”, nisos em grego; assim, a junção das duas palavras significaria “Ilha de Pélops”.

Curioso observar que o Peloponeso só se tornou verdadeiramente uma ilha quando o Canal de Corinto fora finalmente aberto em 1893. Em 2004, o Peloponeso ganhou uma segunda ligação com a Grécia Continental, com a inauguração da Ponte Rio-Antírio.

Foi do Peloponeso que nasceu o nome Guerra do Peloponeso, que opôs, na Antiguidade Clássica, Atenas, a potência marítima da Hélade, situada na Ática, à Esparta, a potência continental, que se achava no sul da península. Nos tempos medievais, a península foi chamada Moreia, por se assemelhar vagamente a uma folha de amoreira.

Voltaremos a falar da Guerra do Peloponeso em momento oportuno, vamos continuar.

Muito bem, embora o termo “Peloponeso” seja frequentemente usado para se referir à totalidade da península – na divisão administrativa provincial grega – a periferia com esse nome inclui apenas uma parte da península, cujas regiões mais importantes são,

REFLEXÕES VIII

do norte para o sul: Acaia, Élida, Coríntia, Argólida, Arcádia, Messênia e Lacônia. Há três grandes ilhas próximas à costa: Cefalênia e Zacinto (noroeste) e Citera (sul). A Megárida, que compreende parte do Istmo de Corinto, é tratada aqui por conveniência.

Conquistadores

Tanto a mitologia quanto a arqueologia chegam a um ponto em comum: Esparta foi um produto do primeiro grande desastre da história grega. Até por volta do ano 1200 a.C., o Peloponeso estava cheio de pequenos reinos. Inscrições e objetos achados nos palácios da região mostram que seus habitantes já falavam uma forma primitiva de grego e levavam uma vida de luxo, comerciando cerâmica, metais preciosos e marfim com o Egito, a Palestina e a atual Turquia.

Uma onda de invasões e saques, porém, acabou com essa vida mansa. Boa parte dos grandes palácios do Peloponeso foi queimada, e a região voltou a ter um estilo de vida rústico e rural durante cerca de um século. É então que, pouco antes do ano 1000 a.C., como sugerem mudanças na cerâmica e em outros objetos do dia a dia, chegou ali um novo povo: os dórios, ancestrais dos espartanos.

Na mitologia grega, a chegada dos dórios ficou conhecida como “o retorno dos filhos de Hércules”. Os descendentes do referido herói (conhecido entre nós como Hércules, filho de Zeus com a mortal Alcmena) seriam, em tese, os legítimos herdeiros dos reinos do Peloponeso, expulsos injustamente de lá. Mas os filhos de Hércules reuniram um exército, formado por 3 tribos do norte da Grécia, e recuperaram no braço o que era seu. A parte da herança é claramente uma invenção para legitimar a invasão, mas os dórios realmente tinham uma origem étnica comum e falavam um dialeto nortista.

Parte dos recém-chegados ocupou a Lacônia, o vale fértil do rio Eurotas, e fundou 4 vilarejos perto de um assentamento da época dos palácios. Por volta do ano 900 a.C., as 4 aldeias se uniram politicamente para formar Esparta. Unificada, a cidade partiu para uma expansão das mais respeitáveis. Toda a Lacônia caiu nas mãos

REFLEXÕES VIII

de Esparta: alguns habitantes (provavelmente os que resistiram aos ataques) engrossaram as fileiras dos servos, chamados de “hilotas”, enquanto outras aldeias conseguiram manter a autonomia interna, desde que reconhecessem a soberania espartana. Os moradores desses lugares ficaram conhecidos como periecos (“os que habitam em volta”). A expansão foi até por volta do ano 700 a.C., quando a cidade, sozinha, dominava dois quintos do Peloponeso.

Democráticos

Obviamente, as conquistas trouxeram prosperidade. É bem aceito que no século VII a.C., Esparta tinha uma aristocracia amante das artes e desenvolveu atividades comerciais marítimas. Os poetas e músicos de Esparta ficaram conhecidos na Grécia inteira, e sua elite levava uma vida luxuosa, com finos objetos de bronze e metais preciosos fabricados localmente ou importados da Ásia, apesar de isso ser tão pouco divulgado. No entanto, há indícios de que só alguns espartanos se beneficiaram de verdade com as vitórias, virando senhores do principal das novas terras, enquanto outros empobreciam. Em outras palavras: tensão social – que veio acompanhada por problemas militares para conter as constantes rebeliões.

A tradição espartana, que chegou até nós por relatos de historiadores como Heródoto, Xenofonte e Plutarco, diz que a solução para esses problemas foi pensada pelo sábio Licurgo, tio e tutor de um dos reis da cidade. Ele teria implantado uma reforma política profunda. Todos os cidadãos – ou seja, todos os homens livres de Esparta – passaram a eleger os 28 membros da Gerúsia, o Conselho dos Anciãos, encarregado de elaborar as leis da cidade. Os reis continuaram a ter uma série de privilégios simbólicos (o mais bizarro era o direito de ficar com a pele e o lombo de todos os animais sacrificados aos deuses), mas, na prática, viraram simples generais hereditários. O poder de decisão final ficava nas mãos do damos – o povo, versão dória da palavra que é uma das raízes do termo “democracia”.

Reunidos em assembleia, os homens de Esparta podiam aprovar ou vetar as propostas da Gerúsia, usando um método que parece ter

REFLEXÕES VIII

saído de um programa de auditório – o “sim” ou o “não” ganhava dependendo da quantidade de barulho produzido de cada lado. Houve também uma reforma agrária: cada espartano recebeu um lote de terra suficiente para sustentar sua família. A reforma se completou mais tarde com o surgimento dos éforos, 5 magistrados eleitos anualmente por todos os espartanos que, na prática, passaram a deter a maior parte do poder de executar as leis.

Na época em que foi criado, esse sistema era revolucionário. O Oriente Médio ainda era dominado por monarcas absolutos, considerados semideuses. Atenas, futuro símbolo da democracia, estava nas mãos de um grupo minúsculo de famílias nobres e ricas, assim como outras cidades gregas.

Esparta parece ter inventado a ideia de que mesmo um plebeu pobre tinha o direito de eleger seus representantes e ser eleito, e de que ninguém, nem mesmo os reis, estava acima da lei. Não é só conversa: a história espartana está cheia de relatos sobre soberanos que pisaram a bola e foram presos ou exilados. Os hilotas e periecos, é verdade, continuavam sem direitos políticos – mas o mesmo valia para a massa de escravos em todas as outras cidades gregas.

A partir daí, numa sociedade quase democrática, começou a se criar a futura fama de Esparta como potência militar. Também por volta do século VII a.C., os gregos passavam por uma revolução na arte da guerra. Antes, o costume era que só os nobres e sua guarda pessoal lutassem, e os combates não passavam de expedições pequenas para roubar o gado ou as mulheres da vila vizinha. Mas a população e a riqueza da Grécia tinham crescido, e os conflitos cresciam na mesma proporção. O ideal era juntar o máximo possível de soldados no campo de batalha.

Os exércitos das cidades-Estado passaram a agir como grandes unidades: os guerreiros, usando pesadas armaduras de bronze e lanças, só eram eficazes lutando em conjunto. O escudo protegia só o lado esquerdo de quem o carregava: o outro lado do corpo era resguardado pelo escudo do soldado ao lado. Se alguém fraquejasse, todos eram prejudicados. Ora, se a massa dos cidadãos passa a ser importante na guerra, a cidade não tem como se defender sem eles.

REFLEXÕES VIII

Isso coloca um poder considerável nas mãos do damos de Esparta: o povo ganha força para exigir direito de voto ou uma fazenda nos arredores.

O sucesso das reformas foi indiscutível. Enquanto a Grécia inteira passou do século VII a.C. ao V a.C. sofrendo com ditadores e revoluções, Esparta virou um oásis de estabilidade.

Guerreiros

Para manter as conquistas e o sistema político, todo cidadão de Esparta passou a ser preparado desde pequeno para ser um supersoldado. O treinamento era conhecido simplesmente como agogué (“criação”, em grego). A única descrição da agogué que temos é do ateniense Xenofonte, que escreve tarde, por volta do ano 400 a.C. Segundo Xenofonte, os testes começavam no nascimento: os bebês eram lavados com vinho e levados aos anciãos de seu clã para inspeção. Os disformes ou fracos demais eram abandonados para morrer. (Até aí, nada de mais: todos os gregos praticavam o infanticídio em situações parecidas). Os meninos ficavam até os 6 anos com a mãe; depois, passavam a ser criados em pequenos grupos por um supervisor, dormindo em barracões, aprendendo a cantar, dançar (exercícios adequados para se acostumar ao ritmo da marcha militar), ler e escrever.

Quando chegava a adolescência, o cabelo dos garotos era raspado. Eram obrigados a usar apenas um manto leve, fizesse chuva ou sol, e a andar descalços o tempo todo. Recebiam pouca comida; podiam complementar a dieta roubando, mas, se fossem apanhados, levavam uma surra terrível. As chibatadas às vezes vinham em rituais religiosos, como o descrito no primeiro parágrafo deste artigo.

Aprendiam a falar só o essencial – daí a expressão “laconismo”, derivada da Lacônia, conhecida na Antiguidade por Lacedemônia, região que abrange toda o sudeste do Peloponeso. Limita-se ao norte com a Argólida e a Arcádia, a oeste com a Messênia e ao sul e a leste com o Mar Egeu e a ilha de Citera. O terreno é montanhoso e compreende basicamente a planície do vale do Rio Eurotas, que corre em direção ao Golfo da Lacônia, ao sul.

REFLEXÕES VIII

Esse vale é delimitado a leste pelas cadeias montanhosas que contêm o Monte Parnon e se estendem no sentido sudeste e, a oeste, pelas cadeias com o monte Taígeto, que se dirigem do norte para o sul. O Golfo da Lacônia é delimitado por dois grandes promontórios: Maleia, a leste, e Tenaron, a oeste.

Por causa do nome Lacônia, o símbolo gravado nos escudos espartanos era a letra lambda maiúscula – λ. “Seria mais fácil ouvir as vozes de estátuas de pedra do que as daqueles rapazes”, afirma Xenofonte. Os jovens praticavam a dança e o canto, em cerimônias elaboradas que simulavam os movimentos da guerra. Relacionamentos amorosos entre adolescentes e rapazes mais velhos eram comuns e até incentivados – os adultos eram considerados mentores dos mais novos.

Aos 19 anos, o rapaz se tornava soldado pleno, mas ainda não era considerado cidadão. Deixava crescer o cabelo – todos os espartanos adultos tinham longas madeixas, que enfeitavam com flores. Podia se casar, mas ainda não tinha permissão de passar a noite com a mulher; há uma referência no filme quanto a isso, quando Leônidas comenta a um dos seus capitães sobre um dos soldados: “tão jovem que nem sentiu o calor de uma mulher ainda.”

Além disso, junto com os outros privilégios da cidadania, como votar, só era possível quando ele fazia 30 anos. Uma última obrigação o acompanhava pelo resto da vida: fazer diariamente as refeições com sua unidade de combate, geralmente formada por 15 guerreiros espartanos. O prato principal costumava ser a intragável sopa negra, feita com cevada, sangue e carne de porco.

Esse sistema tornava os espartanos resistentes e corajosos, mas sua principal função era criar espírito de equipe. A lenda de que os soldados de Esparta nunca se rendiam ou recuavam é balela: não havia vergonha nenhuma em baixar as armas se essa fosse a ordem do rei ou do general. Abandonar os companheiros é que era considerado intolerável, porque um escudo a menos na formação significava expor todo mundo ao risco de morte. Não havia glória maior do que tombar na linha da frente, morrendo lado a lado com os companheiros: essa, para os espartanos (e para a maioria dos

REFLEXÕES VIII

outros gregos) era a “bela morte”. Mas eles só agiam como camicases quando não havia outra escolha.

Uma frase registrada pelo historiador grego Tucídides é emblemática. Perguntaram a um espartano capturado se os colegas mortos tinham sido mais valentes que ele. “As flechas seriam muito espertas se conseguissem distinguir os valentes dos covardes”, retrucou o guerreiro. Para alguém que cresceu e viveu para ser um soldado, o humor negro era um companheiro presente quase todo o tempo.

Mais dois exemplos disso é quando o emissário persa diz a Leônidas que as flechas de seus arqueiros cobririam a luz do sol e Leônidas responde: “Melhor ainda! Combateremos à sombra”. E quando no confronto decisivo, ao receber ordem para entregar suas armas, Leônidas teria gritado: *Molon Labê!* (Venham buscá-las!).

Saindo do âmbito da guerra e direcionando-nos para questões de convívio social, outro ponto que merece destaque sobre Esparta (mas normalmente omitido) é a condição das mulheres. Elas levaram uma vida bem melhor que as do resto da Grécia. Eram incentivadas a praticar exercícios físicos e a ficar ao ar livre, ao contrário das atenienses, quase sempre trancadas em casa. Também podiam herdar terras. “No entanto, isso não quer dizer necessariamente que as mulheres de Esparta fossem vistas pelos homens de forma diferente das outras gregas”, diz Isabel Romeo, historiadora da UFRJ que estuda o tema. “Para os gregos, a função da mulher era sempre ter filhos saudáveis. A diferença é que os espartanos achavam que, para desempenhar, ela precisava ter uma vida ativa”, afirma.

Defensores

É curioso notar que, embora o exército espartano fosse mais poderoso do que nunca, a expansão direta da cidade parou. “Esparta temia que as cidades vizinhas apoiassem as revoltas dos servos e procurou alguma forma de convivência pacífica com elas”, diz Robin Osborne, da Universidade de Cambridge. Os espartanos forjaram uma aliança que acabaria englobando todo o Peloponeso. As cidades-Estado tinham voz nas decisões, mas era Esparta a cidade-

REFLEXÕES VIII

líder, que tinha mais peso na hora de ditar a política externa do bloco e decidir como e quando guerrear.

Essa liderança relativamente democrática acabou sendo providencial para a Grécia. Enquanto as cidades-Estado continuavam brigando entre si, o Império Persa nascia e virava um gigante no Oriente, o grande inimigo dos gregos.

Por volta de 540 a.C., as cidades gregas da Ásia caíram nas mãos dos persas. O novo império trouxe paz e estabilidade à região, mas também sufocou os desejos gregos de uma política mais democrática (os persas apoiaram ditadores fantoches por ali). O bolso grego também foi afetado, porque a Pérsia cobrava impostos ferozes e mutilava o comércio. Os gregos da Ásia se revoltaram, com o apoio de Atenas, mas levaram uma sova. A ajuda ateniense era a desculpa perfeita para a Grécia europeia ser incluída no alvo das invasões. Assim pensou o rei persa Dario, cujo exército desembarcou perto de Atenas no ano 490 a.C.

Nas primeiras batalhas, os persas foram totalmente derrotados, mas até as pedras do Eurotas sabiam que a coisa não ia ficar por isso mesmo. Xerxes, filho e sucessor de Dario, jurou vingança e preparou o maior exército que o mundo já tinha visto (talvez 120 mil soldados) e a maior marinha (cerca de 1.000 barcos) para invadir a Grécia. Nenhum dos súditos do rei tinha muita escolha nessa história: todas as regiões do império tinham de contribuir com sua cota de homens, e a palavra de Xerxes era lei sagrada. Atenas e Esparta (que tinha apoiado os atenienses na primeira invasão) estavam no topo da lista negra de Xerxes. A lenda, reproduzida no filme **300**, conta que as duas cidades tinham atirado dentro de um poço os mensageiros do rei, que pediam terra e água como sinal de submissão, dizendo: “Aí tendes terra e água”.

Além de enfrentar o reino mais poderoso da época, a Grécia tinha que lidar com a desunião interna. Na primavera de 480 a.C., quando a segunda onda de invasões persas começou, poucas cidades gregas queriam saber de aliança. “De 700 cidades-Estado que poderiam ter se unido à resistência, só cerca de 30 o fizeram”, diz Cartledge. Dessas poucas cidades corajosas, metade integrava o grupo dos

REFLEXÕES VIII

“lacedemônios”, como eram chamados os espartanos e aliados, grupo que hoje nós chamamos de Liga do Peloponeso. “A resistência simplesmente não teria sido possível sem a Liga do Peloponeso”, diz o historiador de Cambridge. A ela se juntaram Atenas e pequenas cidades, como Plataia.

O comando supremo, tanto na terra quanto no mar, ficou nas mãos de Esparta, já que ela era a líder do bloco que formava o coração da resistência. Mais do que o comando, porém, os aliados tinham do seu lado os soldados espartanos, “a infantaria pesada mais bem treinada da Grécia – na verdade, a única infantaria profissional de que os gregos dispunham”, afirma Peter Green, professor da Universidade do Texas em Austin e um dos principais especialistas nos conflitos entre gregos e persas.

Os líderes espartanos nem sempre estiveram à altura de seus guerreiros. Há sinais de que a cidade e os outros membros da liga queriam se arriscar o mínimo possível fora do Peloponeso. Essa é uma das explicações (além da coincidência de um festival religioso, durante o qual Esparta normalmente não guerreava) para o fato de o rei Leônidas ter levado consigo só 300 espartanos para o desfiladeiro das Termópilas, no centro-norte da Grécia.

A missão dos 300, ao lado de cerca de 7 mil aliados gregos, era tentar impedir o avanço de Xerxes em terra, enquanto a frota grega adotava a mesma estratégia no mar, no estreito de Artemísio.

Por 3 dias, Leônidas e os 300 – que foram vistos penteando os longos cabelos com toda a calma quando os primeiros persas surgiram – detiveram forças imensamente superiores e mataram dois irmãos de Xerxes. Mas sua retaguarda não estava bem coberta. Graças a um grego traidor, Leônidas acabou cercado e lutou até a morte com seus homens e mais 1.000 voluntários aliados, ganhando tempo para que o resto do exército fugisse. Xerxes mandou decapitar o rei e crucificar seu corpo.

A sorte grega deu uma guinada cerca de um mês depois, quando a frota aliada destroçou as trirremes (**trirreme**: embarcação da Antiguidade que dispunha de três ordens de remos) persas na ilha de Salamina, perto de Atenas. O próprio Xerxes decidiu voltar para a

REFLEXÕES VIII

Ásia e, no ano seguinte, suas forças terrestres foram esmagadas pelo sobrinho de Leônidas. Os persas jamais pisariam outra vez a Grécia europeia.

Xerxes, ao contrário do que se diz em **300**, não era a versão metrossexual do capeta. Em parte, o governo do Irã tem razão em ficar furo da vida com o filme, como afirmou em nota oficial. O domínio persa poderia até ter posto um fim nas eternas briguinhas fúteis entre cidades, que eram a praga da vida grega (pelo menos em termos de progresso econômico). Ao mesmo tempo, porém, ele teria encerrado o primeiro grande experimento de liberdade política e de pensamento da história, forçando os gregos a se curvar a um grande rei todo-poderoso.

Democrática ou não, Esparta jamais aceitaria o domínio de um só homem que estivesse acima da lei – e se dispôs a lutar para que a Grécia não sofresse esse destino.

Guerra do Peloponeso

Depois de botar os estrangeiros para fora, a Grécia pôde viver seu esplendor. Em Atenas, um ano depois de os persas darem no pé, nasceu Sócrates, um dos grandes alicerces da filosofia ocidental, seguido por Platão e Aristóteles. Com os invasores contidos, a obra deles e de pensadores anteriores, como Tales de Mileto e Pitágoras, pôde sobreviver até hoje. Em 438 a.C., no lugar de um antigo templo destruído pelos persas, Atenas construiu o Partenon, símbolo máximo do período clássico grego.

Como o derramamento de sangue virou um passatempo para os gregos, as guerras não pararam por ali. As cidades voltariam a lutar entre si: Atenas, poderosa demais depois de vencer os persas, se tornou um império maldoso demais para as cidades conquistadas. Aliados de Atenas mandavam mensagens secretas para os espartanos, suplicando que eles “libertassem a Grécia”. O conflito era só uma questão de tempo – e as alianças passaram as três últimas décadas do século V a.C. afundadas nele.

A chamada Guerra do Peloponeso foi o conflito entre Atenas e Esparta, ocorrido entre 431 e 404 a.C., detalhadas nas obras de

REFLEXÕES VIII

Tucídides e Xenofonte. De acordo com Tucídides, o principal motivo para a guerra foi o crescimento do poder ateniense e o temor que o mesmo despertava entre os espartanos. A cidade de Corinto foi especialmente atuante, pressionando Esparta a fim de que esta declarasse guerra contra Atenas.

Esparta invadiu a Ática com seus aliados em 431 a.C., mas Péricles persuadiu os atenienses a se deslocarem para trás das “longas muralhas” que ligavam Atenas a seu porto, o Pireu, e a evitar uma batalha em terra com o superior exército espartano. Atenas confiava em sua frota de trirremes para invadir o Peloponeso e proteger seu império e suas rotas comerciais, mas foi gravemente surpreendida pela deflagração da peste, em 430 a.C., que matou cerca de um terço da população, inclusive Péricles. Apesar disso, a frota teve boa *performance* e foi estabelecida uma trégua de um ano, em 423 a.C.. A Paz de Nícias foi concluída em 421 a.C., mas Alcibíades liderou um movimento de oposição a Esparta no Peloponeso; suas esperanças esvaneceram-se com a vitória de Esparta em Mantinea, em 418 a.C.

Ele foi também o principal defensor de uma expedição à Sicília (415-3 a.C.), que visava a derrotar Siracusa e que resultou em completo desastre para Atenas. A guerra foi formalmente retomada em 413 a.C.; a fortificação de Decélia, na Ática, pelos espartanos, e revoltas generalizadas entre seus aliados pressionaram Atenas, que havia perdido grande parte de sua frota na Sicília e estava falida e atormentada por convulsões políticas.

Apesar disso e graças, em grande parte, a Alcibíades, a sorte de Atenas ressurgiu, com vitórias navais em Cinosema (411 a.C.), e Cícico (410 a.C.), e com a reconquista de Bizâncio (408 a.C.). Houve mais uma vitória em Arginuse, em 406 a.C.. A partir de então, o apoio financeiro da Pérsia a Esparta e as habilidades estratégicas e táticas do espartano Lisandro alterou a balança. A vitória espartana em Egospótamos e seu controle do Helesponto subjugaram Atenas, pela fome, até a rendição, em abril de 404 a.C.

A influência espartana agora dominava a Grécia inteira. Mas, sem o menor tato, os espartanos instalavam governadores militares

REFLEXÕES VIII

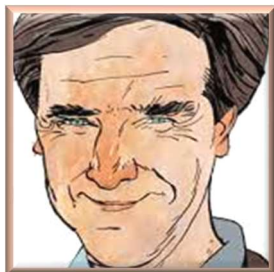
impopulares ou apoiavam oligarcas que perseguiram os opositores políticos. O resultado? Mais guerra, dessa vez promovida por um novo poder: a cidade de Tebas, ao norte de Atenas. O confronto decisivo entre a desafiante e a campeã aconteceu na Batalha de Leuctra, em 371 a.C. A derrota de Esparta foi completa. A cidade virou ruínas. Tornou-se irrelevante e foi absorvida pelo Império Romano, junto com o resto da Grécia, em 146 a.C.

Diante da arte e do pensamento ateniense, pode parecer que Esparta só teve importância militar. Mas não é demais voltar a 480 a.C. e ao punhado de homens que ousou se colocar no caminho dos persas. Heródoto diz que um rei espartano exilado, Damárato, acompanhava Xerxes nas Termópilas. O rei persa teria perguntado se os espartanos, sendo tão poucos, ousariam enfrentá-lo. “Rei”, respondeu Damárato, “embora sejam livres, eles não são livres em tudo. Acima deles está a lei, um senhor a quem eles temem muito mais do que os teus servos têm medo de ti. Eles fazem o que a lei ordena, e a sua ordem é esta: não fugir diante de nenhuma multidão de homens, mas ficar em seus postos.” Poucas ideias foram tão capazes de mudar o mundo. ●

Ceticismo.net

Os autoritários estão vencendo?

Michael Ignatieff



Democracia liberal está em crise e precisa de reformas para vencer a luta desigual travada contra as novas formas de autoritarismo.

Nos anos 1930, viajantes voltavam da Itália de Mussolini, da Rússia de Stalin e da Alemanha de Hitler elogiando o sentimento de interesse comum que viram, em comparação com suas democracias, que pareciam fracas e ineficientes. Hoje, as democracias vivem um período parecido de inveja e desânimo. Seus rivais autoritários irradiam confiança. Nos anos 1940, ocidentais iam à Rússia para admirar as estações do metrô de Moscou. Hoje, vão à China para tomar o trem-bala de Pequim a Xangai e voltam se perguntando por que as autocracias conseguem construir ferrovias enquanto as democracias levam 40 anos para decidir que não podem nem sequer começar.

Pela primeira vez desde o fim da Guerra Fria, o avanço do constitucionalismo democrático parou. Para cada Estado africano onde as instituições democráticas estão firmes, há um em que a democracia agoniza. No México e na Colômbia, a democracia é ameaçada pela violência, enquanto a Argentina luta para se livrar do peso morto do peronismo. No Brasil, os milhões que protestaram em 2013 não mudaram o clientelismo em Brasília. No Oriente Médio, a democracia teve um ponto de partida na Tunísia, mas na Síria prevalece o caos, no Egito impera o autoritarismo e nas monarquias, o absolutismo está em ascensão.

Na Europa, as elites insistem que o remédio para as mazelas do continente é mais integração, enquanto um terço do eleitorado diz que quer menos. Da Hungria à Holanda, a direita antieuropeia ganha terreno. Na Rússia, o momento democrático dos anos 1990

REFLEXÕES VIII

parece tão distante quanto o breve interlúdio constitucional, entre 1905 e 1914, sob o czar.

O recente aperto de mãos entre Vladimir Putin e Xi Jinping celebrou mais do que um acordo sobre gás. Ele anunciou o surgimento de uma aliança de Estados autoritários com uma população combinada de 1,6 bilhão no vasto espaço eurasiático que se estende da fronteira polonesa ao Pacífico, do Ártico ao Afeganistão.

Essa zona inclui Estados clientes recalcitrantes, como a Coreia do Norte, e despotismos patriarcais, como as repúblicas muçulmanas da ex-União Soviética. Inclui também súditos menos cordatos, como Geórgia, Armênia e Moldávia, cujo povo quer a democracia, mas ouve de seus líderes autoritários para deixarem seus sonhos de lado. É na Ucrânia, porém, que a batalha por influência é travada entre as democracias desmoralizadas do Ocidente e o arquipélago autoritário. Se o país for impedido de escolher seu caminho, alguns Estados que margeiam a Rússia também serão impedidos de fazê-lo.

O conflito entre autoritarismo e democracia não é uma nova Guerra Fria, dizem, porque os novos autoritários não têm uma ideologia expansionista como o comunismo. Isto não é verdade. O comunismo pode ter acabado como sistema econômico, mas como modelo de dominação do Estado ele está muito vivo na China e no Estado policial de Putin. Não falta a esse novo autoritarismo uma estratégia econômica. Seu objetivo é uma forma familiar de modernização que aproveita os benefícios da globalização sem sacrificar o controle político e ideológico sobre suas populações. Seu modelo econômico é o capitalismo de Estado fixador de preços, e seu sistema legal é o governo (em geral corrupto) por decretos. Sua ética rejeita o universalismo moral em favor da alegação de que as civilizações antigas são mundos morais autossuficientes. A perseguição a gays, portanto, não é um excesso passageiro, mas é intrínseca a suas visões de si mesmas como baluartes contra o individualismo ocidental.

As visões estratégicas de Rússia e China podem derivar de experiências históricas diferentes, mas as mensagens que elas

REFLEXÕES VIII

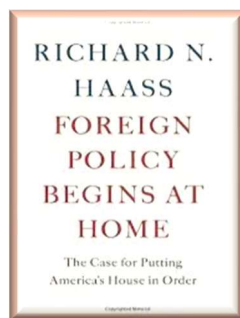
extraem de suas histórias são parecidas. Ambas se apoiam nas humilhações que sofreram nas mãos do Ocidente e não aceitam a democracia liberal como modelo. Ambas insistem que sua experiência de revolução no século XX pedia um regime centralizado com punho de ferro.

As variantes chinesa e russa de modernização autoritária se apoiam em recursos diferentes. Os dois países continuam sendo competidores geoestratégicos, mas ambos veem boas razões para alinhar seus interesses em médio prazo: as duas votam juntas no Conselho de Segurança, perseguem dissidentes e apoiam a ditadura da Síria.

Os novos autoritarismos oferecem às elites da África e da Eurásia um caminho alternativo para o desenvolvimento: crescimento sem democracia e progresso sem liberdade. Este é o canto de sereia que algumas elites políticas africanas, latino-americanas e asiáticas querem ouvir.

Diante desses autoritários, os EUA oferecem um exemplo desanimador. Durante dois séculos, seu mecanismo constitucional foi admirado. Agora, nas mãos de políticos polarizadores, ele causa paralisia. Os admiradores dos EUA aceitam que o dinheiro pese na política de Washington, mas sua justificativa ideológica é perversa. Para cidadãos de outras democracias liberais, a doutrina da Suprema Corte de que o dinheiro em política merece as proteções concedidas à liberdade de expressão parece uma insanidade doutrinária. Para outros democratas, ele é poder puro e simples – e não expressão – e precisa ser controlado para os cidadãos continuarem livres.

É difícil defender a democracia liberal com muito entusiasmo no exterior quando ela funciona tão precariamente em casa. Esse pensamento levou Richard Haass, presidente do Council on Foreign Relations, a defender no artigo *Foreign Policy Begins at Home* que os EUA precisam pôr sua própria casa em ordem antes de promover seus valores e instituições



no exterior.

Colocar as finanças públicas sob controle, reformar leis eleitorais, investir em educação são um chamado à ação. No entanto, tudo isso parece uma possibilidade remota no clima de hostilidade partidária vigente. A democracia só pode funcionar se a política for conduzida entre adversários. Neste momento, a constituição dos EUA é bloqueada por uma política de inimigos.

Para Barry Posen, cientista político do MIT, o problema americano não é a disfunção democrática em casa, mas sua extensão para fora. Segundo ele, os EUA mergulharam em guerras que não deveriam ser travadas e promoveram objetivos, como direitos humanos, democracia e construção nacional, que não poderiam realizar. Ao gastarem mais em defesa, permitiram a vida mansa de aliados europeus e uma “direção arriscada”, sobretudo a construção de assentamentos por Israel. Se os EUA cortarem seus gastos em defesa, segundo Posen, poderão obrigar seus aliados a se defenderem e liberar US\$ 75 bilhões por ano para gastar na reconstrução do país. Essa é uma recomendação surpreendente vindo de um realista conservador, mas indica o quanto a crítica dos gastos militares une conservadores e progressistas. Os dois extremos do espectro político estão convergindo para a “contenção” como princípio organizador.

Contenção significa triagem. Significa racionalizar o uso de forças militares para proteger os interesses vitais: ficar fora de guerras ou desastres humanitários de outros povos; recusar-se a promover democracia ou direitos humanos em lugares em que eles não criarão raízes; obrigar aliados a arcar mais com o fardo de sua própria defesa; e desistir de moldar os bens públicos globais e a ordem pública global.

O recente discurso do presidente Barack Obama em West Point sugere que ele está dando ouvidos a uma nova doutrina de contenção. Ele ainda dá crédito à promoção de direitos humanos e à democracia, mas o verdadeiro foco de sua política externa é trazer os soldados para casa e se concentrar na construção nacional.

A contenção capta um sentimento, tanto em conservadores como

REFLEXÕES VIII

em progressistas, de que os EUA já não têm o poder de moldar a ordem mundial como faziam. Em particular, eles não podem mais se imaginar como a democracia de vanguarda de uma ordem global de democracias em progresso. Esse é o cenário desanimador no qual o editor-chefe da revista britânica *The Economist*, John Micklethwait, e seu editor-gerente, Adrian Wooldridge, criaram *The Fourth Revolution*, um relato da ascensão do Estado em cinco séculos e a luta atual da democracia contra seus competidores autoritários.

Eles criticam a incompetência do Estado moderno: “O Estado sobrecarregado é uma ameaça à democracia: quanto mais responsabilidades o Leviatã (o Estado, como soberano absoluto e com poder sobre seus súditos que assim o autorizam por meio do pacto social) assume, pior ele as desempenha e mais contrariado o povo fica – o que só o faz pedir ainda mais ajuda”. Eles defendem que a única maneira de uma democracia liberal responder ao desafio autoritário de fora e a crescente insatisfação de dentro, é o Estado encolher, fazer menos, mas fazer melhor.

Em 50 páginas, os autores conduzem o leitor por três revoluções: a absolutista, de 1650, que tinha Thomas Hobbes como principal ideólogo; a versão constitucional liberal, com John Stuart Mill; e o Estado de bem-estar, criado por Beatrice e Sydney Webb, socialistas fabianos britânicos.

Ronald Reagan e Margaret Thatcher chegaram ao poder prometendo uma quarta revolução para domar o Leviatã, mas não conseguiram dismantlar o Estado de bem-estar social. Os conservadores descobriram que as expectativas e direitos que os Estados modernos atendem são persistentes a mudanças. Muitos republicanos do Tea Party abandonariam sua panaceia libertária num segundo se ela produzisse cortes em seus programas sociais.

Os políticos dos dois lados de espectro estarão realmente tomando medidas para tornar o Estado mais justo e eficiente? Os editores da *Economist* encontram alguns heróis democráticos aqui e ali, principalmente prefeitos de cidades grandes tentando tornar o governo mais eficiente, mas, em geral, pintam um quadro crítico de

REFLEXÕES VIII

disfunção democrática nacional.

Quando conservadores vencem eleições, interesses corporativos assumem o controle. Quando progressistas recuperam o poder, tornam o Estado mais dominador. Quando conservadores voltam ao cargo, eles cortam. E assim vai, uma dinâmica contínua que deixa o Estado sem reformas e cada vez mais intrusivo. Ambos os lados querem proteger a liberdade dos cidadãos, mas aumentam os poderes de vigilância do Estado.

Maltratado por essa alternância fútil, o Estado liberal está cada vez menos liberal e incapaz de controlar os interesses que deveria regular. Seus sistemas fiscal e previdenciário são tão distorcidos por interesses que perderam a capacidade de redistribuir. Longe de reduzir a desigualdade, o Estado moderno agrava o problema.

A despeito de todas as críticas ao Leviatã, os autores não têm paciência para as fantasias libertárias sobre o seu desmantelamento. O Estado poderoso veio a ser a invenção fundamental do Ocidente. A China imperial também teve um Leviatã, mas ele criou ordem enquanto sufocava a invenção. O Estado ocidental foi único no sentido de que proveu uma ordem coercitiva sem suprimir a criatividade individual.

A conquista do Ocidente, a que tornou todos os outros sucessos possíveis, foi a governança limitada pelos direitos individuais em que o poder era fiscalizado por um Judiciário independente, imprensa livre, parlamentos e Estado de direito. Para reviver o Estado liberal, os editores da *Economist* recomendam aos democratas que aprendam com os autoritários. Por isso, foram a Cingapura aprender como o corte de direitos e a redução de impostos impediram os pobres de caírem na rede de segurança. Voaram até Pequim para aprender como o Partido Comunista adaptou a tradição imperial e criou uma burocracia eficiente.

O fato de Cingapura e Xangai serem mais bem governadas do que Detroit e Los Angeles não é novidade. A questão é se a governança autoritária é sustentável diante das demandas da classe média de ser tratada como cidadã e se tal governança é capaz de lidar com choques radicais, como uma recessão econômica prolongada.

REFLEXÕES VIII

O arquipélago autoritário é arrogante, mas é frágil: ele precisa controlar tudo ou não controlará nada. A graça salvadora da democracia é sua adaptabilidade. Ela depende da insatisfação para sua vitalidade. A insatisfação leva à mudança pacífica de regime e, à medida que eles mudam, as sociedades livres descartam as alternativas fracassadas.

A adaptabilidade da democracia será testada na Índia, onde Narendra Modi recebeu um mandato para reformar o corrompido Estado *gandhiano*. Em jogo está a questão central: a democracia conseguirá competir com a modernização autoritária da China? Xi tem uma campanha anticorrupção em curso e tenta reduzir o controle do Estado sobre a economia. Quem será mais bem-sucedido, ele ou Modi?

Micklethwait e Wooldridge resistem ao lustro duro da modernização autoritária, mas pedem uma quarta revolução que retorne ao governo limitado da era vitoriana. Eles querem que as democracias simplifiquem seus sistemas fiscais, reduzam a carga tributária, que o mercado se livre de regulamentos para que siga com seu trabalho de destruição criativa. Mas querem também regular o capitalismo para que o poder do dinheiro seja controlado. Os detalhes são vagos, mas a direção é clara.

Ao focar em inovação de governo, Micklethwait e Wooldridge supõem que o problema seja melhorar a eficiência do governo. O que é necessário, porém, é o retorno à própria democracia constitucional, a tribunais e órgãos reguladores que sejam imunes ao poder do dinheiro e à influência dos poderosos, legislativos que parem de ser circos e voltem a prestar contas ao público.

Os editores da *Economist* querem pôr o Estado liberal numa dieta de inanição. Seu diagnóstico identifica os sintomas, mas, se for aplicado como remédio, pode matar o paciente. O problema precisa ser compreendido de maneira diferente. O Estado moderno pode ser grande em algumas áreas, mas em muitos Estados liberais, governos bem administrados estão patinando por falta de recursos para prover serviços valiosos e necessários aos cidadãos.

Os editores da *Economist* não oferecem uma análise real dos

REFLEXÕES VIII

problemas dos recursos do Estado moderno, como a crise fiscal. Uma análise polêmica, mas persuasiva, pode ser encontrada no artigo de Joseph Stiglitz para o Roosevelt Institute. Ele argumenta que a crise fiscal do Estado liberal deve ser atribuída a três fenômenos entrelaçados: aumento da desigualdade de renda, poder do dinheiro na política e sistêmica evasão fiscal dos super-ricos e das corporações globalizadas.

À medida que a desigualdade aumenta, ela suprime a demanda efetiva. Sociedades desiguais acumulam riqueza na ponta superior, em vez de espalhar consumo e investimento por uma ampla classe média. Enquanto a desigualdade susta a demanda, corporações sentam sobre o dinheiro sem disposição de investir ou consumir. À medida que os ricos se tornam mais engenhosos na evasão fiscal, o custo de carregar o Estado liberal recai em uma classe média forçada a arcar sozinha com o fardo. É a desigualdade que sufoca a demanda e mata o Estado liberal.

A solução de Stiglitz é abrangente. Ele propõe uma alíquota de imposto de renda de 40% para os que controlam os 25% superiores da renda nacional; seguida por uma alíquota de 20% para os que detêm os 25% seguintes, com deduções fiscais para todos dos 50% inferiores. Ele também propõe “uma combinação de alíquotas fiscais e incentivos ao investimento” que imporá um imposto de 15% sobre lucros corporativos e um imposto sobre o consumo de 5%.

Essa nova estrutura fiscal elevaria em 26% a captação pelo Estado da renda nacional. Essas medidas, ele calcula, resolveriam a crise fiscal do Estado liberal, moderariam a desigualdade e estimulariam o crescimento, pois o Estado gastaria riqueza hoje retida em contas bancárias corporativas – algumas no exterior – e poupanças privadas.

Sua análise identifica o problema do Estado moderno mais claramente do que os editores da *Economist*.

O Estado liberal está em crise porque suas instituições regulatórias, legais e políticas foram capturadas ou sitiadas pelos interesses econômicos que elas deveriam controlar.

REFLEXÕES VIII

Apesar de o Estado liberal não ter surgido com a intenção de aplicar uma igualdade distributiva, ele deveria impedir que o poder do dinheiro sufocasse a competição e corrompesse o sistema político. Essa é a tarefa que ele se esforça para realizar hoje e precisa recuperar a confiança e apoio de seus cidadãos.

Não há nada de novo no desafio. As desigualdades ameaçam a igualdade política sem a qual o Estado liberal não pode funcionar. Reiteradamente, os defensores do Estado liberal na era progressista, no New Deal e no Estado de bem-estar europeu, responderam ao desafio e restauraram o Estado como garantidor da ordem e da liberdade da sociedade de mercado.

Em um ponto Micklethwait e Wooldridge estão certos: o gênio do Ocidente está em sua invenção de direitos que respeitam o governo limitado, com base na confiança das pessoas comuns. Foi esse conjunto de instituições que nos fez o que um dia fomos e, se restaurarmos seu vigor, poderemos ser novamente um dia. ●

Michael Ignatieff: professor da Harvard Kennedy School.

Artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 20 de julho de 2014

Naquilo que temos razão não podem crescer flores

Tatiana Salem Levy



Enquanto escrevo esta coluna, os principais jornais do mundo anunciam o início de uma trégua de 72 horas entre Israel e Palestina. Quando ela for publicada, o cenário já será outro. Sem sorte, os ataques terão sido retomados, de ambos os lados. Com sorte, a trégua terá se prolongado, o cessar-fogo, se concretizado. Mas, infelizmente, não me parece provável que em tão pouco tempo a

paz já esteja reinando na região, nem que o Estado palestino tenha sido criado, nem que suas terras ocupadas tenham sido devolvidas, nem que Israel tenha sido reconhecido pelo Hamas. Portanto, o pequeno livro *Contra o Fanatismo*, de Amos Oz, continuará sendo leitura obrigatória para quem quiser entender um pouco mais o conflito que se arrasta há mais de seis décadas no Oriente Médio. Mas não só: trata-se de um livro para todos os que se interessam pela natureza do fanatismo, em pequena ou grande escala.

As três conferências reunidas no livro foram proferidas no Fórum de Literatura da Universidade de Tübingen, na Alemanha, em 2002, poucos meses após o atentado às Torres Gêmeas, mas continuam atuais e poderiam ter sido realizadas hoje. Amos Oz, escritor israelense de algumas obras-primas como *A Caixa Preta* e *O Mesmo Mar* e ativista político, expõe algumas de suas reflexões sobre a natureza do fanatismo e, em seguida,



REFLEXÕES VIII

aprofunda o conflito entre Israel e Palestina. Vou fazer o contrário: começar pelo conflito, para em seguida chegar ao fanatismo. Mais precisamente, vou tomar como ponto de partida algumas das reações que tenho visto proliferar na *internet* – em comentários nos sites de jornais, *blogues* ou Facebook – e me parecem extremamente nocivas. Falo mais especificamente daquelas que revelam um ódio assustador aos israelenses, e aos judeus em geral, e daquelas que, do outro lado, revelam um ódio igualmente assustador aos palestinos e aos árabes em geral. Ódios esses tomados de clichês e reducionismos que não contribuem em nada para o que deveria ser o único objetivo da região: a paz. Todos os que bramem³⁶ essa raiva deveriam ser obrigados a ler o livro de Oz, que enfrenta com desenvoltura algumas das certezas inquietantes que se espalham por aí.



Em primeiro lugar, o conflito israelense-palestino não é tão linear quanto possa parecer. Embora a principal preocupação dos ocidentais bem-intencionados seja definir quem é o bom e quem é o mau da fita, a verdade é que não se trata de um filme de faroeste. "Não é uma luta entre o Bem e o Mal, mas antes uma tragédia no sentido mais antigo e rigoroso do termo: um choque entre quem tem razão e quem tem razão; um choque entre uma reivindicação muito convincente, muito profunda, muito poderosa, e outra reivindicação muito diferente, mas não menos convincente, não menos poderosa, não menos humana", define Oz, com precisão.

Os palestinos estão na Palestina porque essa é a única pátria do povo palestino, assim como os judeus israelenses estão em Israel porque como povo, como nação, é o único país que podem chamar de seu. Os palestinos foram expulsos de suas terras, perderam territórios ocupados por Israel, assim como foram rejeitados pelos

³⁶ **Bramar**: gritar (de dor, de paixão, de cólera, etc.) ou reclamar, protestar ou acusar em voz alta, veementemente (contra); bramir.

REFLEXÕES VIII

libaneses, os sírios, os iraquianos e os egípcios. Sobre os judeus, Amos Oz nos conta que, quando criança, seu pai via as ruas da Polônia cobertas de inscrições tais como "judeus, vão para a Palestina!" Cinquenta anos depois, quando ele regressou à Europa, os muros estavam cobertos de inscrições: "Judeus, fora da Palestina!"

A questão é que, ao contrário do que pensam os fanáticos, nem os palestinos nem os judeus têm que ir embora. Ao contrário do que pensam os fanáticos, não existe um mal-entendido essencial entre palestinos e israelenses nem entre árabes e judeus. Trata-se de uma disputa pela terra. Uma disputa dolorosa, legítima para ambos os lados, que tem num acordo a única saída possível. Mas acontece que o fanatismo de um lado e de outro termina por ofuscar a palavra e o papel, fazendo que as armas se tornem o grande motor do conflito, perpetuando décadas de confronto.

Segundo Oz, o fanatismo nasce com a adoção de uma atitude de superioridade moral que impede a obtenção de consensos. Sua essência reside no desejo de obrigar os outros a mudar, de "melhorar o vizinho, de corrigir a esposa, de fazer o filho engenheiro ou de endireitar o irmão, em vez de deixá-los ser".

Nesse sentido, o fanático é um ser generoso, altruísta: está mais interessado nos outros do que em si próprio, quer nos salvar, nos redimir, nos libertar dos nossos horríveis valores. Está na sua natureza ser muito sentimental e, ao mesmo tempo, ele carece de imaginação. Este, para Amos Oz, pode ser um dos remédios possíveis contra o fanatismo: injetar imaginação nas pessoas.

Sammy Michael, outro escritor israelense, conta uma experiência que ocorreu com ele num táxi, quando o motorista afirmou que era importante, para os judeus, matar todos os árabes. Em vez de xingá-lo, Sammy Michael lhe perguntou: e quem você acha que deveria matá-los? Quem deveria fazer o trabalho? A polícia? O Exército? O Corpo de Bombeiros? O taxista coçou a cabeça e respondeu: "Cada um de nós deveria matar alguns". Michael continuou o jogo: então cada um bate à porta de uma casa e pergunta se o outro é árabe, e, se for, dispara? E aí, vamos supor que, quando você vá embora, você

REFLEXÕES VIII

ouve o choro de um bebê. Você voltaria para matá-lo? Sim ou não? Ao que o taxista retrucou: "Sabe, o senhor é um homem muito cruel".

A estratégia de Michael é justamente injetar imaginação no taxista. Assim, ele se sente incomodado e pode reduzir o fanático que há dentro de si. O mesmo tipo de pergunta deveria ser colocado ao ex-membro da inteligência militar de Israel que recentemente defendeu o estupro das mulheres palestinas. Ou à deputada israelense que defende a morte de todas as mães palestinas. Ou aos membros do Hamas que defendem a aniquilação do povo israelense.

Infelizmente, são esses fanáticos que conduzem a guerra, que sobrepõem as armas às palavras. Mas aos que não concordam com essa atitude de destruição de si mesmo e do outro – sejam eles palestinos, israelenses, europeus, latino-americanos – resta pensar, em vez de participar de um movimento de inflação do ódio. Por uma defesa parcial contra o fanatismo, Amos Oz propõe ao menos duas soluções: senso de humor e capacidade de imaginar o outro. Ele afirma nunca ter conhecido um fanático com senso de humor nem viu uma pessoa com senso de humor se converter num fanático, a não ser que tenha perdido o senso de humor. Podem ser sarcásticos, mas não têm humor, porque humor "implica a capacidade de rir de si próprio. Humor é relativismo, habilidade de nos vermos como os outros nos veem".

O outro é sempre a chave para se anular o fanatismo. Imaginar o que o outro sente, o que outro sentiria, imaginá-lo quando lutamos, quando nos queixamos e mesmo quando acreditamos ter 100% de razão. Nesse sentido, a literatura, embora não seja a resposta, pode trazer um antídoto contra o fanatismo, visto que estimula a imaginação dos leitores. Em Shakespeare, por exemplo, toda forma de fanatismo termina em tragédia ou comédia. Gogol faz os leitores tomarem consciência do pouco que sabemos, mesmo quando estamos convencidos de ter razão. Kafka revela como há trevas mesmo quando acreditamos não ter feito nada de mal. Yehuda Amijai afirma que "naquilo temos razão não podem crescer flores". Oz diz que "gostaria de poder receitar simplesmente: leiam

REFLEXÕES VIII

literatura e ficarão curados do fanatismo. Infelizmente, não é assim tão simples".

A literatura pode não salvar, não pôr fim ao conflito entre esses dois povos, mas o acordo de paz só será possível se israelenses e palestinos conseguirem se colocar no lugar do outro. A autoridade palestina precisa proferir que Israel é a pátria dos judeus israelenses, por mais doloroso que isso seja.

Tal como os judeus israelenses têm que dizer em alto e bom som que a Palestina é a pátria do povo palestino, por mais inconveniente que isso lhes pareça. Vai doer para ambos, como num divórcio. Nenhum dos lados estará propriamente feliz. Todos terão que abrir mão de alguma coisa – Israel dos territórios ocupados, a Palestina de cidades que não voltarão a ser suas.

Em todo caso, a solução não está nas armas. Nem na opressão, na exploração, no derramamento de sangue, no terror, na violência. Por mais insatisfatório que seja, só um acordo trará a paz. Um acordo em que ambos os povos consigam se colocar na pele do outro.

Imagino que possa haver leitores se dizendo que essa é uma posição pró-Israel demais; outros, que é muito pró-Palestina. Mas e se pensarmos nela como pró-Palestina e pró-Israel? E se todos aqueles que se manifestam sobre o Oriente Médio fossem a favor dos dois povos – será que não caminharíamos mais depressa em direção à paz? ●

Tatiana Salem Levy: doutora em letras e escritora.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 15 de agosto de 2014

A perda de liderança saudita

David Gardner



Quando Abu Bakr al-Baghdadi, líder jihadista cujos "camisas negras" tomaram grandes áreas do norte e centro do Iraque em junho, pronunciou sua ladainha do Ramadã, no mês passado, após proclamar-se califa, ordenou que sua fala fosse traduzida para o inglês, francês, alemão, turco, russo – e albanês. Por que o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis, em inglês), que agora se denomina, narcisisticamente, Estado Islâmico, deu-se a esse trabalho?

A partir do fim da Guerra Fria, e após as guerras do desmembramento da Iugoslávia, os Bálcãs Ocidentais – em especial a Albânia, Kosovo, Bósnia, Macedônia e até mesmo pedaços da Bulgária – foram atapetados de mesquitas e madraçais³⁷ wahhabitas financiadas pela Arábia Saudita. Isso está distanciando a cultura muçulmana local do islamismo sufista de orientação turca, aproximando-a da intolerância radical do absolutismo wahhabi, que grupos como o Isis levam à sua conclusão lógica. Isso é terreno fertilizado para a ambição jihadista.

A Arábia Saudita não só exporta petróleo, mas também milhares de barris de dogmas religiosos semitotalitários e de voluntários jihadistas, ao mesmo tempo em que se esforça para isolar-se das consequências adversas da política que pratica; e o rei Abdullah, no fim de seu pronunciamento por ocasião do Ramadã, adverte contra o extremismo "diabólico dessas forças aberrantes". O extremismo jihadista representa, efetivamente, uma ameaça para o reino. Mas, em termos doutrinários, é difícil distinguir de que maneira ele se "desvia" da ortodoxia wahhabita, com sua manifestação literal e

³⁷ **Madraçal:** escola muçulmana.

REFLEXÕES VIII

exclusivista do islamismo sunita.

É incerto se o Estado saudita financia grupos como o Isis, mas seus cidadãos o fazem, incentivados pelo discurso supremacista sunita e pela promiscuidade tática de seus governantes, temerosos de serem submersos pela direita religiosa

Sua interpretação extrema do monoteísmo torna anátemas³⁸ outras crenças, especialmente as práticas "idólatras" de cristãos e muçulmanos xiitas, atacando-as como infiéis ou apóstatas³⁹. Isso pode ser tomado como aprovação ilimitada a jihads. O jihadista moderno é um wahhabita movido a esteroides. Sua principal queixa contra a Casa de Saud é que ela é aberrante: seus atos depravados não correspondem a seu discurso wahhabita.

O falecido rei Fahd, antecessor de Abdullah, por exemplo, adquiriu uma reputação de *playboy* e jogador em sua juventude. No entanto, durante seu reinado, ele construiu 1.359 mesquitas no exterior, juntamente com 202 faculdades, 210 centros islâmicos e mais de 2 mil escolas, de acordo com dados oficiais sauditas. Parece não haver números sobre o "esforço exportador" wahhabita durante o reino de Abdullah, uma figura mais austera e ecumênica. Segundo evidências pontuais, a construção de mesquitas pelos sauditas está avançando onde quer que haja crentes, especialmente no sul, centro e sudeste da Ásia, onde vive cerca de 1 bilhão do total de 1,6 bilhão de muçulmanos em todo o mundo.

A Casa de Saud, frente a uma sucessão potencialmente difícil ao enfermo Abdullah num momento de turbulência em todo o mundo árabe, está numa posição delicada. Como guardiã das cidades sagradas de Meca e Medina, a Casa de Saud é a equivalente moderna mais próxima do antigo califado islâmico. Ela, portanto, abomina a violência arrogante do Isis, tanto quanto abomina a versão rival de fundamentalismo pan-islâmico da

³⁸ **Anátema:** reprovação enérgica; condenação, repreensão, maldição, execração.

³⁹ **Apostasia:** renúncia de uma religião ou crença, abandono da fé (esp. da cristã); renegação.

REFLEXÕES VIII

IrmandadeMuçulmana. Apesar disso, o reino ainda dissemina o veneno corrosivo que ajuda a fomentar o fanatismo baseado em religião. O assalto destrutivo do Isis contra santuários e mesquitas, por exemplo, dá prosseguimento ao histórico de dois séculos de iconoclastia wahhabita. Também não devemos esquecer que a Casa de Saud usou wahhabitas fanáticos como sua tropa de choque, no século passado, para unir pela força a maior parte da religiosamente diversificada Península Arábica – imposta pela espada em 52 batalhas ao longo de 30 anos. Não há igrejas na Arábia Saudita e autorizações para construção de mesquitas xiitas, que são mais raras do que chuva no deserto.

A Arábia Saudita não é a única responsável pelo resultado; o jihadismo ressurgente em meio à virulenta batalha no seio do islã entre a maioria sunita e a minoria xiita está presente em todo o Levante, nos países do Golfo Pérsico e no subcontinente indiano. Mas os sauditas são uma fonte principal de fanatismo doutrinário, como bem atestam os livros escolares sauditas, ao ordenar os crentes a manterem distância de todos os que não compartilham sua fé.

O aumento do número de mesquitas wahhabitas no mundo teve início como reação às tentativas iranianas de exportar o radicalismo xiita de sua revolução de 1979. A derrubada anglo-americana do regime de minoria sunita ao invadir o Iraque em 2003 – que levou ao poder uma maioria xiita e deflagrou a carnificina sectária – e o fato de o Ocidente não ter apoiado a rebelião da maioria sunita na Síria, alimentou o ressentimento sunita, aguçado pelo eixo xiita apoiado pelo Irã em toda a região.

É incerto se o Estado saudita e seus aliados no Golfo financiam grupos como o Isis, mas seus cidadãos o fazem, incentivados pelo discurso supremacista sunita e pela promiscuidade tática de seus governantes, temerosos de serem submersos pela direita religiosa.

A posição da Arábia Saudita como maior



REFLEXÕES VIII

exportadora de petróleo do mundo, importante compradora de armas ocidentais e contrapeso ao Irã no Golfo protegeu-a de críticas. Na atual turbulência no Oriente Médio – caracterizada por uma ausência de Estado e de instituições, pela perda de uma narrativa nacional comum em países diversificados em termos de etnia e/ou religião, como a Síria e o Iraque, e pela debilidade das anteriormente influentes grandes potências – inexistente uma liderança sunita dominante.

A Arábia Saudita, uma teocracia baseada em petrodólares, em confronto com o Irã, outra teocracia fundada em petrodólares, sufocou o espaço sunita – exceto no vácuo onde o Isis está construindo seu califado transfronteiras (também rico em petróleo), que agora está atacando a leste o Curdistão e a oeste o Líbano.

Gerações anteriores de árabes sunitas predominantes deram sua lealdade a nacionalistas pan-árabes, como Gamal Abdel Nasser, paladinos maculados por uma ideologia sem saída. O desastre em potencial com que agora se defrontam os árabes exige uma nova geração de líderes sunitas capazes de derrotar o extremismo em seu próprio campo. Isso é algo que a Arábia Saudita, cujo absolutismo wahhabita faz parte do código genético de grupos como o Isis, não tem condições de fazer. ●

David Gardner: é colunista do Financial Times.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

O fim da ordem global americana

Amitav Acharya



Críticos domésticos dos Estados Unidos colocam a culpa da anexação russa da Crimeia na política externa fraca de Obama. O senador republicano John McCain chama Obama de "o presidente americano mais ingênuo na história." Porém, fora da capital, uma percepção diferente está surgindo rapidamente, que vê a Ucrânia não tanto

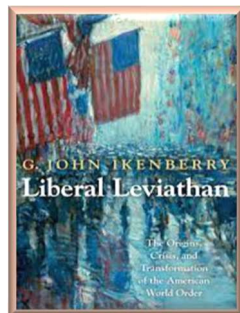
como um fracasso da política externa de Obama, mas como um sinal de declínio geral dos EUA. Como diz Maleeha Lodhi, ex-embaixador do Paquistão para os EUA: "Boa parte dessa crítica mostra uma ignorância deliberada dos limites de poder dos EUA em um ambiente internacional transformado, onde nenhum Estado é capaz de alcançar os resultados por si só ou prevalecer sobre outros, mesmo usando um esmagador *hard power*".

Em seu discurso de janeiro de 2012, o presidente Barack Obama afirmou que "quem diz que os EUA estão em declínio ou que nossa influência diminuiu não sabe o que está falando." Mas em um relatório de dezembro de 2012, o Conselho de Inteligência Nacional dos EUA argumentou que, enquanto os EUA continuarem a ser "o primeiro entre os iguais, com a rápida ascensão de outros países... a era da ascendência americana na política internacional, que começou em 1945, será rapidamente se encerrando". A Ucrânia é mais uma prova disso. E o relatório do Programa de Comparação Internacional apoiado pelo Banco Mundial – de que a China está pronta para superar os EUA, com a Índia em terceiro lugar até o final deste ano – envia a mesma mensagem. Isso significa que, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, a maior potência militar não será a maior economia global.

Talvez a lição mais importante que a Ucrânia deixou é que os EUA não podem cooptar as potências emergentes para apoiar a sua

REFLEXÕES VIII

própria visão e sua abordagem estratégica. Em seu influente livro de 2010, *Liberal Leviathan*, o cientista político americano John Ikenberry argumenta que, independentemente de os EUA estarem em declínio ou não, a ordem mundial liberal que eles haviam criado e dominado desde a Segunda Guerra Mundial iria persistir e poderia até mesmo cooptar seus principais adversários, incluindo a China.



Para o general Martin Dempsey, chefe do Estado-Maior, os EUA iriam achar cada vez "mais difícil articular o uso adequado do poder militar" e teriam que confiar na "capacidade de construção de parcerias e de abrir possibilidades para outros atores".

Mas a Ucrânia mostra os limites deste argumento. Não só a Rússia lançou um desafio frontal para os EUA e para a Otan, mas o resto dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) abstiveram-se na resolução da Assembleia Geral da ONU que rejeitava um referendo da Crimeia, que formou a base da anexação russa. A Rússia considerou isto como uma vitória. A mensagem é clara e simples. Só porque essas potências emergentes têm se beneficiado com a ordem internacional de dominação americana, não significa que elas iriam deixá-la intacta e iriam aceitar a liderança dos EUA.

O que vem depois do momento unipolar? A sabedoria comum diz que estaríamos entrando em um mundo multipolar. Alguns previram uma ordem bipolar EUA-China. Mas a ordem mundial emergente provavelmente não será nem bipolar nem multipolar, mas uma ordem mundial múltiplex.

Em um mundo múltiplex, se os EUA continuarem a ser uma grande força nas relações internacionais, eles não terão a capacidade de moldar a ordem mundial segundo os seus próprios interesses e à sua semelhança. Como resultado, os EUA serão apenas um de uma série de polos, incluindo potências emergentes, forças regionais e um concerto de velhas e novas potências moldando uma nova ordem mundial.

REFLEXÕES VIII

Será o mundo múltiplex menos estável do que o momento unipolar? Ninguém pode prever o futuro. A revista *The Economist* lamenta a perda de autoridade dos EUA como um "declínio da dissuasão", apontando que os inimigos dos EUA serão incentivados e seus aliados desmotivados.



Mas os EUA tinham muitos inimigos e não conseguiram evitar a ascensão de inimigos poderosos, como, por exemplo, a rede terrorista al-Qaeda. Ao mesmo tempo, é importante não descartar novas formas de assegurar a estabilidade. Uma diferença fundamental entre o mundo multipolar do século XIX e do mundo múltiplex do futuro é o enorme crescimento da interdependência global.

A interdependência europeia no século XIX foi baseada principalmente no comércio, mas foi prejudicada pela busca competitiva de colônias estrangeiras pelas principais nações europeias. A interdependência global de hoje é muito mais ampla e profunda, abrangendo não apenas o comércio, mas também o financiamento, redes de produção e arranjos econômicos globais que não existiam até então.

A estabilidade de um mundo múltiplex exigirá novas formas de cooperação internacional, onde a liderança será compartilhada, em vez de monopolizada por uma única nação. Isto exigirá uma reforma significativa das instituições globais e o incentivo para mais instituições como G-20. Os mecanismos regionais de paz e estabilidade também são cruciais.

Para manter a estabilidade e sua própria influência, os EUA terão que dividir o poder. O general Martin Dempsey, chefe do Estado-Maior dos EUA, disse em uma entrevista recente que, no ambiente estratégico internacional em mudança, os EUA iriam achar cada vez "mais difícil de articular o uso adequado do poder militar" e teriam que confiar menos em ações militares diretas e mais na "capacidade de construção de parcerias e de abrir possibilidades para outros atores."

REFLEXÕES VIII

Isso está mais alinhado com a chegada do mundo múltiplex. •

Amitav Acharya: professor de relações internacionais na American University em Washington D.C. e autor do livro **The End of American World Order (Polity)**.
Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 29 de julho de 2014

LUIZ BANCI

A desigualdade que Piketty não viu

Jorge Arbache



Uma das opiniões dominantes no debate sobre desenvolvimento econômico de meados do século passado sustentava que a industrialização era condição para o desenvolvimento dos países periféricos, o que deu ensejo a políticas industriais ativas. O debate avançou e, nas décadas de 1990 e 2000, incorporou a visão de que, além da indústria, o desenvolvimento também estava associado à participação no comércio intraindustrial. Essa visão deu ensejo a políticas de engajamento em

acordos de livre comércio e de participação em cadeias globais de valor.

Hoje, muitos países em desenvolvimento participam ativamente de acordos de livre comércio e de cadeias globais de valor por meio da produção e montagem de bens industriais tão variados como calçados, calças jeans, brinquedos, malas, móveis, telefones celulares e até automóveis. Se as predições dos teóricos estivessem corretas, então deveríamos observar queda da desigualdade de renda entre países desenvolvidos e em desenvolvimento como resultado da industrialização e da participação nas cadeias globais de valor.

Mas alguma coisa deu errado. Isto porque não há evidências naquela direção. Entre 1960 e 2000, a desigualdade da renda *per capita* entre os dois grupos de países permaneceu elevada e até aumentou. A partir de 2001, a desigualdade começou a cair lentamente e se acelerou entre 2003 e 2009, estabilizando-se a partir de então. Dentre as causas da queda da desigualdade, destacam-se o elevado crescimento dos preços das *commodities*, o aumento da renda na China e a crise financeira de 2008, que afetou profundamente a renda dos países ricos. A maioria dos países em desenvolvimento não viu que o que importa não é ter indústria, mas

REFLEXÕES VIII

qual indústria se tem.

Infelizmente, as perspectivas sugerem que o hiato de renda voltará a aumentar ao longo das próximas décadas, especialmente quando isolamos a China dos demais países em desenvolvimento. E, dentre as principais razões, estão a tecnologia e o padrão de comércio e de investimentos.

De fato, a divisão de trabalho entre países participantes de cadeias globais de valor é, normalmente, bem definida. Países em desenvolvimento participam por intermédio de funções como produção, montagem, logística, distribuição e serviços como *call centers*, que são atividades de baixa agregação de valor. Já funções de alta agregação de valor, como P&D, *design*, marcas, *marketing*, pós-vendas e serviços sofisticados em geral estão concentradas nos países industrializados, que, não por acaso, controlam as cadeias de valor.

O problema é que é muito provável que a polarização na divisão de trabalho venha a se acentuar nos próximos anos em razão da crescente relevância da produtividade sistêmica para a competitividade e do cada vez mais rápido avanço tecnológico – que estão concentrados nos países ricos –, do encurtamento do ciclo de vida dos produtos e serviços, do tipo de bens que cada vez mais consumimos – que resulta de uma sofisticada combinação de bens industriais com serviços avançados –, do protecionismo e de instituições que reduzem a livre circulação de conhecimento entre fronteiras. Já o comércio e o investimento direto estrangeiro (IDE) estão, em muitos casos, reproduzindo e até perenizando aquela divisão de trabalho. Pense no IDE em serviços e atividades industriais terceirizados nas Filipinas, Etiópia ou República Dominicana, ou nos investimentos chineses no Brasil em produção de *commodities* e infraestrutura para o seu escoamento.

Mas ainda mais relevantes são as mudanças que já se vislumbram para o comércio de serviços. Hoje, o comércio de serviços, tanto os embutidos nos bens industriais, como os não embutidos, já corresponde a 50% do total do comércio mundial. E no futuro próximo, os serviços serão largamente predominantes em razão da

REFLEXÕES VIII

sua crescente contribuição para a geração de valor dos bens industriais e até agrícolas. Os principais países produtores de serviços sofisticados já estão se movimentando para defender os seus interesses – busca-se a liberalização ampla dos serviços, inclusive, e sobretudo, dos serviços embutidos nos bens. No caso do *iPad*, por exemplo, tarifas incidiriam apenas sobre os 7% correspondentes ao valor industrial do bem; sobre os demais 93%, que correspondem a serviços como licenças, *softwares*, *marketing* e marca, não incidiriam tarifas e outras formas de proteção.

Diferente do que foi previsto, ter indústria e participar de cadeias globais de valor não parecem ser condições suficientes para a promoção do desenvolvimento. Thomas Piketty, em seu *best-seller Capital in the Twenty-First Century*, se concentrou no exame da desigualdade dentro dos países ricos e não se ateu à dimensão da desigualdade de renda entre países, o que, provavelmente, deve ter frustrado seus leitores mais atentos às perspectivas da desigualdade global no século XXI.

O que deu errado foi que a maioria dos países em desenvolvimento não entendeu que o que importa não é ter indústria, mas qual indústria se tem. Da mesma forma, não entenderam que, mais importante que a participação em cadeias globais de valor é o como se participa das mesmas. Na era do conhecimento, o que importa é o quê e como fazemos as coisas, a capacidade de criar, de fazer melhor, de agregar valor e de apresentar soluções novas e eficientes para problemas antigos.

Países periféricos têm que concentrar esforços no desenvolvimento do conhecimento e nas oportunidades de aprendizado e de incorporação de conhecimentos de terceiros. Para isso, será necessário investir mais em capital humano, em ciência e tecnologia, em atividades econômicas geradoras de conhecimento e de aprendizado, como a indústria, e, sobretudo, em interações com aqueles com quem mais se pode aprender. Será preciso explorar atalhos, tais como o comércio, o IDE, a internacionalização de empresas, as parcerias e o engajamento nas agendas globais.

O sucesso desta agenda dependerá de o País saber o que quer dela.

REFLEXÕES VIII

Mas, infelizmente, em razão da falácia da composição, é improvável que esta estratégia venha a funcionar para a maioria dos países em desenvolvimento.

Jorge Arbache: professor de economia da Universidade de Brasília.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 6 de agosto de 2014

LUIZ BIANCHI

Dinâmica na OMC vai mudar

Roberto Azevêdo



Azevêdo: Se nem todos estão prontos para avançar com o mesmo ímpeto, como permitir que a grande maioria o faça?

O colapso do acordo de facilitação de comércio, que já tinha sido aprovado há sete meses, mas foi desfeito agora por um único país, a Índia, deverá causar uma reviravolta na Organização Mundial do Comércio (OMC) na volta das férias, em setembro. Em entrevista ao Valor, o diretor-geral da entidade, Roberto Azevêdo,

admite que "deverá haver uma mudança na dinâmica das negociações".

A dimensão dessa mudança dependerá dos 160 países membros, levando em conta o histórico de dificuldades para negociar a Rodada Doha. "Se nem todos estão prontos para avançar na mesma direção e com o mesmo ímpeto, como permitir que a grande maioria o faça?", pergunta Azevêdo.

Brasileiro com o mais importante posto na governança global, Azevêdo diz que acordo plurilateral de liberalização, pelo qual participa quem quer, não inviabiliza a OMC. Mas que uma ampla gama de temas, como subsídios agrícolas, precisa ser negociada multilateralmente.

Leia abaixo trechos da entrevista:

Valor: Ao que o sr. atribui o bloqueio da Índia ao acordo de facilitação de comércio? Até que ponto a Índia não foi atendida em suas demandas? Quem ganha e quem perde com o que aconteceu?

Roberto Azevêdo: A Índia argumentou que os avanços na área de facilitação de comércio estavam ocorrendo rapidamente e que as negociações que interessavam a eles seguiam um ritmo mais lento.

Ocorre que o próprio pacote acordado previa avanços diferenciados e prazos distintos nas diferentes áreas. Na verdade, o acordo de facilitação de comércio era um texto já finalizado. Faltavam apenas detalhes técnicos para sua adoção. A Índia, por sua vez, tinha interesse em algo que ainda precisava ser negociado. Ao procurar vincular as duas coisas, a Índia encontrou forte resistência dos outros membros da OMC, que viam a posição indiana como uma tentativa de renegociar o pacote de Bali. Chegamos a aproximar as posições mas não pudemos concluí-las no tempo que tínhamos. As cartas foram colocadas na mesa muito perto do prazo de 31 de julho previsto no acordo de Bali. Quem perderá mais são os países pequenos. Os grandes têm outras opções. Mas mesmo que os países mais vulneráveis saiam perdendo, não deixará de ser um resultado desastroso para todo o sistema.

Valor: O sr. disse aos países da OMC que não se trata de mais um prazo perdido e que as consequências serão significativas. Quais serão essas consequências?

Azevêdo: Não será o diretor-geral quem vai determinar as consequências desse impasse, serão os próprios membros, com suas reações e posturas quando retomarmos os trabalhos em setembro. Só então poderemos aferir o tamanho e o verdadeiro impacto desse impasse. No entanto, as conversas que tive nas últimas semanas indicam que em setembro não deveremos retomar os trabalhos nas mesmas circunstâncias que existiam antes do impasse. Deverá haver uma mudança na dinâmica das negociações na OMC.

Valor: Devem os membros da OMC começar enfim a considerar alternativas à regra do consenso?

Azevêdo: Não há a menor possibilidade de se abrir mão do consenso na OMC. No entanto, isso não significa que não possamos trabalhar com alternativas que prescindam da abordagem estritamente multilateral. As regras da organização oferecem espaço para isso. Mas, novamente, cabe aos membros determinar o caminho a ser seguido. Não será o diretor-geral quem vai determinar as consequências do impasse, mas os próprios membros.

Valor: Vários países de peso querem ir à direção de acordos plurilaterais. Isso inviabiliza a OMC?

Azevêdo: Esse caminho já vem sendo trilhado há algum tempo. Os acontecimentos dos últimos dias não mudam a busca da trilha não multilateral fora da OMC. O que precisamos é encontrar solução para os trabalhos que se desenvolvem dentro da Organização. Essa deve ser a prioridade. De qualquer forma, acordos plurilaterais não inviabilizam a OMC. Eles apenas complementam as negociações sem jamais poder substituir as negociações multilaterais. Só na OMC podem ser discutidos temas como subsídios agrícolas, regulamentação doméstica de serviços, regras de defesa comercial, entre outros assuntos que chamamos de "horizontais". Os acordos regionais ou bilaterais tampouco conseguirão substituir os pilares de solução de controvérsias e de monitoramento da OMC, que seguem funcionando bem. O desafio está na área de negociação apenas.

Valor: Como reconhecer na OMC que há países que não estão interessados em que o sistema multilateral de comércio funcione?

Azevêdo: Não concordo com a visão de que há países que não têm interesse em que o sistema funcione. Há, é verdade, visões diferentes de como e com qual velocidade se pode avançar na direção de um comércio mais livre e de regras mais rígidas. É com essa heterogeneidade que temos que aprender a lidar. Se nem todos estão prontos para avançar na mesma direção e com o mesmo ímpeto, como permitir que a grande maioria o faça? Isso, teremos que responder.

O problema não é a existência de outros acordos. O problema é a dificuldade de avançar as negociações dentro da OMC

Valor: Se não se aprova nem o que já foi negociado, como esperar programa de trabalho em dezembro para retomar a Rodada Doha? Não seria melhor reconhecer de vez a morte dessa negociação para evitar mais corrosão da credibilidade da entidade?

REFLEXÕES VIII

Azevêdo: Sem dúvida a confiança entre os membros foi abalada por esse episódio e tornará as negociações da Rodada mais difíceis. Se em condições normais já seria muito desafiante encontrar soluções, agora será ainda mais trabalhoso. Para que a negociação avance, há necessidade de que todos acreditem estar trabalhando por um resultado razoável e mutuamente satisfatório para todos. Como eu disse, temos que esperar até a retomada das conversações em setembro para determinar como ficará a dinâmica das negociações entre os membros.

Valor: Qual o impacto do bloqueio hoje na OMC para países como o Brasil e o que o sr. sugere?

Azevêdo: O Brasil é um país com um comércio muito diversificado geograficamente. Os principais destinos das exportações brasileiras não têm, individualmente, mais de 20% do total das vendas do país. Independentemente das negociações que venha a manter e das opções comerciais que venha a fazer, o Brasil não poderá abrir mão de um sistema globalizado para o comércio internacional, com regras previsíveis e abrangentes. O Brasil ganha com disciplinas verdadeiramente globais e tem atuado com pragmatismo na defesa dos seus interesses na OMC. Como os demais países com economias de grande dimensão, o Brasil tem alternativas para avançar seus interesses comerciais que não são incompatíveis com a agenda multilateral. Não são vias mutuamente excludentes e penso que o governo brasileiro jamais pensou dessa forma.

Valor: Como o sr. vê o futuro da OMC, diante do aumento de mega-acordos regionais e outras iniciativas comerciais fora da entidade?

Azevêdo: Esses acordos sempre existiram e continuarão a existir. O sistema multilateral não substitui os acordos regionais e vice-versa. Os dois se complementam. O tipo e o teor das negociações nesses dois trilhos são completamente diferentes. A maior similaridade está na negociação dos cortes tarifários. Mas isso é muito pouco se comparado com a agenda comercial do mundo atual. As tarifas já estão contabilizadas nos negócios e nos investimentos. A maior parte dos entraves comerciais e dos imponderáveis aparece atrás das fronteiras, com barreiras não tarifárias de várias ordens. O

REFLEXÕES VIII

problema não é a existência de outros acordos que, de fato, não competem com a OMC. O problema é a dificuldade de avançar as negociações na OMC. ●

Roberto Azevêdo: diretor-geral da OMC.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 4 de agosto de 2014

LUIZ BIANCHI

Os perigos do consenso econômico

Dani Rodrik



A Iniciativa sobre Mercados Globais (IGM, na sigla em inglês) da Universidade de Chicago pesquisa periodicamente um grupo de importantes economistas acadêmicos de várias tendências políticas sobre assuntos da atualidade. Em sua mais recente pesquisa, perguntou se o plano de estímulos econômicos do presidente americano, Barack Obama, havia ajudado a reduzir o desemprego nos EUA.

O plano, conhecido oficialmente como Lei de Reinvestimento e Recuperação Americana de 2009, contemplou gastos governamentais superiores a US\$ 800 bilhões em infraestrutura, educação, saúde, energia, incentivos tributários e vários programas sociais. Foi uma resposta clássica *keynesiana*, adotada em meio a uma crise econômica.

Os economistas foram praticamente unânimes. Dos 37 grandes economistas que responderam a pesquisa, 36 disseram que o plano havia sido bem-sucedido em seu objetivo declarado de reduzir o desemprego. O economista Justin Wolfers, da Universidade de Michigan, celebrou o consenso em seu *blog* no *The New York Times*. O debate público virulento sobre a validade de estímulos fiscais, reclamou, havia perdido qualquer conexão com o que os especialistas conhecem e concordam.

Consensos entre economistas podem surgir por bons e maus motivos. Algumas vezes, são bastante inócuos, como quando se ouve economistas argumentarem que quem ignora o papel dos incentivos o faz por sua conta e risco. Quem pode discordar disso?

De fato, economistas concordam sobre muitos assuntos, vários deles politicamente controversos. O economista Greg Mankiw, de Harvard, listou alguns deles em 2009. As seguintes proposições arregimentaram apoio de pelos menos 90% dos economistas: cotas

REFLEXÕES VIII

e tarifas de importação reduzem o bem-estar econômico geral; controles sobre o aluguel reduzem a oferta de moradias; taxas de câmbio livres proporcionam um sistema monetário internacional eficaz; os EUA não deveriam impedir empregadores de terceirizar mão de obra em países estrangeiros; e políticas fiscais estimulam a economia quando não há pleno emprego.

Esse consenso sobre questões tão importantes contrasta amplamente com a percepção geral de que economistas raramente concordam sobre algo. "Se todos os economistas fossem postos lado a lado", ironizou celeberramente George Bernard Shaw, "nunca chegariam a uma conclusão".

Comenta-se que o ex-presidente americano Dwight Eisenhower, frustrado diante de conselhos conflitantes e evasivos, certa vez teria pedido por um economista que não falasse "por outro lado...". Sem dúvida, há muitas questões de políticas públicas que economistas debatem acirradamente. Qual deve ser o teto do imposto de renda? O salário mínimo deve ser elevado? O *déficit* fiscal deve ser reduzido por meio de elevação de impostos ou corte de gastos? As patentes estimulam ou impedem a inovação? Nesses e muitos outros assuntos, os economistas tendem a se destacar por ver os dois lados da questão e tenho suspeitas de que uma pesquisa a respeito revelaria pouco consenso.

Consensos entre economistas podem surgir por bons e maus motivos. Algumas vezes, são bastante inócuos, como quando se ouve economistas argumentarem que quem ignora o papel dos incentivos o faz por sua conta e risco. Quem pode realmente discordar disso? Outras vezes, restringem-se a algum episódio específico e são baseados em evidências amalhadas após o fato: sim, o sistema econômico soviético era de profunda ineficiência; sim, os estímulos fiscais de Obama em 2009 reduziram de fato o desemprego.

Mas quando se forma um consenso em torno à aplicabilidade universal de algum determinado modelo, cujas suposições cruciais podem ser infringidas em muitos contextos, temos um problema.

Vejamos algumas das áreas de concordância generalizada que listei acima. A proposição de que as restrições ao comércio exterior

REFLEXÕES VIII

reduzem o bem-estar econômico certamente nem sempre é válida, sendo violada quando há certas condições presentes – como quando há externalidades ou economias de escala. Além disso, exige que economistas façam juízos de valor sobre efeitos distributivos, algo que é melhor deixar em mãos do próprio eleitorado.

Da mesma forma, a proposição de que controles sobre o aluguel reduzem a oferta de moradias não se cumpre em condições de concorrência imperfeita. E a proposição de que taxas de câmbio flutuantes são um sistema eficaz depende de suposições sobre o funcionamento do sistema monetário e financeiro que já se mostraram problemáticas; suspeito que uma pesquisa hoje sobre o assunto mostraria apoio bem menos significativo.



Talvez economistas se inclinem a concordar que certas suposições são mais válidas no mundo real. Ou achem que um conjunto de modelos funcione melhor "em média" do que o outro. Ainda assim, sendo cientistas, não deveriam ao menos adornar seus consentimentos com as advertências apropriadas? Não deveriam temer que afirmações categóricas como as listadas acima possam se mostrar enganosas pelo menos em alguns contextos?

O problema é que economistas muitas vezes confundem um modelo com o modelo. Quando isso acontece, a existência de consensos certamente não é algo a ser comemorado. Dois tipos de males podem se seguir. Primeiro, estão os erros por omissão – os casos em que pontos cegos no consenso impedem economistas de ver problemas mais à frente. Um exemplo recente foi o fato de economistas não terem conseguido compreender a perigosa confluência de circunstâncias que produziram a crise financeira mundial. O descuido não se deu por falta de modelos sobre bolhas, informações assimétricas, incentivos distorcidos ou corridas a bancos. Deu-se pelo fato de que esses modelos foram negligenciados em favor de outros que ressaltavam a eficiência dos mercados.

Depois estão os erros por omissão – caso em que a fixação dos

REFLEXÕES VIII

economistas por um determinado modelo de mundo os torna cúmplices na administração de políticas cujas falhas poderiam ter sido previstas antecipadamente. A defesa de políticas neoliberais do Consenso de Washington e da globalização financeira por economistas cai nessa categoria. O que aconteceu em ambos os casos é que economistas negligenciaram sérias complicações relativas à teoria do segundo melhor, como externalidades de aprendizagem e fragilidade institucional, que atrapalharam as reformas e, em alguns casos, as levaram a sair pela culatra.

Divergências entre economistas são saudáveis. Refletem o fato de que sua disciplina engloba uma coleção diversa de modelos e de que casar a realidade com modelos é uma ciência imperfeita, com grande margem de erro. É melhor expor o público a essas incertezas do que tranquilizá-lo com uma falsa sensação de segurança com base na aparência de conhecimento. ●

Dani Rodrik: professor de ciências sociais no Institute for Advanced Studies, em Princeton, e autor de *The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy*.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 5 de agosto de 2014

Xisto dos EUA reduz ameaça de nova crise no petróleo

Ed Crooks e Anjli Raval



O avanço da produção de petróleo na região de xisto de Eagle Ford, no Texas, ilustra o momento



de empolgação que o setor atravessa nos Estados Unidos

Na modorrenta área agrícola do sul do Texas, perto da cidade-fantasma de Helena, as 18 reluzentes torres da usina de estabilização de petróleo da Conoco Phillips são uma paisagem dissonante. Há três anos, havia apenas campos aqui, mas brotaram usinas para processar a enxurrada de petróleo que jorra da região de xisto de Eagle Ford, ao sul e a leste de San Antonio. Estes são tempos empolgantes no setor petrolífero americano – e as novas unidades de processamento são a prova disso.

As perspectivas são brilhantes aqui e em uns poucos outros países, como o Canadá. Com o fortalecimento da oferta de petróleo bruto da América do Norte, os analistas previram que os preços despencariam e inaugurariam uma nova era de combustível barato. Mas isso não aconteceu. A causa dessa reversão de expectativas é o fato de os grandes avanços do xisto americano terem coincidido com as convulsões políticas ocorridas em grandes países produtores de petróleo. A instabilidade política observada na Líbia, no Iraque e na Venezuela alimentou preocupações com cortes de fornecimento e com ameaças à oferta futura do produto. As sanções internacionais impostas ao Irã, além disso, reduziram a oferta mundial de petróleo, e o setor petrolífero da Nigéria está atormentado por episódios de roubo.

REFLEXÕES VIII

Não fosse a nova produção dos Estados Unidos, que reduziu significativamente as importações do país, estaríamos ouvindo falar de mais uma crise mundial de petróleo. Como fornecedor mundial de produtos energéticos, os EUA são, nas palavras da ex-secretária de Estado Madeleine Albright, "o país indispensável".

A ascensão de Eagle Ford foi espetacular. Os avanços da prospecção horizontal e da técnica da fratura hidráulica, ou *fracking* como é conhecida em inglês, empregadas inicialmente para extrair gás natural do xisto, foram aplicados no país nos últimos quatro anos para produzir petróleo, com resultados notáveis. Eagle Ford produziu apenas 15 mil barris de petróleo bruto ao dia em 2010, ante 838 mil barris dia nos quatro primeiros meses deste ano, segundo o órgão regulador estadual Railroad Commission of Texas.

Juntamente com a formação de Bakken do Estado de Dakota do Norte, Eagle Ford é um dos centros do renascimento petrolífero americano, o responsável por uma alta de mais de 60% da produção de petróleo bruto do país desde 2008. "Na década de 1970, os EUA alcançaram o que foi chamado de o 'pico do petróleo'. Mas esse pico se resumiu ao petróleo convencional", diz Greg Leveille, diretor técnico da Conoco dos chamados recursos não convencionais, entre os quais se inclui o xisto. "Se examinarmos a queda que vimos na época, foi radical. E todo mundo previa que continuaria, mas agora mudamos a trajetória da produção de petróleo dos EUA."

Apesar do surto de crescimento da produção petrolífera do Estado, os texanos não estão vivenciando uma grande queda dos custos do combustível. O preço médio da gasolina no Texas era de US\$ 3,56 por galão (US\$ 0,94 por litro) há duas semanas, segundo o Departamento de Informações Energéticas dos Estados Unidos, tão alto quanto o praticado no terceiro trimestre de 2011. O combustível só tinha sido mais caro do que isso em 2008, quando o petróleo bruto americano alcançou sua alta recorde de US\$ 147 o barril. Toda vez que enchem o tanque do carro, os americanos são lembrados de que o petróleo é parte de um mercado mundial, e não local.

As exportações de petróleo bruto americano são rigidamente limitadas por uma legislação que remonta à crise energética da

REFLEXÕES VIII

década de 1970, quando foi imposta uma proibição a fim de sustentar as regulamentações de preços. As exportações de derivados de petróleo como gasolina e óleo diesel não sofrem, no entanto, as mesmas restrições, o que significa que as refinarias podem vendê-los a preços mundiais. O petróleo tipo Brent, o referencial mundial de preços do produto, determina o valor pago pelos consumidores americanos, e ao longo dos últimos dois meses o Brent viveu um período de turbulência.

Em junho, o petróleo tipo Brent disparou para mais de US\$ 115 o barril, uma vez que militantes do Estado Islâmico do Iraque e da Síria, conhecido como Isis, na sigla em inglês, assumiram o controle de boa parte do Iraque e pareciam estar prestes a tomar a capital, Bagdá. O Iraque é o segundo maior produtor da Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep), o cartel do petróleo, com uma produção de cerca de 3,3 milhões de barris/dia. A perda, pelos mercados mundiais, do petróleo exportado pelo Iraque faria os preços disparar. Desde essa época, o avanço do Isis parece ter estacionado e a produção de petróleo do Iraque se manteve, em grande medida, a mesma.

Interessado em exportar maiores volumes de petróleo bruto, o governo regional do Curdistão, tomou dois campos de petróleo próximos da cidade de Kirkuk, no norte do país, e declarou que pretendia defender a infraestrutura do lugar. Em decorrência disso, o alarme do mercado em torno de um potencial corte do fornecimento do produto originário do Iraque perdeu força. O Brent caiu para pouco mais de US\$ 104 o barril – sua baixa recorde de três meses – em julho, neutralizando todas as altas que registrou quando o Isis varreu o norte do Iraque.

A ideia de que os consumidores agora podem relaxar com relação ao Iraque representa um perigoso excesso de autoconfiança, no entanto. As condições continuam voláteis, e a fragilidade das forças militares do país sugere que a segurança de suas exportações de petróleo está longe de ser considerada garantida. Mesmo se não houver corte imediato do fornecimento, o mais recente surto de instabilidade representa uma ameaça em longo prazo à produção do Iraque. A Agência Internacional de Energia (AIE), o órgão de

REFLEXÕES VIII

vigilância mundial do setor, prevê que o Iraque será o país que mais contribuirá para o aumento da oferta de petróleo nos próximos cinco anos. O país deverá responder por cerca de 60% do crescimento da capacidade da Opep entre este ano e 2019. Para desempenhar esse papel, no entanto, ele precisa de investimentos externos sustentados para desenvolver seus campos petrolíferos.

Ed Morse, diretor mundial de pesquisa em *commodities* do Citibank, argumenta que, embora muitas empresas estrangeiras operem atualmente no Iraque, a recente violência tornará mais difícil atrair mais capital. Isso apesar da grande magnitude das reservas do país e da facilidade, do ponto de vista técnico, de aumentar sua produção. "Quando aumentou o grau de segurança da Colômbia, as empresas voltaram a correr ao país e a produção duplicou. Portanto, [o fator segurança] é impactante. É um impedimento real", diz ele.

A turbulência no Iraque teria sido menos alarmante se outros países tivessem capacidade de aumentar a oferta de petróleo para preencher qualquer lacuna. Mas os mercados mundiais já são apertados.

Na Líbia a produção caiu e só agora começa a voltar a subir, após as exportações terem caído quase 90%, quando os rebeldes bloquearam os portos, há um ano. As sanções contra o Irã, motivadas por seu programa nuclear, reduziram as exportações do país, e a criminalidade que aflige a produção da Nigéria dá poucos sinais de arrefecer.

Poppy Allonby, codiretora de energia da gestora de fundos BlackRock, diz que as suspensões imprevistas da produção de petróleo aumentaram significativamente nos últimos três anos. "Nos cinco primeiros meses de 2014, 3,8 milhões de barris/dia deixaram de ser extraídos, comparados à média anual de 850 mil barris/dia entre 2008 e 2010", diz ela. "Oitenta por cento das suspensões de produção registradas até esta altura do ano ocorreram na Líbia, Irã, Síria, Iraque e Nigéria e, como tais, estão ligadas à instabilidade e à segurança regionais."

As agências e analistas especializados de previsões estão

REFLEXÕES VIII

subestimando significativamente o potencial de corte do fornecimento, mesmo no âmbito da Opep, durante os próximos doze meses, aproximadamente. Nos últimos 15 anos, a segurança se tornou problema cada vez maior para as petrolíferas no mundo inteiro, segundo Andrew Gould, ex-executivo da empresa de serviços petrolíferos Schlumberger e atual presidente do conselho de administração da BG.

Antes de 2001, a Schlumberger adotou medidas de segurança em apenas dois países, Colômbia e Nigéria, disse ele em conferência do *Financial Times* em maio. Atualmente a empresa tem de realizar operações de segurança em pelo menos 20 países. "Eu pessoalmente sinto que, no momento, os órgãos e os analistas especializados em previsões estão subestimando significativamente o potencial de corte do fornecimento, mesmo no âmbito da Opep, ao longo dos próximos doze meses, aproximadamente", diz Gould.

Em seu mais recente relatório sobre o mercado de petróleo, divulgado este mês, a AIE defendeu argumento semelhante, ao advertir que "o risco que envolve a oferta da Opep continua alto".

Esses temores foram enfatizados no caso da Líbia pelo Departamento de Estado dos EUA, que emitiu comunicado, este mês, em que dizia que Washington estava "profundamente preocupado com a permanente violência e as atitudes de alto risco na Líbia, que poderão levar a um conflito generalizado no país". Embora a produção de petróleo da Líbia tenha voltado a operar e a previsão é que o país retome as exportações, o risco de novas suspensões continua. Muitos países do Oriente Médio e da África têm configuração geológica mais favorável que a dos Estados Unidos, ou seja, são dotados de petróleo fisicamente mais acessível, diz Amrita Sen, da consultoria *Energy Aspects*, mas a segurança tem sido seu calcanhar de Aquiles. "Vimos todo um grupo desses países, como o Iraque, que se abriram nos últimos anos, ao precisar das receitas de petróleo, mas esses país não conseguiram garantir a segurança", diz ela.

A produção de petróleo em algumas áreas maduras, como a área do Mar do Norte ao largo do litoral britânico, está em queda vertical.

REFLEXÕES VIII

No mundo inteiro, muitas companhias petrolíferas sofrem com as quedas de retornos sobre o capital, uma vez que a disparada dos custos restringiu a lucratividade.

O Barclays detectou que os gastos das petrolíferas do mundo inteiro em exploração deverão subir 6% este ano, para US\$ 712 bilhões. No entanto, os grandes grupos internacionais de petróleo dos EUA e da Europa, entre os quais o ExxonMobil, o Royal Dutch Shell e o Total, têm relatado queda das taxas de retorno sobre seus investimentos. Em resposta a pressões de seus acionistas, eles diminuíram ligeiramente seus aportes este ano. Os analistas do Barclays argumentam que este "momento de menor investimento... levará a um período de subprodução e poderá causar um aumento estrutural dos preços internacionais do petróleo".

A produção a partir do xisto nos Estados Unidos é um recurso relativamente caro devido ao esforço necessário para tirar o petróleo do solo. Mas as empresas têm conseguido baixar esses custos, e os investimentos ainda estão crescendo. Poppy, do BlackRock, diz que, apesar de o aumento da produção americana ser resultado das tentativas das empresas privadas de maximizar os lucros, e não uma decisão significativa de desaceleração da economia da China, pode reduzi-los por algum tempo. Em longo prazo, no entanto, a demanda dos emergentes por petróleo só vai crescer, o que exercerá pressão sobre a oferta e puxará preços para cima. Sem o aumento da produção dos EUA, a pressão teria sido enorme. A revolução do xisto já teve um impacto dramático.

Os países consumidores de petróleo do mundo inteiro fazem votos de que ela possa continuar. ●

Ed Crooks e Anjali Raval- Financial Times

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 24 de julho de 2014

O Brasil tem de cair na real

Norman Gall



O fundador do Instituto Fernand Braudel diz que o País pode ser arrastado a um atoleiro institucional se não enfrentar seus problemas com firmeza

Gall em seu apartamento, em São Paulo. “Não sou pessimista quanto ao Brasil, senão não estaria aqui”.

Os amigos descrevem o jornalista e acadêmico Norman Gall como rabugento, mas talvez fosse melhor descrevê-lo como teimoso. Americano naturalizado brasileiro, ele vive no Brasil desde 1977 e ainda não desistiu de mudar o País. Aos 80 anos, fala português “com sotaque do Bronx”. Escreve impecavelmente sobre os problemas que o cercam. Dias atrás, publicou um de seus artigos caudalosos no Braudel Papers, publicação do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, que ele dirige. Para falar sobre o artigo, recebeu ÉPOCA em seu apartamento repleto de livros, fotos e arte popular do Nordeste.

ÉPOCA – No artigo Quem somos? Para onde vamos? Tudo bem?, o senhor diz que o Brasil está caindo num “atoleiro institucional”. O que isso significa?

Norman Gall – Os aspectos mais visíveis desse atoleiro são a decadência da infraestrutura, a corrupção endêmica, o parasitismo fiscal, a escalada para a inflação crônica, epidemias de violência, altos custos e rigidez institucional no mercado de trabalho e a produtividade estagnada.

ÉPOCA – Qual a origem desses múltiplos problemas?

Gall – A origem é simples: o Brasil não tem poupança para financiar seu próprio futuro. Por isso, investe pouco, e o investimento que se faz é falho. Muitos projetos de infraestrutura não são concluídos e se tornam mais uma forma de consumo. Não é que o consumo seja

ruim. O consumo é bom, até certo grau. Mas, quando o consumo derruba a gestão de uma sociedade complexa, ele conduz a um atoleiro institucional.

ÉPOCA – Isso não soa pessimista demais para descrever o Brasil dos últimos anos?

Gall – O Brasil conseguiu muito nas últimas décadas. Desde 1985, vive-se a melhor época da história do Brasil. O padrão de vida do povo tem melhorado muito. Uma geração atrás, os jovens não tinham as oportunidades de estudar que eles têm agora.

ÉPOCA – Por que, então, seu artigo soa tão pessimista?

Gall – Não sou pessimista quanto ao Brasil. Senão não estaria aqui hoje. O Brasil tem gente de talento, a gestão de empresas é muito boa. Falta uma cultura que acredite mais na poupança e no investimento do que no consumo. São leis de economia muito simples. Até 1800, não havia crescimento nas economias. Desde então, as economias ocidentais passaram a crescer pouco a pouco, até que isso se consolidou no final do século XIX. Agora, o crescimento econômico é tido como um dos direitos humanos. Mas o crescimento econômico não é herança. Tem de ser conquistado todos os dias e todos os anos. No artigo, cito um relatório do Banco Mundial que diz que o Brasil não é um país nem capitalista nem socialista, mas uma economia de transferências, em que todo mundo quer receber. Isso drena os recursos do País.

ÉPOCA – No artigo, o senhor diz que há uma singularidade no Brasil com as noções de tempo e espaço.

Gall – Sim, há tolerância ao fracasso do investimento público e da infraestrutura. Há tolerância ao fracasso do ensino público. Tolerância ao fracasso da Justiça. Neste grande triunfo que foi o julgamento do mensalão, demoraram oito anos para julgar um crime que escandalizou o povo. Estamos elogiando o Supremo, mas em outras Supremas Cortes os ministros não falam por cinco horas. Eles escrevem, soltam para a imprensa e acabou. Aqui se faz teatro, gasta-se muito tempo.

ÉPOCA – O senhor tem falado sobre o Peru. Lá é

diferente?

Gall – Sim, muito diferente. O Peru passou por traumas que o Brasil não passou: uma insurreição guerrilheira que custou a vida de 30 mil pessoas, hiperinflação nos anos 1990, epidemia de cólera, vários terremotos. Mesmo assim, o Peru tributa menos da metade do que o Brasil tributa, 18% do PIB. O Peru está acima do Brasil no Índice de Desenvolvimento Humano das Nações Unidas, consegue fazer obras públicas, e o povo está progredindo. Eles mantêm as contas fiscais em ordem. Não precisam da ganância que temos aqui para fazer progredir o povo. A América Latina se divide em dois campos. Há países moderados no trato do investimento, equilíbrio fiscal e relações comerciais. Esses países são Chile, Peru, Colômbia e México. Eles vão para frente. Os outros países, como Argentina e Venezuela, consumidos pelo populismo, não avançam.

ÉPOCA – O que garante que esses países não voltarão à situação anterior?

Gall – Nada está garantido, mas existem trajetórias. Todos os países populistas têm reeleição para presidente. Esses países que progredem, com exceção da Colômbia, não permitem a reeleição. Isso dá estabilidade. No Peru, os presidentes começam populares, mas terminam com um apoio entre 7% e 20%. Não terminam nas nuvens como Lula nem como está Dilma. Terminam mal, mas mantendo a política econômica. Isso salvou o Peru. Porque não havia reeleição.

ÉPOCA – O senhor diz que o Brasil está em cima do muro, mas o governo Dilma tomou medidas de austeridade...

Gall – Isso é para segurar a situação, para ela não cair mais nas pesquisas e ganhar a eleição. Falo de problemas estratégicos que Dilma não enfrenta. Essas medidas de agora são paliativas.

"O problema do Brasil é que não há liderança política, nem no governo nem na oposição"

ÉPOCA – O que o Brasil tem de fazer para evitar o desastre?

Gall – O Brasil tem de enfrentar seus problemas institucionais: a

falência do Judiciário, a falência da infraestrutura, a falência do ensino público. O Brasil precisa investir na capacitação do povo. Não tenho problema com o Bolsa Família, mas uma dependência generalizada é muito séria. Quando há funcionários públicos ganhando aposentadorias de R\$ 60 mil por mês e pessoas se aposentando aos 53 anos, o País não se sustenta.

ÉPOCA – No final de seu artigo, o senhor diz que o Brasil precisa de uma nova estratégia.

Gall – A nova estratégia para o Brasil envolve poupança, investimento e capacitação do povo pela educação. O Brasil tem 200 milhões de habitantes, uma extensão continental, precisa de gente capacitada para administrar isso tudo. Não se pode depender do socorro de médicos cubanos para cuidar da saúde. É preciso capacitar o povo. Se essa for a única bandeira de um governo, ele consegue.

ÉPOCA – Temos eleições neste ano. O senhor vê algum candidato capaz de fazer essa mudança estratégica?

Gall – Ainda não. Um dos problemas do Brasil é que não há oposição política. Os candidatos que querem ocupar o lugar de Dilma, o que dizem?

ÉPOCA – Eles criticam o governo e dizem que dá para melhorar a gestão.

Gall – Isso não é oposição política. Oposição tem de propor mudanças, colocar as coisas em outros termos, criar outros referenciais. Os candidatos da oposição estão de conversa mole com o País. A situação é urgente, o Brasil tem muito a perder pelos erros que comete agora.

ÉPOCA – Uma desculpa recorrente para nossos problemas é a necessidade de “governabilidade”...

Gall – Com liderança política, não há problema de governabilidade. O problema é que não há liderança política, nem no governo nem na oposição. Eu tinha esperança na Dilma, com fama de “gerentona”. Achava que ela nomearia um ministério de estrelas e faria coisas

REFLEXÕES VIII

importantes na saúde e na educação. Mas nomeou gente muito fraca, por causa das composições com os partidos. É um problema de liderança, não de governabilidade.

ÉPOCA – O senhor diz que os gastos públicos têm crescido muito. Haveria outro caminho, dado que boa parte desses gastos tem a ver com os anseios da sociedade?

Gall – O Brasil tem de cair na real. Os brasileiros trabalham, não são indolentes, mas é preciso dotar o governo de gente qualificada para administrar os programas de infraestrutura. Os projetos são mal desenhados, não terminam, são superfaturados. Isso tem de parar. É preciso elevar a qualidade da vida pública. Os protestos do ano passado diziam respeito à qualidade da vida pública.

ÉPOCA – O senhor acha que as manifestações de rua podem ser um impulso para essas mudanças?

Gall – Os protestos têm o potencial de se transformar em movimento cívico, algo muito importante. Você pode afastar as pessoas violentas e desenvolver com criatividade esse movimento. Há pessoas no Brasil com capacidade e convicções. Mas onde estão as lideranças? Por que não aparecem? O Brasil precisa de novas lideranças, precisa de novas estratégias. ●

Norman Gall

Por trás dos sistemas eleitorais

Carlos Eduardo Soares Gonçalves



Qual reforma política? Pois é, as eleições para presidente se aproximam e a disputa parece que vai ser acirrada. Não, não me dispus a escrever sobre as eleições de 2014 especificamente, por diversos motivos. Mais produtivo para o leitor e mais seguro para o escriba é discorrer sobre algo menos conjuntural: sistemas de governo e de eleição, ou, como dizem os cientistas políticos e economistas, "sistemas políticos comparados".

Espera aí: economistas também? Sim, sim, você leu bem, economista também dá pitaco nessa área. Pitaco, na verdade, é um termo ruim, pois há um bom número de economistas acadêmicos bem sérios trabalhando com temas de política, tanto em modelos de cunho teórico, como na parte mais aplicada, empírica. Vamos ao assunto.

Nas democracias, temos dois tipos de sistemas de governo: presidencialismo e parlamentarismo. Em um, você vota numa pessoa para governar por um número fixo de anos; no outro, você vota num partido. Os dados sugerem que o desempenho socioeconômico dos países que adotam o parlamentarismo é superior ao dos que adotam o presidencialismo. Mas isso, por incrível que possa parecer, não nos conta muita coisa sobre a eficácia relativa dos dois sistemas. O motivo é que os países com problemas crônicos de crescimento econômico e desenvolvimento social majoritariamente optam por sistemas presidencialistas de governo. A causalidade, em outros termos, parece ser a reversa.

A exceção que confirma a regra são, claro, os Estados Unidos: um país desenvolvido e presidencialista. Mas você terá dificuldades de achar outra nação presidencialista com renda por habitante alta, baixa mortalidade infantil, altos níveis educacionais, etc. Note bem

REFLEXÕES VIII

a natureza da dificuldade estatística aqui: se quase todos os países presidencialistas apresentam performance ruim, e quase todos os parlamentaristas têm performance boa, a comparação do desempenho dos dois sistemas é óbvia a ponto de ser pouco informativa. Mas não vou fugir de dar minha opinião: prefiro o parlamentarismo porque (i) esse sistema despersonaliza um pouco a relação eleitor-governante, ou seja, é um sistema que retira um pouco a vantagem comparativa desses absurdos e incansáveis messias-salvadores que abundam aqui pelos cantos da latino-américa; (ii) no parlamentarismo, o executivo tem, por definição, apoio majoritário no parlamento (ele é o parlamento), o que facilita a implantação do projeto político-econômico que saiu vencedor nas eleições (e quando o apoio da maioria desaparece, muda-se o governo).

Contudo, o corte sobre o qual temos mais evidência empírica de qualidade e que, além disso, julgo ser mais relevante para nosso debate atual aqui no Brasil, não é o do parlamentarismo vs. presidencialismo, e sim o do voto distrital vs. voto proporcional.

No sistema proporcional, a coisa funciona assim: eu, que moro em São Paulo, voto num candidato a deputado do meu Estado, que elege 70 deputados no total. Como são 70 vagas para o distrito eleitoral enorme de São Paulo, tem candidato que não acaba mais entrando na briga. Além disso, como a eleição é, geograficamente, feita no âmbito de todo o Estado, o deputado tem que tentar arrebatar voto desde Presidente Prudente até Santos (ficam bem longe um do outro).

O que isso implica? Várias coisas. Primeiro, dado que aparecem cerca de mil candidatos a deputado durante a campanha, a tarefa de escolher seu candidato preferido se complica, com muita poluição de nomes na telinha da TV. Segundo, a campanha fica cara demais, pois o candidato precisa percorrer o Estado inteiro, coisa que não sai barato. Isso, obviamente, tem consequências adversas: arranjos de caixa dois e outros ainda piores. Terceiro, o candidato do Estado é "difuso" demais. Se ele vem de Santos, o eleitor de Presidente Prudente está muito longe dele, nunca cruzou com ele na padaria, não conhece a tia dele, não sabe onde mora, enfim, tem mais

REFLEXÕES VIII

dificuldade de monitorá-lo e cobrá-lo. Quarto, as plataformas de campanha não são imunes ao tipo de sistema eleitoral. Como no proporcional a estratégia mais rentável é arrebancar o apoio de grupos que cruzam o espectro geográfico de todo o Estado, os políticos invariavelmente desenham suas propostas para agradar a grupos de interesse organizados: associações profissionais que se espalham por todo o Estado, aposentados (que estão dispersos através de todo o Estado) e outros grandes grupos. Mas o efeito colateral da política de agradar a grandes grupos é, invariavelmente, prejudicar o cidadão comum que não pertence a nenhum deles.

Mas não tem vantagens esse sistema? Com o voto proporcional, a grande vantagem que se colhe é a seguinte: melhor representação de grupos sociais, especialmente de minorias. Como nesse sistema a eleição engloba todo o Estado e são 70 vagas, em geral com 1% dos votos o cara se elege com folga. Num Estado onde reside uma minoria de pessoas azuis (apenas 1% do total) temente à intolerância racial dos restantes 99% de verdes, é interessante que esse 1% tenham acesso à representação política no Congresso. E se eles votarem no seu deputado azul, com 1% dos votos, ele é efetivamente eleito. Por isso, em países com grande fragmentação étnico-racial-religiosa, faz todo sentido que o sistema de eleição se baseie no voto proporcional.

Parece-me que a grande preferência dos cientistas políticos brasileiros – gente de altíssima qualidade, vale dizer – pelo sistema proporcional vem desse benefício claro em termos de maior representatividade.

No voto distrital, o preferido dos economistas, a história é bem diferente: São Paulo tem agora 70 distritos. E o político se candidata no âmbito geográfico de um distrito apenas, o de sua residência eleitoral, e ganha se tiver nesse distrito a maioria dos votos – o que é muito diferente do caso proporcional, em que os candidatos são ranqueados por votos recebidos em todo o Estado e saem eleitos os 70 mais bem votados (você não precisa ser preferido pela maioria para se eleger).

Note que a campanha fica bem mais restrita geograficamente no

REFLEXÕES VIII

caso do voto distrital. E, assim, torna-se bem mais barata. Além disso, o político eleito é alguém mais próximo do eleitor, porque vem do seu distrito de residência. Você o encontra na padaria, o vê andando na rua no sábado, sabe onde ele mora, conhece a mãe dele. Por esses motivos, você o monitora melhor, acompanha mais de perto seus acertos e desacertos. Não apenas isso, mas como só se elege quem tiver maior quantidade de votos no distrito, a quantidade de candidatos diminui e os nanicos fogem da disputa, pois a sabem infrutífera. Isso facilita o voto de qualidade, claro.

Adicionalmente, no caso do voto distrital, o político não tem mais aquele incentivo a zelar tão de perto pelos grandes grupos de interesse dispersos pelo Estado. Esses não são mais elementos-chave para que ele se eleja. O olhar do político volta-se mais para o cidadão comum, aquele que encontra na padaria.

Não tem custos? Tem um: os azuis nunca conseguem eleger seu representante. Ou melhor, até conseguem, mas, para isso, seria necessário que todos morassem bem próximos, concentrados num mesmo distrito geográfico, o que não parece algo ideal.

OK, e o que dizem os dados? Mostram que, em regimes distritais, a corrupção política é menor e algumas modalidades de gasto público – aquelas voltadas para grandes grupos organizados – pesam menos no orçamento do governo. E que, nos sistemas proporcionais, vale o oposto: mais corrupção e mais gastos voltados a grupos de interesse. Para ser mais preciso, esse efeito de corrupção mais alta é estatisticamente discernível e bem relevante no caso do voto proporcional em lista fechada. Esse arranjo, sim, é para lá de problemático: com lista fechada, você não vota no candidato, mas numa lista apresentada pelos dirigentes do partido. Ora, nesse caso, os incentivos dos candidatos são desviados na direção errada: eles precisam ser minimamente bem-vistos pelo eleitorado, claro, mas precisam também agradar os dirigentes do partido. O que nós, eleitores, ganhamos com isso? Nada, obviamente. Na hora de decidir como votar, que ação tomar, o ideal é que o foco seja no bem-estar que essa tomada de decisão gera sobre o eleitor, não sobre o dirigente do partido. Tem-se falado muito em reforma política no Brasil e, em geral, as propostas apresentadas contêm

REFLEXÕES VIII

apenas elementos que prejudicam os eleitores: voto em lista fechada e financiamento público de campanha (leia-se, com mais do seu imposto). No país da corrupção e dos gastos que não param de crescer, do que precisamos é do voto distrital. ●

Carlos Eduardo Soares Gonçalves: professor titular de economia da FEA-USP e autor de *Economia Sem Truques e Sob a Lupa do Economista*.
Artigo publicado no jornal *Valor Econômico* no dia 15 de agosto de 2014

Novidade faisandé⁴⁰

Roberto Romano



Em sabatina realizada esta semana um candidato à Presidência da República, que se apresenta como arauto do novo na política, justificou suas alianças com políticos regionais retrógrados. Ele afirmou, sem titubear, ser preciso atingir o domínio do poder central que alimenta os mesmos coronéis para... acabar com os oligarcas! O enunciado doura a velha pílula distribuída a mancheias em eleições majoritárias do Brasil. Nada foi dito pelo candidato sobre o preço a ser pago aos velhos políticos pelo apoio recebido. A fuga, na campanha, de temas polêmicos em termos éticos, como no caso do aborto, é um verdadeiro *lip service*⁴¹ aos vetustos⁴² donos de votos. Modo geral, todos os itens dos debates que exigem firmeza e competência são afastados pelos candidatos, para não perder nas urnas. Temos aí o nó górdio do presidencialismo brasileiro. A vagueza dos programas de governo, requentados e postos ao dispor da Justiça Eleitoral, vem da ausência de ideologia, doutrina, política consistente, o que gera acertos esdrúxulos como os defendidos pelo candidato sob a capa do “realismo”. O exemplo torna evidente a crise de legitimidade que corrói o Estado brasileiro. A hipertrofia do Executivo federal é paga com trocas de cargos, atraso, controle dos eleitores, venalidade⁴³ parlamentar, olhos cegos da Justiça.

⁴⁰ **Faisandé:** que começa a entrar em decomposição (diz-se de carne, esp. de caça).

⁴¹ **Lip Service:** juramento falso.

⁴² **Vetusto:** de idade muito avançada; antigo, velho.

⁴³ **Venalidade:** natureza ou qualidade do funcionário público que exige ou aceita vantagens pecuniárias indevidas no exercício de seu cargo.

REFLEXÕES VIII

Nossa desordem institucional segue a ampla crise do Estado no âmbito planetário. A máquina de governar, firmada nos séculos XVI e XVII na Europa, mostra claros sinais de exaustão. Tomemos os famosos monopólios do Estado expostos por Max Weber. Durante séculos, os engenheiros do poder civil tentaram impor aqueles monopólios usando a mentira (*a raison d'État*⁴⁴), a dissimulação, o segredo, a força desabrida contra os direitos da cidadania. Hoje, mesmo para Estados poderosos, é difícil a imposição legítima da força física (na polícia e na guerra). Finanças predatórias impedem arrecadar o suficiente para manter políticas públicas (saúde, educação, lazer, ciência e tecnologia). Quadrilhas ligadas ao comércio de drogas, tráfico de escravos, prostituição lavam dinheiro e desafiam sistemas penais. Até o Vaticano precisou suspender a nada santa lavanderia nele instalada, como muitos governos laicos. Os monopólios da força física, da norma jurídica e da captação dos impostos são ineficientes para atender às necessidades de uma população planetária que migrou para as grandes cidades.

Políticas públicas exigem grandes recursos humanos e financeiros. Impossível garantir o controle urbano e dos elementos (solo, água, ar, por exemplo) sem gastos estratosféricos em formação de pessoas especializadas, laboratórios, máquinas. A ciência e a técnica precisam mover recursos em escala macrológica⁴⁵ para atingir em parte os objetivos de fornecer água, energia elétrica, comunicação social, saúde pública, esgotos, vias públicas, empregos. A previdência social resume todos esses aspectos, pois deve garantir o futuro do idoso em ambiente urbano, inseguro, ameaçado por epidemias.

Apenas um exemplo: a Darpa (Defense Advanced Research Projects Agency) dos EUA recebia há tempos cerca de US\$ 3 bilhões para aplicar em pesquisa universitária sobre pontos vitais, como serviços e investigações médicas. Hoje, seu orçamento cresceu, mas o incentivo monetário, naquele país, é bem maior no campo da

⁴⁴ ***Raison d'État***: razão de estado.

⁴⁵ ***Macrologia***: prolixidade no discurso ou no estilo.

REFLEXÕES VIII

defesa: em 1990, apenas em fundos “secretos” (que garantem a espionagem e outros itens da segurança nacional), o estimado pelos especialistas era de US\$ 30 bilhões. Para manter o caixa em situação precária, naquele país ocorre uma guerra perene entre Executivo e Legislativo, guerra que se amplia ao plano da saúde pública, educacional, etc. Mesmo com eficaz política de taxaço, a crise de 2008 abalou a economia e a ordem nacional. Municípios antes prósperos, como Detroit, encontram-se à beira da falência. Algo similar ocorre na Europa: a França, a Inglaterra e a Alemanha enfrentam de maneiras diferentes os desafios de manter políticas públicas estáveis. Outras nações, como a Espanha, a Itália e a Grécia sofrem uma tempestade no plano fiscal e cortam direitos sociais antes garantidos.

Se voltarmos os olhos ao Brasil, percebemos a fenda aberta diante da sociedade e dos poderes públicos. Quase atingindo a cifra de 200 milhões de habitantes, não possuímos meios para lhes garantir as condições básicas de existência moderna. O gasto nacional em ciência e tecnologia é de 1,74% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto nos EUA, China e Japão é de 3% a 4%. O sr. Luiz Inácio da Silva afirmou que, ao final do seu primeiro mandato, a aplicação em ciência e tecnologia seria de 4% do PIB. A desmesura⁴⁶ da promessa mostra que os problemas mais prementes são tratados com superficialidade pelos partidos e líderes políticos.

Sem ciência e técnica proporcionais ao tamanho de nossa população urbana, impossível propor ações que garantam direitos estáveis à cidadania. Num país em que cerca de 60% das coletividades não têm água e esgoto dignos do nome, é clara a camuflagem dos problemas operada pelos programas de governo, não só dos que habitam hoje os palácios como das oposições.

Daí a retórica oca que fala em “mais novidade” e do “novo na política” e silencia sobre os meios e recursos a serem movidos para se estabelecer ou ampliar a infraestrutura necessária à técnica, à mobilidade urbana, etc. O palavrório da propaganda, em todos os

⁴⁶ **Desmesura:** falta de mesura, de delicadeza; descortesia, desatenção.

REFLEXÕES VIII

partidos de grande porte, cala os projetos sérios nas políticas públicas.

No que diz respeito à garrulice⁴⁷ sobre o “novo”, Joe Klein, abalizado analista da propaganda e dos fatos eleitorais nos EUA, mostra que o truque de alardear a superioridade de uma candidatura surgiu com o gasto e conservador Richard Nixon em 1968. Como fazer votar numa pessoa que, diziam seus adversários democratas, não era fiável sequer para garantir a qualidade de um carro usado? Fácil: os marqueteiros idealizaram um “new Nixon” ao gosto do mercado. O truque deu certo, o que levou Daniel Boorstin a escrever (no livro *The Image*) que líderes inventados pelo *marketing* são “uma nova categoria do vazio”. A mágica de renovar o carcomido, no Brasil de hoje, é usada servilmente e causou a coincidência entre a “nova” candidatura oficial e as “novas” candidaturas oposicionistas, que se ocupam em preservar “o que está bom” sem ousar dizer o quê.

Outros exemplos de cópia canhestra do *marketing* político norte-americano pela propaganda brasileira podem ser rastreados no livro de Joe Klein *Politics Lost – From RFK to W: How Politicians Have Become Less Courageous and more Interested in Keeping Power than in Doing what’s Right for America*.

Nossa história escancara o controle férreo das províncias, depois Estados, pelo poder central. É como se as regiões, sobretudo as que se levantaram em armas (Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará, Bahia, São Paulo, para recordar apenas algumas), fossem submetidas ao butim⁴⁸ permanente dos que dirigem o todo nacional. Resulta que a nossa “federação” concede pouquíssima autonomia aos Estados e municípios, em todas as políticas públicas. A partir de Brasília, regras uniformes determinam até os detalhes da ordem nacional. Do Oiapoque ao Chuí há uma uniformização gigantesca que obriga os poderes regionais a se pautar pelo tempo longo da enorme burocracia federativa, perdendo tempo precioso para o experimento e modificações das políticas públicas em plano

⁴⁷ **Garrulice:** hábito de muito falar, de tagarelar; loquacidade, tagarelice.

⁴⁸ **Butim:** produto de roubo ou de pilhagem.

REFLEXÕES VIII

local.

Em outras federações, como a norte-americana, vigoram leis diversas nos setores penais, educacionais tecnológicos. No Brasil, a mão de ferro da Presidência controla, dirige, pune e premia os Estados, segundo sustentem os interesses dos ocupantes temporários do Planalto. Nesse controle, os vetustos oligarcas regionais surgem como operadores de face dupla: servem para trazer os planos do poder central aos Estados e para levar ao mesmo poder as aspirações de Estados e municípios. O lugar onde ocorrem as negociações entre os dois níveis (central e estadual) normalmente é o Congresso. Ali, Presidência e ministérios buscam apoio a seus alvos, inclusive e, sobretudo, na proposição de leis. É impossível conseguir recursos orçamentários sem as “negociações”. Assim, os planos de inclusão social e democratização societária patinam na enorme lama do “grande Brasil”, enquanto as unidades federadas aguardam as “providências” de uma burocracia lenta, incapaz de entender os vários ritmos e formas de vida e pensamento regionais.

No âmbito fiscal, a concentração de poderes deixa Estados e municípios à mingua. Verbas provenientes de impostos ou a eles ligadas, como no caso das exportações, não são repassadas às unidades menores ou não são repassadas em tempo certo, permanecendo nos ministérios econômicos.

Governadores e prefeitos são reduzidos à mendicância junto ao poder central. É praticamente impossível democratizar a sociedade sem a efetiva federalização do Brasil.

Testemunhamos, todos os anos, a caminhada de prefeitos do país inteiro rumo ao Congresso para reclamar recursos, autonomia, modificações em leis eleitorais e de estruturas burocráticas. Enquanto tal situação permanecer, a fábrica de manobras corruptas (nas duas pontas, nos municípios e na capital da República) estará em pleno funcionamento. Uma Presidência limitada no tempo tenta pressionar o Legislativo para que ele emita leis favoráveis às pretensões do Executivo. De modo idêntico, vêm as pressões sobre o Judiciário para que reconheça a legitimidade das mesmas leis.

Os compromissos com a república dos coronéis diminuem o ímpeto

REFLEXÕES VIII

do planejamento sóbrio, da chamada às competências técnicas, do diálogo efetivo com os eleitores. As linhas frouxas dos programas partidários tocam superficialmente nas reformas (outro mantra que se repete há pelo menos 50 anos) necessárias. Fala-se em reforma política sem tocar na atual estrutura dos partidos: oligarquizada, nada receptiva para com os eleitores da base, pois consultas aos votantes dos partidos deixaram de existir e jamais tivemos eleições primárias entre nós. O caixa do fundo partidário e os programas televisivos são propriedades dos dirigentes, ninguém é candidato sem o *baciamano*⁴⁹ e a bênção dos donos de partido, que permanecem nas direções *ad eternum*. Tais posseiros da política mandam nos partidos, mesmo quando presos por sentença do STF. Falar em reforma sem democratizar as agremiações é puro escárnio.

Para atender os financiadores de campanha, nenhum problema grave da economia, do urbanismo, dos transportes é tratado nos programas com rigor e profundidade. Para agradar às massas, nenhum tema controverso é discutido. A ladainha entoada por todas as candidaturas importantes vem do Poliana: tudo será róseo, se formos eleitos. Lembrem o Fura-Fila, que ajudou um prefeito complicado a vencer eleições para a Prefeitura de São Paulo? Agora, o canto das sereias é ainda mais onírico⁵⁰, mais mentiroso, mais lesivo aos interesses do País.

É preciso apurar as noções de democracia, de união federal, sociedade livre, etc., se quisermos pensar o Brasil. Aqui, o modo de unir os Estados tem pouco de “federalismo”. Segundo a jurista Anna Gamber, “o federalismo combina o princípio da unidade e da diversidade. As partes constituintes devem ter poderes próprios e devem ser admitidas a participar do nível federal”. Mas Brasília controla os Estados, para que sustentem os interesses de quem ocupa a Presidência. As oligarquias regionais trazem os planos do Executivo nacional aos Estados e levam ao mesmo poder as pautas das regiões.

⁴⁹ **Baciamano**: beija-mão.

⁵⁰ **Onírico**: que diz respeito a ou tem o caráter, a natureza de sonhos.

REFLEXÕES VIII

Voltemos às alianças defendidas pelo “novo” candidato à Presidência (ele não é único a advogar tais acertos com velhos oligarcas): é no mercado entre candidaturas e coronéis que se evidencia o atraso do Estado brasileiro. Defender estratégias fundamentadas em acordos com políticos ultrapassados é propor ao eleitor um oximoro⁵¹ conhecido, o de uma “novidade *faisandé*”, que cheira mal. Assim, os “programas de governo” exalam populismo sem descer aos problemas concretos do mundo e da nossa terra. Os candidatos e partidos sabem que a urna, por enquanto, é apenas a licença concedida para o arbítrio. Os príncipes absolutistas não precisam prestar contas a ninguém. Pior para a saúde, a educação, a segurança, os bolsos da cidadania. ●

Roberto Romano: filósofo e professor de ética na Unicamp.

Artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo no dia 20 de julho de 2014

⁵¹ **Oximoro:** figura em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão (p.ex.: obscura claridade, música silenciosa); paradoxismo.

O quarto candidato competitivo

Alberto Carlos Almeida



É injusto que seja feito o perfil de somente três candidatos a presidente competitivos quando o titular desta coluna, Alberto Carlos Almeida, também é candidato a presidente. É bem verdade que se trata de um candidato fictício, mas que tem sua biografia. Talvez não tão invejável quanto as de Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) e

Eduardo Campos (PSB), mas suficiente para, com o devido apoio de Lula, disputar o segundo turno com pelo menos 30% dos votos.

Brincadeiras à parte, o Instituto Análise fez uma pesquisa nacional, na qual oferece duas opções para o segundo turno. De um lado, Alberto Almeida com o apoio de Lula; de outro, Aécio. O candidato de Lula alcança 30% dos votos nacionais. Para bom entendedor, meia palavra basta. Ao colocar em uma simulação de voto nacional o nome de um desconhecido, o que na verdade está sendo avaliado é qual o mínimo de votos que um candidato do PT teria na eleição presidencial. Foi meu nome, mas poderia ter sido o nome de qualquer um de nós, leitor ou colunista do Valor, assinante do jornal ou alguém que o compra em banca. Qualquer que fosse o candidato, ele teria, para começar, 30% dos votos nacionais.



Essa mesma conclusão pode ser reescrita: o PT tem 30% de votos certos na eleição presidencial. Mencionar que Lula apoia determinado candidato a presidente é o mesmo que afirmar que aquele candidato é do PT. Lula é mais conhecido e mais aceito do que o PT, e representa como ninguém o partido que fundou. Mencionar Lula é o mesmo que utilizar o assim chamado atalho de

REFLEXÕES VIII

comunicação: em vez de fornecer explicações longas e intermináveis de que este ou aquele candidato é do PT, e que este é o partido que vem governando o País nos últimos 12 anos e que é responsável pela adoção de muitas políticas públicas de redistribuição de renda, em vez de se falar tudo isso, apenas se diz que fulano é o candidato de Lula.

No outro lado do espectro político há 30% de eleitores que não votam no PT de jeito nenhum. Na eleição de 2010, Lula tinha 80% de ótimo e bom, mas Serra teve no primeiro turno mais de 30% de votos válidos. Muitos eleitores que avaliavam de forma positiva o PT não votaram em Dilma. Fizeram isso porque são antipetistas.

O Brasil é assim: há dois pilares muito sólidos da opinião pública. Há os 30% de esquerda, que são simpáticos à maior presença do governo na economia, que acreditam que as desigualdades são resultado mais das condições sociais do que da preguiça ou de qualquer outra característica individual, que preferem políticas que reduzam a desigualdade. Há os 30% de direita, que defendem que a presença do Estado na economia seja reduzida, creem que as desigualdades de renda são preponderantemente resultado das diferenças entre os indivíduos e por isso apoiam políticas que resultem em maior eficiência da economia. Não há lado certo ou errado, simplesmente, existem e, certamente, jamais deixarão de existir. É assim no Brasil, é assim nos Estados Unidos, é assim na Alemanha e em vários outros países do mundo. No caso do Brasil, os dois lados estão muito bem representados na eleição presidencial. Estão muito bem expressos pelo alcance nacional das votações do PT e do PSDB.

Há muitos críticos de inúmeras características do nosso País que esquecem completamente de nossas virtudes. Eis uma delas: a estruturação da opinião pública e do voto para presidente em torno de dois pilares claros. É muito bom para nosso sistema político que haja votos certos para o PT e votos certos para o PSDB; no que depende da preferência dos eleitores, a existência de ambos está assegurada. Os eleitores de centro são os que decidem a eleição, são eles que mudam de lado, são eles que em uma eleição votam no PSDB e na outra escolhem o PT. Mas os votos certos são os que

REFLEXÕES VIII

conferem estruturação à disputa nacional. Sem os votos certos, não haveria referência institucional em longo prazo para nós. Aliás, somos nós, eleitores, que, em interação com os partidos, criamos essa referência.

Os votos certos do PT não estão distribuídos uniformemente no Brasil. Quando meu nome com o apoio de Lula é submetido à votação em segundo turno, 60% do eleitorado do Nordeste votam em mim, e os demais 40% ou votam na oposição ou não têm candidato (indecisos, votos brancos, nulos e aqueles que não respondem à pergunta). Na região Norte, os votos certos do PT caem para 36%; no Sudeste, a proporção é 25%; no Sul, 16%; no Centro-Oeste, 17%. No que diz respeito à escolaridade, 51% daqueles que não têm nenhum grau formal completo votam com certeza no candidato do PT a presidente. A proporção cai para 34% entre os que completaram o primário; 30% para quem tem o ensino fundamental completo; 26% para os que concluíram o ensino médio; 21% para os que têm diploma universitário. Esse resultado derruba uma crença estabelecida em alguns segmentos, de que o voto do PT é muito forte, por exemplo, na zona Sul do Rio. Nada disso. Lá, os que têm o grau superior completo são majoritários e isso faz com que o antipetismo seja predominante.

Escolaridade está relacionada com classe social. Justamente por isso, no mínimo 54% daqueles que formam as classes D e E votam no candidato do PT. A proporção é de 31% na classe C, 22% na classe B e 31% na classe A. Por fim, quase 60% dos que avaliam o atual governo como ótimo e bom são votos certos do candidato a presidente do PT. A proporção cai para 43% de quem avalia o governo como regular para bom, é de somente 13% junto aos que o consideram regular para ruim, 10% de quem julga o governo ruim e somente 5% de quem considera o governo péssimo. É interessante notar que há muito pouca diferença entre os votos certos do PT quando a avaliação é regular para ruim, ruim e péssimo.

Esse é o perfil do núcleo duro do voto no PT. Pode-se afirmar que a campanha de Dilma deve gastar o mínimo de tempo, energia e recursos para persuadir esse eleitor a votar nela.

REFLEXÕES VIII

Ora, como foi visto, este é um eleitor que vota em qualquer candidato que seja do PT. Por outro lado, quando se tratar do eleitor certo do PSDB, é a campanha de Aécio que deve gastar o mínimo de recursos para persuadi-lo.

O Brasil é um grande país de centro. O voto popular nas eleições presidenciais americanas confere vantagem muito mais apertada ao vencedor do que no Brasil. Lula derrotou Alckmin em 2006 e Serra em 2010 com uma vantagem de aproximadamente 20 pontos percentuais. Nos Estados Unidos, isso jamais aconteceu. Lá não há segundo turno, mas o sistema funciona como se a eleição, por haver somente dois partidos competitivos, já fosse uma eleição de segundo turno. Em todas as eleições recentes nos Estados Unidos, nunca um candidato derrotou outro com vantagem tão folgada. Foi justamente por isso que eles desenvolveram o *microtargeting*.

As campanhas utilizam o *microtargeting* porque têm que levar para votar grupos muito específicos de eleitores. Como a eleição é apertada no voto popular, qualquer ponto porcentual faz enorme diferença; é o que define nada mais nada menos do que vencer ou perder. Como no Brasil o eleitor de centro atinge em torno de 40% do eleitorado, não é necessário o *microtargeting*. Aqui é mais do que suficiente o *meso* ou o *macrotargeting*. É exatamente isso que fazem os candidatos.

É bastante provável que, na eleição deste ano, a distância entre vencedor e perdedor seja das menores. Em 2010, Dilma abriu vantagem de 12 pontos percentuais sobre Serra no segundo turno. Dificilmente isso se repetirá. Não porque a proporção de eleitores de centro é hoje menor do que foi há quatro anos, mas sim porque esse segmento está mais dividido. Há quatro anos, a avaliação do governo Lula, na soma de ótimo e bom, era maior do que hoje. Naquele ano, o crescimento foi de 7,5% e, por isso, a sensação térmica que os eleitores tinham da economia era das melhores. Isso fez com que os eleitores de centro preferissem em maior proporção Dilma ao candidato de oposição.

Em 2014, o eleitor de centro está bastante dividido. Isso significa que o esforço das campanhas de Dilma e Aécio para persuadi-lo a

REFLEXÕES VIII

votar em suas respectivas candidaturas terá de ser ainda maior. ●

Alberto Carlos Almeida: sociólogo, é diretor do Instituto Análise e autor de A Cabeça do Brasileiro.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

LUIZ BIANCHI

No tanque de caranguejos

Eduardo Campos



No início dos anos 1980, a Rua do Chacon era quase toda de terra. O asfalto só passava na avenida do quartel, onde, em 1964, o líder comunista Gregório Bezerra foi exibido como troféu depois de arrastado pelas ruas do Recife. Até o século XIX por lá veraneavam famílias da aristocracia pernambucana, mas, naqueles anos, o bairro de Casa Forte já tinha sido ocupado pela classe média.

No fim da rua, avizinhando-se dos casebres que beiravam o rio Capibaribe, restava uma das poucas chácaras daquele período, o solar azulejado do escritor Ariano Suassuna. Em frente, ficava a casa mais miúda de Maximiano Campos. Ao lado desta, Miguel Arraes ergueria sua morada ao voltar do exílio.



A rua, agora calçada, é arrematada por um parque que margeia o rio. Ariano morou ali até morrer, em julho. Foi ali que o filho de Maximiano, Eduardo Campos, passou parte da infância e da adolescência. O pai trabalhava na Fundação Joaquim Nabuco, escrevia livros e era amigo de intelectuais e artistas de Pernambuco. De sua casa para a de Ariano transitava a geração espremida entre o golpe e a abertura que se via no berço reprimido da nação.

Foi num fim de tarde de maio, na sala do apartamento de três quartos alugado em Moema, na zona sul de São Paulo, que Eduardo falou de sua vida na Rua do Chacon. "Meu pai era um bom contador de histórias, mas era muito fechado. Meu avô só era tímido para quem o via de fora. Carregava a desconfiança de quem tinha vindo do sertão, mas se estivesse num lugar à vontade falava num timbre para todo mundo ouvir, dava gargalhadas e contava histórias."

REFLEXÕES VIII

Criado no meio de escritores, educado no Instituto Capibaribe e no Colégio Contato, escolas laicas e liberais, Eduardo hesita em nomear o livro mais importante para sua formação. "São muitos. José Lins do Rego, Graciliano, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha. Vão te dando ciência dos vários Brasis."

Na insistência, saem dois de Graciliano Ramos. Não escolhe os que o consagraram na ficção, mas *Infância* e *Memórias do Cárcere*, que revelaram a criança surrada pelos pais e o prisioneiro de Getúlio Vargas.

Aos 21 anos, foi trabalhar no gabinete do avô: "Dizia com mais naturalidade coisas que outras pessoas não conseguiam dizer"

A praia do filho do escritor era a política. "Gostava do ambiente, do debate sobre literatura, arte e música, mas eu não fazia poesia, não escrevia conto. Fui dar palpite quando comecei a ler Celso Furtado e *Veias Abertas da América Latina* [Eduardo Galeano]. Era aquilo que eu queria." Foi aí que a Rua do Chacon ganhou um novo morador. Com o fim do exílio, o eixo da família se deslocou. Eduardo cruzou o portão para a casa do avô.

Recém-formado em direito, Maximiano arriscava-se na poesia quando conheceu Ana Arraes, em 1963. O casamento ocorreu na capela da Base Aérea. Arraes estava preso, desde o dia seguinte ao golpe, em Fernando de Noronha, e o comando do IV Exército havia restringido a presença do governador deposto a instalações militares.

Ana descobriria que, do aborto natural de uma gravidez gemelar, restava um feto vivo. O pai seguiria para o exílio na Argélia em junho de 1965, dois meses antes do nascimento de Eduardo Henrique Accioly Campos, o primeiro neto. A família já estava reunida em Argel quando a Justiça Militar condenou Arraes à pena



REFLEXÕES VIII

de 23 anos por subversão.

Desde o exílio, Arraes previra as dificuldades de voltar para o palácio do qual havia sido apeado. O que sobrara da esquerda em Pernambuco tinha se aglutinado em torno de jovens e aguerridas lideranças. Antes de se engajar nas campanhas do avô, Eduardo havia sido eleito, numa disputa sem adversários, para presidir o diretório acadêmico da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Pernambuco. Ali começou a se formar o grupo que, alocado em postos-chave no governo, no PSB e no Tribunal de Contas do Estado, acompanharia Eduardo na política até hoje.

Caloura de economia na mesma faculdade, Renata de Andrade Lima se incorporou ao grupo, mas fazia tempo que frequentava a Rua do Chacon. Filha do clínico da família de Eduardo, Renata o conheceu criança ainda, na casa de Ariano Suassuna, de quem era sobrinha. Cresceram frequentando os mesmos comícios.

O casamento foi em 1991, depois da eleição de Eduardo para seu primeiro mandato de deputado estadual. A primeira filha, Maria Eduarda, nasceu no ano seguinte. Depois vieram João Henrique, Pedro Henrique e José Henrique. Em fevereiro, nasceu Miguel, o quinto filho, portador de síndrome de Down.

Com o mensalão, Eduardo diz que aprendeu, no meio da crise, que "tem que falar com o povo, não pode deixar que os outros falem"

Dois anos mais nova que Eduardo, cabelos grisalhos, Renata é funcionária concursada do Tribunal de Contas do Estado. Criou os filhos em meio a campanhas e governos do marido, de quem pouco se afasta. Moram, desde que se casaram, numa casa construída no quintal do pai de Renata. Na declaração de bens entregue ao TSE, a casa está avaliada em R\$ 142 mil, um quarto do patrimônio declarado.

A primeira campanha do avô em que Eduardo de fato se engajou foi a do governo do Estado em 1986. Tinha 20 anos e acabara de se formar. O brasilianista Werner Baer, da Universidade de Illinois, convidou o laureado da turma. Eduardo balançou, mas optou pelo gabinete do avô.

REFLEXÕES VIII

Em pouco tempo, Eduardo assumia a chefia de gabinete. O perfil "primeiro a chegar, último a sair" começava a ser construído. Eduardo não havia nascido quando o avô foi governador pela primeira vez e tinha 21 anos quando ele voltou ao Palácio do Campo das Princesas. "O fato de eu ser muito novo e não ter maturidade me tirava os freios na conversa com ele. Dizia com mais naturalidade coisas que outras pessoas não conseguiam dizer."

Tinha 30 anos quando assumiu a Secretaria da Fazenda, no terceiro governo do avô. Em 1994, Arraes foi o único de oposição a liquidar a fatura no primeiro turno na eleição do **Plano Real**. A nova moeda tinha fechado a torneira da Federação. As operações de refinanciamento de dívidas passaram a exigir que os governadores abrissem mão de suas estatais. Arraes resistia.

Uma lei estadual amparava a ideia de emitir títulos públicos "prioritariamente", e não "exclusivamente", para o pagamento de dívidas judiciais. Foi por essa brecha, avalizada por Senado, **Banco Central** e Tribunal de Contas, que o governo se valeu de precatórios para seu custeio. Antes de chegar ao caixa do Estado, o dinheiro irrigou de pequenas corretoras a grandes bancos que montaram a operação e uma rede de intermediários que dela se beneficiou.

A operação foi alvo de uma CPI. Como não havia assinatura de Arraes nos documentos, a investigação recaiu sobre o secretário da Fazenda. Às vésperas da eleição de 1998, Arraes e Eduardo seriam denunciados pelo procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, primo de Marco Maciel. Depois de longa batalha judicial, ambos seriam absolvidos pelos tribunais superiores, mas purgariam em arena eleitoral invadida por inquérito. "Com meu avô de 80 anos, que só tinha como patrimônio a dignidade, debaixo de um cerco político daquele, eu só podia assumir uma atitude, a de jogar o corpo para protegê-lo. O tempo nos deu a possibilidade de mostrar quem estava certo, mas foi muito duro. Se eu tivesse feito alguma coisa errada, não teria suportado", diz.

Numa campanha em que as entradas da oposição no horário eleitoral gratuito na TV abriam e fechavam com os precatórios, Jarbas Vasconcelos amealhou 1,8 milhão votos. E Arraes, que nunca

REFLEXÕES VIII

havia sido batido numa eleição majoritária, teve uma derrota que valeria por toda a vida, com 744.280 votos. Não houve cerimônia de transmissão do cargo. Arraes chorava ao deixar o Palácio pela última vez.

Naquele ano, Eduardo foi o deputado federal mais votado no estado. Reconstruía sua carreira das cinzas do arraesismo. O voo era baixo, mas a ave já tinha começado a arrição. Lula se elegera presidente da República. Antes de tomar posse, passou por Recife e chamou Arraes para acompanhá-lo numa viagem a Caetés, cidade do agreste pernambucano onde havia nascido. Eduardo conhecia Lula desde menino. O líder metalúrgico, que se preparava para lançar o PT, foi a Pernambuco participar do comício da volta de Arraes do exílio.

"Quando Lula passou por Recife, a caminho de Caetés, meu avô não quis ir, mas eu fui." Dali em diante, ficariam cada vez mais próximos. Eduardo virou líder do PSB e, nessa condição, trabalhou pela aprovação da reforma da Previdência. "Botei a cara, fui pra cima num momento em que tinha um monte de gente vacilando no próprio PT."

Tomou posse na pasta da Ciência e Tecnologia em 2004 e logo arrancou do Congresso a Lei de Inovação, que tirou a relação entre institutos de pesquisa e empresas da esfera da Lei de Licitações. No ministério, esteve mais próximo do colega da Agricultura, Roberto Rodrigues, ao lado de quem enfrentou embates como o da soja transgênica, do que da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, com quem viria a compor sua candidatura à Presidência em 2014.

Durante a investigação do mensalão, ajudou a alinhar o cordão sanitário em defesa de Lula. Eduardo voltaria ao Congresso na expectativa de usar sua quilometragem de crise, mas o alvo tinha mais rodagem naquela estrada: "Aprendi ali que no meio da crise tem que falar com o povo, não pode deixar que os outros falem".

Saiu de lá para disputar o governo de Pernambuco em 2006, quando derrotaria o grupo que havia tirado seu avô do governo. Desde o discurso de posse, deixou claro que não se vingaria dos embates do passado. Atrairia, um por um, seus adversários, de Severino Cavalcanti a Jarbas Vasconcelos. Todos, à sombra do

REFLEXÕES VIII

eduardismo, se desidratariam.

No auge de seu governo, chegou a ter 45 dos 49 deputados da Assembleia Legislativa. Uma velha anedota local ensina a diferenciar, num tanque de caranguejos, que o dialeto local chama de "caritó", qual é o pernambucano – aquele que puxa o que vai subindo. Durante algum tempo Eduardo foi capaz de manter a política pernambucana num caritó em que ninguém o puxava para baixo.

Questionado se o empenho pela eleição da mãe para o TCU havia sido um erro, Eduardo faz um longo preâmbulo para concluir: “Se o tempo voltasse, acho que talvez ela nem fosse candidata”

Eduardo tratou de manter azeitadas suas relações com Lula. Pernambuco receberia mais investimentos públicos naqueles quatro anos do que em qualquer período de sua história. Programas do avô, como o "chapéu de palha", que contratava para obras públicas boias-frias na entressafra da cana, proviam colchão para as famílias mais pobres, mas não dinamizariam a economia do Estado. Eduardo almejava investimentos de maior vulto, como aqueles que, nos anos 1970, tinham feito a Bahia liderar a economia da região.

A ordem fiscal da nova moeda exigia que se fizesse mais com menos. A economia, para ganhar produtividade, reclamava mais eficiência na gestão pública. Pernambuco foi o Estado de adesão mais incondicional às ferramentas de aferição de resultados do Movimento Brasil Competitivo. Nos fóruns empresariais e financeiros, Jorge Gerdau virou garoto-propaganda de Eduardo.

Pernambuco foi a primeira unidade da Federação a aprovar uma lei que proíbe a nomeação de parentes até terceiro grau do primeiro escalão do governo. O texto, no entanto, não impede que parentes servidores públicos venham a ser nomeados para postos comissionados. Foi nessa brecha que muitos cargos de confiança no Estado ganharam incontestável literalidade.

A primeira área a entrar nas planilhas de Gerdau foi a segurança pública. Em 2006, antes da posse de Eduardo, Pernambuco era líder nacional em número de homicídios. Em 2010, último ano do

REFLEXÕES VIII

seu primeiro mandato, o Estado havia caído para o quarto lugar. O Nordeste passou a ter crescimento econômico chinês e violência afegã, mas Pernambuco foi o único Estado da região a reduzir homicídios.

O programa de escolas em tempo integral do governo Jarbas Vasconcelos foi mantido e os meninos armados de cacos de vidro nos semáforos começaram a escassear. O estado atingiu todas as metas estabelecidas pelo MEC para a educação básica, mas avançou menos (3,7%) que o Ceará dos irmãos Ciro e Cid Gomes (13,4%) no número de concluintes do ensino médio, fatia da escolaridade sob o guarda-chuva dos governadores. Ultrapassou a média nacional no avanço do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mas caiu de 15^o para 19^o lugar no *ranking*, entre 2000 e 2010, que englobou seu primeiro mandato.

Ao deixar o governo, entregou os três hospitais que prometera, mas o último dado oficial da oferta pública de leitos, em 2012, mostra que no Estado, a exemplo do que acontece no resto do País, o indicador se reduz na mesma medida em que se expandem os planos privados de saúde.

O Estado deixou de liderar as estatísticas de desemprego, inundado por investimentos federais e privados, com dedicado empenho de Lula. Em 2010, Eduardo foi reconduzido ao Palácio do Campo das Princesas com 82,8% dos votos, 0,1 ponto percentual a menos que Renato Casagrande (ES).

Venceu em todos os municípios do Estado e decidiu direcionar seu segundo mandato para dar mais visibilidade nacional à sua gestão. Quando se reelegeu, era o governador mais bem avaliado do Brasil. Passada a reeleição, começou a aproximação com os adversários derrotados. Agia como quem temesse que as acirradas polarizações na política local travancassem seu caminho. O último bastião da oposição a cair foi Vasconcelos.

Quatro meses antes da reconciliação, Vasconcelos havia subido à tribuna do Senado para anunciar seu voto contrário à escolha de Ana Arraes ao Tribunal de Contas da União: "Um governador – seja ele quem for – deixa os seus afazeres, deixa de cuidar dos interesses

REFLEXÕES VIII

do estado para eleger a mãe para o Tribunal de Contas da União. É um absurdo, não é uma coisa natural, não é uma prática republicana. Isso não é modernidade, é política do compadrio, do coronelismo. É atraso do pior tipo possível".

Indagado se o empenho pela eleição da mãe havia sido um erro, Eduardo faz um longo preâmbulo em que diz ter sido o partido e não ele quem a convocara para a vaga, para depois concluir: "Se o tempo voltasse, acho que talvez ela nem fosse candidata".

Dos nove ministros do Tribunal de Contas da União, três são pernambucanos. O primeiro deles, o ex-senador José Jorge, usou em 2000 sua cota de publicações na gráfica do Senado para dar divulgação ao relatório da CPI dos Precatórios. Eduardo acerca-se de tribunais de contas desde Pernambuco. Das quatro vagas de conselheiro preenchidas desde sua posse, duas abrigaram primos. São auditores concursados do tribunal seus dois principais herdeiros políticos, o atual prefeito do Recife, Geraldo Júlio, e seu candidato ao governo, Paulo Câmara.

Casado com uma prima em segundo grau de Eduardo, Paulo Câmara foi levado para a Secretaria da Fazenda, onde montou um fundo que desburocratiza repasses constitucionais para municípios. Derrotou, na disputa interna pela cabeça de chapa à sucessão estadual, vice-governador, ministro, senador, deputado federal e pelo menos três outros secretários. Todos eles eram aliados do governador, mas tinham construído trajetória política independente do eduardismo.

Eduardo elegeu-se com 5 partidos, reelegeu-se com 15 e montou a chapa de seu sucessor com 21 legendas. O inchaço de sua política aliancista tem trajetória parecida com a montada por Lula. Como a do ex-presidente, sua base, de tão grande, começou a se romper. Na eleição municipal de 2012, saiu o PT. Depois foi a vez de o senador Armando Monteiro (PTB) anunciar sua candidatura ao governo do estado, em chapa com os petistas. Por fim, o vice, João Lyra (PDT), assumiu o governo disposto a não acatar ordens.

Foi o que se viu quando mandou sua tropa de choque expulsar do terreno de um empreendimento imobiliário ativistas que

REFLEXÕES VIII

reivindicam bandeiras ambientais e urbanísticas, as mesmas da candidata a vice na chapa de Eduardo. A área do Cais José Estelita, equivalente a 12 campos de futebol, foi vendida pela União a quatro empreiteiras do Estado. Sem concorrência, o consórcio arrematou o terreno pelo preço mínimo, que estabelecia o metro quadrado a um décimo do praticado no mercado. O empreendimento foi aprovado em todas as instâncias oficiais. O Brasil e o Recife estavam nas mãos do PT, e Pernambuco, nas de Eduardo. Àquela época, eram todos aliados.

O movimento #ocupeEstelita mobilizou urbanistas, artistas e estudantes contra a ação de reintegração de posse, às vésperas da Copa do Mundo. Marina soltou nota em apoio, enquanto Eduardo responsabilizou o PT. Naquele cais confrontaram-se empresas sócias do *boom* econômico do Estado e movimentos herdeiros da histórica esquerda de Pernambuco – os dois eixos da candidatura de Eduardo, que se conflitam bem antes da aliança com Marina. ●

Eduardo Campos

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

Eduardo Campos viria a morrer no dia 13 deste mesmo mês

Um conciliador na trincheira

Aécio Neves



"Nelson Motta serve?" Aécio Neves havia sido convidado a falar de um livro que o ajudasse a entender a vida. "Vamos para uma coisa mais leve, um livro que lembra minha juventude no Rio, Noites Cariocas. Ele começa antes de mim, mas relata toda a década de 1970 e 1980. É o Rio no qual vivi."

O livro, publicado em 2000, é *Noites Tropicais*. Nele, o produtor e crítico

musical Nelson Motta, depois de historiar seu envolvimento com música desde a bossa nova, fala dos festivais de rock em Saquarema, onde Aécio costumava pegar onda no fim dos anos 1970, e das primeiras discotecas da década seguinte. A ditadura tinha vencido e virado a página do *rock'n'roll* e do idealismo *hippie*. A música agora era feita para dançar em lugares como o *Dancin' Days*, na Gávea, que daria nome à novela de Sônia Braga, e o *Noites Cariocas*, no morro da Urca. É um indiscreto relato em primeira pessoa de um meio artístico movido a "Música Prapular Brasileira" e a drogas.



Aécio serve-se de torrada, ovos mexidos e suco no café da manhã em um hotel nos Jardins, em São Paulo. Sua campanha contratou uma equipe de advogados para denunciar quem dissemina boatos na *internet*, mas Aécio não se comporta como um atormentado pelo uso que se possa fazer da juventude abastada e festeira. Enfrenta a principal disputa eleitoral de sua vida com o *slogan* do adversário.

Numa reprise do lulismo de 1989, o filme que a campanha tucana colocou em cartaz é o de um político sem medo de ser feliz. "Na

REFLEXÕES VIII

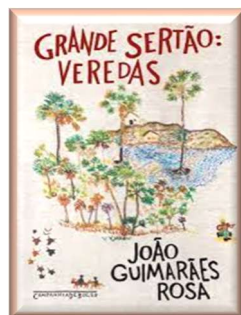
política vence quem mostra mais determinação ou blefa melhor." A frase é de Tancredo Neves, vitorioso no jogo da transição com o blefe que lhe custou a vida. Ao avô imolado pelo País se sobrepôs a imagem do neto que não sacrificaria a vida pela política. Em 30 anos de carreira, Aécio sobreviveu a rivais como Newton Cardoso e a correligionários do porte de José Serra. Alimentar o repertório em torno do neto de Tancredo virou senha para demonstração de intimidade com o personagem, mas políticos, jornalistas e, mais recentemente, funcionários de campanhas adversárias, nunca produziram prova do que fazem circular na rede.

Relembra a noite anterior, quando foi emparedado no programa Roda Viva sobre consumo de drogas. "É do jogo, tem lendas para todos os gostos, não podia imaginar que chegaria aonde cheguei sem carregar várias delas." Depois de oito anos como governador de Minas, diz que suas relações são as mesmas que tinha antes. "Não convivo com a alta cúpula econômica nem política do País. O que garante minha tranquilidade são a família e os amigos", diz.

Quando é flagrado à noite, Aécio está quase sempre na companhia de amigos de juventude. Um deles, Alexandre Accioly, é sócio da Bodytech, principal rede de academias de ginástica do País, de rádios, restaurantes e boates. Accioly reabriu, com João Paulo Diniz, o Noites Cariocas, que marcou sua juventude e a do amigo candidato.

Depois de listar livros de dois historiadores de presidentes americanos, Gore Vidal e Doris Goodwin, carecia de um para explicar o Brasil. Solta *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Dito assim, parece saído do manual da política mineira, mas o senador mostra apego: "Esse fala de onde viemos e um pouco do que somos".

Aécio nasceu em Belo Horizonte em 1960. É o filho do meio entre duas irmãs, Andrea e Ângela. Quando nasceu, seu pai, Aécio Ferreira da Cunha, exercia o segundo mandato de deputado estadual e o avô paterno, Tristão



REFLEXÕES VIII

Ferreira da Cunha, era deputado federal. Ambos pertenciam ao Partido Republicano, berço de Artur Bernardes e dos mineiros que dominaram a República Velha.

Aos 10 anos, Aécio mudou-se para o Rio com a família. O pai se preparava para o primeiro mandato na Câmara dos Deputados, e o avô encerrava o último. Ao deixar a Câmara, Tristão seria nomeado para o Conselho Administrativo de Defesa Econômica, o Cade, do qual seria presidente até a aposentadoria, em 1974.

Os dois avôs entraram na política como bacharéis liberais, mas nunca militaram nas mesmas fileiras. Tancredo era das minas e Tristão, das gerais. O avô paterno de Aécio era filho de professor e o materno, de comerciante em São João Del Rey, no sul do Estado, de família envolvida em política desde que o comendador português José Antônio das Neves se estabeleceu naquela que era a maior cidade setecentista de Minas. A mineração urbanizou o Estado e, das cidades, nasceriam as confrarias. Foi esse o seu berço político.

Aécio Cunha teve sua primeira eleição para a Câmara dos Deputados, em 1962, financiada pelo Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad). Criado para articular a reação de empresários e profissionais liberais, ao que consideravam uma escalada comunista no País, o Ibad contava com apoio da CIA. No outro lado, mas não em campos opostos, estava Tancredo.

Atraído para as hostes getulistas pela oratória em defesa de um veto presidencial, era o único ministro que estava no Catete na madrugada do dia 24 de agosto, quando Getúlio enfiou uma bala no peito. Voltaria ao centro de mais uma crise institucional na chefia do primeiro gabinete parlamentarista da República, condição dos militares para a posse de João Goulart. Tancredo permaneceria leal a Jango até a porta do avião que o levou a Porto Alegre.

A mãe de Aécio, Maria Inês, filha mais velha de Tancredo, separou-se de Aécio Cunha e casou-se, em 1978, com Gilberto de Andrade Faria. A família Faria fundara o Banco da Lavoura de Minas Gerais, que daria origem ao Banco Real e ao Banco Bandeirantes, divididos entre os irmãos Aloisio e Gilberto.

REFLEXÕES VIII

É da mãe o único telefonema que a irmã mais velha de Aécio atende num outro café da manhã em São Paulo. Traz notícias da caçula, Ângela, vítima de um acidente vascular no ano passado. O rosto não tem maquiagem, o sapato não tem salto, os óculos não têm aro e Andrea é paciente em explicar que tem menos poder do que se imagina sobre o irmão.

Dois anos mais velha, a irmã é a principal guardiã de sua imagem. A fama de dama de ferro da comunicação mineira foi construída na interlocução de um governo anunciante com chefes mais alinhados que suas redações. Como a *internet* dificultou o controle, os chefes de redação perderam poder para juízes e advogados especializados em crimes de injúria e difamação.

A relação entre os dois estreitou-se na morte do avô. Aécio sempre fala da política como destino. Andrea é da missão e a dela nasceu no Hospital de Base de Brasília. Na véspera do dia marcado para a posse que nunca aconteceu, Aécio foi nomeado secretário particular de assuntos especiais da Presidência. Duas semanas depois da morte do avô, foi ao Palácio do Planalto entregar o cargo a José Sarney, que acertou ali sua nomeação, já negociada, para a diretoria de loterias da Caixa Econômica Federal (CEF). No cargo, Aécio começou a costurar sua campanha a deputado federal.

Um ano depois, deixaria a CEF para oficializar sua candidatura à Câmara pelo PMDB. Seria o mais votado de Minas. Naquela eleição, seu pai, Aécio Cunha, candidato, pelo PFL, a vice na chapa majoritária de Itamar Franco, foi derrotado. Chegou ao Congresso em 1987 e lá permaneceria por mais de dois terços de sua vida pública. Na Constituinte, equilibrou-se entre as teses do centrão, como o mandato de cinco anos para Sarney, e históricas do seu partido, como a desapropriação de terras pela função social e não pela produtividade.

Aécio Cunha cumpriu seis mandatos de deputado federal. Ao deixar a Câmara, com 60 anos, seria nomeado por Sarney para o Tribunal de Contas da União (TCU). Poucos dias antes de sua posse, em 1987, nota do **Jornal do Brasil** dizia que Aécio votara pelos cinco anos de Sarney em retribuição à indicação do pai. Cunha renunciou e abriu

REFLEXÕES VIII

mão de rendimentos vitalícios em decisão que permanece inédita no tribunal. Com a posse de Itamar, seria nomeado presidente do Conselho de Administração do BNDES e, depois, conselheiro de Furnas e da Cemig.

Morreu de insuficiência hepática, em 2010, no dia em que o filho foi eleito senador. Deixou para os filhos uma fazenda em Montezuma, cujas cotas são o segundo item mais valioso do patrimônio de R\$ 2,5 milhões declarado por Aécio à Justiça Eleitoral.

O autor da intriga que tirou Aécio Cunha do TCU, Newton Cardoso, também tinha terras em Montezuma e, quando governador na década de 1980, construiu uma pista de pouso na cidade que hoje conta com 7,9 mil habitantes. A pista foi reformada no governo Aécio. Mas a obra que mais causa dor de cabeça ao candidato na campanha é a do aeroporto de Cláudio, cidade natal da família da avó materna de Aécio, Risoleta Tolentino Neves.

O aeroporto foi construído nas terras desapropriadas de um tio-avô de Aécio que contesta a indenização oferecida pelo governo do Estado. A vocação econômica da região foi a principal explicação da campanha para o investimento na obra de uma pista sem operação comercial, mas nenhuma justificativa foi oferecida à posse das chaves do aeroporto pelo tio-avô do candidato.

"O que eu disse é que não governaria de olho nos índices de popularidade, agiria com responsabilidade", afirma Aécio

O episódio distribuiria os ovos do familismo, antes exclusivamente atirados contra Eduardo Campos, e seria fartamente explorado pela campanha de Dilma, que opôs aeroportos fechados à chave àqueles invadidos pela classe C na gestão petista.

Aécio só ingressaria no PSDB depois da eleição municipal de 1988. O candidato do novo partido à Prefeitura de Belo Horizonte era o deputado federal Pimenta da Veiga. Aécio ficou no PMDB para viabilizar sua candidatura ao cargo, mas foi barrado pelo governador Newton Cardoso.

A adesão ao PSDB apenas aconteceria em 1989. Pela nova legenda, Aécio conseguiria disputar a Prefeitura de Belo Horizonte, em 1992,

REFLEXÕES VIII

ficando em terceiro lugar. Aécio ainda assistiria à ascensão de mais um tucano no Estado, Eduardo Azeredo, eleito governador em 1994 e, assim como Pimenta da Veiga, enredado no mensalão mineiro 20 anos depois. Com a derrota de Azeredo à reeleição, Aécio assumiria a dianteira do partido em Minas. Dois ranzinzas, nascidos no mesmo ano de 1930, e vítimas, cada um a seu modo, do Plano Real lhe serviriam de esteio: Itamar Franco e Mário Covas.

Aécio conquistara a unidade tucana em torno de sua candidatura para a presidência da Câmara com a defesa do partido na coalizão governista, onde o espaço ocupado pelo PFL era maior do que o atual feudo pemedebista no governo do PT.

Para enfrentar o veterano Inocêncio Oliveira (PFL), atraiu outro pernambucano, Severino Cavalcanti (PP), líder do baixo clero, prometendo verbas de gabinete. Anunciou medidas moralizantes, mas o acordo que lhe possibilitou chegar ao cargo manteria Severino na 1ª secretaria da Mesa. Em outra frente, conseguiu passar emenda que limitou a reedição de medidas provisórias e estabeleceu prazo para que, se não votadas, caducassem. A medida, saudada como momento de altivez do Legislativo frente ao Executivo, acabaria por ampliar o uso das MPs pelos governos. Aécio arrancou o apoio não apenas do presidente Fernando Henrique, mas também do PT de Luiz Inácio Lula da Silva.

Eram evidentes os sinais de aproximação entre Aécio e o PT. No segundo turno de 2002, quando o mercado financeiro ardia em chamas com a perspectiva da eleição de Lula, Aécio se recusou a endossar o discurso do medo, ao contrário do que faz hoje em relação à presidente Dilma Rousseff.

“É do jogo, há lendas para todos os gostos, não podia imaginar que chegaria aonde cheguei sem carregar várias delas”, respondeu Aécio ao ser questionado sobre a polêmica das drogas

Naquele segundo turno, Serra teria em Minas um desempenho aquém de sua média nacional, perdendo de Lula por mais de três milhões de votos no Estado. A relação entre os dois, que nunca foi próxima, azedaria depois daquela eleição e só voltaria a se recompor em 2014 pelo interesse mútuo de que Geraldo Alckmin não seja o

REFLEXÕES VIII

tucano de maior sucesso nesta campanha.

A candidatura presidencial de Aécio começou a ganhar contorno na campanha municipal de 2012, quando se desfez a aliança que, em 2008, havia reunido PSDB e PT na Prefeitura de Belo Horizonte. Partiu para unificar seu partido, corroído pelas disputas internas. Como Minas tem menos da metade dos votos de São Paulo, restou a Aécio esperar o PSDB paulista se mostrar inviabilizado para a disputa presidencial.

Em 2013, Aécio desloca os paulistas do PSDB, assume a presidência do partido e, a exemplo do PT, centraliza as decisões sobre as alianças estaduais para 2014. Se os estrategistas de Aécio pudessem se restringir a uma zona de conforto, a campanha seria dominada pelo choque de gestão. O governador tucano recuperaria a capacidade do estado para se endividar e começaria a escrever em Minas um dos primeiros capítulos do pós-lulismo, quando os dotes dos gestores pareciam se valorizar mais do que a capacidade de fazer política. Essa toada embalou a estampa dos três principais candidatos à Presidência. O que ninguém contava é que uma insatisfação popular exigiria mais política que gerência.

Alvo de resistência dos sindicatos do funcionalismo público, o modelo de estado implantado por Aécio parte do aumento de receita e redução de despesas. Alcançou-o com o fim de benefícios fixos e a adoção de prêmios de produtividade não incorporados à aposentadoria, além de recrutar novos funcionários sem concurso público.

Minas se encheu de greves, mas suas metas por desempenho pautaram administrações públicas do DEM ao PT, inclusive a de Eduardo Campos, em Pernambuco. No ano em que Aécio deixou o governo, Minas atingiu todas as metas do índice de avaliação da educação básica, o Ideb. Em seus dois mandatos, o número de concluintes do ensino médio estadual cresceu mais do que em qualquer outro estado do Sudeste. Foi o 11º maior avanço do País, o que não impediu o Estado de cair de oitavo para nono lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) entre 2000 e 2010. Assumiu o governo com a maior taxa de homicídios desde meados

REFLEXÕES VIII

da década de 1980 e a devolveu 16% mais baixa oito anos depois.

Nas Minas de Aécio a receita cresceu muito acima da inflação. O estado é o segundo que, proporcionalmente, mais arrecada ICMS, um imposto que pune quem ganha menos porque é baseado no consumo e não na renda. O sindicato dos auditores fiscais comprou uma longa briga com o governo de Minas, batendo na alíquota residencial do ICMS (30%), "a segunda mais alta do País" em contraste com a baixa tributação sobre a atividade mineral.

Ao comando centralizado que marcou as gestões Dilma e Eduardo, Aécio preferiu delegar a gestão. O escolhido foi Antonio Anastasia, considerado por correligionários e adversários como o melhor tecnocrata do PSDB. No segundo mandato, o governo, por delegação, começou a se ressentir da ausência do titular, o que não o impediu de terminar o mandato como o governador mais popular do País.

Seu primeiro arranque em 2014 se deu com as críticas à Petrobras. A gestão de Aécio na companhia energética, Cemig, é a antessala do que seria a Petrobrás sob hipotético comando do senador tucano. Sob Aécio, a estatal se expandiu e não fez política tarifária para minorar o impacto sobre a renda. O governador bateu às portas do Planalto para pedir que o BNDES encampasse a fatia privatizada da estatal. O estado é minoritário nas ações preferenciais da Cemig, mas mantém-se majoritário sobre as ordinárias, que dão direito a voto. Sob seu comando, a estatal saiu comprando ativos e tem hoje a maior rede de distribuição do continente.

Aécio sempre pareceu menos determinado do que Eduardo em alcançar o poder e menos disposto a sacrifícios para exercê-lo. Mas antes do início oficial da campanha já tinha conseguido desfazer a descrença. Ao encerrar-se o prazo das coligações, conseguiu costurar palanques estaduais que surpreenderam aliados e adversários.

No café da manhã que se seguiu ao "Roda Viva", já escaldado pela campanha petista, Aécio evitou a armadilha que acusa o tucano de armar arrocho fiscal em 2015. "O que eu disse é que não governaria de olho nos índices de popularidade, agiria com responsabilidade."

REFLEXÕES VIII

Qualquer um que seja o próximo presidente, se for minimamente responsável, terá que fazer ajustes. Aécio espera se valer da tradição que lhe confere a capacidade de tirar as meias sem descalçar os sapatos com os quais entrou na pista da sucessão. Vai, com certeza, precisar deles se pretender atravessar seu mandato indiferente à popularidade que uma eleição presidencial pode ir a lhe conferir. ●

Aécio Neves

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

Entre gregos e troianos

Dilma Rousseff



Em 1993, o dramaturgo Ivo Bender conseguiu uma sala em Porto Alegre para montar um curso de tragédia grega. A sala ficava na Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul. A economista Dilma Rousseff, que presidia a fundação desde a posse do governador Alceu Collares, era uma das alunas.

Dilma tinha 46 anos, uma filha de 16 e um casamento de 25 que se aproximava do fim. Não faltava às aulas e se envolvia em todas as acaloradas discussões. "Havia hora que precisava intervir, 'parem senão ponho vocês duas no corredor'", diz Bender, hoje com 78 anos, ao remexer nas lembranças que tem de Dilma e de sua colega de curso, Vera Stringuini. Ficaram amigos.



Vera, a outra aluna irrequieta de Bender, tinha sido companheira de Dilma na clandestinidade. Naquele curso descobriram em Troia outra epopeia da conquista do poder. Filoctetes, uma das poucas tragédias gregas sem personagens mulheres, é, na lembrança dele, a que mais fascinava Dilma. Melhor arqueiro da expedição rumo a Troia, Filoctetes foi deixado em ilha deserta depois de ser mordido por uma serpente. A ferida no pé e os gritos de dor o relegaram ao abandono e ao isolamento. Dez anos depois, Ulisses, sem conseguir vencer os troianos, manda Neoptólemo, filho de seu maior rival, Aquiles, persuadi-lo a qualquer preço a voltar ao navio. O jovem resiste a mentir para convencer Filoctetes, que, ferido no orgulho, se mantinha altivo na ilha sem querer curvar sua honra àqueles que o

REFLEXÕES VIII

havam desprezado. A honestidade de Neoptólemo o cativa, ele se reintegra à expedição, é curado e volta de Troia como herói.

Como a presidente da República não concedeu entrevista para este perfil, não se sabe como o poder modificou sua leitura de Filoctetes. A da década de 1990 é relatada por Vera, amiga que hoje é médica psicanalista em Porto Alegre: "Ela era fascinada por essa oposição entre a ética grega e a judaico-cristã. Ulisses não tinha medo ou culpa de não fazer o bem. Se Filoctetes incomodava, que fosse deixado numa ilha deserta nem que, depois, fosse preciso resgatá-lo. A culpa não nos deixa agir assim, mas o exercício do poder exige que você a toureie".

Para chegar a 2010 na condição de candidata de um governo com 83% de aprovação sem nunca ter pedido um voto na rua, tinha assistido ao desterro dos mais prestigiados arqueiros do PT.

Depois de um dia de cabo de guerra, Dilma conversa com os livros e os filmes do Netflix, diz Carlos Araújo, seu ex-marido e melhor amigo

Luiz Inácio Lula da Silva já tinha lançado Dilma como a "mãe do PAC" quando eclodiu a primeira crise que a ministra teve de enfrentar na condição de pivô. Naqueles dias, descobriu-se que a Casa Civil preparava um dossiê com os gastos do gabinete da Presidência na gestão Fernando Henrique Cardoso. Era uma resposta à ameaça de CPI pelos gastos da mesma rubrica na gestão petista.

A crise, que a indispôs, por destempero, com assessores e colegas, testava sua capacidade de enfrentar as pressões de uma campanha. Numa entrevista coletiva para a qual recusou treinamento, confundiu-se com dados e destratou repórteres. Duas semanas depois, mostraria que, se lhe faltavam credenciais para a política, sobravam para a guerra. As frases desconexas e sem rumo somem quando provocada. É como inimigo que o outro aparece. Naquele dia, a ameaça incorporou-se ao senador potiguar Agripino Maia (DEM). Ao duvidar de quem havia mentido no pau de arara, acordou a guerrilheira. "Eu me orgulho imensamente de ter mentido porque salvei companheiros da mesma tortura e da morte."

REFLEXÕES VIII

A audiência, que lhe era hostil, aplaudiu. Dilma aprumava o leme para longe da ilha deserta. O papel de Filoctetes caberia à secretária-executiva da Casa Civil, Erenice Guerra, exonerada do cargo como responsável pela montagem do dossiê.

Na campanha, Dilma cumpriria o papel para o qual parecia talhada, o de honrar o compromisso assumido numa relação hierárquica com aquele que, até hoje, continua chamando de senhor.

Livrou-se de uma penca de ministros logo no primeiro ano de seu governo. Como não havia heróis entre eles, a plateia gostou. A derrota na votação do Código Florestal reforçaria a imagem da presidente bem-intencionada cercada pelo coronelato parlamentar. Com um ano de governo havia mais brasileiros satisfeitos com Dilma do que aqueles que haviam votado nela. Alcançava o mais alto grau de aprovação de um presidente ao fim do primeiro ano de mandato desde o retorno das eleições diretas em 1989.

Dilma já havia cativado a classe média com faxina no ministério, discursos em defesa da meritocracia e desoneração de IPI de automóveis. Mas só as mudanças na política econômica mostrariam que o poste queria ter luz própria. Sem temer a reação popular, foi em frente com a mudança na remuneração da poupança, medida que até o encantador de multidões que a antecederia havia evitado. A presidente via na elevação da taxa de juros na crise de 2008 um dos maiores erros do segundo mandato de Lula. Pela maneira como a inflação voltaria na segunda metade do mandato, a política monetária se candidataria ao panteão dos principais erros de seu governo. Em 2014, Dilma disputa a reeleição com uma taxa de juros nominal superior àquela que vigorava em sua posse. A redução de juros não lhe traria ganhos de popularidade, mas a volta da inflação lhe cobraria um preço alto.

As manifestações de junho de 2013 foram seu momento mais difícil no governo. Em 20 dias, perdeu metade da aprovação popular. Na noite de 20 de junho, 30 mil manifestantes ocuparam a Esplanada dos Ministérios. O contingente do Exército que é mantido na garagem do Palácio do Planalto já havia sido reforçado. Quando um grupo de *black blocs* se dirigiu para lá, o Palácio já estava cercado

REFLEXÕES VIII

por uma tropa de 200 homens.

Dos gabinetes da bastilha envidraçada, o da Presidência é o único blindado. Como ocupa a lateral e os fundos, está resguardado da movimentação na Praça dos Três Poderes. Impedidos de se aproximar do Planalto e do Congresso, os manifestantes se dirigiram para o Palácio do Itamaraty. Chegaram a atear fogo no hall de entrada. Às 21 horas, o gabinete de segurança institucional avaliou que a presidente já poderia deixar o Planalto em direção ao Alvorada.

Antes de sair, Dilma falou com Lula. Na tarde seguinte ao quebra-quebra, gravou um pronunciamento que iria ao ar naquela mesma noite em cadeia nacional de rádio e televisão. Dilma balançava de um lado para outro, mas pareceu mais serena do que o texto do teleprompter. Num único parágrafo, repetiu a palavra violência três vezes. No fim de semana seguinte, Lula viajou à Etiópia. Para afastar os rumores que cercavam aquele momento de incertezas, disse, de Adis Abeba, que apoiava a reeleição da sucessora. A declaração não foi suficiente: a presidente seguia insatisfeita com a ausência do antecessor durante a maior crise de seu governo.

A leitora de Filoctetes não baixava a guarda. A crise exigia mais do que coragem. Dilma acatou panaceias como a convocação de uma nova constituinte. Fez andar o **Mais Médicos**, recebido sob protestos e depois abraçado pela oposição. Arrancou mais dinheiro para a educação, mas abortou a principal proposta surgida para a mobilidade, a desoneração de impostos sobre o transporte coletivo. Era de guerra aquele cabo que se esticava entre um mercado que só falava em ganância e ruas que pediam tudo. Só a política podia evitar que arrebentasse.

Em Porto Alegre, o ex-marido Carlos Araújo estava em frente das duas televisões que mantém, uma ao lado da outra. Buscava notícias do Brasil em chamadas. "Tem que haver manifestação popular, é imprescindível para o governo avançar. Queremos mais. Eles são do nosso time. Acho maravilhoso. *Black bloc* é um complicador, mas tem que ser enfrentado com inteligência. Prende, processa. Agora essas leis que proíbem até bonés são ridículas", diz.

REFLEXÕES VIII

Fernando Henrique escapava para a pizzaria à noite com Ruth e casais de amigos. Lula fazia churrascos e peladas no fim de semana na Granja do Torto. Com quem Dilma conversa quando se recolhe depois de um dia de cabo de guerra com Eduardo Cunha? "Ela conversa com os livros e os filmes do Netflix", diz Araújo.

Os momentos de relaxamento da presidente, de fato, parecem limitados à sua família – a filha, a mãe, o ex-marido e o neto de 3 anos. O irmão mais velho, Igor, que vive dos imóveis da família, atravessou o mandato de Dilma a distância. "A família dela mesmo hoje é o Gabriel", afirma Araújo.

Nas poucas vezes em que falou sobre a infância com jornalistas, era o pai quem ocupava o panteão. As versões já publicadas que cercam a saída de Pedro Rousseff da Bulgária contemplam perseguição política, falência ou, simplesmente, gosto pela aventura. O Filoctetes sem heroísmo de sua vida foi o filho Luben, deixado na barriga da primeira mulher quando de sua ida para a França, primeira escala da rota que, depois de passagem pela Argentina, acabaria no Brasil.

"Ela sempre demonstrou bom humor, o que não quer dizer que seja bem-humorada", afirma a socióloga e amiga Lícia Peres

Foi o pai quem apresentou a adolescente Dilma às tragédias gregas. Trinta anos mais tarde, a filha voltaria a se debruçar sobre as peças de Sófocles, Eurípedes e Ésquilo. Electra, a história da filha que mata a mãe para honrar o pai, estava na programação do curso de Ivo Bender.

"A coragem de Electra em resgatar a memória de seu pai é uma das que mais a fascinavam", conta o ex-professor. Ela matara o marido, Agamenon, depois que este, para vencer em Troia, tinha sacrificado sua filha mais velha. O herói de Troia seria morto pela mulher, na banheira, quando todos os perigos da guerra pareciam afastados. "O que nos encantava era a radicalidade da ausência de caminhos. Se ajo, me destruo, se não ajo, também me destruo", lembra Bender.

A presidente já tinha decidido que não participaria de ato oficial de abertura da Copa do Mundo. Não queria repetir a das Confederações, quando teve sua voz abafada pelas vaias. Se falasse,

REFLEXÕES VIII

seria vaiada. Como não falou, foi xingada. Na crise, parece se deslocar em zona de conforto. "Enfrentei agressões físicas insuportáveis. Nada me tirou do meu rumo. Não me abato nem me abaterei."

Em 2010, seu heroísmo juvenil era sobrepujado por Lula. No discurso da convenção do PT em que foi sagrada candidata em 2010, Lula foi citado 26 vezes. Na convenção que ratificou sua postulação por mais quatro anos, a candidata, finalmente, era ela. O arquétipo de herói, que antes parecia uma sandice psicanalítica, agora tomava forma. "Sonhemos nossos sonhos heroicos e sem limites", disse. Lula só apareceria quatro vezes no discurso, uma delas para a sucessora mostrar a superação: "Tive o desafio de suceder a uma lenda viva".

A ficha de Dilma demorou a cair. Foi Antonio Palocci quem se encarregou de dizer a Lula que a chefe não tinha ficado satisfeita com seu desembarque em Brasília para apagar o incêndio na base parlamentar provocado pela derrota no Código Florestal.

Lula se afastaria do Planalto, mas não de Dilma e, muito menos, da política. Virou o muro de lamentações de empresários e políticos, principalmente os de seu partido, contra as políticas e o estilo da sucessora. A Presidência apenas agudizou uma proverbial tendência a manter o entorno sob controle. Amiga de Dilma desde a década de 1970, a socióloga Lícia Peres, hoje dirigente do PDT, era companhia nas viagens em férias. Eram três amigas, mas só Dilma dirigia. "A gente se oferecia, mas ela não passava a direção." Fizeram a travessia de Calais para Dover, de carro, e Dilma entrou na Inglaterra dirigindo, na mão oposta, sem mostrar dificuldades.

Avesa a ampliar o diálogo do governo para além dos muros de sua cidadela, a presidente Dilma, muitas vezes, se manteve isolada em seu palácio de vidro

"Ela sempre demonstrou senso de humor, o que não significa que seja bem-humorada", diz Lícia. Foi na campanha de 2010 que jantaram pela última vez. "Ela é veemente, tem posições muito fortes, mas quem tiver a oportunidade de conviver, gosta dela." As pessoas com as quais Dilma passou a conviver nos últimos quatro

REFLEXÕES VIII

anos costumam a se familiarizar com as facetas que encantam as amigas da presidente.

Depois de desancar um auxiliar, pode até ligar para ouvir o que ele tinha a dizer, mas são raros os pedidos de desculpas. Quando é advertida sobre os riscos de suas iniciativas, costuma valer-se de sua autoridade para bancá-los. As manobras contábeis para a geração de resultados fiscais frequentemente debitadas na conta do ministro Guido Mantega e do secretário do Tesouro, Arno Augustin, são um dos seus frutos.

Desinformada em razão do medo nutrido por seus auxiliares e avessa a ampliar o diálogo do governo para além dos muros de sua cidadela, a presidente, muitas vezes, se manteve isolada em seu palácio de vidro. Foi esse o terreno fértil para o "Volta, Lula".

Fiel a seu estilo, Dilma vestiu-se para a guerra. Em 18 de outubro de 2013, quando a filiação de Marina Silva ao PSB parecia a notícia mais preocupante para o entorno da presidente, um ex-funcionário da fornecedora holandesa de plataformas SBM Offshore colocou na Wikipédia uma denúncia de propinas a petroleiras da África e à Petrobrás. Aquela denúncia foi o fio de um novelo que, seis meses depois, desembocaria em CPI. Dilma entrou numa batalha cujos alvos ainda estavam indefinidos e atraiu a artilharia contra si. Jogou a culpa na direção da empresa cujos fornecedores são os mais tradicionais financiadores do País. Se a sua campanha havia se abastecido nesse submundo, a presidente parecia querer dizer que esse não era um problema seu, mas do partido, dos aliados e do seu antecessor.

Em abril, Lula resolveu dizer o que pensava de tudo aquilo. Em entrevista recheada de recados à sucessora, fez alusão ao isolamento do poder. Foi preciso um apagão da infraestrutura se tornar uma ameaça concreta para que Dilma aceitasse as vírgulas – e os zeros que vêm antes – das margens de lucro das empresas. Voltaria nos modelos das concessões de rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

A presidente começava a agir ao receber reiterados sinais de que era ela quem podia ser mandada para uma ilha deserta. Segurou, na caneta, uma coligação com nove partidos, um a menos do que a

REFLEXÕES VIII

2010. Mas o resultado explicitou a insatisfação dos aliados com o esgarçado cordão sanitário que a presidente manteve em torno do peemedebismo.

Suas escolhas revelam mais assentamentos urbanos que rurais e mais ensino técnico que superior. Enquanto o Minha Casa Minha Vida fincou estaca numa área paralisada pela crise de crédito das décadas de 1980 e 1990 e se ampliou no governo Dilma com mais subsídio para quem ganha até três salários mínimos, a reforma agrária deixou de avançar. Reduziu os assentamentos a uma média anual equivalente a cerca de um terço daquela registrada nos governos Fernando Henrique e Lula.

A ambição com que lançou o programa de ensino técnico, o Pronatec, se confronta com a redução no ritmo de expansão das vagas nas universidades federais. Se o padrão dos dois primeiros anos de seu governo se mantiver até o fim de um eventual segundo mandato, as vagas terão crescido mais do que no governo de Fernando Henrique e menos do que no de Lula. Conduziu o País durante um período de crescimento médio inferior a 2%, próximo ao registrado nos anos em que o PSDB governou o País. Para responder à acusação de que usa os feitos dos 11 anos do PT no poder para não se comparar com Lula, cita o crescimento de 3% na renda anual média do trabalhador, taxa três vezes superior à do governo anterior. A histórica elevação no emprego é a principal responsável pela redução da desigualdade – lenta, mas num ritmo duas vezes superior ao observado nos anos FHC.

Sobram prognósticos e faltam pistas sobre o que efetivamente faria em um segundo mandato. A ausência de reeleição em 2018 a liberta da cartilha e a reaproxima de suas convicções. Mas o poder não é apenas daquele que o exerce, como também de quem tem perspectiva de mantê-lo. Pela força da gravidade e do aperto fiscal, a intervenção branca de Lula tende a se ampliar.

Aliados e adversários costumam explicar as virtudes e, principalmente, os defeitos do governo pelas saias de quem o comanda, mas a personagem já não cabe no figurino.

Ao tentar romper o pacto de mudança conservadora estabelecido

REFLEXÕES VIII

pelo antecessor, Dilma pecou pelo excesso de coragem, mas também pelo medo de enfrentar seus erros. ●

Dilma Rousseff

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

LUIZ BIANCHI

Sistêmico e explosivo

José Gomes Temporão



Ex-ministro diagnostica os problemas da saúde no Brasil e diz que se algo não for feito depressa o setor ainda tem espaço para piorar

**Santa Casa.
Fechamento do OS
escancarou crise do
maior hospital
filantrópico da
América Latina**



Faltavam seringas, cateteres, luvas, esparadrapo. Faltavam leitos regulares. Faltavam R\$ 50 milhões. Na terça-feira, ao fechar seu pronto-socorro, a Santa Casa de São Paulo escancarou suas mazelas. Deixou de atender as 1.500 pessoas que costuma atender por dia e provocou, como efeito colateral, um jogo de empurra entre os governos federal e do Estado. Um acusou o outro de falta de repasse, e ambos transferiram para o maior hospital filantrópico da América Latina a responsabilidade pela má gestão dos recursos.

No Rio de Janeiro, onde mora, o ex-ministro da Saúde José Gomes Temporão lembrou que o problema é sistêmico e explosivo. Se algo não for feito com rapidez, diz ele, a saúde brasileira consegue piorar. Temporão enumera três questões estruturais graves, entre elas o clássico problema de financiamento. Mas também questiona quem foi para a rua pedir hospitais padrão Fifa (“O problema do Brasil não é hospital”), quem desmerece o SUS (“Existe um vetor pró-mercado”) e quem acha que o Mais Médicos é a única plataforma de discussão neste período pré-eleitoral (“Saúde pública é bem mais ampla que medicina”).

Hoje filiado ao PSB e diretor-executivo do Instituto Sul-Americano de Governo em Saúde (Isags), entidade intergovernamental criada

em 2011 que busca fortalecer os sistemas de saúde do continente, ele diz sentir falta de clinicar. Mas a vida o levou para a administração, sobre a qual adverte, vacinado: “Não há cargo mais espinhoso no Brasil que o de ministro da Saúde”.

Depois do fechamento do pronto-socorro da Santa Casa de São Paulo, falou-se que vivemos uma crise sem precedentes na saúde brasileira. É exceção ou regra?

Não vejo nada de conjuntural no fechamento do pronto-socorro da Santa Casa e creio que, se medidas não forem tomadas com rapidez, teremos uma situação ainda mais grave em todo o sistema. Há um consenso gigantesco de que temos um problema de financiamento na saúde brasileira. Apenas 47% do gasto em saúde no Brasil é público; 53% é privado, das famílias e das empresas. Em todos os sistemas de saúde de caráter universal que o Brasil persegue – canadense, inglês, francês, italiano, português, espanhol –, a participação do gasto público no total supera os 80%. Esse é o primeiro ponto: o governo brasileiro gasta pouco com a saúde. Todas as iniciativas, inclusive o Saúde + 10, que conseguiu mais de 2 milhões de assinaturas para que conquistássemos 10% das receitas brutas do orçamento da União, infelizmente pararam no Congresso. Aí acontece isto: serviço fechando, crise.

Famílias são prejudicadas, principalmente as mais pobres, por causa do preço dos medicamentos ou de despesas emergenciais, especialmente quando não se pode esperar por um tratamento. Há uma questão de equidade por trás disso extremamente importante.

Se há consenso, por que não avança?

Porque é uma questão política e ideológica. Há um processo crônico de desgaste da imagem do SUS como valor da sociedade brasileira. Na abertura da Olimpíada de Londres, em 2012, um dos carros-chefes que os ingleses apresentaram ao mundo foi seu sistema de saúde. Surpreendente, né? Um país desenvolvido, rico, com tradição e história apresentar na cerimônia de abertura, com orgulho, o seu SUS. Nós não temos isso no Brasil. Aqui é meio enviesado. Alguns aspectos públicos são elogiados, mas com certo vetor pró-mercado, num processo lento e gradual de americanização. Se olharmos as

grandes capitais brasileiras, 50% a 60% das pessoas têm cobertura de saúde oferecida por planos e seguros. Não à toa, quando as famílias melhoram seu padrão de renda, muitas colocam como conquistas a casa própria, o carro na garagem e um plano de saúde. Enquanto isso não for superado...

Quem foi à rua pedir mais saúde está com essa mudança de valor engatilhada ou, no fundo, quer um plano particular melhor?

Existe uma avaliação de que essa demanda das ruas cobrava do Estado uma política de mais qualidade, mas eu diria que ainda é uma coisa dúbia. O melhor exemplo de dubiedade é “queremos hospitais padrão Fifa”. O problema do Brasil não é hospital. Temos de radicalizar a estruturação em termos nacionais de uma rede de atenção básica. Na Inglaterra, todo cidadão sabe quem é seu médico. Diante de qualquer problema de saúde, ele tem de se dirigir ao serviço no qual trabalha aquele médico responsável pela saúde dele.

Um médico generalista.

Exatamente. Ele não tem acesso a nenhum outro nível do sistema sem que esse médico generalista diga “ok, você precisa fazer esses exames” ou “você precisa ser visto por um cardiologista”. Não falo de emergências, de quadros agudos. Falo do dia a dia do sistema. Os médicos estão saindo da faculdade como especialistas, o que é um absurdo. E essa é uma decisão política. Para universalizar o programa da saúde da família com qualidade, por exemplo, é preciso dinheiro. Esse é o segundo ponto estrutural.

Qual seria o terceiro?

Gestão. De nada adianta um modelo organizado, estruturado e racional, voltado às necessidades fundamentais das famílias, nem um aporte de recursos se não tivermos como executar e gastar esses recursos com eficiência, transparência, qualidade.

Quando eu era ministro, perdi essa batalha – perdi entre aspas, porque as coisas avançaram também – de modelos estatais mais ágeis, funcionais, com profissionalização da gestão, metas

avaliadoras e funcionários contratados pela CLT. Estados e municípios avançaram nisso, mas a falta de uma lei federal levou a uma pulverização de modelos, precarização do trabalho, terceirização, falsas cooperativas.

Como estamos em termos de tecnologia? Consumimos mais do que deveríamos?

Estruturalmente o sistema de saúde brasileiro é uma aproximação lenta, mas perigosa do modelo da hiperespecialização, privatização, medicalização e consumo desordenado de tecnologias.

Esse consumo encarece a medicina?

Quando falo que precisamos de uma rede básica de qualidade, não falo de uma medicina barata. Organizar uma rede nacional com generalistas, com referência e contrarreferência, apoio e diagnóstico é caro. E existe um processo de incorporação tecnológica na saúde mundial que pressiona o custo. Claro que certas tecnologias trazem benefícios para pacientes, prolongam a vida, mas nem todas devem ser incorporadas. Por isso os países estabelecem sistemas de regulação na introdução delas. O Brasil criou no Ministério da Saúde, lei sancionada em 2011, a Comissão de Incorporação de Tecnologias do SUS. Nada é incorporado – medicamento, reagente para diagnóstico, equipamentos para diagnóstico por imagem – sem que essa comissão desenvolva, em parceria com universidades, estudo que comprove que aquela tecnologia vá ser positiva para o sistema.

O Hospital Santa Catarina anunciou o fechamento de sua maternidade. Entre as justificativas está o envelhecimento da população, que demanda mais leitos hospitalares. É uma mudança sábia?

Estamos passando por um processo importante de transição demográfica. Nossa taxa de fecundidade está abaixo de 2. Em 2030, a projeção é que o Brasil terá mais pessoas acima de 60 anos do que entre 0 e 19 anos. Serão mais casos de hipertensão, diabetes, doença cardiovascular, doença cerebrovascular, câncer. No passado, a predominância era das doenças infectocontagiosas. Hoje é de

REFLEXÕES VIII

doenças crônicas. Isso impacta o sistema de saúde. Chamo atenção para uma coisa bem brasileira, que piora o quadro: a violência. Temos 50 mil homicídios por ano e um volume absurdo de acidentes de trânsito, que criam um fator adicional a esse perfil crônico.

O senhor mencionou as doenças epidemiológicas. Na contramão do que vem acontecendo em outros países da América Latina, a aids aumentou no Brasil. O que está acontecendo?

Por causa dos coquetéis, a mortalidade diminuiu e tivemos um número grande de pacientes com uma qualidade de vida boa ou razoável, o que é uma conquista do SUS. O Brasil é dos poucos países a oferecer tratamento contra a aids para todos. Mas isso criou a sensação, especialmente para as novas gerações, de que a aids deixou de ser problema grave, quando sabemos que o uso continuado desses medicamentos traz uma série de efeitos colaterais e limitações na qualidade de vida. Então a prevenção é muito importante, mas houve uma perda de iniciativas mais contundentes do ponto de vista da educação nesse sentido. Um exemplo: lancei, quando ministro, o projeto de colocar máquinas nas escolas secundárias para que os jovens pudessem retirar os preservativos dali. Não foi para frente, o que lamento muito. Essa é uma questão de saúde pública fundamental, que não pode ser contaminada por questões religiosas ou filosóficas.

Na semana passada, um vigia que agonizava em frente a um hospital em São Paulo não foi atendido pela equipe de saúde e ainda se apuram os responsáveis pela morte dele. Um dos enfermeiros disse não ter se aproximado porque temia uma farsa. Falta humanização na formação dos profissionais de saúde?

É inquietante que uma pessoa pedindo ajuda em frente de uma unidade de saúde seja largada sofrendo sem que fosse acolhida na unidade, seja ela pública ou privada. A medicina tem um princípio básico, que é o de cuidar, de minorar o sofrimento, de garantir a vida. Fico pensando que tipo de sociedade estamos construindo,

esse temor em se aproximar e acolher essa pessoa... Do ponto de vista prático e objetivo, foi um crime de omissão de socorro que tem de ser apurado com rigor; os responsáveis precisam ser punidos. É inadmissível acontecer isso numa sociedade como a nossa e numa grande cidade, em frente de um hospital. Não estamos falando de um lugar ermo. É muito grave.

Depois do fechamento do pronto-socorro da Santa Casa, houve uma troca de acusações entre o governo federal e estadual com clara partidarização do debate, como tem acontecido com todos os debates importantes neste período pré-eleitoral. Ano de eleição faz mal à saúde do povo?

Quando você olha o sistema de saúde brasileiro, não há como omitir que a responsabilidade é compartilhada entre os governos federal, estadual e municipal. Claro que existem papéis específicos, mas no limite esses três entes são solidários, e deveriam ser solidários nos problemas também. O pior dos mundos é que se use esse tipo de evento, que no limite afeta a qualidade de vida da população, para picuinhas ou para ver quem fatura mais eleitoralmente. Se o ano eleitoral faz mal à saúde do povo? Deveria ser o contrário, um momento de profunda reflexão e de debates de propostas que aperfeiçoem o sistema.

Mas, quando se fala em programas, a pergunta clássica é o que o próximo presidente fará do Mais Médicos.

Focar o debate do futuro da saúde brasileira no Mais Médicos é de uma pobreza atroz. Acho que o programa chamou a atenção para a necessidade de rever a padronização e a qualidade de formação dos médicos. Há uma polêmica se foi organizado da melhor maneira, se não foi, uma contaminação político-ideológica vasta em torno do programa. Agora, tentar limitar as grandes demandas da saúde brasileira ao Mais Médicos, faça-me o favor! O Mais Médicos é uma gota no oceano e não vai, por si só, reverter coisa alguma. É como se a grande questão da saúde pública brasileira fosse o médico. Isso expressa uma indigência cultural e uma visão pequena: confundir saúde pública com medicina. Saúde pública é muito mais ampla que

REFLEXÕES VIII

medicina. Não se limita ao trabalho médico ou de oferta de assistência médica. Esta é uma visão pobre, limitadora e que não vai resolver nada. ●

José Gomes Temporão: médico sanitарista e ex-ministro da Saúde.

Entrevista concedida à repórter Mônica Manir ao jornal O Estado de S. Paulo no dia 26 de julho de 2014

LUIZ BIANCI

Muita aula pela frente

Eduardo Belo



A expansão do acesso ao ensino superior no Brasil pode ser considerada, ao mesmo tempo, uma das maiores realizações dos últimos governos – Fernando Henrique, Lula e Dilma – e também uma das mais problemáticas. Especialistas ouvidos pelo Valor são unânimes em apontar a importância do maior acesso dos brasileiros à universidade. É um processo que precisa continuar. Mas se o próximo governo quiser

tornar o ensino superior um avanço real para o País, terá de atacar seu principal problema: a falta de qualidade.

"A ideia de expansão é correta, porque o Brasil tem baixa porcentagem de população no ensino superior", afirma o sociólogo Simon Schwartzman, presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets) e ex-presidente do IBGE, "mas a maior parte dos que estão entrando na faculdade não vai atrás do ensino tradicional ou não vai terminar o curso." São dois problemas, diz: a expansão está aquém do necessário e não foi acompanhada de uma preocupação com a melhoria do ensino superior. "Cresceram mais os cursos mais fáceis de montar e mais baratos, que não requerem grandes instalações, como administração, direito e economia, mas não os cursos de alto nível. Muita gente se forma em direito e depois não passa no exame da OAB."

Para Schwartzman, não há uma política clara de excelência, que privilegie as melhores instituições de ensino com a dotação de mais recursos, como ocorre no exterior. "Enquanto o País está formando mais gente, o mercado de trabalho se queixa da falta de gente qualificada."

Schwartzman observa que "o Plano Nacional de Educação fala em expansão do ensino superior, mas isso vai criar uma situação

REFLEXÕES VIII

financeira muito complicada para o governo". A razão é que "não estão sendo observados critérios de qualidade, nem acadêmica nem do ponto de vista do mercado de trabalho, para realizar essa inclusão". Muitos entram na universidade e não conseguem concluir o curso. A evasão leva à perda de receita, inviabiliza a existência das instituições privadas e causa rombos no crédito educativo do governo. "O aluno que toma um crédito educativo só vai pagar algum tempo depois de formado. Se ele não se forma, não paga."

E, quando se forma, pode estar se tornando vítima de um "estelionato", na expressão de João Grandino Rodas, professor titular de direito e ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP), de 2010 a 2014. É o que acontece "quando o jovem obtém um diploma sem ter as mínimas condições de exercer a profissão, quer por falta de preparo básico, quer por falta de mercado de trabalho".

Com apenas 12% de adultos com ensino superior, o Brasil se encontra muito abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), de 35%.

Organismos internacionais, como a própria OCDE e a Organização das Nações Unidas, consideram necessário ter pelo menos um terço da população adulta com formação universitária para manter o dinamismo econômico e social de um país.

"O que aconteceu no Brasil é que, nos últimos 15 anos, foram criadas inúmeras universidades sem nenhuma preocupação especial com qualidade e excelência", afirma o físico e professor da USP José Goldemberg. Para ele, o País tem grande número de faculdades pagas nas quais a qualidade deixa a desejar. O governo criou um sistema de financiamentos e bolsas de estudo que facilita a vida dos estudantes, "mas a preocupação em ter um corpo docente qualificado, que demonstre excelência, não foi administrada". Rodas fala em "preparação inadequada de parte do corpo docente, tanto no que se refere ao conteúdo, quanto à didática".

As carreiras de docentes são pouco estimuladas, na visão de Roberto Lobo, ex-reitor da Universidade de São Paulo (1990-1993), fundador e dirigente do Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia. "O bom professor, aquele que

REFLEXÕES VIII

ensina, é pouco valorizado." Segundo ele, as avaliações só levam em consideração trabalhos publicados. No tripé acadêmico – ensino, pesquisa e extensão – só se dá importância à pesquisa. "O professor pode ensinar e fazer pesquisa, mas o papel fundamental dele é ensinar. Seria preciso avaliar melhor esses professores, para que as instituições passassem a valorizá-los, valorizar a carreira".

A falta de capacitação dos professores é também um problema que afeta as fases anteriores do ensino, afirma Lobo. "A formação de professores hoje é muito deficiente. Os cursos de licenciatura são fracos. Os professores do ensino básico e médio não estão bem preparados e não têm perspectivas de carreira. Isso influencia o resultado do ensino superior".

"A expansão do ensino superior vai criar uma situação financeira muito complicada para o governo", prevê Simon Schwartzman

A expansão dos cursos universitários menos exigentes em matéria de instalações é alvo de críticas generalizadas. A maioria condena o modelo por considerar que o País precisa menos de administradores e mais de engenheiros e outras profissões técnicas ou tecnológicas, da área das ciências exatas. Mas há também quem observe que o problema não é formar muitos administradores de empresas. Ao contrário. Uma das muitas carências do Brasil é a oferta de gestores. Ocorre, porém, que os formados nessas profissões não correspondem às exigências do mercado.

É o que diz, por exemplo, o filósofo Renato Janine Ribeiro, professor titular da Universidade de São Paulo e colunista do Valor. Segundo ele, os cursos mais fáceis de montar são administração, direito e pedagogia. "Não há dúvida de que precisamos de administradores e professores, mas esses cursos não conseguem formar pessoas capazes de fazer uma revolução no ensino, nem na gestão." A explicação para isso está na qualidade da formação. "São cursos fracos." A formação não é suficiente diante dos desafios. "É um problema sério do Brasil: 70% ou mais dos formados em administração nunca vão conseguir ser administradores, enquanto temos problema sério de gestão pública e privada."

O modelo tecnológico é apontado como o mais adequado para o

REFLEXÕES VIII

País. "Existem muitas pessoas, eu inclusive, que têm uma visão de ensino superior voltado para formar uma elite tecnológica que promova o desenvolvimento do País", afirma Goldemberg.

Ex-reitor da USP (1986-1990) e ex-ministro da Educação (1991-1992), Goldemberg defende um modelo semelhante ao implantado pela Coreia do Sul e outros países asiáticos: foco no ensino das ciências exatas e alto grau de competitividade. "Há 50 anos, a Coreia era um país mais atrasado que o Brasil. Hoje, está mais avançada, porque lá o ensino superior é uma preocupação fundamental não só do governo, mas da sociedade como um todo. A ênfase é na qualidade".

Goldemberg demonstra certo desconforto com as origens do ensino superior brasileiro, baseado na tradição humanística francesa. Para ele, as universidades brasileiras foram criadas "muito tarde" – a USP é de 1934 – e padecem de uma "característica cultural, não tecnológica, que atrapalha o Brasil de hoje".

Goldemberg aponta o programa Ciência sem Fronteiras, do governo federal, que envia estudantes para outros países, como uma tentativa de melhorar a universidade brasileira ao expô-la ao contato das melhores instituições do exterior, mas argumenta que nem assim o País alcança a qualidade necessária. Segundo ele, os estudantes não dominam outros idiomas e, em boa parte, acabam se concentrando em Portugal. (A página do programa na *internet* mostra que Portugal conta hoje com 623 bolsistas brasileiros do Ciência sem Fronteiras, enquanto na Alemanha são 2.318 e nos Estados Unidos, 10.837).

O problema da qualidade não está atrelado a uma suposta carência de recursos financeiros, pretexto-padrão para nove entre dez mazelas da administração pública brasileira. A questão é burocrática. As universidades federais não têm autonomia financeira – ao contrário do que ocorre com as estaduais de São Paulo (USP, Unesp e Unicamp). Elas se tornam caras e não conseguem qualificar seu corpo docente, por falta de um plano de carreira que privilegie a melhoria contínua dos professores, afirma Goldemberg.

REFLEXÕES VIII

Ele diz que os professores das universidades federais recém-criadas "são muito jovens", sem o preparo necessário, e estão aproveitando as primeiras oportunidades de concurso público para se tornar "funcionários efetivos", sem se comprometer com a formação acadêmica. Mesmo assim, os salários são maiores que os da USP, a melhor universidade brasileira em diferentes *rankings* nacionais e internacionais. De acordo com Goldemberg, um professor titular de uma federal recebe mensalmente em torno de R\$ 15 mil. "É um salário de padrão internacional", comenta. "Se você for às instituições dos Estados Unidos, vai ver que são salários parecidos, mas sem a mesma exigência de qualificação." Estudo do Boston College indica que um professor universitário no topo da carreira ganha o equivalente a US\$ 4,6 mil no Brasil, valor próximo ao do salário de um professor japonês ou francês, mas metade do que se paga no Canadá ou nos Estados Unidos.

O ex-ministro defende o modelo da USP, no qual se valoriza o desempenho. Mesmo assim, nem todas as suas áreas seguem o modelo, diz. "Para progredir na USP é preciso fazer mestrado, doutorado. As pessoas não se tornam professores titulares rapidamente. Existe uma série de barreiras. Exige-se que os professores jovens trabalhem bastante para alcançar as posições mais elevadas. Essas universidades federais que estão sendo criadas têm sido povoadas por professores jovens, que não passaram por esse crivo. E isso terá um custo enorme no futuro, porque vão se constituir numa barreira para a melhoria da universidade."

"A USP gasta R\$ 4 bilhões por ano, poderia oferecer mais", diz Schwartzman. "Ela também está na lógica da expansão, embora não seja federal." Essa expansão pode ser uma das causas que têm levado à queda das universidades brasileiras nos *rankings* internacionais. Este ano, a USP caiu no *ranking* "reputacional" da Times Higher Education. A instituição, que no ano passado figurava no intervalo entre o 61º e o 70º lugares, recuou para a faixa seguinte – da 81ª à 90ª posição.

No QS Quacquarelli Symonds University Ranking da América Latina, a USP perdeu a liderança pela primeira vez para a Universidade Católica do Chile.

REFLEXÕES VIII

A queda nos *rankings* não tem tanta importância, porque isso pode ocorrer de um ano para outro, diz Lobo. Até então, a USP vinha subindo sistematicamente. É preciso ficar atento caso continue caindo. "Aí precisamos ver o que está acontecendo." Na queda, a universidade pode ter ficado "inexoravelmente para trás, como está acontecendo com as universidades latino-americanas em geral", diz Rodas. "Com referência à USP, as greves e as dissensões internas, assim como a ausência de continuidade administrativa em aspectos básicos, a estão levando para baixo, inclusive no tocante aos rankings globais e regionais."

Lobo tem uma avaliação que se assemelha à de Schwartzman e, em parte, à de Goldemberg. "Até acho que a USP poderia render mais do que rende, mas isso é outra história. Acho que é uma questão de gestão, que toda instituição pública deveria cobrar mais de seus funcionários, procurar processos de avaliação mais rígidos do corpo docente e até estabelecer metas, inclusive de posicionamento nos *rankings* internacionais."

Os *rankings* são muito diferentes entre si e utilizam critérios baseados no sistema anglo-saxão de ensino superior, a fim de minimizar a importância da queda, diz Janine. "É um modelo tecnológico, avesso à área de humanas e muito distinto do que se pratica no Brasil."

Naércio Menezes, coordenador do Centro de Políticas Públicas do **Inspere**, colunista do **Valor**, também considera importante aumentar a formação nas áreas de ciências exatas. Ele entende que o crescimento do número de formandos em administração, pedagogia e direito decorre de forma natural do aumento de renda da população menos assistida, que escolhe esses cursos como os mais acessíveis ou os únicos possíveis, em um universo de possibilidades limitado.

Essa abertura começou na administração de Paulo Renato Souza no Ministério da Educação (1995-2002, governo Fernando Henrique), diz Menezes, quando a desregulamentação do setor abriu espaço para o crescimento das instituições privadas e para a multiplicação das universidades particulares. O crescimento prosseguiu nos

REFLEXÕES VIII

governos Lula e Dilma, com a ampliação da rede federal. Até este ano, foram criadas 47 universidades e institutos federais de educação, ciência e tecnologia.

"Por falta de acesso ao crédito, principalmente no passado, hoje menos, as pessoas iam para as carreiras mais baratas e mais fáceis", comenta Menezes. "É preciso mudar isso, porque os diferenciais de salários mostram que os maiores gargalos estão em engenharia e outras áreas de exatas."

"Muitas pessoas, eu inclusive, têm uma visão de ensino superior voltado para formar uma elite tecnológica" diz José Goldemberg

Ele entende que as novas modalidades de financiamento do ensino superior ajudam a mudar essa realidade, mas não tem certeza se o Programa de Financiamento Estudantil (Fies) e o Programa Universidade para Todos (Prouni) são suficientes para compensar as necessidades e cobrir definitivamente essas defasagens.

Na visão de Menezes, o principal gargalo nem é o descompasso entre oferta e demanda de cursos mais ou menos tecnológicos, mas a baixíssima qualidade do ensino básico e médio. A formação deficiente acaba comprometendo o curso superior. Ele cita a alta evasão no ensino médio como um dos problemas. Os dados mais recentes, de 2012, do levantamento Todos pela Educação, indicam que apenas 52% dos jovens em idade escolar que concluíram o ensino fundamental estavam matriculados no ensino médio.

"Os que completam o ensino médio em geral apresentam qualidade muito baixa em matemática e leitura, o que dificulta muito o acesso ao ensino superior, principalmente em cursos mais difíceis, como os de exatas", diz Menezes. As deficiências são tantas, que boa parte das instituições de ensino superior consome parte do período letivo, principalmente no início das atividades, para sanar parcialmente deficiências de matemática, leitura e, eventualmente, de história, comenta Janine. "É um trabalho de alcance limitado, porque anos e anos de atraso precisam ser cobertos em algumas semanas." Para Menezes, "é difícil separar a qualidade do curso superior da qualidade dos alunos". Enquanto os jovens continuarem chegando mal preparados à universidade, a média dos cursos superiores será

REFLEXÕES VIII

necessariamente ruim. É por essa razão que estudantes mais pobres "vão ficando para trás": justamente porque frequentam um ensino médio e fundamental de qualidade inferior, acabam entrando em faculdades ou universidades de menor padrão – quando entram.

"O Brasil tem um desempenho pífio no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes [Pisa, na sigla em inglês] em relação a outros países", observa Menezes. Dados do programa divulgados no início deste ano mostram que o Brasil foi um dos países que mais avançaram nos indicadores de ensino, mas continua entre os últimos avaliados. Em um *ranking* de 65 países, o Brasil está em 55º em leitura (compreensão de textos), 58º em matemática e 59º em ciências.

Menezes é contra a atitude, que considera paternalista, de se criar barreiras à existência de cursos de menor qualidade. Embora considere que o ideal é conciliar as duas coisas, seria preferível ter uma oferta maior de cursos superiores e dela extrair alguns com mais qualidade. Em seu entendimento, cursos de padrão inferior não são ideais, mas atendem a uma demanda e permitem que quem não tem acesso a um ensino de qualidade possa se valer desses cursos para melhorar de vida. O ensino superior é usado por muitos para complementar deficiências do ensino médio e para galgar posições no mercado de trabalho. Desse modo, esses cursos têm, bem ou mal, uma função relevante. "A pessoa acaba aprendendo alguma coisa e, mesmo que não suba muito de posição, social, vai ganhar mais", argumenta.

Para Menezes, o Ministério da Educação tem a função de avaliar todos os cursos e divulgar amplamente os resultados. "As instituições acabam suprimindo desejos da população. Tem muita diversificação de preço e qualidade porque as pessoas escolhem o melhor para si em termos de custo-benefício", diz. "Não cabe a nós escolhermos por elas." Ele acha que o governo só deve se preocupar com a qualidade dos cursos que impliquem riscos, como no caso das faculdades de medicina. O restante irá se desenvolvendo com a demanda e melhorando de nível conforme as exigências.

Um exemplo da capacidade de adaptação do mercado às

REFLEXÕES VIII

necessidades são os chamados cursos tecnológicos. Embora estejam disponíveis também na rede pública, é nas faculdades e universidades privadas que vicejam, afirma Schwartzman. "Tenho dados de 2012 que mostram que havia 800 mil alunos matriculados em ensino superior tecnológico, contra apenas 200 mil no governo [instituições públicas federais]. Quem faz isso bem, embora pouco também, é a Fundação Paula Souza, que comanda as Fatecs [Faculdades de Tecnologia] de São Paulo."

Schwartzman considera inadequada a denominação "tecnológicos" para cursos superiores de curta duração e de conteúdo mais técnico, focado no mercado de trabalho, porque nem sempre são tão tecnológicos assim. Mas entende que representam oportunidade importante para a formação de mão de obra. "Falta ênfase maior no ensino técnico de nível universitário, só que o setor produtivo deveria participar mais da elaboração, para definir melhor que tipo de mão de obra será formada, de acordo com as necessidades".

Cursos tecnológicos suprem necessidades em menos tempo e podem ser boas alternativas para pessoas que não possam frequentar um ensino mais longo, diz Menezes. É bom que foquem mais no aspecto técnico, no qual o País enfrenta grande carência de profissionais.

Cursos mais curtos e mais focados trazem algumas vantagens. A primeira e mais evidente é a facilidade de inserção profissional. A segunda reside no custo, que acaba influenciando decisivamente a terceira: a redução da evasão.

Grande parte da evasão se dá porque a entrada na universidade retarda ou, no mínimo, limita a participação do jovem no mercado de trabalho. Aquele jovem, mesmo que estude em uma instituição gratuita, vai precisar ser financiado enquanto não estiver no mercado – seja pelo Estado, seja pela família.

Deficiências do ensino básico e médio acabam tendo que ser cobertas em salas de aula ainda na universidade, lembra Janine Ribeiro

Lobo acredita que os cursos tecnológicos podem ser bons, "desde

REFLEXÕES VIII

que funcionem em um sistema semelhante ao europeu, no qual se valorizam profissionais para o mercado de trabalho". Em sua visão, o mercado brasileiro "não está entendendo onde deve usar tecnólogo e onde usar bacharel".

Outro ponto falho apontado por Goldemberg é a pesquisa. "A universidade só vai ser boa se houver pesquisa. Se não houver pesquisa, vai reproduzir conhecimento. Vai ter o mínimo de laboratório possível. Se quiser uma universidade mais dinâmica, precisa ter pesquisa, porque pesquisa melhora o ensino".

Para Menezes, pesquisa é importante, mas precisa ser circunscrita aos locais em que faz sentido: as instituições de excelência. "Tem de ser coisa de poucas universidades. Pesquisa é algo muito caro e não há necessidade de tantos professores-doutores. Precisa ficar restrita a alguns centros, polos regionais. A maioria das faculdades deve se dedicar a ensino de qualidade."

Janine acredita que um salto de qualidade pode se dar com a mudança de mentalidade. Ele defende a mudança dos currículos dos cursos de bacharelado, hoje muito ligados à ideia de profissão. Isso permitiria que as pessoas transitassem entre diferentes atividades profissionais ao longo da vida. "Hoje, mudar de rumo profissional é considerado um defeito. Deveria passar a ser visto como uma coisa normal". Segundo ele, as pessoas hoje têm uma vida ativa até os 70 ou 80 anos e não faz sentido passar 50 ou 60 anos limitadas a uma escolha feita no fim da adolescência.

Janine defende uma proposta semelhante à que vem sendo testada na Universidade Federal da Bahia, de bacharelados interdisciplinares. Ele acha também que o ensino superior deveria oferecer atualizações periódicas de conteúdo. "Algumas até deveriam ser obrigatórias, como no caso das profissões de saúde e de engenharia".

Apesar dos problemas enfrentados nos últimos anos com fraudes, o sistema de seleção de alunos para o ensino superior pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é considerado positivo pela maioria dos entrevistados. "O Enem é um modelo ótimo", diz

REFLEXÕES VIII

Menezes. "Um exame só feito para o Brasil inteiro. Dá acesso ao Prouni, ao Fies. Eu não faria nenhuma mudança".

Mesmo assim, o professor do Insper acredita que o modelo possa ser aperfeiçoado se as provas forem feitas por computador, para reduzir os custos elevados, e mais vezes por ano, para facilitar a seleção. "Se fizer mais vezes, de forma computadorizada e com um sistema eficiente de monitoramento, consegue-se reduzir a possibilidade de fraude, que é o principal problema".

"Não conheço sistema de seleção melhor do que o Enem", afirma Lobo. "Todo critério cria distorções e exclusões e nenhum sistema de seleção é perfeito. Dentro das suas imperfeições, o Enem é o melhor".

Goldemberg prefere um modelo "mais competitivo", como o da Fuvest, o processo seletivo da USP, segundo ele, muito semelhante ao dos modelos internacionais que admira. "A USP tem vestibulares muito competitivos. São 100 mil, 150 mil candidatos para disputar 7 mil ou 8 mil vagas. Isso lembra a Coreia". Na avaliação dele, esse modelo é o que mais se aproxima do ideal para a formação de uma elite científica e tecnológica para o País. ●

Eduardo Belo: bacharel em Jornalismo pela PUC-SP.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 15 de agosto de 2014

Tempos vorazes

Jorge Felix



Enterro de Matheus Alves dos Santos, de 14 anos, morto em junho por policiais militares no Sumaré, realizado no cemitério do Caju, no Rio



O caso ocorreu no bairro dos Jardins, zona nobre da capital paulista. Era uma manhã totalmente comum na rotina de uma moradora de um edifício de classe média alta, localizado em algum ponto da Alameda Lorena. Na entrada, cumprimentou o porteiro, como rezam as boas maneiras, e saiu para seus compromissos cotidianos. Banca de jornais, uma compra ou outra de ingredientes encomendados pela cozinheira para completar o almoço. De repente, a mixórdia de gritos, buzinas e correrias até a esquina a deixou estática ainda na calçada. Não conseguia identificar com clareza o que estava acontecendo, mas também teve receio de aproximar-se ainda mais da confusão desconhecida, anormal para um trecho de rua sempre tão previsível. Eis que surge em sua frente, atravessando em zigue-zague pelos carros, uma figura familiar. Ou pelo menos ela assim o considerava até então. Era um seu vizinho antigo e ela imaginou que, finalmente, desvendaria o mistério e o motivo da confusão. Mas não. Com as mãos trêmulas, erguidas para ela, aquele senhor, supostamente tão conhecido, gritava fora de si: "Faltou pouco para eu dar um soco nele! Faltou pouco para eu dar um soco nele!"

Estava inconformado porque a presa lhe escapara por entre os dedos. Tratava-se de um garoto. Talvez um ladrão oportunista pego em flagrante pelos transeuntes, ajudados por seguranças à paisana, bem no momento de um assalto frustrado. Cercado pela turba em

REFLEXÕES VIII

fúria, o rapaz ficara no chão, chutado e xingado. Livrou-se do linchamento porque a polícia chegou rápido.

Ficou na mente daquela senhora, uma professora universitária, a imagem daquele vizinho transtornado sem nenhum resquício que pudesse lembrar o homem educado, cordial, que, durante décadas, ela julgou civilizado. Estava transmutado pela gana de fazer justiça com as próprias mãos.

O relato pode soar como ficção, mas é absolutamente verídico. É apenas um caso de tantos fatos randômicos, para usar a palavra da modernidade cibernética, que desfilam diante de nós como um catálogo de episódios de violência. Seu particular entre tantos outros noticiados todos os dias à exaustão pela mídia é a figura do senhor com sede de vingança. Foi escrito "justiça com as próprias mãos". Mas não é isso. Justiça, como preza da filosofia do direito, é algo impessoal, regulado por um estatuto, por agentes de um Estado democraticamente instituído. Havia algo na mente daquele senhor que o transformou naquela manhã e o fez acreditar na hipótese de uma violência legitimada pela revolta.

Que sentimento é esse? É ele o responsável pela onda de violência dos nossos dias? Quanto de humano, de individual, de pessoal abarca a cota de violência do nosso tempo?

Um grupo de acadêmicos, intelectuais e pesquisadores está intrigado em responder a essas e outras questões inquietantes da morfologia da violência do século XXI. Se as guerras entre palestinos e israelenses ou entre russos e ucranianos *mundializam* o problema, por outro lado, os esquitejamentos, os casos como o do menino Bernardo ou o fato de um médico e de um enfermeiro assistirem, na porta de um hospital, à morte de um homem passando muito mal sem prestar socorro emprestam um componente pulsional⁵² a esses crimes.

⁵² **Pulsional:** pertencente a comportamento, ou processo psíquico, que é fortemente emocional, impulsivo e essencialmente irracional, e que é uma função direta do id ou dele derivado.

REFLEXÕES VIII

Do dia 14 deste mês até 8 de outubro, no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, o grupo debaterá o tema, em 22 conferências, na 8ª edição do ciclo Mutações, tradicional evento criado pelo filósofo Adauto Novaes. Neste ano o tema é Fontes Passionais da Violência.

A questão é como explicar a violência quando o indivíduo violento tem acesso às condições que, em tese, garantiriam a coesão social

Do ponto de vista da sociologia, evidente, os fatores sociais e históricos sempre aparecem como protagonista das análises e estudos sobre a violência. Desde a constituição da ciência social, Émile Durkheim (1858-1917) enxergou a sociedade como um grande Godzilla a esmagar qualquer tentativa de uma vontade única do indivíduo. Sua existência era moldada pelos vários papéis assumidos nos grupos sociais, pela divisão social do trabalho, que provocaria uma solidariedade orgânica e garantiria a coesão social, sempre intermediada por regras resultantes da educação e do direito. O crime ou o suicídio seriam anomalias com origem na própria constituição do social. Embora com maiores atribuições ao indivíduo, os outros dois fundadores da sociologia, Max Weber (1864-1920) e Karl Marx (1818-1883), justificavam os crimes, a insegurança urbana ou o advento das multidões – a grande obsessão sociológica – com ênfase maior no entorno socioeconômico.

A questão imposta é como explicar a violência quando o indivíduo violento tem acesso às condições estabelecidas pelos fatores que, em tese, garantiriam a coesão social. Não apenas renda, mas educação, informação, discernimento do certo e do errado e, apesar de tudo, um sentimento de raiva, desespero, ódio, incerteza impera sobre seus atos. "A tendência sempre é esquecer as paixões quando se discute violência, como se não houvesse o humano, como se o ódio não pudesse se instalar na mente das pessoas", afirma Novaes. Em sua visão, encontrar saídas para mitigar a onda de violência depende de uma análise de toda a constelação de causas. "Neste momento não são as fontes sociais ou históricas, mas as pulsionais, que chamam a refletir sobre a natureza constitutiva desse animal [o homem] para além da sociabilidade", diz o cientista político Renato Lessa, presidente da Biblioteca Nacional e primeiro conferencista do evento. Ele esclarece: "Não se trata de opor as causas exteriores e as

REFLEXÕES VIII

interiores; é que mesmo aqueles que tratam do exterior devem considerar a dimensão da interioridade". Segundo Lessa, nos nossos dias, é uma obrigação moral dos intelectuais analisar a violência para além dos lugares-comuns.

Muitas reflexões na literatura das ciências sociais, na filosofia ou na psicologia foram esquecidas ou carecem de interpretação à luz dos acontecimentos recentes. Só dessa forma seria possível explicar o avanço da barbárie nos nossos dias. A intenção desse grupo de intelectuais é resgatar algo que o pensamento do século XX parece ter deixado de lado, talvez por medo de ser acusado de ignorar o social em nome do existencialismo.

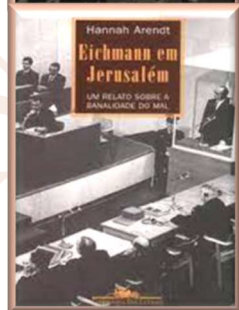
Lessa cita o economista Vilfredo Pareto (1848-1923) como exemplo. Mais conhecido por sua teoria da otimalidade⁵³ econômica – quando o benefício de um não significa a redução do bem-estar do outro –, Pareto também sustentou que o comportamento humano – assim como o de outros animais – abriga um traço pré-cognitivo, um impulso alógico, que se cristaliza depois com a influência da sociedade, ou seja, do meio onde vive. É o que Sigmund Freud (1856-1939) chamou de "dimensão pulsional".

A análise da violência, portanto, estaria contaminada pelo vazio do sujeito, como se o animal humano não carregasse nenhuma característica originária sobre a qual a sociedade exerceria seu papel. "É um desafio para o pensamento contemporâneo explicar por que uma mãe de família sai para comprar pão, no Guarujá, e é linchada, por exemplo", diz Lessa, numa referência ao assassinato da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos, cujas imagens do espancamento público circularam pela *internet* de forma viral.

⁵³ **Otimalidade:** A Teoria da Otimalidade ou OT (Optimality Theory) é um modelo linguístico proposto pelos linguistas Alan Prince e Paul Smolensky em 1993 e vem se expandindo desde então por John J. McCarthy e Alan Prince. Na perspectiva da OT, a gramática de cada língua é determinada por diferentes hierarquias de restrições linguísticas universais, e as diferenças gramaticais de uma língua para outra podem ser explicadas pelos re-ranqueamentos ("reranking") de restrições na OT.

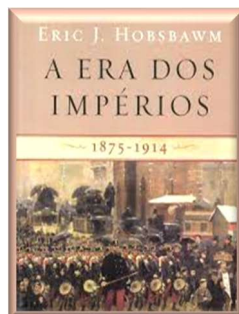
REFLEXÕES VIII

Qual é o componente humano dessa revolta, seja para os moradores da periferia do Guarujá ou o senhor da Alameda Lorena? "A revolta nasce do espetáculo da desrazão diante de uma condição injusta e incompreensível", escreveu Albert Camus (1913-1960) em seu livro *O Homem Revoltado*, uma das tentativas notórias para explicar esse componente humano da violência. Em *Eichmann em Jerusalém*, Hannah Arendt (1906-1975) elaborou o seu conceito de "banalidade do mal", quando constatou que a obediência cega jamais pode ser julgada como neutra porque é um pilar da "burocracia do assassinato". Ou seja, seguindo o raciocínio de Hannah, um médico, enfermeiro ou qualquer funcionário de um hospital nunca poderia negar socorro a um ser humano que agoniza em sua porta com a justificativa de acatar qualquer tipo de ordem superior ou normativa, sobretudo a falta de uma carteirinha de plano de saúde em seu bolso.



A análise proposta pelo grupo de Adauto Novaes parte, porém, de uma evolução histórica para investigar as motivações humanas. Depois de três dias de discussões internas, os intelectuais estabeleceram a Primeira Guerra, cujo início completa cem anos, como marco inauguratório de uma forma de violência ainda perene. "Foi quando o mundo se transformou em trincheira, quando a guerra não é mais nos campos de batalha, mas passa a atingir a população civil, isto é, a violência não está mais longe", explica a professora Olgária Mattos, uma das palestrantes do Mutações deste ano.

O conflito, o primeiro a ocorrer nos cinco continentes, somou 10 milhões de mortos e 20 milhões de feridos. De acordo com o historiador inglês Eric Hobsbawn (1917-2012), em seu *A*



REFLEXÕES VIII

Era dos Impérios, as únicas quantidades medidas em milhões, antes de 1914, eram na astronomia, no cálculo da população dos países ou na produção do comércio e das finanças. Depois da guerra, "nos acostumamos a ter números de vítimas de tais magnitudes". Além da grandiosidade da catástrofe, Hobsbawm sublinha um dos pontos mais intrigantes desse momento para a análise da violência: as hecatombes, no século XIX, se situavam no mundo do atraso ou da barbárie, fora do âmbito do progresso e da civilização moderna. Essas atrocidades notadas nos continentes subdesenvolvidos eram vistas como regressão à selvageria. A guerra de 1914-1918, porém, fez dos métodos de atrocidade parte integrante do mundo civilizado e encobriram os avanços contínuos da tecnologia, da razão, isto é, do progresso.

A Primeira Guerra decretou a falência daquilo que o sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) chamou de "processo civilizatório". Durante três séculos, a humanidade apostou que a construção de um arcabouço social moldaria as relações interpessoais em um ambiente pacífico. "Essa acumulação civilizatória é destruída pela guerra. As regras, o Estado democrático, a diplomacia, sobretudo a razão, a educação e, como destaca Elias, até a etiqueta, as boas maneiras, tudo isso mitigaria as potencialidades letais do indivíduo", diz Lessa. Segundo Elias, uma complexa conexão social forjada no ambiente cultural europeu impôs um autocontrole daquilo que Freud chamou de superego e, assim, arrefeceu o instinto violento do ser humano, permitindo a harmonia na convivência.

A falência do homem civilizado coincide com o malogro dos políticos e das instituições como mediadoras da convivência social

Em busca de explicações para esse processo de bancarrota do homem civilizado, os participantes do Mutações reencontram, de certa forma, as mesmas causas da Primeira Guerra. Em 1914, o capitalismo experimentou o apogeu de seu lado imperialista, expansionista e, conseqüentemente, bélico. "Desde então, o homem, como observou Walter Benjamim, vai perdendo o valor da cultura, da educação, da filosofia, daquele verniz de cultura que determinaria a civilidade e substitui tudo pelo econômico, esse

REFLEXÕES VIII

passa a ser o único valor. Consumir, ter, passou a ser o padrão comportamental", analisa Olgária. "Quando o econômico é fetichizado, o conhecimento perde valor e tudo é brutalista".

Nada se tornou mais brutal nesse período pós-civilizatório do que o tempo. "Aquilo que retarda os resultados econômicos tem que ser excluído e esse sentimento, muitas vezes subjacente, implícito, desperta paixões violentas", diz Olgária. Como é preciso consumir muito, há menos tempo para ganhar dinheiro, logo, desaparece o tempo para reflexão, discussão, debate. É o sumiço da palavra. "Primeiro é a violência; se não der certo, negocia". De acordo com Olgária, essa falta de diálogo é também um desdobramento do "politicamente correto", um tipo de violência contemporânea. "As pessoas não podem criticar. Dizer, por exemplo, que é um absurdo metade dos candidatos nas eleições deste ano não ter nível universitário. Logo a pessoa é classificada de elitista, mas a falta de preparo para a atividade parlamentar também gera violência".

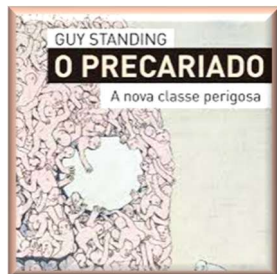
A política é, portanto, o ponto de chegada à corrida da investigação de saídas para a violência contemporânea. A falência do homem civilizado coincide com o malogro dos políticos e das instituições como mediadoras da convivência social. Na opinião dos intelectuais, sem resgatar o político será impossível deter a barbárie. Seria imprescindível repensar o econômico e remodelar as instituições para trazê-las de volta ao papel de mediação. Em busca da hipertrofia de seus ganhos, sobretudo financeiros, o econômico sequestrou o político e sua hegemonia criou um capitalismo de incertezas, volatilidade e desigualdade. "A imprevisibilidade é a maneira mais difusa com a qual a violência afeta o seu corpo físico, mas o fato de você se sentir numa vida imprevisível, isso em si é uma dimensão constitutiva da maior violência que o ser humano pode sofrer", nota Lessa.

Talvez em nenhuma outra dimensão essa imprevisibilidade se manifeste com tanta clareza do que no mercado de trabalho. Depois da crise financeira de 2007, as tendências mundiais foram de incertezas para os jovens, principalmente na Europa, embora a deterioração das relações trabalhistas seja notada a partir do fim dos anos 1970. O sociólogo Guy Standing, autor de *O Precariado - A*

REFLEXÕES VIII

Nova Classe Perigosa, afirma que uma vida laboral de adaptação infinita, insegura, constantemente ameaçada, deteriora o sentido moral.

Standing une o indivíduo sem relação de trabalho formal, o precarizado, com o assalariado, e sustenta que este é tomado pela raiva e pela revolta em se sentir sempre explorado ou ameaçado de perder o pouco que tem. "A mente do precariado é alimentada pelo medo e motivada pelo medo, causando desengajamento político e intolerância", escreve.



As mutações no mercado de trabalho são uma das explicações para a deterioração da representação política e da confiança nas instituições. Elas podem provocar fragmentação dos objetivos, das reivindicações, das bandeiras políticas. As manifestações de massa também podem ser reduzidas a meros aglomerados, com poucas chances de obter resultados do governo, das instituições reclamadas, e ampliam a frustração com o poder constituído. "Essas diferenças é que precisam ser apagadas, essas fronteiras da democracia", diz Novaes. "O direito, o Estado, a revolução não foram eficientes em regular essa igualdade. Convém agora instalar no centro da política a luta contra as formas de violência".

A questão é que o Estado ainda tem o papel de ser o grande mediador, mas falha também quando responde à situação de emergência com mais violência. Essa suposta resposta, como aponta o sociólogo Zygmunt Bauman, em *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, só alimenta a "economia do cárcere", isto é, toda uma indústria, em numerosos países, que produz presos e um exército de profissionais que vive deles, como advogados, servidores públicos e todos os tipos de prestadores de serviço para os presídios. O Brasil tem a terceira população carcerária do planeta, com 715.655 presos, perde apenas



REFLEXÕES VIII

para os Estados Unidos (2.228.424) e a China (1.701.344).

O problema é que a prisão, aos olhos de grande parte da população, é insuficiente como penalidade. "Para as pessoas, o Estado prende e solta ou não dá conta de prender, e a sensação é de insegurança, logo, o indivíduo dispensa a mediação do Estado e acredita que pode fazer justiça por conta própria", afirma Ariadne Natal, pesquisadora do tema linchamentos no Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. Ela analisou 385 casos ocorridos na região metropolitana da capital paulista em 2009. Muitos casos podem estar subnotificados, pois, quando a polícia prende uma pessoa como aquele ladrão da Alameda Lorena, em geral, registra o fato como roubo, agressão corporal. "A própria vítima do linchamento não tem capital social para registrar o ocorrido".

Os casos de linchamento oferecem mais uma prova da falência do "processo civilizatório", pois a ideia dos algozes só encontra relação com a noção de Justiça do período pré-iluminista ou medieval. Remete às práticas de tortura. "É uma visão que o direito e a Justiça só têm valor se houver o castigo físico", observa Ariadne. "A violência é vista como forma de educar e punir. Se isso não acontecer, a justiça não foi feita. Essa é uma declaração que ficou muito presente nos entrevistados na minha pesquisa." A socióloga destaca que esse sentimento tem o mesmo fundamento daqueles que acreditam que a criança deve apanhar para aprender ou mesmo da pena de morte.

Mas, nesse caso, com um agravante. "Nos países onde a pena de morte é legal, embora seja um ponto polêmico, a forma é a mais asséptica possível, pelo menos a legislação prega uma ausência de dor. No linchamento, o objetivo é a exposição social, a dor física, a ideia de sofrimento".

Na pesquisa de Ariadne, o sentimento de vingança é comum a todas as classes sociais e níveis educacionais. Essa uniformidade atua também sobre aqueles que estão no papel de exercer as regras do chamado "processo civilizatório", isto é, os policiais. Esse é o próximo tema de pesquisa da socióloga. "O policial também faz a

REFLEXÕES VIII

mesma avaliação de que o Estado e a Justiça não honram o trabalho dele, porque depois liberta o preso. Então, ele parte para a execução por conta própria", diz, citando como exemplo o caso dos policiais militares do Rio que foram filmados ao assassinar um garoto no Alto da Boa Vista (Sumaré).

Outro aspecto contemporâneo é intrigante para os intelectuais envolvidos na discussão da violência. Assim como as regras de convivência e regulatórias se mostraram promissoras para frear os instintos mais primitivos do seres humanos, o processo de esclarecimento do século XVIII com um maior fluxo de informação racional foi a aposta de fazer do homem o ser civilizado. Pois justamente no momento em que a *internet* permite o maior acesso à informação, provocando uma espécie de "iluminismo cibernético", é que recrudescem a violência desumana, as guerras, a carnificina movida pelo ódio.

Seria uma materialização da violência praticamente a todo instante no espaço virtual quando, por exemplo, alguém bloqueia outro alguém em sua rede social? "A lei hoje é: se me incomodar, elimino", afirma Olgária. Talvez esse seja mais um fator a ser levado em conta para conhecer os motivos intrínsecos ou naturais daquele senhor dos Jardins ávido pela vingança. Ou para justificar a conclusão de que a violência fez do ser moderno aquele que sofreu um trauma. ●

Jorge Felix: é jornalista

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 1 de agosto de 2014

Uma cientista boa de briga

Mayana Zatz



O *mãitre* Rudmar Ferreira aceitou abrir o Compagnia Marinara às 11h30min. Precisava ser um restaurante perto da USP e que antecipasse o expediente em meia hora. A cientista Mayana Zatz até tentou manter o combinado, mas chegou com sua barriga "negativada" só depois do meio-dia. Comer faria parte de sua rotina? "Quando não dá para sair, eu levo 'malmita' [risos]".

O corpo sequinho de seus 67 anos recém-completados está mais na conta de anos de *running*. "Eu corro todo dia na rua e na vida". São tantas as causas e atribuições que um *workaholic* se sentiria intimidado. Ela estava ali num intervalo entre reuniões. Sua rotina tem doses cavalares de discussões científicas e políticas, aulas e aconselhamentos, viagens e papéis, papéis e papéis. "Passo quatro horas da minha jornada cuidando de burocracia. Tenho de assinar um documento para cada reagente que importo para pesquisa", diz a diretora do Centro de Pesquisas do Genoma Humano e Células-Tronco da USP.

Essa é uma de suas brigas mais antigas, até porque ela está sempre incorporando uma nova. "Por que não podemos importar reagentes como importamos livros? Somos cadastrados no CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico] como cientistas. Não vou trazer uma televisão para o meu vizinho".

Bastaria, diz ela, ter uma lista cadastrada na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) com reagentes comuns a várias pesquisas. A cada importação era só indicar o código do item. "A questão científica é vista em curto prazo pelos governos. Você perde dinheiro e qualquer descoberta mais competitiva. Se tenho uma ideia e estou nos EUA, no dia seguinte vou para o laboratório e testo. Aqui espero seis meses".

REFLEXÕES VIII

"A ciência é contraditória com a religião", diz Mayana Zatz, durante o almoço light com peixe

Com essa bandeira, ela passou a fazer parte neste ano do conselho científico da Anvisa. "Mudar as leis de importação para cientistas não vai dar prejuízo à balança comercial e ajudaria muito a pesquisa no Brasil. É uma luta que não desisti".

O perímetro de seu laboratório passa por Brasília. Ficou famosa por lá quando encampou a causa pela aprovação do uso de células-tronco embrionárias em pesquisas científicas tanto junto a parlamentares quanto no Supremo Tribunal Federal. Hoje, por conta da Anvisa e também de um projeto de células-tronco com o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, Mayana precisa ir duas vezes por mês à capital. E mesmo monitorando o poder de perto, o que parece conquistado muitas vezes volta à estaca zero.

No começo deste ano, o governo brasileiro lançou uma portaria segundo a qual o aconselhamento genético (diagnóstico ou estratégia de tratamento e prevenção para uma doença genética) só poderia ser feito por médicos geneticistas. Desta forma, se um neurologista ou um pneumologista desconfiasse que uma criança tivesse uma doença e quisesse recomendar um teste, não poderia. "É um total absurdo. Este é um procedimento que fazemos há décadas. Não sei se queriam a reserva de mercado ou se era falta de entendimento. Existem 6 milhões de pacientes com doenças genéticas no Brasil, cerca de 3% da população, e só 160 médicos geneticistas".

A discussão foi parar no Twitter – uma ferramenta que a professora usa muito bem para a divulgação científica – e ganhou o apoio da deputada Mara Gabrilli (PSDB-SP). Depois disso, a portaria foi republicada em maio com uma emenda, desta vez permitindo que o procedimento fosse feito por uma equipe multiprofissional.

Mas Mayana quer ir mais fundo. Ela também questiona que a portaria da Agência Nacional de Saúde (ANS) obrigue os planos de saúde a cobrir os custos de testes para 29 doenças genéticas, quando existem milhares passíveis de serem diagnosticadas. "Isso é de interesse dos planos e não dos pacientes. Só geneticistas e só para

REFLEXÕES VIII

algumas doenças. É aí que minha atuação não é só científica, mas precisa ser política também".

O Centro de Pesquisas do Genoma Humano atende 100 mil famílias com doenças genéticas. "Com isso a gente consegue fechar diagnósticos e evitar que nasçam outras crianças afetadas. Imagine, de repente, não poder fazer mais nada disso? Tá vendo? Eu tenho de apagar incêndio o tempo todo (risos)".

Pausa para água. A conversa é caudalosa. Melhor até escolher os pratos. O *Compagnia Marinara*, especializado em peixes, é sempre uma opção para ela, que mora próximo, no Alto de Pinheiros. "Tem costela de tambaqui, tem hadoque", sugere o *maître*. Ficamos com o peixe do dia, a merluza negra. Para ela, o risoto de pupunha foi trocado por legumes. "Meus pais nunca incentivaram a gente a comer carne e, depois de certa idade, decidi parar".

Nascida em Tel Aviv, ela viveu na França até os 7 anos, quando se mudou com os pais para São Paulo. Fica explicado por que a cientista tem até hoje um sotaque suave, que dá ritmo à sua narrativa. O pai era engenheiro e montou uma fábrica de tecidos no Brás. A mãe, que tinha PhD em línguas, foi trabalhar com ele. "Cresci nos Jardins e depois nos mudamos para Indianópolis. Estudei no Colégio Paes Leme e no Estadual São Paulo, que era muito *top*. De lá a gente entrava na universidade direto. Era uma vergonha fazer cursinho".

Mayana não era do tipo que dissecava insetos, mas garante que desde criança se interessava por ciências. Ela achava que ia ser médica, porque queria interagir com os pacientes, mas "no científico me apaixonei pela genética e não tinha genética na medicina. Então, fui para a biologia". Na faculdade, foi aluna do professor Oswaldo Frota-Pessoa (1917-2010), autor dos livros que a encantaram na adolescência. "Tive muita sorte porque foi ele quem começou a genética-médica no Brasil e sempre me incentivou."

Desde a época de estudante participava de aconselhamento genético. Aos 20 anos, por exemplo, atendeu uma moça de 15, que vinha de uma família com vários afetados, e calculou o risco de ela desenvolver uma doença. Anos depois, a paciente apareceu no

REFLEXÕES VIII

centro querendo saber se "uma tal de doutora Mayana" ainda estava viva. "A gente tinha só cinco anos de diferença, mas quando você tem 15 anos, qualquer pessoa com mais que isso é velha, né? (risos) Ela tinha a cópia do meu relatório. É assim que funciona, a gente acompanha famílias por muito tempo".

Longevidade é um dos temas a que tem se dedicado. Ela está à frente de um projeto para coletar genomas e fazer ressonância cerebral em pessoas lúcidas e saudáveis com mais de 80 anos. Um dos "investigados" há poucos dias, por exemplo, foi o escritor Ferreira Gullar. "Temos uma amostra de 1.400 pessoas, mas queremos chegar a 2.000 voluntários. Você poderia publicar, por favor, o e-mail para os interessados (8omais@gmail.com)? Com isso, vamos poder analisar o genoma todo de uma pessoa e mapear as alterações ainda não descritas que não estão associadas a risco para doenças". Além dos exames, cada entrevista dos pimpões está sendo gravada e os depoimentos serão transformados num livro.

Mayana se sente renovada também trabalhando com os jovens. Ela dá aulas de genética para o segundo ano de graduação de medicina. "Eles me fazem perguntas que eu nunca tinha pensado. Por outro lado, consigo mostrar motivos para coisas que eles nem imaginavam. E do ano passado para cá, mudei totalmente o conteúdo de aula. Antes eu mostrava como calcular riscos, hoje podemos fazer os exames. Cada vez a tecnologia de sequenciamento permite que a gente faça testes que não eram possíveis antes". Mas, ao mesmo tempo, surgem cada vez mais questões éticas a ser compartilhadas.

Digamos, diz ela, que uma pessoa a procure para saber se tem o gene de uma doença neuromuscular, uma de suas frentes de pesquisa – ela fundou a Associação Brasileira de Distrofia Muscular nos anos 1980. Com o avanço tecnológico, ela pode investigar o genoma e descobrir que a paciente tem um gene para o câncer de mama. E aí? "Conto ou não conto?"

Não foi isso que ela foi investigar. Se for uma mulher de 30 anos, talvez seja importante contar. Mas, e se for uma menina de 15? Aí você diria 'não, para a menina, não!'. E se ela herdou da mãe? Se não

REFLEXÕES VIII

conto, não posso testar a mãe e se não testo a mãe, ela corre o risco de ficar órfã".

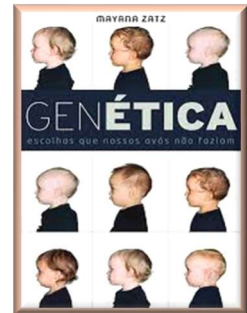
Com a então ministra Dilma Rousseff no Dia Internacional da Mulher



Outro caso exemplar foi um casal em que a filha apresentava uma doença genética que, normalmente, não seria hereditária –, mas, quando o pai é o transmissor. "Ele era apegadíssimo à menina, já estava morrendo de culpa. Mas, quando fizemos o exame de sangue, descobrimos que o pai não era o pai. E aí?"

Ela compartilhou esse episódio, uma vez, num debate com advogados. "Eles me disseram que eu poderia ser processada nas duas situações, se contasse ou não contasse. Pela mãe, por ter revelado o segredo, e pelo pai, que poderia alegar que deixou de ter outros filhos por medo de transmitir a doença".

O dilema ficou restrito à família. O casal não voltou a procurá-la. Os episódios não só animam as aulas da moçada, como se transformaram no livro *Genética - Escolhas que Nossos Avós Não Faziam*.



Ela o lançou em 2011, antes que ganhasse o noticiário, por exemplo, a decisão da atriz americana Angelina Jolie de retirar as mamas preventivamente, após descobrir ter o mesmo gene de câncer que matara precocemente a avó e a mãe. "Foi uma loucura, todas as mulheres querendo fazer o exame. Só quem tem histórico familiar repetido e precoce deve fazer o exame genético. Em geral, o risco de qualquer mulher ter câncer é de 10%. E só de 5% a 10% são hereditários".

Os peixes surgem na nossa frente. "Eu gosto da forma como eles apresentam os pratos aqui". Sua merluza com legumes parece uma escolha *light* recorrente. "Adoro queijo e, se pudesse, comeria tudo gratinado", diz ela, rindo. Outra ousadia são os sorvetes. "É meu

REFLEXÕES VIII

grande prazer gastronômico. Tem um de iogurte de limão na Stuzzi que é divino". Gosta de experimentar vários quando viaja, em especial quando pode esticar dois ou três dias dos congressos internacionais que participa. "Nunca tiro férias de 30 dias". Recentemente tem usufruído dos feriados para "amassar o neto André" – o pequeno mora em Cambridge. "Vou encontrá-lo e a minha filha, que está numa temporada em Harvard com o marido. Aí, aproveito porque colaboro com um grupo de pesquisa de lá".

A questão científica é vista em curto prazo pelos governos

É de imaginar o que essa carga de trabalho intensa significou para seus filhos, Fábio e Cintia. "Eles nunca me culparam, mas eu vivia culpada. Se estava no trabalho, achava que os estava abandonando. Se estava com eles, achava que estava abandonando o trabalho". Mas, garante ela, nunca foi ausente. "Havia uma época que minha filha me chamava de Fidela (risos).

Achava que eu era muito controladora. Já meu filho acha que mulher que não trabalha é folgada. Nenhum dos dois se interessou pela ciência, queriam ganhar dinheiro. Estudaram administração de empresas".

Na sua trajetória, contou com o apoio do marido, Ivo Zatz (que morreu há dois anos), engenheiro e administrador de empresas. "Foi um privilégio porque pude trabalhar muito tempo sem ganhar nada, só me dedicando às pesquisas. Não precisava me sustentar, nem pagar escola dos filhos. Do contrário, não teria feito o que fiz cientificamente".

Preconceito? "Foi a primeira pergunta que me fizeram quando ganhei o prêmio de mulheres da ciência da Unesco, em 2001. Eu disse: 'Sinto desapontá-los, mas nunca fui discriminada no Brasil'." Só nos Estados Unidos, quando fez o pós-doutorado na Universidade da Califórnia, nos anos 1970. "Nunca trabalhei tanto para ser respeitada quanto naquela época. Até hoje, lá, dependendo do seu gênero, o salário é diferente. Aqui você faz o concurso e o salário é pré-fixado".

Há quem discorde, assume, mas não há uma barreira de entrada

REFLEXÕES VIII

para as mulheres na carreira científica no País. "Há até mais mulheres que homens no doutorado nesta área. O que acontece é que elas querem cuidar dos filhos depois dos 30 anos e aí já não são mais competitivas. Ter filho é uma experiência imperdível mesmo".

**Com o ministro da Saúde britânico em 2009,
Alan Johnson**



A nova geração está interessada em montar seu próprio negócio, conta. Há um aluno que começou uma *startup* para derivar as células-tronco das células do fígado. Elas podem ser usadas tanto para testar drogas, quanto para novas linhas de pesquisas como o repovoamento de um órgão danificado. "Imagine que você tenha um problema cardíaco. Aí você tira seu coração e coloca um artificial. Ele vai ser repovoado com células novas, vai ser recauchutado. Então, você recebe o seu original quase novo. Já existem muitas pesquisas com órgãos nesse sentido".

Enquanto pensa nos limites da ciência no futuro, também se preocupa com o ensino aqui e agora. Participou da equipe de professores que desenvolveu recentemente os *kits* de experiências para crianças nas áreas de biologia, física, astronomia, química e matemática. "Mais que conseguir que o MEC [Ministério da Educação e Cultura] distribua nas escolas, queremos que as crianças levem para casa, que brinquem. Que chamem os pais, os vizinhos, para ver no microscópio o que esconde uma gota de água do rio".

Ela participou de outro projeto para "semear a ciência", desta vez em parceria com o metrô de São Paulo, que foi implantado no começo deste mês. São cartazes "bem provocadores" que passaram a ser distribuídos nas estações e terminais de ônibus. Eles trazem textos como: "Diferentes, mas semelhantes. 96% do DNA do chimpanzé são semelhantes ao seu". E há um convite para que o usuário procure saber mais no [link genoma.ib.usp.br](http://link.genoma.ib.usp.br). "A grande alegria de se trabalhar com ciência é que a cada pergunta respondida abre-se um leque com outras dezenas de perguntas".

REFLEXÕES VIII

É evidente que essa atuação em tantas frentes e mais de 340 trabalhos científicos publicados com 8.000 citações transformaram Mayana numa referência que muita gente quer tirar casquinha. A mais vexaminosa é a que envolve o então médico de fertilização assistida Roger Abdelmassih, hoje foragido da Justiça. "Ele

divulgava que tinha na sua clínica uma tecnologia para fazer diagnósticos pré-implantação que até hoje é difícil de ser feita. Ele queria que eu fosse trabalhar com ele para usar meu nome. Mas, como eu desconfiava, era tudo mentira. Não tinha tecnologia nenhuma".

Churros com doce de leite e sorvete de iogurte, claro, foram as sobremesas escolhidas. Nesse momento de conforto com os doces, a fotógrafa Silvia Costanti quer saber. "A senhora acredita em Deus?" Quando criança, acreditava, conta ela. "Mas a ciência é contraditória com a religião. Uma não te permite questionar, outra questiona o tempo todo. Acho legal quem acredita, dá uma segurança maior. Mas, quando vejo uma família com três filhos afetados por uma doença degenerativa, penso logo o contrário: que raio de Deus é esse que deixa uma coisa dessas acontecer?"

Para ela, as pessoas têm uma visão do cientista como se ele tivesse capacidade para fazer super-homens. Como se depois da Dolly, a clonagem humana fosse um passo natural. Há outras prioridades para os pesquisadores, como a cura ou a melhora da qualidade de vida de doentes. Não se dominou ainda, por exemplo, a programação de uma célula para que ela vá até determinada região do corpo e desempenhe a função desejada. "Existem casos de mulheres que, na tentativa de rejuvenescer, injetaram células do tecido adiposo no rosto. Mas, como elas foram mal manipuladas, viraram osso."

Mayana, que lida em longo prazo na ciência, diz que não fazer o mesmo quando pensa em si. "Nunca se sabe, né?" Mas o que ela gostaria mesmo é de trabalhar a vida inteira. "A vantagem da USP é que mesmo aposentada compulsoriamente aos 70 anos, poderia me manter no laboratório." E se amanhã tiver uma terapia capaz de recauchutar o cérebro, por que não? "A ciência é a minha paixão. A

REFLEXÕES VIII

gente ganha pouco, mas se diverte (risos)." Opa! Passamos muito do tempo. Café e chá antes que ela se atrase mais. Corra, Mayana, corra! ●

Mayana Zatz: bióloga molecular e geneticista brasileira, professora do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Exerceu o cargo de pró-reitora de pesquisa da USP de 2005 a 2009.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 8 de agosto de 2014

O futuro está na água

Paulo Mendes Rocha



Paulo Mendes da Rocha participa de debate na Flip com o historiador italiano Francesco Dal Co para falar sobre Paraty e Veneza

Ainda menino, numa Vitória (ES) que estava sendo inteiramente erguida, Paulo Mendes da Rocha acompanhava o pai, engenheiro especialista em construção naval, em suas visitas a obras fora da costa. Criado, como diz, "vendo a engenhosidade

do homem", foi inevitável a vontade de inventar. "Acho que meu pai sabia muito bem o que estava fazendo, porque de fato me comoveu muito ver como eram construídas as coisas."

Não parou de inventar aquele que se tornaria um dos mais notáveis arquitetos do mundo – venceu, em 2006, o prêmio Pritzker, o Nobel da arquitetura. Aos 85 anos, em seu escritório na São Paulo onde se estabeleceu há mais de meio século, conclui entre este ano e o próximo projetos como o Cais das Artes, em Vitória; o novo Museu Nacional dos Coches, em Lisboa; e um Centro de Estudos de Preservação da Natureza, para a Companhia Vale do Rio Doce, na foz do Amazonas. As marcas de sua invenção se encontram em projetos como a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu Brasileiro da Escultura (MuBE) e a Praça do Patriarca reformulada, no centro de São Paulo. Já disse que "o ideal do arquiteto contemporâneo é a cidade para todos", e suas reflexões para a vida urbana passam pela valorização do que é público – dos edifícios ao transporte. Nesta entrevista ao Valor, o tema da água prevaleceu, pelo sonho de recuperação do rio Tietê em meio a uma crise de abastecimento, e pela sua participação na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) na quinta-feira, quando, num debate com o historiador da arquitetura italiano Francesco Dal Co, tratará das experiências de Paraty e Veneza. Um título novo a seu respeito está nas livrarias: Paulo Mendes da Rocha - Obra Completa, de

Daniele Pisani.

Valor: A mobilidade urbana serviu como estopim para manifestações no Brasil no ano passado. Para começar a conversa, uma pergunta prosaica: como o senhor se desloca na cidade?

Paulo Mendes da Rocha: Gozo das virtudes da cidade: vou e volto a pé de casa para o escritório todos os dias. Vivo na avenida Higienópolis e o escritório é este, na República, a poucos metros do viaduto do Chá. Ainda há como opção o metrô, que para vir para cá não faz sentido. Estou a 1,5 km, no máximo. Esse trajeto qualquer um anda, tanto faz se tem 16 ou 70 anos. Talvez canse menos do que pegar o automóvel: tirá-lo de onde está estacionado e enfrentar o trânsito. Como em geral se faz isso inconscientemente – pegar o carro e enfrentar o trânsito –, não se nota o desgaste. O prejuízo nem é esse desgaste pelo esforço, mas pelo que se deixa de fazer com a perda de tempo livre na mente, tempo que se podia usar para divagar. Quando o trânsito encrenca, e se teria como aproveitar o tempo para divagar, daí toca o celular. Estamos ficando programadamente malucos ou inconvenientes para nós mesmos. Jogamos fora uma das supremas graças da cidade, que é permitir a imprevisibilidade da vida. Estamos nos condenando cada vez mais a comportamentos pavlovianos.

Valor: Na Flip, o senhor vai tratar de Paraty e Veneza, cidades com afinidades, sobretudo por serem desenhadas pelas águas. O senhor costuma dizer que a renovação de São Paulo passa pela engenharia do Tietê, tema premente hoje dada a crise dos reservatórios e a possibilidade de desabastecimento. Como resolver?

Mendes da Rocha: Essa questão é crucial para todos nós porque chove na superfície do planeta, a cidade transforma tudo isso inexoravelmente. Podemos imaginar outra cidade, mais permeável, mais inteligente do ponto de vista da engenharia na transformação de suas águas. A Light sugou o Tietê por intermédio do Pinheiros para produzir um pouquinho de quilowatts e estragou todo um sistema, invertendo a natureza de maneira estúpida. Existe um

REFLEXÕES VIII

saber já acumulado, e pela dimensão do erro que está aí, já se podia iniciar modificações, evidentemente benéficas, de prazer para todos nós, num prazo rápido. E depois pouco a pouco se pode ir transformando aquilo tudo. Não é que resolveria de forma definitiva, mas algumas obras são urgentíssimas para corrigir, inverter a ordem do desastre que já foi montada, e a partir daí continuar. A própria cidade precisa de quantidade imensa de água disponível em suas torneiras. Uma das grandes virtudes da cidade é não ter de ir buscá-la no poço. Sem a torneira dentro de casa, não haveria vida contemporânea.

Valor: Por onde passa a renovação da cidade?

Mendes da Rocha: As transformações vão passar por certo elogio das virtudes do edifício e do elevador, também pelo que determinam as linhas de transporte público. Veja o edifício Copan, com mais de meio século, só melhorou. Ficou tão bem posto: com comércio embaixo, a cidade flui, e com o uso do elevador e apartamentos de vários tipos em cima. É algo muito inteligente, porque não caracteriza esse prédio ou aquele como sendo de rico ou de pobre, o que é uma bobagem. O metrô foi inaugurado ali há poucos anos, menos que o tempo de vida que ele tem, e fez com que ele desabrochasse. O prédio é lindo porque não é uma torre isolada, tem um desenho que desfrutou da virtude do terreno amplo que havia ali.

"Não há outro sistema tão ótimo, tão eficaz para transporte de mercadorias e cargas, do que a navegação flutuante"

Valor: Imaginar projetos para casa nunca foram preferência sua, embora tenha feito alguns bastante elogiados. Quando desenha uma habitação, qual a ideia que tem do que é viver bem?

Mendes da Rocha: Do ponto de vista pergunta/resposta, a resposta seria "Não sei" [sorri]. Esse modelo de casinha num terreno, ou casona num terreno, até em lugares onde é proibido prédio, é ultrapassado. Se uma pessoa quer fazer uma casa, digo: "Por que não vai morar num apartamento?" Podemos pensar nessa lírica histórica do sonho do homem e sua casa, aquele camponês de

antigamente, que éramos nós.

As coisas que juntava para dizer "Esta é minha casa": tem forno de pão, umas galinhas lá fora, uma mangueira, um cajueiro. A casa não pode ter particularidade para essa ou aquela pessoa. Você dura pouco em relação à construção. A graça da casa hoje está na dimensão (quase se pode dizer monumental) do que está fora. Se não puder largar tudo, abrir a porta, sair e comprar um jornal, encontrar um amigo e comprar cigarro, está perdido. Essa casa idealizada por quem especula de modo predador o espaço da cidade, que é o negócio imobiliário, valoriza o que é construído no rincão privado exclusivamente habitacional. Pela lógica, no raciocínio inteligente, isso não seria vendável, mas daí se faz propaganda, e, como se sabe, a propaganda consegue convencer a população até de regime nazista. Você consegue vender lugares sem nenhuma virtude. Não vou falar senão recebo tiro na rua. A grande virtude de qualquer casa é o seu endereço, onde ela está. A casa urbana contemporânea seria o Copan, por exemplo.

Valor: O senhor fala do florescimento do Copan. Nos últimos anos há recuperações no centro. Como a Praça do Patriarca, cujo projeto de reformulação é seu. Este prédio do seu escritório [o mesmo do Instituto dos Arquitetos do Brasil] está sendo reformado. O centro revive?

Mendes da Rocha: A exacerbação da especulação predadora do território em torno das cidades promove esse abandono do centro. Não é definitivo, pois há a força do centro, isso se viu em todas as cidades do mundo. Mas as nossas áreas centrais são frágeis em relação a cidades mais antigas, não possuímos monumentos históricos no sentido da palavra, não há nada que se compare a Berlim, Roma, Paris, Lisboa, Moscou. Somos recentes, frágeis e já degenerados. Tanto quanto possa ser a ideia de nossa catedral da Sé, que é uma monstruosidade horrorosa, não tem estilo nenhum, fruto de uma arquitetura de uma pobreza tão indigente que é tudo aquilo que representa. Mesmo o chamado momento da modernização, o metrô como ocorreu na Sé, foi motivo de aparecimento de aberrações – fizeram 20 ou 30 esculturas, não faz sentido. A história nos mostra que uma ou duas esculturas

caracterizam uma praça; tudo foi feito de modo grotesco. Conseguimos estragar o próprio passado. Fizemos de tolices: o Vale do Anhangabaú inteiro era um riacho, uma coisa que podia ser linda, organizada na cidade. No entanto, você vê aquilo empastelado com várias camadas de asfalto, cada vez mais desastrado. O que é mais angustiante para urbanistas, arquitetos, engenheiros é ver a tolice com que se quer reproduzir de forma grotesca a graça que havia antes, fazendo em cima do desastre um jardimzinho. É ridículo, caricato: destruir e fingir que fez um bem, montando certo jardimzinho, feito com muretas. Não estou muito otimista. Numa cidade com 20 milhões de habitantes, vemos que haverá uma descentralização. Daí surge a ideia de concentrar as coisas em torno de Conjuntos Nacionais, de Copans.

Valor: Além da Sé e do Anhangabaú, o que mais é grotesco? Dentre os novos edifícios, pode citar algum?

Mendes da Rocha: Qualquer edifício de apartamento, e principalmente de escritórios, num terreno com jardimzinho em volta e gradinha com portaria com cartão magnético para entrar. Justamente aquilo imaginado com dimensão pública por excelência é visto como se fosse algo privado, você tem de dizer o que vai fazer. Para ser mais ou menos coerente, a virtude da cidade, como falamos, é amparar a imprevisibilidade da vida e justamente aí se quer que você diga o que vai fazer lá dentro do prédio. Um *gourmet* privado deve provocar um odor danado, e dá uma imagem desagradável, parece que você pode convidar os amigos para comer os próprios filhos [sorri]. Aí seria um terraço *gourmet* em casa privada de 60 m² perfeito!

Valor: A dimensão pública é sempre ressaltada pelo senhor...

Mendes da Rocha: Uma das dimensões do prazer do transporte público é esta: você sai do trabalho e não precisa correr, porque a cada três minutos há um trem passando que vai aonde você quiser. Se você encontra um amigo, pode mudar o previsto, não volta para casa tão cedo, vai ao teatro. Então você abole de sua condição diária de vida a aflição, a angústia do trânsito, por exemplo, e passa a ter

outras angústias e aflições legítimas, oriundas dos projetos que desencadeia em seu raciocínio, em suas aspirações. A ideia da imprevisibilidade não é que a vida é um assustado permanente, mas que de fato as coisas nunca estão estáveis.

Valor: O senhor lembrou que as ideias não surgem do nada. O senhor já citou em entrevista: "Nascemos para continuar"...

Mendes da Rocha: É um raciocínio tão lindo, apesar de simples. É de Hannah Arendt, algo assim: "Embora vamos morrer, nascemos para continuar." Essa frase mostra a força da formação da consciência da linguagem, que surge da angústia de uma urgência, que é dizer ao outro aquilo que acabei de descobrir, dizer por que vou morrer, e nascemos para continuar. É da condição humana. No tempo das cavernas o homem aprendeu que é importante se reunir para conversar, eis a fundação da ideia de cidade. A cidade é feita para que possamos conversar.

Valor: Completam-se agora 50 anos do golpe. Havia uma geração de arquitetos que teve projetos frustrados. Um dos seus mestres, Vilanova Artigas [1915-1985], seguiu para o exílio, e o senhor mesmo foi impedido de dar aula e assinar contratos com o governo. Vive-se ainda o luto disso, há como recuperar o que se perdeu?

Mendes da Rocha: Vivemos naqueles dias uma grande repressão no horizonte da cultura. O valor da literatura vem daí, descrever esses indizíveis. Existe uma peça de teatro, *Os Físicos*, do suíço Friedrich Durrenmatt, que nos mostra o seguinte: numa sala de entretenimento de um sanatório para loucos, com TV e xadrez, há físicos como Newton e Heisenberg. Há uma conversa de nível lírico e poético dessa loucura advinda pelo desgosto de terem visto as teorias aplicadas numa bomba atômica, na possibilidade de destruição do mundo. Não era isso que esperavam com as descobertas deles. De volta ao que poderíamos chamar da angústia da existência como projeto – "Não nascemos para morrer e, sim, para continuar": o "como" continuar é sempre uma visão crítica. Nesse dilema incrível surge a figura desagradabilíssima do homem

que sabe tudo, o que inclusive cabe para nossa entrevista, um cara sendo entrevistado como sendo um sábio, não é isso. São hipóteses que você faz com a seguinte convicção. Você nunca sabe como fazer exatamente. O que de fato se sabe, voltemos aos largos horizontes da vida, é o que não fazer. Você sabe que "isso", não. Você pode ter certeza de que isso é um desastre ou aquilo também pode ser um desastre, então vamos experimentar assim.

Valor: Há algum projeto que gostaria de ter feito que ainda não conseguiu realizar?

Mendes da Rocha: Algumas coisas deviam se fazer, não tenho a vaidade de dizer que devem ser feitas como imaginei, mas que se devia fazer em tese. Por exemplo, o meu projeto de cidade, a do Tietê, que seria ao mesmo tempo porto, comunicação e escola. Não há outro sistema tão ótimo, tão eficaz para transporte de mercadorias e cargas, do que a navegação flutuante. Ainda mais num país como o Brasil, onde temos rios poderosos para você imaginar, desenhar, desfrutar de sua navegação. Esse sistema todo transforma a visão espacial da própria América Latina. Principalmente para tentar evitar que uma cidade chegue aos 20 milhões de habitantes, como é o caso de São Paulo.

Valor: Como se poderia solucionar?

Mendes da Rocha: Não consigo imaginar com clareza o que se deve fazer, isso é fruto da falta de planejamento territorial da própria América Latina. Olhando a carta latino-americana, você vê que a ligação do Pacífico com o Atlântico já devia ter sido feita inúmeras vezes, em vários lugares, como associação entre países. Tudo isso é muito estimulante imaginar: a inauguração de novas cidades destinadas a um grande desenvolvimento com as ferrovias, oportunidades que não foram feitas. O atraso da ampla área habitada decorre dessa concentração, era onde havia trabalho nos grandes centros – trabalho que destruiu a beleza da cidade porque foi de tal maneira exacerbado e atraiu gente que largou tudo por um emprego subindo andaime e empurrando carrinho de mão de areia e concreto, isso nos anos 1950 e 1960. A construção era exacerbada para puro desfrute de vender pedaços do território – a exploração

REFLEXÕES VIII

mercantilista imobiliária. As cidades não devem ser feitas assim sem desenho algum, por puro fruto da comilança do que está ali à flor da terra, predadora, talvez herança da política colonial. Pelo fato de ter sido sede do Império, o Brasil é bastante peculiar. Talvez tenhamos tido vantagens que não soubemos explorar bem. Eis aí o luto. Você entristece porque tinha perspectiva, ainda tem. Portanto não é para enfraquecer ninguém, nem deixar tão louco quanto os físicos de Durrenmatt. Em tudo o que se falou falta o ingrediente fundamental que é a educação. A ideia de República só terá sucesso se for possível um grupo de cidadãos capaz de discutir a coisa pública. ●

Paulo Mendes da Rocha: arquiteto e urbanista brasileiro.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 25 de julho de 2014

O que o coração e a mente dos executivos têm a dizer sobre eles

Financial Times



Quando Rob Pearse se inscreveu em um programa de liderança de três dias na Ashridge Business School, no Reino Unido, estava especialmente interessado em um aspecto: "A única coisa que sabia era que o curso é baseado em pesquisas sobre o monitoramento da frequência cardíaca", diz o executivo da Newey and Eyre, companhia atacadista de material elétrico. Durante o programa, à medida que Pearse era apresentado a cenários de crises, seus batimentos foram monitorados continuamente por 48 horas. As leituras de sua frequência cardíaca foram correlacionadas com uma gravação em vídeo de suas ações e reações, para ajudar a isolar os pontos de estresse. Uma aceleração moderada dos batimentos quando se está sob estresse melhora o desempenho, diz Lee Waller, pesquisador da Ashridge, mas pressão demais tem o efeito oposto. "Se você passar do ponto, as pessoas se sentirão ameaçadas."

O curso faz parte de um número crescente de programas que levam equipamentos e técnicas medicinais para a sala de aula. Monitores de frequência cardíaca, *scanners* de retina e até mesmo máquinas de tomografia cerebral estão sendo usadas para ajudar executivos a administrar as partes estressantes de seu trabalho, tomar decisões éticas e a serem mais inovadores.

Na Ashridge Business School, o programa foi elaborado em função de pesquisas sobre o que a maioria dos altos executivos acha estressante – como fazer uma apresentação sem se preparar adequadamente ou ter uma conversa difícil com um subordinado.

Na Austrália, Cameron Newton, professor associado da QUT Business School, de Brisbane, também usa o monitoramento de

REFLEXÕES VIII

frequência cardíaca para pesquisar os gatilhos de estresse em executivos. Seu trabalho acompanha profissionais na Austrália e na Europa e mostra diferenças geográficas surpreendentes. "Um dos principais fatores desencadeadores de estresse na Europa é o transporte." Já na Austrália, o professor conta a história de uma executiva cujas leituras do nível de estresse apareciam baixas no trabalho, mas disparavam assim que ela chegava a casa, onde tinha que cuidar de uma filha de dez anos e de um marido preguiçoso.

A experiência mais extrema a unir o hospital e a escola de negócios talvez seja a que envolve modernas máquinas de ressonância magnética, que formam imagens do cérebro. Um dos expoentes dessa prática é Maurizio Zollo, professor de estratégia e sustentabilidade da Universidade Bocconi da Itália, que está usando os *scanners* para descobrir por que alguns gestores são mais inovadores que outros. "Os conhecimentos que temos de neurociência mostram que há uma área do cérebro que passa da exploração [criação de produtos ou modelos] para a investigação [melhoria da qualidade de produtos existentes], e volta", diz. De acordo com ele, os executivos que conseguem mudar mais rápido são os mais inovadores.

O uso de técnicas de mapeamento do cérebro é aplicado há vários anos nos Estados Unidos – na Goizueta School da Universidade Emory, professores usaram técnicas de tomografia por ressonância magnética em alunos para avaliar quais deles estavam tomando decisões éticas. Essas abordagens são importantes por trazer um aspecto diferente às habilidades de ensino, diz Rick Gilkey, que transita entre a escola de negócios e a faculdade de medicina – ele é professor-associado de psiquiatria. "No MBA, ensinamos ferramentas e técnicas que são lógicas, mas a emoção também é um dado importante. Se você vai falar sobre estratégia, por exemplo, vai precisar perguntar às pessoas como elas se sentem e o que pensam a respeito."

A importância da emoção na mesa de negociações é um projeto de pesquisa de longa data do professor de finanças Andrew Lo, da MIT Sloan, que se especializou em analisar informações colhidas de operadores conectados a fios na Bolsa de Valores de Boston. "Os

REFLEXÕES VIII

mais habilidosos conseguem usar as emoções a seu favor. Por outro lado, existem situações nas quais não é aconselhado tomar decisões em razão do estresse", diz.

O uso da leitura cerebral nas escolas de negócios é visto por muitos como algo polêmico, e por outros como inútil. Na Warwick Business School, do Reino Unido, o professor Gerard Hodgkinson afirma que a análise desses dados pode se tornar enganosa ao simplificar demais o comportamento humano. Em sua opinião, a eficiência no trabalho vai muito além do registro das conexões feitas pelo cérebro e que *insights* de sociologia, antropologia e psicologia são importantes. Ele reconhece, no entanto, que o potencial sensacionalista da neurociência na teoria administrativa vai garantir a continuidade das pesquisas na área.

Não surpreende, assim, o fato de que outras técnicas de psicologia cognitiva também estejam caindo nas graças das pesquisas relacionadas aos negócios. Peter Bryant, professor da IE Business School, é um defensor enérgico dos testes que investigam os processos de pensamento dos empreendedores. Ele usa, porém, uma técnica menos complexa, o teste de "efeito stroop", que usa cartões com informações contraditórias impressas –, por exemplo, a palavra "vermelho" escrita em azul. A diferença entre as respostas dos empreendedores e executivos de empresas que participam dos testes pode ser mensurada. "Nos primeiros milésimos de segundo, os empreendedores processam a informação mais rapidamente. Eles são mais rápidos em aceitar os conflitos e dedicam mais energia do cérebro para resolvê-los."

O professor Zollo tenta descobrir de que forma as escolas de negócios podem mudar o comportamento dos executivos. "Queremos entender o impacto que essas intervenções têm para mudar os padrões cognitivos. Temos de passar do mapeamento para o aprendizado. O terceiro estágio será melhorar nossa capacidade de ensinar, baseado no que aprendemos."

Fazer que os executivos pratiquem suas respostas emocionais em um ambiente acadêmico deverá ajudá-los a se sair melhor em uma situação de crise, ressalta Megan Reitz, diretora do programa de

REFLEXÕES VIII

liderança da Ashridge. Para ela, o objetivo do monitoramento cardíaco é criar "memória muscular." "Quando você precisa fazer alguma coisa que realmente importa, você a faz quase que automaticamente."

A popularidade do uso de pesquisas de neurociência para ensinar liderança convenceu a Frankfurt School of Finance and Management de que há um mercado para um programa de "neuroliderança." O tema do curso de dois dias está centrado na ideia de que os gestores podem tornar suas equipes mais eficientes encorajando-as e recompensando-as, em vez de criticá-las.

A Frankfurt School afirma que os administradores da Alemanha estão mais inclinados a dar credibilidade a resultados mensuráveis do mundo das ciências, apresentados por um neurocientista, do que se a mesma mensagem fosse transmitida sob a aparência de "habilidades sociais."

Sonja Thiemann, diretora do Centro de Competência de Gerenciamento da Frankfurt School, diz que o maior problema é que 80% dos padrões de liderança são inconscientes e a maioria dos executivos não reflete sobre seus comportamentos. Segundo ela, a principal tarefa dos líderes é levar os funcionários do "modo de sobrevivência" para o "modo de crescimento", criando um ambiente que encoraje as pessoas a experimentar. "Estou convencida de que estamos pressionando as empresas para que mudem e reflitam seriamente sobre o comportamento administrativo." ●

Financial Times

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 28 de julho de 2014

O humor é minha arma

Jô Soares



"Minha querida, sentai-vos", convida Jô Soares, levantando-se da cabeceira da mesa e indicando uma cadeira ao seu lado. Nosso encontro – que ocorreu pouco antes de o apresentador ser internado no Hospital Sírio-Libanês com infecção pulmonar – teve como cenário sua sala na Rede Globo, em São Paulo. O local recebeu um tratamento especial e foi transformado em um restaurante. Papéis com a caricatura do

humorista fizeram as vezes de um jogo americano. Alex, o garçom chileno que serve os convidados no Programa do Jô, foi escalado para a ocasião. De terno e gravata-borboleta, organizou as pizzas da Pizzaria Camelo e bebidas sobre um aparador improvisado. Vasos com flores coloridas minuciosamente espalhados completaram a cena. Até bênção de um pastor o lugar recebeu.

"Sabe, Jô", comenta Anne Porlan, produtora de jornalismo do programa, "enquanto você gravava, aproveitei e chamei o padre Periquito, que você entrevistou hoje, para rezar um pai-nosso." "Santo Deus! Nossa produção é ecumênica. Agora é capaz de o Bira [baixista do Sextexto do Jô] aparecer aqui com um pai de santo. Já imaginou?", pergunta, em tom jocoso, o apresentador, devoto de Santa Rita de Cássia. Entre as estantes abarrotadas de livros e porta-retratos há uma prateleira dedicada apenas às imagens da santa das causas impossíveis, em vários formatos: esguia e colorida, minúscula dentro de uma caixinha, mais gordinha e baixinha.

A devoção de Jô Soares, no entanto, não inibe o seu senso de humor. Há anos, entrevistou o cardeal dom Odilo Scherer e, no meio da conversa, soltou:

- Padre pode doar sangue?
- Pode, respondeu o cardeal.

REFLEXÕES VIII

– E sêmen?

Dom Odilo ficou absolutamente corado. A plateia, claro, riu.

Jô Soares é servido por Alex, o garçom de seu talk show, em sua sala, pouco antes de ser internado no Sírio-Libanês e onde permanecia, até quarta-feira, sem previsão de alta



Pode ser papa, político ou um cidadão comum. Tanto faz. Todos são chamados com a sem-cerimônia do "você" no Programa do Jô", exibido na Globo desde 2000. "Vou chamar um de senhor e o outro de você? No Brasil, esse tipo de tratamento serve para as pessoas fazerem uma diferença de escala social." A maneira sem pompas de se dirigir aos convidados acaba sendo um convite para que eles se sintam em casa e baixem a guarda.

Neste À Mesa com o Valor, Jô Soares abriu uma exceção: tratou todos por "meu amor" e "minha querida." Pelo número dos presentes à mesa, esta entrevista parece mais um *talk show*. Do lado esquerdo de Jô, os amigos e colaboradores mais antigos: Willem van Weerelt (diretor-geral do programa), Hilton Marques (consultor de texto), Anne Porlan (produtora) e Fabio Lopes (assistente de estúdio). Calma, ainda há o lado direito: Raïssa Cajaraville e Júlia Dultra (assessoras de imprensa), Ana Paula Paiva (fotógrafa do Valor) e esta repórter. Alex, que serve a todos, completa o time de dez pessoas.

"Está aberto o restaurante do Jô", anuncia Anne, quando Alex começa a servir água. "Espera aí.", diz Jô, levantando-se. "Deixa-me vestir este casaco." Fabio Lopes, como num passe de mágica, aparece ao seu lado para ajudá-lo a vestir a jaqueta de couro preta sobre a malha vermelha.

Desde que sofreu dois acidentes de moto em um curto espaço de tempo, o apresentador comprometeu o movimento dos braços, o que o levou a precisar de assistência.

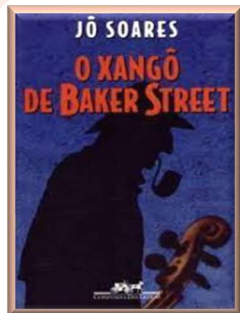
REFLEXÕES VIII

**Jô, Golias e Branca Ribeiro no “Família Trapo”,
em 1967: estreia na TV**



De volta à cadeira, Jô diz que tem a sensação de conhecer a repórter há anos. "Sinto de cara afinidade, empatia." Sentimento que se aplica à maior parte das pessoas. "É uma coisa tão integrada à minha profissão, é uma bênção. Quando viajo para fora do país e ninguém me olha é que estranho. 'Ai, meu Deus, ninguém gosta de mim?' Tanto que, quando pinta um brasileiro, eu quase agarro."

Em uma de suas visitas à França, país que já publicou quatro dos sete livros de sua autoria, Jô concedeu uma entrevista, com seu francês fluente, para Bernard Pivot, que se tornou uma celebridade ao falar de literatura na televisão. Caminhando pela rua, passou por um sujeito e sorriu. Estava crente que o pedestre o havia reconhecido. "Devia estar pensando: 'Lá vai o cara que escreveu O Xangô de Baker Street. Qual o quê. O sujeito soltou os cachorros", conta Jô. "Tá rindo de que, hein? Tá me estranhando?!", prossegue Jô, imitando a reação do falso admirador. "O cara não entendeu. Achou que eu queria cantar ele."



Alex rodeia a mesa servindo vinho. Jô aceita. "Só um pouquinho para brindar." Quando todas as taças estão cheias, levanta a sua. "Tim-tim." Todos respondem em coro. Depois do brinde, Willem van Weerelt completa: "Saúde!" O coro novamente ecoa.

Jô dá o primeiro gole e logo retoma o fio da meada. "Minha profissão é de vitrine, sabe? Ator é exibicionista. Adoro me exhibir." Por isso lida bem com o assédio na rua. Tanto que providenciou cartões com sua caricatura e a frase que virou sua marca: "Um beijo do Jô." Bastava uma caminhada rápida no *shopping* e pronto: lá se ia um calhamaço dos benditos. "Não é mesmo Fabinho [como se refere a Fabio Lopes]?" O moço, sentado lá no outro canto da mesa,

REFLEXÕES VIII

concorda com a cabeça.

Desde que surgiram as câmeras fotográficas nos celulares, porém, ninguém mais dá bola para autógrafos.

Acho que o humor, e não estou falando em causa própria, é um sintoma de inteligência. A pessoa que não tem senso de humor é meio tapada

"Maldito japonês que inventou essa máquina. Devia ser condenado à prisão perpétua", diz, sentindo-se recompensado com as risadas que arranca de todos à mesa. A gargalhada da plateia é o "açucarzinho na boca do comediante", alimento de que Jô se farta desde criança. Filho único, o pequeno José Eugênio Soares morou com os pais em um anexo do hotel Copacabana Palace, no Rio. O quarto era no décimo andar com vista para a piscina. Ao ver aqueles turistas todos ao sol, o garoto colocava uma perna para fora e ameaçava se jogar lá de cima. *Don't do it! Don't do it*, gritavam os hóspedes estrangeiros fazendo sinais com os braços. Quanto mais se desesperavam, mais Jô provocava.

Um dia o apresentador Silveira Sampaio (1914-1964), na piscina do hotel, cantou a bola. "Você pode fazer o que quiser. Vai acabar mesmo é no palco, no teatro, na televisão, fazendo *show*, essa é que é a sua", comentou Sampaio, que tinha um estilo cômico muito ligado à cultura carioca dos anos 1950 e 1960. Estava certo. Versátil, Jô atua, dirige, escreve livros, roteiros e peças de teatro. Só para a TV criou cerca de 300 personagens.

Jô já foi casado três vezes. Com Teresa Austregésilo –, com quem teve seu único filho, Rafael –, com a atriz Silvia Bandeira e com Flávia Junqueira Pedras Soares, uma figura ainda muito presente em seu cotidiano. Há décadas, o apresentador de 76 anos mora em um amplo apartamento em Higienópolis, em São Paulo, que batizou de Espaço Cultural Jô Soares. Já em seu quarto no Hospital Sírio-Libanês, onde até quarta-feira permanecia internado sem previsão de alta, ele tem recebido visitas de um grupo muito restrito de pessoas.

REFLEXÕES VIII

Com o amigo, humorista e parceiro de trabalho

Max Nunes, em 1980



Na infância e adolescência de Jô, seu pai, Orlando Heitor Soares, era corretor da Bolsa de Valores e tinha condições de oferecer ao único filho uma educação de elite. Ele estudou no Colégio São Bento do Rio e no Lycée Jaccard, em Lausanne, na Suíça. Mas os negócios entraram em crise e o pai acabou perdendo quase tudo, ficou apenas com o senso de humor. Foi com Mercedes Leal Soares, sua mulher e mãe de Jô, morar em um apartamento que a irmã do pai dele emprestou. Orlando chegava à casa e dizia: "Micha [apelido de Mercedes], para amanhã já temos o que comer. Depois de amanhã nós veremos como vai ser."

"Papai saiu da Paraíba muito cedo, com uns 12 anos, mas trouxe com ele aquela coisa do nordestino: irônico, muito observador, que olha o mundo com humor. Um humor, aliás, muito parecido com o do Hilton [Marques seu consultor de texto], sabe?", diz olhando para o amigo de quatro décadas, que dá um sorriso cúmplice e levanta a taça em sua direção.

Willem van Weerelt, o Willie, diretor do programa, acaba exercendo um pouco sua função no jantar também. Aproveita a pausa e faz um sinal para que Jô aceite logo um pedaço de pizza. Estão quase todos servidos, mas ninguém toca nos talheres sem que Jô dê a largada. Ele corta um pedacinho de sua fatia e é seguido pelo restante da mesa.

"O humor da mãe", observa, já abandonando os talheres, sem demonstrar muito interesse pelo prato, "era mais extrovertido". A especialidade de Micha, que falava várias línguas como Jô, era passar trotes. "Eu adorava. Ficava incentivando: 'Liga, mamãe; liga, liga'. Lembro-me de que a voz dela era grossa. Mamãe fumava loucamente e teve tromboarterite obliterante. Nunca esqueci esse nome." A doença, muito associada ao tabagismo, impede que o sangue chegue às extremidades e Micha perdeu dois dedos.

"Falei: 'E aí, mãe? E agora?' E ela. 'A manicure vai ter que me dar

REFLEXÕES VIII

20% de desconto. São só oito dedos", conta, rindo. "Sabe, acho que o humor, e não estou falando em causa própria, é um sintoma de inteligência. A pessoa que não tem senso de humor é meio tapada. Não está nem de mal com a vida, mas com ela mesma."

Pega novamente o garfo e a faca, tira mais um pedacinho de queijo e anuncia que vai contar um episódio emocionante. O barulho dos talheres diminui e quase todos os olhos, curiosos, voltam-se para ele. Um dia, sua mãe foi a uma consulta médica no centro do Rio. Chovia forte. Micha avistou um táxi na pista oposta da avenida e, sem olhar para os lados, atravessou correndo. Nesse momento, veio outro táxi, não conseguiu breicar e "pum, pegou ela", conta, fazendo o som com a boca e batendo a palma de uma mão no dorso da outra.

Aos 72 anos, sua mãe foi derrubada ao chão com o choque, bateu a cabeça no meio-fio e teve uma fratura no crânio. O taxista que a atropelou parou para ajudá-la e a levou para o hospital. Em vão. Quando Jô, que estava em São Paulo, conseguiu chegar lá, a mãe já estava morta.

Francis Ford Coppola no "Programa do Jô": papo com celebridades

Uma década depois, pegou um táxi no aeroporto do Rio e, quando o carro chegou ao destino, o taxista virou para trás e falou, em tom grave: "Olha, tem uma coisa que aconteceu há dez anos e eu nunca mais consegui dormir direito. Fui eu quem atropelou sua mãe. Preciso que você me perdoe", pediu. "Meu querido", respondeu Jô. "Meu pai falou que você foi incrível. Fez tudo o que era possível, prestou socorro. Tenho certeza de que minha mãe te perdoou, mesmo inconsciente." Mas o homem, caindo no choro, insistiu. "Preciso ouvir você dizer que me perdoa." Jô, que àquela altura também estava aos prantos, acalmou o homem: "Meu querido, você está perdoado. Vá em paz."



Alex passa servindo a terceira rodada de pizza. Jô mal tocou no pedaço que tem no prato. Sugiro que coma antes que esfrie. "Meu amor, gosto mais dela fria. Te juro. Sou viciado em comida fria",

REFLEXÕES VIII

garante o Gordo, maneira carinhosa com que é chamado pelos amigos e acabou assumindo depois de adulto.

Considera hipocrisia o diminutivo gordinho. "Gordo agora é politicamente incorreto. E o quê? Gordo-descendente?", pergunta. "A característica principal do humor é a irreverência. Antes de tudo, sou um humorista. O humor é minha grande arma."

Como conhecedor do assunto, enfatiza que há anos não via surgir tanto humorista de primeira linha. Nomes? "Não é um, mas uma geração inteira." Passa a citar uma penca deles - Marcos Veras, Leandro Hassum, Marcelo Adnet, Tatá Werneck... Depois de mencionar 20 colegas, faz uma pausa e comenta. "Se eu estiver falando muito, me interrompe, porque sou um tagarela. Você nem faz ideia." Jô é o diretor de *Atreva-se*, peça estrelada por Veras e sua mulher, Júlia Rabello (ambos do canal de humor Porta dos Fundos). A comédia resgata o clima antigo e clássico do cinema *noir* e está em cartaz em São Paulo, no Teatro Sérgio Cardoso.

Alex recolhe o prato de Jô, que comeu apenas o queijo de seu pedaço e deixou toda a massa. Explica que o apetite costuma surgir entre meia-noite e 2 horas. Só não marcou *À Mesa com o Valor* para esse horário, pois todos "bateriam a cabeça" e o deixariam "falando sozinho". "Costumo dizer: vou a restaurantes, apesar da comida. O que me interessa mesmo é a reunião de pessoas, é o bate-papo."

"Um beijo do gordo." Muitos brasileiros não conseguem ir para a cama sem o bate-papo de seu programa de entrevistas. Depois de anos seguidos no ar com humorísticos - *Viva o Gordo*, *Planeta dos Homens*, *Faça Humor*, *não Faça Guerra*, *Família Trapo* -, decidiu concretizar um antigo sonho: comandar um programa de entrevistas. Após quase duas décadas na *Globo*, estreou, no *SBT*, o *Jô Soares Onze e Meia*, em 1988. Hoje, a emissora de Silvio Santos exibe um novo talk show, *The Noite*, comandado por Danilo Gentili, que já chegou a liderar a audiência no confronto com o Programa do Jô. "Não posso nem falar em rivalidade. Cada um tem seu caminho, seu estilo", comenta Jô sobre Gentili. "O Danilo é sempre muito gentil, me homenageia. Mas nunca vi o programa dele. Não vejo nem o meu..."

REFLEXÕES VIII

Com Fernanda Montenegro: número de entrevistados ultrapassa 13 mil



O essencial em um *talk show*, uma tradição no fim de noite da TV americana, é muito simples, garante Jô Soares. "É a conversa entre o convidado e a pessoa que está atrás da mesa. Um convidado que vai falar uma coisa diferente, interessante, nova, louca. É isso que mantém você ligado. Se isso não for bom, pode vestir *smoking*, pode chegar de helicóptero, pode vir de Marte, pode vir da Lua. Não adianta."

Com as eleições dominando a agenda do País, Jô lamenta não poder levar os candidatos a seu programa, cujas gravações estão interrompidas por causa de sua internação no Hospital Sírio-Libanês. "Graças à legislação eleitoral que diz que se eu convidar um tenho que convidar todos. Eles não querem que o povo se eduque." Jô revela: já votou em Luiz Inácio Lula da Silva, Fernando Henrique Cardoso e Leonel Brizola, mas passou a anular o voto, para evitar que o acusem de favorecer determinado candidato. "Comecei a anular para mostrar que não tenho partido. E não tenho mesmo. Mas, agora, com 76 anos, tenho o privilégio de poder ficar em casa. Não preciso mais votar."

Até agora, Jô já entrevistou por volta de 13.500 pessoas, entre figuras conhecidas, muito conhecidas e outras completamente anônimas. O apelo de candidatos querendo participar ou dando sugestões de pauta é gigantesco. Até quando estava em um enterro a produtora foi abordada por gente querendo emplacar uma entrevista. Geralmente, há uma pré-conversa com os interessados. Dependendo da desenvoltura do personagem e do interesse que sua história pode suscitar, o convite é confirmado. Mas, às vezes, o que parecia instigante se revela um engodo.

"Lembra, Jô, daquele senhor que se sentou e começou a bocejar?", pergunta Hilton Marques. Todos dão risada. Contribuem para lembrar trechos diferentes do caso. "Ele abria o bocão", conta Jô, imitando o sujeito. "Disse pra ele: 'Melhor parar. Se você que está

REFLEXÕES VIII

contando não aguenta essa conversa, imagina o cara que está assistindo em casa." A ameaça arrancou gargalhadas da plateia e acordou de vez o entrevistado.

Outra figura que surpreendeu foi um especialista em história do Egito. Na pré-entrevista ele havia garantido à jornalista da produção que os elementos químicos que compõem a pilha existiam desde os tempos dos faraós. No meio da conversa, Jô disse: "Que coisa incrível, não? Os egípcios já tinham conhecimento das pilhas". Ao que o "sujeitinho abusado" rebateu: 'Claro que não"', conta o apresentador.

"Filho da p... O sujeitinho continuava lá, 'imagine, Jô, hahaha, pilha é uma coisa moderna. De onde você tirou isso? hahaha'.

Jô ouvia a voz da jornalista, aos berros, no pequeno microfone usado em sua orelha. "Eu juro. Na pré-entrevista ele falou que tinha sim! Ele falou. Juro, Jô".

O ponto eletrônico, explica, é usado com muita parcimônia. Willie, Marques e uma jornalista se manifestam apenas em momentos pontuais, para lembrar alguma pergunta importante que faltou, por exemplo. "Tem de ser minimalista. Às vezes a jornalista fala junto comigo e me leva à lou-cu-ra", conta, escandindo as palavras. Houve uma que não ficava calada. Jô não teve dúvida: arrancou o ponto da orelha e jogou dentro da caneca.

Alex recolhe os pratos vazios de sorvete, mas o Gordo nem prova do doce. "Tenho uma disciplina alimentar. Se eu provar o sorvete, vou querer todos os da região. O gordo é um viciado em carboidratos, então cortei do meu cardápio. Como diz um psiquiatra americano, há três tipos de obsessão: a líquida, que é o caso do alcoólatra; a gasosa, o caso do cigarro; e a sólida, o caso da comida."

Jô parece cansado. Sem perder o humor, diz para sua equipe: "Acho melhor a gente ir embora que elas querem descansar." Mensagem compreendida pela reportagem. Mais duas perguntas. Jô Soares tem o hábito de dizer a seus entrevistados esta frase: "Sem querer te interromper, mas já te interrompendo..."

– O pessoal de sua equipe, alguma vez, já usou o ponto eletrônico

REFLEXÕES VIII

para pedir que você falasse um pouco menos?

– Sim. O Hilton já pediu, mas foi na época do SBT. Há anos que me controlo. Tinha mania de ficar arengando com o convidado. Ele falava algo que eu não concordava e eu falava em cima. O Hilton dizia "Gordo, Gordo! Deixa-o falar". Mas isso é dos primórdios.

– É. Agora ele está bem mais passivo, brinca Hilton Marques.

Jô costuma levar, anotado em seu *tablet*, alguns tópicos para tratar com os convidados. Muitas vezes não precisa fazer nem a primeira pergunta. Basta um comentário, do tipo "nossa, que vestido bonito", e pronto, a conversa deslança. Mas tem convidado que fica nervoso. Na gravação da tarde, presenciada pela reportagem, o ator Rodrigo Andrade pediu uísque para relaxar. Jô o acompanhou. Tomou um gole, mas o suficiente para o deixar corado, da cor da malha vermelha que está usando. "Nunca ofereço, mas dou e tomo junto quando me pedem."

Já foram bem mais do que as duas perguntinhas e o relógio logo vai dar 23 horas. Jô pega o gravador da repórter que está na mesa e, com a verve de humorista, põe no bolso de seu casaco. Antes de ir embora, nos presenteia com uma caneca do seu programa e com "um beijo do Gordo." ●

Jô Soares

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 15 de agosto de 2014

Espero ter sido perdoado

Henry Sobel



Sabe aquele amigo que você convidou para almoçar em casa e se esqueceu? Chega o dia marcado, ele aparece. O que fazer? Chama a cozinheira, pede que ela faça qualquer coisa. Mas e se ela reclama que não foi avisada e o tempo é pouco para preparar a refeição? Seu amigo está ali. E aí? Oferecer um chá com biscoitos, um cafezinho? Dizer-lhe que venha outro dia? Durante alguns instantes, pareceu que o almoço marcado com o rabino Henry Sobel para este À Mesa com o Valor havia

naufragado.

Um mal-entendido provocara a confusão que deixaria muito anfitrião de cabelo em pé. Mas Sobel, ficaria evidente ao longo desta entrevista, não é desse tipo. Sentado em uma das poltronas da sala de seu apartamento em Higienópolis, em São Paulo, deixou que convidados, assessores, secretário e cozinheira se entendessem. Limitou-se a informar que seu prato favorito era macarrão com molho de tomate. Em minutos, *internet*, telefone e *delivery* resolveram o almoço, encomendado ao Jardim de Napoli, uma das mais tradicionais cantinas paulistanas. Só então, observando a movimentação do secretário particular, João Paulo, da assessora Fernanda Arantes, da fotógrafa Ana Paula Paiva e de Ju, a cozinheira, que arrumam toalha, guardanapos de linho rendados, louça e talheres, o rabino comenta: "Vai ser um almoço chique."

A fragilidade imposta pelos 70 anos, que completou em janeiro, não chegou a descaracterizar a figura conhecida de Sobel. Algumas mudanças, porém, acabaram sendo inevitáveis. Os óculos de aro de tartaruga foram substituídos por uma armação moderna e leve. Os fios do cabelo longo e liso, assentados pela quipá bordô, estão completamente prateados. A voz está mais vacilante. Mas, tão logo ligamos o gravador, ele se anima e conta que, nos últimos meses,

REFLEXÕES VIII

prepara sua aposentadoria e o casamento da filha, Alisha. "Acho que é o momento mais importante de minha vida."

A aposentadoria será vivida em Miami. No paraíso da terceira idade dos americanos, Sobel pretende ler e ter mais tranquilidade: "Quero ser um espectador. Aqui, sou um participante. Estou um pouco cansado". O casamento de Alisha, em novembro, será celebrado na Hebraica São Paulo com uma festa para mil convidados. "O bom é que é o clube judeu para todos de todas as alas, ortodoxos, conservadores, liberais. Teremos um rabino liberal celebrando o casamento [ele mesmo] e outro que vem dos Estados Unidos, ortodoxo. Vamos celebrar a união de Alisha e Luiz nesse ambiente de pluralismo judaico."

Eles [palestinos] merecem os mesmos benefícios que os israelenses têm

Essa divisão entre as correntes do judaísmo sempre esteve presente na vida de Sobel. O único filho do polonês Lazar e da belga Bella, nascido em Portugal e criado em Nova York, abandonou a faculdade de odontologia para ser rabino. Não quis, porém, seguir os passos ortodoxos do pai, respeitadíssimo na comunidade pelos seus estudos do Talmude, livro sagrado do judaísmo. Escolheu um seminário teológico liberal, o Hebrew Union College de Nova York. Mas não escapou completamente da influência familiar. No doutorado, o calhamaço com 800 páginas de sua tese tratava de um tema tão complexo quanto profundo e digno do pai erudito: "O não existente na lei talmúdica", em hebraico Davar she ló ba lá olam.

Em linguagem mais simples para leigos, seria uma discussão sobre algo que não existe no presente, mas pode estar aqui no futuro. "Sempre acreditei que havia opções para escolher. Nunca falei isso, mas é mais difícil ser um judeu liberal do que ser um ortodoxo. Existe uma única Torá e há judeus de todos os tipos. Mas na Torá há uma só religião, não duas. O ortodoxo simplesmente segue a Torá. No entanto, o judeu liberal deve escolher o que vai praticar e o que não vai. Deve decidir por si só o que é importante."

Sobel tinha 26 anos quando, já formado e preparado para trabalhar, começou a buscar alguma congregação nos EUA onde pudesse

REFLEXÕES VIII

estabelecer-se. O primeiro convite que surgiu, no entanto, oferecia um lugar num país que desconhecia. "Eu, um típico norte-americano ignorante em geografia, nem sequer tinha ideia de onde o Brasil ficava no mapa." A proposta de trabalho numa comunidade judaica tão sólida quanto a que existia em São Paulo e o fascínio pelo desconhecido foram irresistíveis. E, em alguns meses, o rabino-assistente da Congregação Israelita Paulista (CIP), que mal articulava uma frase em português, desconcertava jovens e velhos em sua nova casa. Com o trabalho resolvido, Sobel precisava de uma casa para viver. Logo encontrou. É o apartamento, comprado há 44 anos, de dois andares no subsolo de um prédio, onde mora até hoje. No primeiro pavimento, vários ambientes, decorados com bom gosto, mas bastante austeridade, compõem a sala. Ao fundo, uma porta de vidro de correr separa um pequeno *living* do jardim. E é ali que será servido o almoço, na mesa de ferro, com tampo de vidro redondo e quatro lugares.

Sentado em uma das poltronas, Sobel continua acompanhando a movimentação provocada pelo almoço improvisado. "Gosto quando vocês tomam conta. Podem fazer o que quiserem." A essa altura, a fotógrafa e a assessora, com a ajuda de Ju, andam pela cozinha, arrumando travessas e escolhendo acessórios. Nada demorou muito. A campanha toca e os pratos chegam. São três porções de linguine ao sugo, um polpettone, pão italiano, queijo ralado e três fatias de torta de limão para a sobremesa. Fernanda busca as quentinhas e voilà!, como diria Sobel no francês que aprendeu com a mãe.

O almoço está pronto e as histórias que Sobel se dispõe a relatar numa conversa de longas pausas e fala vagarosa seguem nessa tarde um pouco fria e bastante cinzenta. "Devo comer agora? Ou continuar respondendo?", pergunta ao ocupar seu lugar à mesa. É comer e contar.

E ele começa pelo telefonema que transformou por completo sua vida. Havia se passado cinco anos desde que Sobel chegara a São Paulo. Era a manhã de 27 de outubro de 1975. Anos de chumbo da ditadura militar. Na linha, Erich Lechziner, funcionário do serviço funerário da CIP, a Chevra Kadisha, informava ao rabino, que na

REFLEXÕES VIII

ocasião estava no Rio, que militares tinham entregado um caixão com o corpo de Vladimir Herzog. O jornalista fora preso e, afirmavam os soldados, se suicidara na cela que ocupara no DOI-Codi, na rua Tutoia, no Paraíso. Segundo a tradição, Herzog deveria ser enterrado na ala dos suicidas do cemitério, voltado de costas para os demais túmulos. Segregado, para sempre, por atentar contra a própria vida. Sobel, que conhecia o filho de dona Zora e marido de Clarice, não quis acreditar na história contada pelos militares. Examinado e arrumado o corpo, também como manda a tradição, Kadisha descreveu que tinha muitas marcas e sinais de tortura.

O rabino afasta os talheres, o prato e relata o ocorrido naquele momento como se tivesse acontecido poucas horas antes: "Era evidente que Vladimir, o Vlado como todos o conheciam, não havia cometido suicídio. Fora assassinado. Como eu poderia permitir que sua família, além do sofrimento com a perda, passasse pela vergonha de enterrá-lo como suicida?" Naquela mesma segunda-feira, Vlado foi enterrado na quadra 146 do Cemitério Israelita do Butantã. Nem perto dos suicidas. Dessa humilhação a família Herzog foi poupada. Mas carregou até março do ano passado a certidão de óbito de Herzog que determinava ter sido o "enforcamento por asfixia mecânica" a causa de sua morte. Para atender ao pedido da Comissão Nacional da Verdade, novo atestado foi lavrado com a verdadeira: "Lesões e maus-tratos sofridos durante o interrogatório nas dependências do Segundo Exército DOI-Codi."

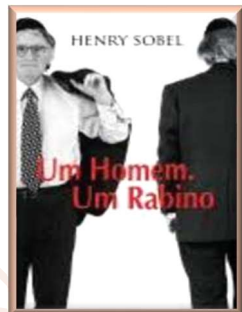
A missão do judeu não é tornar o mundo mais judaico. É torná-lo mais humano. Judaísmo é um meio para um fim maior. Assim como qualquer religião

A decisão do jovem rabino americano fez dele, no dia seguinte ao enterro, um opositor ao regime. E ele desejava fazer mais. Foi procurar d. Paulo Evaristo Arns. A Cúria Metropolitana de São Paulo, sob o comando do arcebispo, era abrigo seguro para presos políticos, cidadãos perseguidos e caçados pela violência do regime. Desse encontro saiu a ideia de realizar um ato ecumênico na Catedral da Sé em homenagem à memória de Herzog. Os celebrantes seriam d. Paulo, o rabino Sobel e o pastor da Igreja

REFLEXÕES VIII

Presbiteriana reverendo James Wright.

Às 15 horas da sexta-feira 31 de outubro, milhares de pessoas compareceram ao ato. Parentes, amigos, colegas jornalistas da vida inteira e da TV Cultura, onde Vlado dirigia o departamento de jornalismo quando foi preso, pessoas comuns se misturavam na catedral e na Praça da Sé. Sobel narra, com detalhes, em seu livro de memórias *Um Homem. Um Rabino*, tudo o que se passou naquela tarde: "Quando o ato terminou, a sensação geral era de que todos havíamos sido cúmplices de alguma coisa muito importante para o País. Conseguimos fazer um ato ecumênico pacífico que mobilizou a opinião pública brasileira e marcou uma posição firme: ninguém aguentava mais. A memória de Vlado Herzog e de tantas outras vítimas da barbárie dos militares estava honrada. O regime acusou o golpe."



O ato pacífico marcou profundamente a alma de Sobel. E suas reflexões sobre a paz, a necessidade de buscar uma forma de conciliação entre os homens passaram a ser os objetivos que o mobilizariam nos anos seguintes. "Infelizmente não mobilizam a humanidade", admite, ao falar sobre a última crise que deflagrou nova guerra entre israelenses e palestinos. Àquela altura, sexta-feira passada, o combate já deixara 300 mortos. No começo desta semana, passavam de 600, a maioria civis palestinos e mais de 20 soldados de Israel.

"Para que haja paz é preciso recuar. Não existe a paz que desejamos sem recuo. Nós, os judeus, devemos compreender que os palestinos são filhos de um único Deus. Eles merecem os mesmos benefícios que os israelenses têm".

Para o rabino, a origem deste último confronto está no radicalismo cultivado por Benjamin "Bibi" Netanyahu, chefe do partido conservador, o Likud, e primeiro-ministro de Israel, e por Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Nacional Palestina. Numa terra disputada palmo a palmo há milênios, com Jerusalém

REFLEXÕES VIII

encravada no meio, o fanatismo, aponta Sobel, vira uma tragédia. "Temos que deixar esse radicalismo de lado. A missão do judeu não é tornar o mundo mais judaico. É torná-lo mais humano. Judaísmo é um meio para um fim maior. Assim como qualquer religião. O fim maior é fazer este mundo melhor."

Sobel em casa: "Para que haja paz é preciso recuar. Não existe a paz que desejamos sem recuo"



Embora tenha dito que o espaguete com molho de tomate era seu prato preferido, o rabino mal toca na comida. A assessora Fernanda preferiu não almoçar. Fotógrafa e repórter também comem pouco. Já a torta de limão, encomendada para a sobremesa, faz sucesso. Sobel bebe um pouco do refrigerante, fixa os olhos azuis no interlocutor e prossegue falando sobre os obstáculos a uma paz duradoura na região. Lembra-se das conversas que teve com o papa João Paulo II. "Tive com João Paulo II longas e produtivas conversas." Sobel foi o único representante brasileiro a participar da comitiva dos 14 rabinos que elaboraram o texto que permitiu à Santa Sé reconhecer o Estado de Israel.

Amanda, a mulher de Sobel, está em casa, mas prefere deixar o marido sozinho na entrevista. Quando se conheceram, nos EUA, o rabino já morava no Brasil. Ele gosta de contar que a viu, pela primeira vez, numa piscina. Amanda vestia um biquíni laranja e foi, como se costuma dizer, amor à primeira vista. Estão casados há 38 anos. Nos últimos meses, ela, entre outras tarefas, se dedica a escrever os mil convites que serão enviados para o casamento da filha, Alisha. "Por motivos óbvios, estou muito feliz e apreensivo. Mas Luiz, o noivo, é um ótimo rapaz. É tranquilo", diz Sobel. A refeição propriamente dita acabou. Sobel volta para a poltrona e fala o livro que acabou de lançar pela editora Alaúde. São textos de palestras, artigos e prédicas (**prédica**: discurso religioso; sermão) reunidos sob o título Sobel - 40 anos de Liderança Espiritual.

Também fala entusiasmado do documentário Henry Sobel, Luz e

REFLEXÕES VIII

Sombras de um Rabino, que será lançado no dia 5, na Congregação Brasileira. Realizado pela Rede Cultura e dirigido por Helio Goldsztejn, o documentário mostra a vida do rabino e depoimentos de pessoas que fizeram e fazem parte da vida dele. Entre elas, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, vizinho de prédio e amigo de longuíssima data.



O rabino não costuma tomar café depois do almoço. Fará uma exceção nesta tarde. Faltam poucas horas para o começo do "shabat". Na religião judaica, esse é o nome do dia dedicado ao descanso semanal.

Começa no pôr do sol de sexta-feira e termina no anoitecer do sábado. Durante esse período, os judeus não podem fazer quase nada que signifique trabalho. Nem mesmo tarefas singelas ou cotidianas como apertar o botão do elevador no prédio.

"Meu pai me perguntou muitas vezes qual era a razão de eu ser liberal. A ortodoxia dos meus pais era bonita, linda. Morávamos em Nova York ao lado do rio Hudson, num bairro judaico. Já naquele tempo eu percebi que queria fazer as coisas como eu achava, não como meu pai achava. E se eu não quisesse usar um chapéu? Eu via judeus ortodoxos com chapéu irem à sinagoga três vezes por dia. A ortodoxia era uma imposição", comenta. "Nunca quis isso.

Dou muito valor à autonomia. Por isso virei um rabino liberal. Não apertar o botão do elevador na sexta ou no sábado não era meu mundo. A vida é muito maior do que apertar ou não o botão do elevador no 'shabat'", afirma o filho único do comerciante de diamantes.

Nunca escondeu certa rebeldia. Protestou contra a Guerra do Vietnã, na década de 1960, esteve em Woodstock e sempre gostou de manifestar suas opiniões e de viver tudo intensamente, sujeito aos ganhos e perdas. E, em meio a tanta intensidade, Sobel não escapou de armadilhas.

REFLEXÕES VIII

Em março de 2007, o homem que presidiu o rabinato da Congregação – a maior autoridade no País em assuntos da religião judaica – foi preso em flagrante pelo furto de cinco gravatas numa loja da grife Louis Vuitton, em Palm Beach. Tratar do assunto ainda é constrangedor. Condenado pela Justiça americana, cumpriu a sentença de trabalhos comunitários e hoje está quite com a justiça dos homens. Mas ainda paga uma pena consigo mesmo e com membros da comunidade que o excluiu do cargo quando o furto se tornou público.

"O rabino é humano, portanto falível. Mas confesso que até hoje não sei exatamente o que me aconteceu. Tenho certeza de que eu estava fora de mim mesmo, provável que fosse por causa dos remédios para a depressão que eu tomava naqueles tempos. Pedi perdão e espero ter sido perdoado."

Foram dias cruéis para Sobel. Paparicado pelos salamaleques de autoridades e poderosos, passou a ser ignorado, evitado e desconvidado. Sobel está emocionado e, é visível, cansado. De repente, lembra que nessa sexta-feira, 18 de julho, seu pai completaria mais um aniversário. As reminiscências o levam para os tempos do menino Henry, em Nova York. "Sinto muita falta dos meus pais."

E, como eram esses pais, além da religião sobre a qual tanto se havia falado no almoço? "Meu pai era muito sério. Minha mãe, não. Era charmosa, alegre. Gostava de cantar, dançar. Você sabe que eu era o parceiro de dança dela?" A repórter, então, quer saber quais músicas eram as preferidas. Sobel pensa uns instantes e diz que gostava muito dos salmos. Para mais um pouquinho, volta a pensar e começa a cantar: *Non... rien de rien. Non... je ne regrette rien. Ni le bien... qu'on m'a fait. Ni le mal, tout ça m'est bien égal.*

A sensação é de que, naquele instante, é possível ouvir os acordes da canção imortalizada na voz de Edith Piaf, Non, Je ne Regrette Rien. Sobel e a mãe ouviam o disco e cantavam a música todas as sextas no começo do "shabat".

Diferentemente do que diz a letra, o rabino afirma arrepende-se de muitos atos. "Não só das gravatas. Mas vou tentar só me lembrar do

REFLEXÕES VIII

bem que me fizeram. Do bem que eu fiz. O restante será tudo igual."●

Henry Isaac Sobel: rabino norte-americano radicado há mais de 40 anos no Brasil, onde foi presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista até outubro de 2007, quando se afastou formalmente.

Artigo publicado no jornal Valor Econômico no dia 25 de julho de 2014

LUIZ BIANCHI

Deu a louca na América

Paulo Nogueira



Embasbacados americanos assistiram nos últimos dias a dois de seus maiores heróis de quadrinhos mudarem - de cor e de sexo. Novos tempos. Na sequência da HQ: 'a' Thor, Capitão América negro, paixão entre Super-Homem e Mulher Maravilha e o Lanterna Verde gay

Há muito tempo os americanos não viviam dias tão inusitados, empoleirados numa espécie de montanha-russa histórica. Em pouco mais de uma semana, viram o PIB nacional cravar atléticos 4% no segundo trimestre. Testemunharam a bíblia jornalística do país – o New York Times – postular solenemente, em editorial, a legalização da maconha. E por último –, mas para muitos de longe o mais importante – assistiram às inopinadas⁵⁴ transfigurações de dois de seus heróis mais icônicos. Sim, o Tio Sam está com as barbas de molho.



Primeiro foi nem mais nem menos que o Capitão América, simplesmente o paladino epônimo⁵⁵ dos EUA, o guardião da pax americana desde a 2ª Guerra Mundial. Sob a persona do soldado Steve Rogers – deliberadamente um homem comum, avatar do americano médio da maioria silenciosa –, ele nasceu embrulhado numa plumagem de riscas e estrelas vermelhas e brancas, dando um

⁵⁴ **Inopinado:** que sobrevém de forma imprevista ou inesperada; súbito.

⁵⁵ **Epônimo:** diz-se de ou nome atributivo, nome alcunhado, sobrenome lisonjeiro (mas, por vezes, denigrador) de deuses e deusas, cidades, etc.

REFLEXÕES VIII

passa-fora nos pérfidos nazistas. Munido de seu escudo-bumerangue, chegou a salvar a pele de um político em início de carreira, um certo John Fitzgerald Kennedy. Congelado e descongelado, continuou causando e bombando – por vezes literalmente – na era da *internet*.

Agora a Marvel Comics (a ala de histórias em quadrinhos da Marvel Entertainment) anunciou que Steve Rogers, cuja energia vital foi sugada pelo vilão Iron Nail e envelheceu 60 anos em um piscar de olhos, pediu para sair. No lugar dele adentrará o gramado seu velho cupincha Sam Wilson, que já fazia uns bicos como outro super-herói, o Falcão. Acontece que Sam Wilson é negro como a asa da graúna.



Lanterna Verde se assumiu gay e casou com outro homem de papel passado e tudo

Para muitos fãs, esse solavanco é bem mais sísmico na iconografia de um herói do que o próprio voo para fora do armário do Lanterna Verde. Em 2012, esse personagem da DC Comics (a grande rival da Marvel) não apenas se assumiu como *gay* no segundo número do gibi Earth 2 como casou com outro homem de papel passado e tudo. Embora a mídia do movimento LGTB falasse numa “explosão do orgulho arco-íris”, as reação pró e contra até que foram comedidas. Talvez pelo fato de que a heterossexualidade de heróis eternamente “noivos”, que viviam com garbosos efebos⁵⁶ protegés (como o Robin do Batman), soasse tão plausível quanto o coelhinho da Páscoa. O comediante *gay* Adam Sank pôs os pingos nos is: “O Lanterna Verde é um homem-melancia: verde por fora e rosa por dentro.”

Há também 60 anos, Ralph Ellison (o maior escritor afro-americano da história dos EUA e um dos maiores em qualquer pigmento) abria assim sua obra-prima, O Homem Invisível (que, incidentalmente,

⁵⁶ **Efebo**: aquele que atinge a idade da puberdade.

REFLEXÕES VIII

também soa como nome de um super-herói): “Sou um homem invisível. Não, não sou um espectro como aqueles que assombravam Edgar Allan Poe, nem um ectoplasma do cinema de Hollywood. Sou um homem com substância, de carne e osso, fibras e líquidos, e talvez até se possa dizer que possuo uma mente. Sou invisível – compreende? – simplesmente porque as pessoas se recusam a me ver.”

Bem, nada como uns 60 anos depois dos outros: hoje, o homem invisível cumpre seu segundo mandato na Casa Branca, e milhões dos que não o queriam ver nem pintado votaram alegremente nele. Aliás, o mesmo Barack Obama que, por ocasião da revelação do Lanterna Verde, declarou: “Sou a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo.” E agora um afro-americano acaba de envergar o escudo da quintessência do patriotismo ianque, o Capitão América.

Por enquanto, é bem verdade, apenas nos quadrinhos. No cinema, a solo e na bilionária franquia Os Vingadores – em que se acotovela com seus pares Homem de Ferro, Hulk e Thor –, o Capitão América continuará caucasiano pelo menos por mais um filme, interpretado pelo ator Chris Evans. Mas, Ei!, foi você que falou em Thor?

Então sente-se para não cair: o loiríssimo super-herói, oriundo da mitologia escandinava, sofreu uma metamorfose ainda mais mirabolante: simplesmente virou mulher. Acontece que o martelo sagrado de Thor – chamado Mjólnir, fonte dos poderes sobrenaturais e um óbvio símbolo fálico –, esnobou seu proverbial portador. Na próxima aventura, programada para outubro e sugestivamente intitulada Pecado Original, a ferramenta será encontrada, empunhada e brandida por uma mulher, cuja identidade ainda permanece sigilosamente incógnita. Não importa sequer que o cabo da arma contenha a seguinte inscrição chauvinista: “Quem quer que cinja este martelo, se ele for digno disso, possuirá os poderes de Thor.” E daí? “Já passou da hora de reciclarmos essa inscrição”, arrulha um executivo da Marvel. Afinal, são muito mais numerosos os meninos que as meninas entre os leitores de aventuras de super-heróis – e talvez convenha parar de alienar 50% do mercado.

REFLEXÕES VIII

Portanto, sai um deus e entra uma deusa em todo seu esplendor. No panteão nórdico, Thor é a divindade dos trovões e das tempestades. Desde o período pagão, patrocinou um dia da semana (o dia de Thor ou thursday, quinta-feira), que se perpetuou em inglês até o calendário atual.

Também há quase seis décadas, Betty Friedman publicou o missal do feminismo contemporâneo, *A Mística Feminina*. A autora, branca e instruída, dependia financeiramente do marido e vivia num apazível casarão de 15 cômodos sobre o Rio Hudson, em Nova York. Sob qualquer parâmetro material, ela era um dos seres humanos mais privilegiados do planeta. No livro, porém, Friedman formulava a pergunta que não queria calar sobre a condição da mulher ocidental: “É só isso?”

Em 2009, quando a Disney adquiriu a Marvel por US\$ 4 bilhões, houve sucessoras da decana feminista que resmungaram: “Estão vendo só? A Disney vende princesas para meninas e agora comprou a Marvel para dar heróis aos meninos.” Ora, na mesmíssima semana em que uma donzela se prepara para subtrair o avantajado instrumento de um dos supremos titãs do imaginário globalizado, uma pesquisa acadêmica respondeu a Betty Friedman: não, parece que já não é só isso.

Um estudo da Universidade de Wisconsin, que analisou o destino de milhares de casais americanos que se casaram entre 1950 e 2014, revelou uma tendência: hoje os matrimônios são mais longevos se os membros do casal tiverem o mesmo nível educacional. Ao contrário, entre 1950 e 1979 os casamentos em que as mulheres detinham um nível educacional superior ao do marido indicavam um risco maior – 34% – de acabar em divórcio. E, apesar do advento do feminismo, o modelo durou pelo menos até o final dos anos 1980. Foi preciso chegar à década de 1990 para descobrir a primeira geração de homens que casou de forma feliz com mulheres tão ou mais inteligentes que eles. “Os casais dos anos 1990 estão entre os primeiros para os quais a educação da mulher deixou de estar associada a um risco maior de separação”, explicam os pesquisadores. Ou seja: já não é das loiras bobinhas que gostamos mais.

REFLEXÕES VIII

Do ponto de vista narrativo, um argumento mais penetrante e sutil sobre as mutações de Thor e do Capitão América foi esgrimido pela colunista do Washington Post Alexandra Petri. Depois de observar que, como leitora e heterossexual, ela “era Macbeth e não Lady Macbeth, era Darth Vader e não a Princesa Leia”, Alexandra lembra que a identificação com o protagonista “não depende do cromossoma X ou Y, mas sim de sua densidade e carisma. Eu já fui a Chapeuzinho Vermelho, um sapo e um rei da Guerra de Troia, tentando voltar para sua querida ilha de Ítaca e para sua Penélope.”

Alexandra Petri está coberta de razão até o cocuruto. É precisamente por aquele motivo que Ítalo Calvino realçou a perenidade de certas histórias e personagens: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”

Daí que, depois de o negro deixar de ser o homem invisível e se apoderar da efigie do Capitão América e das chaves da Casa Branca, nada mais natural que uma mulher bata o martelo de Thor – e eventualmente Hillary Clinton suceda Barack Obama. Ou até, quem sabe, uma americana nascida em Jersey mas de origem paquistanesa, como Kamala Khan, a Ms. Marvel, primeira heroína muçulmana da editora, criada este ano.

Ah, antes que me esqueça: a Marvel anunciou ainda que a armadura do Homem de Ferro também vai mudar. Perfeitamente lógico: afinal, para alguns, nesta semana os EUA andaram mesmo com um parafuso a menos. ●

Paulo Nogueira: jornalista, é autor de *O amor é um lugar comum*.

Artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* no dia 2 de agosto de 2014